

A Estrangeira

CHIRLEI
WANDEKOKEN



A ESTRANGEIRA

Chirlei Wandekoken

Copyright © 2017 *by* Pedrazul Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Revisão: Laurinho Goltara

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Capas: Magnus Jenny Lind

Consultoria Rodovera/ Publicação digital

www.rodovera.wix.com/consultoria

Reservados todos os direitos desta produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

Caixa postal: 645 – AGF Fernando Ferrari – Vitória-ES. CEP: 29075-972.

www.pedrazuleditora.com.br

NOTA DA AUTORA

PRÓLOGO

O herdeiro Northumberland

CAPÍTULO II

A misteriosa moradora

CAPÍTULO III

442 anos antes

CAPÍTULO IV

A caminho da Inglaterra

CAPÍTULO V

O cavaleiro do Tyne

CAPÍTULO VI

O vilarejo e o estranho

CAPÍTULO VII

Um noivado?

CAPÍTULO VIII

A cabana do lago Green

CAPÍTULO IX

Sir Henry Percy

CAPÍTULO X

Alnwick Castle

CAPÍTULO XI

O ardente Sir Henry Percy

CAPÍTULO XII

Londres

CAPÍTULO XIII

A Batalha de Otterbourne

CAPÍTULO XIV

Northumberland House e as cartas para Elizabeth

CAPÍTULO XV

De volta à gruta

CAPÍTULO XVI

Prudhoe House

CAPÍTULO XVII

Lady Neville

CAPÍTULO XVIII

Revelações

CAPÍTULO XIX

A cortesã

CAPÍTULO XX

Os irmãos Dahmann

CAPÍTULO XXI

O passado

CAPÍTULO XXII

À procura de Eliza – Um conto de amor

CAPÍTULO XXIII

Início da temporada de Londres

CAPÍTULO XXIV

[À procura da verdade](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[Verdades](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[Forjando uma Mentira](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)

[O Duque de Belvoir](#)

[CAPÍTULO XXVIII](#)

[A caminho de Leipzig](#)

[CAPÍTULO XXIX](#)

[A Batalha de Barfussgassche](#)

[EPÍLOGO](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[ENCONTRE A AUTORA](#)

NOTA DA AUTORA

Inspirado na Batalha de Otterbourne, ocorrida em agosto de 1388, no Norte da Inglaterra. As tropas escocesas do conde de Douglas, lorde James, que havia proibido a caça em suas terras, atacaram o exército inglês do lorde Henry Percy Hotspur, o filho mais velho do primeiro conde de Northumberland, interpretando uma caçada liderada por Sir Percy na fronteira como uma invasão à Escócia.

Dedico a minha querida irmã Léia, e a Melzinha, sua fiel escudeira, para sempre em nossas memórias!

O nome da heroína, Eliza Schumacher, é um registro familiar e uma homenagem à minha bisavó, Elisabetta Schumaeker, conhecida como Elisa Schumaeker, filha de Wilhelm Joseph Schumaeker e Margaretta Freimane, conhecida como Cretcha Schumaeker. A família morava na zona rural de Berlim e veio para o Brasil no ano de 1880. Na história optei pela grafia do nome da forma prussiana.

A autora.

PRÓLOGO

O herdeiro Northumberland

“O caráter não é esculpido em mármore, não é algo sólido e inalterável. É vivo e mutável, pode adoecer como adoece o nosso corpo; da mesma forma pode-se regenerar.” [\[1\]](#)

Londres, Inglaterra, outubro de 1830.

O dia amanheceu enevoadado. A paisagem normalmente acinzentada de Londres, ainda mais densa, estava coberta por uma nuvem espessa de poeira que se elevava do trepidar dos cascos dos cavalos; ou seria neblina, ou mera ausência de luz tão comum à cidade negra?[\[2\]](#) O chilrear dos pássaros, normalmente tão constante ao longo do *Temple Gardens*, estava retraído; as árvores, embora um vento débil soprasse em suas folhagens, teimavam em sua rigidez, como se congeladas. Ou, talvez, o espírito do passante estivesse sombrio a tal ponto que nada via, senão um reflexo de si mesmo em cada olhar cabisbaixo, cada cumprimento sisudo, cada cor lúgubre. Tão diferente dos dias ensolarados de outrora, quando, apesar da chuva que caía em rajadas, deixando tudo encharcado, seus olhos haviam estado tão acesos por uma luz vinda de algum

lugar, não sabia exatamente de onde.

A carruagem do nono conde de Northumberland, conhecido em Londres por lorde Hotspur, puxada por quatro parelhas de *Norfolk Trotter*,^[3] cruzava a *Trafalgar Square* velozmente rumo ao extremo norte da Inglaterra. O retorno apressado para Alnwick, um vilarejo situado quase na divisa com a Escócia, dava-se por conta de uma mensagem de Mr. Dornford, o administrador de suas terras, na qual ele se dizia preocupado com uma situação constrangedora e inesperada que fugia de seu controle e de sua alçada.

O conde, após retirar a carta do bolso de sua casaca, pôs-se a relê-la:

Alnwick, 3 de outubro de 1830.

Sua Senhoria,

Sinto informar que John Baker morreu há quatro dias, como o médico havia previsto, já que seu estado de saúde era grave, e a idade avançada não ajudava. Eu não o incomodaria apenas por esse fato, pois Sua Senhoria, mesmo não tendo nenhum parentesco com o velho rendeiro, fez tudo o que estava ao seu alcance para tratar de sua doença. Mas, o que me preocupou foi a chegada, há dois dias, de uma dama estrangeira que se diz sobrinha dele, uma jovem bonita demais para viver sozinha, sem acompanhante, sem meios, naquela cottage à beira do lago Green, totalmente à mercê dos perigos

que, o conde sabe, ela está correndo. Ela virou o assunto do condado e como o oitavo conde, seu pai, tinha alguma ligação afetiva com John Baker, talvez o lorde queira tomar alguma providência.

Cordialmente, Mr. Dornford.

Lorde Hotspur chegara à cidade havia uma semana e pretendia passar todo o inverno em Londres para se afastar de Alnwick Castle, impregnado de uma mórbida tristeza depois da morte de sua mãe, a lady que nascera Margaret Neville e se tornara a condessa de Northumberland pelo casamento.

Ninguém esperava que ela morresse tão precocemente, tendo em vista sua aparência saudável. Era uma mulher que estava o tempo todo fazendo alguma coisa pelo povo do condado, sempre disposta a ajudar, fosse a um rendeiro, fosse à esposa de algum fazendeiro, talvez para suprir a negligência de seu próprio marido para com seus vassalos. O fato é que, embora uma nuvem de tristeza sempre perpassasse seus olhos, a condessa estava lá, à disposição de alguém cuja tristeza fosse menos profunda que a dela, aquele tipo de dor que reside na subsistência humana, na falta de carvão e agasalho para suportar o rigoroso inverno do Norte; ou na carência de assepsia, o que a levava às moradias mais simples para orientar e ajudar a manter a doença longe de seus chalés; e até na assistência financeira, socorrendo todos que tinham,

conforme sua rede de informantes, algum tipo de necessidade. Assim, o condado era permanentemente assistido por ela ou pelo próprio lorde Hotspur. Sua morte inesperada, por isso mesmo, tinha sido uma verdadeira tragédia, sentida não somente pela nobre família Percy Northumberland, mas pelos mais humildes habitantes de Alnwick.

Nem bem tinham assimilado a perda da condessa, outro trágico acontecimento, dois meses depois, marcaria a família Percy: o oitavo conde também falecia durante uma de suas inúmeras viagens. Hotspur nem sabia onde seu pai se encontrava na ocasião, pois esse costume era comum ao velho conde. Dizia que ia para Londres e de lá partia para o continente e para outros países. Assim, passava meses em seu ostracismo voluntário. Havia tempo deixara por conta de Hotspur, filho mais velho e herdeiro do título, a incumbência de administrar as propriedades da família. Dessa vez, para a surpresa de todos, o desregrado conde tinha ido parar na Índia. Segundo um amigo, que o acompanhava na comitiva, ele contraíra uma febre e morrera de repente. Curiosamente, sem saber que havia ficado viúvo, pois a família não soubera para onde enviar a carta informando-lhe a respeito.

Com tantas perdas – embora a da condessa fosse a mais sentida –, lorde Hotspur se sentia muito abatido.

Seus planos, quando chegara a Londres naquele período mais agitado da cidade, tinham sido o de ali

permanecer por algum tempo, pois pretendia ver lady Neville. Precisava voltar a *conhecer* a prima — sua prometida noiva —, pois, afinal, já que se casaria com ela, deveria haver pelo menos uma simpatia entre os dois. Sua intenção era aproveitar os bailes da temporada para tentar criar essa ligação. *Quem sabe ela tenha ficado menos magra e menos aborrecida*, tinha pensado. Uma coisa era certa: não podia mais adiar o casamento, algo que vinha fazendo havia anos, e isso o exasperava, pois odiava ter que fazer aquilo que não desejava, sobretudo algo que tinha de fazer por obrigação. E, decididamente, ele não queria se casar. Contudo, a prima, com 23 anos, estava ficando velha, segundo lorde Neville, o barão pai da moça e seu tio por parte de mãe. O futuro sogro tinha-lhe mandado uma carta, logo após a morte de seu pai, chamando-o à responsabilidade de gerar o próximo conde de Northumberland. Mas ele conhecia a real intenção do barão: fazer cumprir o acordo de casamento selado com o oitavo conde.

Havia séculos os Percy casavam com primos. Assim, a aliança entre eles e a família Neville era muito antiga. Sua mãe fora uma Neville antes de se tornar condessa de Northumberland e, em honra à palavra do seu pai, ele teria que desposar a prima. Era uma situação estranha, já que havia passado toda a sua infância com ela — ele um juvenzinho e ela uma criança — pois o clã Neville morava próximo a Alnwick Castle. Quando ela se tornou uma

jovem dama, o barão se mudara com a família para Londres, época em que ele estava na guerra e depois em Oxford. Dessa forma, ainda não conhecia a lady Neville adulta, embora a figura da feia e enfadonha menina sardenta de outrora estivesse impregnada, repulsivamente, em sua mente. A imagem que ele tinha dela não podia ser pior: monótona, estreita, fina, achatada e desinteressante. Só de pensar em ter de se sentar à mesa todos os dias com uma insossa criatura, como a que imaginava, deixava-o de mau humor.

Fizera a cansativa viagem de quatro dias do Norte a Londres para atender a um convite de seu amigo de infância, o duque de Prudhoe. Não viera apenas para uma festa em Prudhoe House, como nos velhos tempos. Havia-se agarrado a esse pretexto para se afastar por alguns meses do ambiente fúnebre de Alnwick. Perder os pais, quase ao mesmo tempo, havia sido um golpe bastante duro, até mesmo para o forte e impetuoso lorde Hotspur. Embora estivesse aborrecido com o tio barão, pois este havia mexido com sua honra quando o chamara a cumprir a palavra, mesmo que essa não fosse sua e sim uma *maldita* tradição da família da qual ele agora era o senhor, Hotspur estava curioso para reencontrar o amigo. Prudhoe havia voltado recentemente de uma longa lua de mel, que durara um ano. Sim, tinha que admitir, a despeito do tio, que existia alguma curiosidade em rever o duque e a duquesa, ouvir o que o amigo tinha a lhe dizer sobre o

casamento, já que em breve ele mesmo seria um *respeitável* homem casado. Praguejou.

Hotspur e Prudhoe eram amigos desde bem pequenos. O conde não conseguia se lembrar de nenhuma parte de sua existência, pouco mais de trinta anos, da qual o duque não fizesse parte. Contudo, de todas as épocas, a fase, cujas recordações eram mais vívidas, era a dos seus 18 anos, exatamente o período que compreendia os momentos vividos na guerra. Depois disso, Prudhoe tinha ganhado mais um irmão. Mas, como acontecia entre os irmãos, o duque, às vezes, voltava a ser o *dandy* irresponsável da juventude, e extrapolava a paciência até de um santo. E ele, certamente, não podia ser chamado de imaculado.

Vociferou ao recordar-se da festa promovida pelo amigo. Aquela última troça não tivera graça nenhuma! Convidar *mademoiselle* Duplessis para cantar em Prudhoe House fora de um terrível mau gosto. Madame Marie Duplessis! Já se haviam passado dez anos do envolvimento dos dois em Paris, assim como da briga que ele tivera com lorde Davy, o conde de Douglas. Não que a cantora francesa tivesse a mínima importância para ele agora, mas se lembrar do *maldito conde escocês* sempre o enfurecia, pois as duas famílias eram inimigas ancestrais. Lorde Davy tinha-lhe tomado a moça para se vingar dele, pois sabia do *affair* entre eles. Mas, vindo de um Douglas, ele já esperava por aquilo. O pior fora Marie Duplessis achar que ele estava disposto, dez anos depois,

a tomá-la como amante novamente! Com certo ar de desdém, ele se recordou do que ela havia-lhe dito, quando o encontrou em Prudhoe House.

— Lorde Northumberland! Os anos apenas lhe beneficiaram. Está ainda mais atraente agora que é um homem feito! Quando encontrei o duque de Prudhoe, em Paris, e ele me convidou para cantar em sua casa, eu tinha muita expectativa de revê-lo. Desmarquei vários compromissos para estar aqui, pois ainda sinto que ficou um mal-entendido entre nós...

— Como vai, madame? — Hotspur respondeu, beijando-lhe a mão. O frio cumprimento não foi o que ela esperava. O que ela queria? Na época ele era apenas um moleque recém-saído de Oxford numa viagem pelo continente com seus amigos, e com seu *inimigo*.

— O duque me disse que agora é o nono conde de Northumberland, portanto, mais cobiçado ainda — ela disse, pousando a mão direita no largo peito do conde.

— Sua Graça, o duque, fala demais — ele retrucou, rispidamente.

Marie Duplessis tinha-o arrastado para um escritório, colocado as duas mãos em seu pescoço, e encostava seu voluptuoso corpo ao dele. Todavia, quando ele olhava para ela, lembrava-se de lorde Davy, e isso era um problema, porque sentia uma estranha repulsa visível nos seus expectantes olhos verdes. Não que ela não fosse atraente, ainda era e muito, mas por causa daquela mulher

ele nunca mais confiara em nenhuma outra. Quando ela levou a mão às suas calças, ele afastou-a educadamente.

– Onde está o famoso lorde Hotspur, aquele *fogoso* jovem que eu conheci em Paris? – ela perguntou, com sua sensual voz soprano. Era a mesma que ela usara com o jovem lorde no passado, mas não funcionava mais. Marie Duplessis olhou-o com seus olhos verdes suplicantes e ergueu os lábios cheios e rosados. Ele, contudo, se esquivou.

– Madame, creio que na época eu não lhe expliquei que herdei esse apelido de um parente medieval, por alguma proeza idiota que eu fiz na guerra. Naquela idade, o imbecil jovem até gostava de ostentá-lo, a fim de atrair jovens *mademoiselles* para a cama, mas hoje, confesso, dei-o ao meu cachorro. Portanto, já deve imaginar que ser chamado de *lord Hotspur* não me *anima* mais.

Ele suspirou, soltando uma imprecisão. Sua atitude fora rude demais, mas tinha ficado enfurecido com a brincadeira de Prudhoe e do duque de Belvoir, como ele ficou sabendo depois. Talvez, em outra época, isso não o tivesse incomodado, *com certeza, não*, mas naquele momento ele estava destroçado pelas perdas familiares, pressionado para casar pelo tio e, agora, por um terceiro aborrecimento. Reagira, assim, como o indomável Hotspur.

O duque de Prudhoe, que havia pouco mais de um ano tinha caído de paixão por uma pobre ama e quebrado

todas as regras da sociedade inglesa ao se casar com ela e fazê-la duquesa, parecia decidido a fazer dele, o conde Hotspur, o próximo escândalo de Londres. Isso estava deixando o seu tio, lorde Neville, desesperado. Afinal, se o grande duque de Prudhoe tinha enfrentado a família, a sociedade e seguido seu *fraco* coração, o implacável conde poderia ser influenciado a também fazer uma *asneirada daquela*. O duque, mesmo ciente da pressão que o amigo sofria, decidira armar aquela brincadeira, juntamente com Belvoir, como se eles fossem os antigos jovens irresponsáveis estudantes de Oxford. Lorde Hotspur deixaria Prudhoe House sem ao menos se despedir do velho amigo.

Desde que chegara a Northumberland House tinha tido um aborrecimento atrás do outro e estava em seus piores humores, algo não muito difícil de acontecer, pois era imperioso por natureza. Além da pressão férrea por parte do tio, uma carta de uma antiga *protegida* tinha-o deixado exasperado. A *dama* alegava ser ele o pai do bastardo que esperava, o que sabia ser impossível, pois havia mais de um ano que ele ordenara a Kaufmann, seu secretário, que enviasse a ela uma joia de despedida. Perdera o interesse por ela desde que a encontrara nos jardins de Vauxhall com o conde de Douglas, o qual estava, novamente, seguindo o seu rastro. Ele se perguntava quando se veria livre dele, mesmo tendo-lhe presenteado com um enorme favor, pois a jovem, Lillie Langtry, já não o prendia mais.

Suspirou novamente. Estava cansado das Lillies e das Maries. Jamais admitiria isso para Prudhoe, *aquele grande falastrão*, mas o invejava. O duque tinha enfrentado tudo e se casado com quem quis. Já ele tinha que se casar com lady Neville, que agora o atraía tanto quanto Marie Duplessis.

Odiava aqueles pensamentos. A culpa era de Sir Percy que havia introduzido no sangue da família aquele ímpeto romanesco. *O guerreiro tinha que morrer por causa de uma mulher?! Tanto motivo mais nobre, mas não, o cavaleiro tinha que estragar todo o restante da raça Percy Northumberland!*

Recostou-se no assento e olhou para a janela da carruagem. Dias e mais dias de viagem! Hospedagens frias, camas bolorentas e solidão. O dia, de fato, estava frio e cinzento como o seu humor. Ainda levaria horas para chegar a Alnwick e nenhum estímulo, apenas mais problemas. De onde tinha saído a tal estrangeira que Mr. Dornford havia falado? O que faria com ela? Levá-la para Alnwick Castle sem acompanhante? Isso só geraria mais mexericos, afinal, ele não era nenhum modelo de comportamento. Ia devolvê-la ao seu reino e pronto. Cada nação com seus problemas e ele já tinha os dele.

As rodas da carruagem já tocavam o solo do Norte, cada vez mais frio, cada vez mais escuro, e uma irritação tomava conta dele, deixando-o sombrio. Seus pensamentos eram profundos e consternados.

É angustiante perceber que a vida não passa de alianças, de obrigações com o clã, e, se decido quebrar isso, esse sentimento de culpa me acompanhará para sempre. O sentimento da desonra. Quando observo os estreitos limites em que me encontro, encerrado entre o dever e os vãos prazeres das amantes, que já não mais me satisfazem; quando vejo que o objetivo de todos os meus esforços é prover a honra do nome da família, a palavra dada por meu pai, que por si mesma não tem outro fim senão prolongar uma aliança de interesses e vaidades, e que por consequência rouba toda a minha paz... Se aceito sem lutar, o que não faz parte de meu ímpeto de guerreiro – por isso essa tortura – serei um resignado homem casado em poucos meses. Mas, o que estou querendo? Afinal, tudo não passa de uma resignação pela honra que, aliás, não é nem minha, pois, se fosse, não seria tão questionada. Sinto-me um prisioneiro de uma ancestral imbecilidade e tudo isso me reduz a um silêncio irado. Olho para dentro de mim mesmo e vejo um homem, cheio de mitos, pressentimentos e vagos desejos de que a realidade fosse luminosa e cheia de algo que eu não sei bem o que é, mas queria apenas que tivesse cor. Pelo amor de Deus, que tivesse cor! Acho que o Norte está congelando a minha limitada existência; vou me arrastando dia após dia, de inverno a inverno, olhando as folhas caírem, inebriado pela bebida, sob a falsa alegação de conforto.

Algo precisa mudar, essa revolta tem que ser subjugada. Vou me casar com lady Neville e parar de lutar com o que não pode ser evitado.

Foi quando lorde Hotspur a viu atravessando a rua. Ela e o cão. Os cabelos mal trançados, desgrehados, caíam sobre os ombros e eram jogados no rosto pelo vento. Ela sacudia a cabeça para tirá-los da sua visão. Trazia uma cesta na mão, uma simplicidade desconcertante, coloridamente intrigante, diferente de tudo que ele já vira.

Ele gritou com o cocheiro para que parasse. *Quem seria aquela moça?* Que vestido estranho, mas que encanto! O andar! *Ela não tem noção do poder que possui!*

CAPÍTULO II

A misteriosa moradora

"A mais poderosa das belezas é aquela que se revela depois da simpatia e não antes dela."^[4]

Alnwick, Inglaterra, 01 outubro de 1830.

Estou na Inglaterra. Como chove! Que lugar gelado e que gente estranha! Tenho a sensação de que esta diligência não chegará nunca mais.

Intermináveis dias de uma viagem sem volta... Eliza olhava pela janela da carruagem, que a levava para o norte, e se desesperava. Apenas o sacolejar e o tropel das patas dos cavalos, das rodas, além do grito do cocheiro nas casas de postas para acordar algum distraído passageiro.

– Doncaster – gritou o condutor, abrindo a portinhola e emendando: – É só o tempo de trocar os animais e estamos seguindo para Alnwick.

Uma senhora aproximou-se dela, exasperada:

– Onde já se viu! Que falta de classe, os cavalos são mais bem tratados do que os passageiros! Nós temos que adequar as nossas necessidades às deles.

– Mas, tem que ser feito, minha senhora. Os animais

estão esgotados – respondeu Eliza, timidamente.

– Sim, eu sei, mas estamos todos com frio e com fome, e a estalagem tem uma formidável sala de repouso. Um quarto de hora lá me faria muito bem.

A moça ficou calada, estava exausta. Não se recordava mais do dia em que iniciara aquela viagem, de um reino a outro, sempre com fome e frio, embora tivesse notado que à medida que a diligência rumava para o Norte da Inglaterra a temperatura caía ainda mais.

– Está indo para onde, miss? – perguntou-lhe a mulher, com pouco mais de 35 anos, olhando-a com certo quê de despeito e desdém.

– Ah, eu? Para Alnwick – respondeu Eliza, educadamente, embora não estivesse disposta a conversar. A altiva mulher, contudo, olhou-a com aguçada curiosidade e disse, demonstrando falsa preocupação:

– Alnwick?! A senhorita está indo para Alnwick? E está viajando sem acompanhante?

– Sim. Meus tios moram lá e me aguardam, senhora – retrucou, humildemente.

– Seus tios trabalham no Alnwick Castle? – a mulher insistiu. Examinava-a de cima a baixo e seus olhos demonstravam claramente a sua opinião. *Com essas roupas, apesar de extremamente bela, não pode ser nada mais do que parente da governanta.*

– Eu não sei, minha senhora – Eliza respondeu. Sua resposta foi novamente educada, mas com um quê de

exasperação, pois estava, de fato, muito cansada e gostaria de ser deixada quieta, no seu canto. Mas a mulher a mantinha de pé em frente à estalagem, não se importando que ela tiritasse de frio nas suas inadequadas roupas.

– A senhorita está se equivocando. Eu não sou *ainda* uma senhora. Sou miss Eliot. Apesar de já ter recebido sete propostas de casamento, permaneço solteira, graças ao meu bom Deus! Com tantos patifes e adúlteros por aí, sou grata por ter tido forças para dizer não a todos eles. A senhorita mesmo está se metendo no covil de um dos maiores devassos do reino, o depravado conde de Northumberland, ou lorde Hotspur, como todos o conhecem.

Miss Eliot, que tinha uma estranha semelhança com os cavalos que acabavam de ser atrelados à carruagem, começou a se abanar, embora o frio fosse enregelante.

– Covil do conde de Northu... Lorde Hotspur? – Eliza perguntou, preocupada.

– Sim, o senhor de Alnwick Castle. Como não sabe?! Nunca ouviu falar dele? O conde Hotspur recebeu esse nome porque é ardente, feroso, impetuoso... O pior dissoluto da Inglaterra. Quem teria um nome desses se não tivesse uma extensa lista de libidinagens?

– Não vou para Alnwick Castle, miss Eliot. Vou para a casa de meus tios, que fica no condado de Northumberland.

– Bem vejo que a senhorita não é inglesa! Além desse

sotaque, essa ignorância sobre os condados. O conde de Northumberland, ou conde Hotspur, é dono de tudo ali, de Berwick, Tynedale, Tynemouth, Redesdale e Hexhamshire. Alnwick é a sede do condado, mas tudo está sob seu domínio desregrado. Tenho uma prima... — ela foi interrompida pelo grito do cocheiro, pois a diligência já iria partir. Quando estavam devidamente instaladas, miss Eliot, que tratou de se sentar ao lado de sua desinteressada ouvinte, continuou:

— Minha prima, como eu lhe falava, casou-se com o clérigo de Alnwick. O nome dela é Mrs. Blauth. Mas a miss não vai acreditar! Ela quase não aceitou o pedido de Mr. Blauth por causa da fama do senhor daquelas terras! Ela tinha tanto medo de ser atacada pelo conde Hotspur que nem dormia nos dias que antecederam o seu casamento. E ela me falou das orgias que ele faz em Alnwick Castle. Todo verão ele leva os mais devassos nobres de Londres para lá, entre eles os duques de Prudhoe e de Belvoir, seus amigos. Então, os três se juntam para os mais lascivos programas.

— Bem, certamente não tenho com o que me preocupar, miss Eliot. Não conviverei com a nobreza.

Miss Eliot avaliou de cima a baixo aquela estranha passageira, mas não disse que o conde, certamente, iria querê-la como amante. Também não falou nada sobre a aparência da moça, pois o que se passara por sua cabeça era demasiado impróprio para que se dissesse em

público. Ademais, os outros passageiros prestavam indiscreta atenção ao seu monólogo. Contudo, apesar do desinteresse de Eliza – que olhava para a paisagem perguntando-se quando chegaria ao seu destino, – a solteirona continuaria narrando as façanhas do conde de Northumberland. Falava das suas lindas amantes e de como ele as enchia de joias, montava-lhes casa, dava-lhes carruagens... E de como as dispensava a cada nova temporada.

– Eu não sei se está a par, miss, mas a temporada de Londres é um antro de volúpia. É a junção dos devassos da aristocracia com os da nobreza. Os depravados da Inglaterra se juntam de novembro a junho para os bailes, as festas, os passeios, os chás e tudo o mais que possa imaginar. Eles saem de suas casas de campo, de seus castelos, como Alnwick Castle, Prudhoe Castle e Belvoir Castle, e passam vários meses na capital para *socializar* e se envolver em política. Política! É o que eles dizem! Mas, a miss nem imagina o que eles fazem lá! Os bailes são exclusivos, nas mansões dos mais ricos e também nos clubes privativos. Na verdade, a temporada coincide com a sessão do Parlamento, que serve de pretexto para o impudico encontro que começa logo depois do Natal. Muitos já vão em outubro e novembro para aproveitar mais a devassidão, pois aqueles bailes só servem para as damas, em seus ousados vestidos franceses, mostrarem-se para os cavalheiros e arranjar em amantes, pois eu não

acredito que se arranje casamento em tais antros de pecado! Aliás, serve também para devassos, como o conde Hotspur, jogarem até perder toda a sua fortuna. Mas ele é rico demais para ficar pobre um dia. Eu é que não vou perder a minha honra em tais ambientes! Miss Ottobeli, cuja família é lá da minha paróquia, foi obrigada a debutar no ano passado. Seu perdulário pai barão perdeu quase toda a sua fortuna no jogo e agora deseja casá-la com um nobre rico. Bem, como eu lhe falava, miss Ottobelli debutou no ano passado e me contou que, depois que foi devidamente apresentada ao rei William, ela viu o conde Hotspur no Hyde Park. Meu Deus! O que ela me disse sobre a aparência dele mesmo?!...

– Alnwick. Quem vai descer em Alnwick? – gritou o cocheiro. Eliza suspirou aliviada.

O RELÓGIO Thomas Tompion, na parede da sala, marcava três horas da tarde. Ainda era dia, mas a típica névoa invernal e a tempestade, que ameaçava precipitar-se sobre o Norte inglês, deixavam o tempo lúgubre e sombrio. Ameaçadoras nuvens sobrepujavam o vale, cobrindo toda a extensão do lago Grenn como uma fumaça negra e espessa. O fogo débil, quase extinto, cujas brasas estimuladas pelo vento ainda ardiam no fogão para logo depois jazer somente em cinzas, soltava também uma

fumaça acinzentada.

Sentada no simples e velho banco de madeira, ao lado do fogão, tentando absorver o calor que se expirava, ela tremia enrolada em um velho xale de lã que já durava incontáveis invernos.

Conhecida em Leipzig, um vilarejo situado nos reinos germânicos,^[5] como Eliza, e outrora carinhosamente tratada pela mãe apenas como Liz, olhava preocupada para o lago a alguns metros de onde se encontrava. Chegara havia dois dias, uma estrangeira numa terra congelante e estranha, no extremo norte da Inglaterra, quase na divisa com a Escócia. Encontrava-se sozinha numa *cottage*, onde até recentemente morara alguém que já partira, à beira de um lago tão verde como musgo e que ameaçava transbordar. A água sob o pórtico estava tão próxima de seus pés que, se ela os estendesse, os molharia. Uma gota de chuva já seria muito para tanto, pensava ela, enquanto observava a torrente que ameaçava jorrar sobre a terra.

Como chove na Inglaterra, ela pensava. Tão diferente da costeira Leipzig, onde o sol brilhava quase todos os dias. Havia chegado sob um temporal e a chuva continuava mantendo tudo úmido, deixando-a ainda mais melancólica. *Leipzig*. Apenas a suposição de um dia ter de voltar à sua terra lhe contraía o coração. *Nunca mais!* Era tão jovem, nem 21 anos ainda, mas sentia-se exausta, como uma prisioneira que se libertara, mas que ainda

arrastava os grilhões da dominação. E essas invisíveis e cruéis mãos ainda apertavam seu peito.

Eliza não conhecera a antiga moradora da simpática *cottage* do lago Green, uma tia de quem apenas ouvira falar quando criança, e que apagara completamente da memória até pouco mais de dois anos antes, quando o nome *Elizabeth* tinha vindo aos lábios de sua mãe doente. Foi nesse nome, porém, que passara a pensar todos os dias desde então. Sonhava que tinha conseguido fugir da *ensolarada* Leipzig e que estava segura em terras inglesas, longe de seu cativeiro, afastada para sempre daquele que ameaçava a sua virtude. Quando finalmente conseguiu enviar uma carta, das centenas que escrevera, John Baker, o desconhecido marido da tia, foi quem respondeu. E, intrigantemente, apesar de citar a esposa, não dissera uma só palavra sobre o seu desaparecimento, ocorrido já havia muitos anos, como ela descobriria ao chegar ao condado. Embora não tendo com ela nenhum laço de sangue, nenhuma responsabilidade, o homem havia consentido em recebê-la como sobrinha e, sobretudo, dar-lhe a sua proteção, atendendo ao pedido de um monge beneditino seu conhecido.

Mas John Baker estava morto havia dois dias. Ficara sozinha no mundo, entre estranhos, numa terra totalmente desconhecida.

CONSTRUÍDA às margens de um lago cheio de vegetação, o velho chalé tinha dois pavimentos, quase três, pois a rudimentar cozinha, de chão batido, ficava um andar abaixo. O acesso a ele se dava por uma escada de três degraus, acoplada a uma pequena sala de um gasto piso de madeira. Da cozinha também se podia chegar ao lago, ou do lago chegava-se à cozinha, pois na parte dos fundos havia um pórtico que o margeava.

Os demais arrendatários de Alnwick já tinham notado que a cozinha e o pórtico da rústica construção eram os locais preferidos daquela inesperada e desconhecida moradora: uma estrangeira tão bonita quanto *intrigante*, que se escondia quando se percebia apreciada. Mas, uma moça com tamanha beleza morando sozinha na casa onde havia morado um velho rendeiro — mesmo que fossem tio e sobrinha — nas terras que pertenciam a um conde cuja fama alcançava o continente, era mistério suficiente para se falar em cada canto do condado de Northumberland ou do conde Hotspur.

A imaginação das pessoas dos vilarejos, que circundavam milhas e milhas em volta do castelo, vindas de todos os lugares, era ilimitada. Em apenas dois dias, a *estrangeira* havia-se tornado o assunto preferido em todos os chás da tarde das mais abastadas famílias, cujas mães queriam uma filha condessa; em todas as paróquias, nas tabernas, nas plantações de feno, nas cozinhas dos

inúmeros chalés e cabanas... A notícia também chegara ao Alnwick Castle e por todos os imensos corredores não se falava em outra coisa que não fosse a *estrangeira*.

Cada vilarejo que pertencia a Northumberland tinha um representante como criado em Alnwick Castle. Era o modelo de contratação que Mrs. Chapman, a governanta, achou que representaria o imenso condado e não causaria falatórios de protecionismo a um ou outro distrito. Com isso, o que fosse falado em cada lugarejo teria um representante para propagar nos corredores, na cozinha, nos estábulos, nos jardins, nas centenas de quartos e nas salas da mansão.

O primeiro a ver a bela *estrangeira*, depois dos taberneiros, foi o administrador das terras, Mr. Dornford. Fora informado pelo próprio John Baker, minutos antes de sua morte, da chegada de uma sobrinha. Ele estranhou muito, pois o velho moribundo jamais falara de algum parente, mas o rendeiro morreria sem ter tempo de lhe dar mais explicações.

Envolvido nos preparativos do funeral, quando voltava para casa, Mr. Dornford seria chamado pelo entregador de carne, Mr. Staudt, dizendo que a sobrinha do velho tinha acabado de chegar e que estava ensopada da cabeça aos pés, morrendo de frio, à sua espera na antiga *cottage* do lago. Ele tratou de lhe levar a chave e mandar abastecer a despensa, pois não queria ser o responsável pela morte da sobrinha de um favorito do conde anterior. Fosse qual

fosse o motivo daquele apadrinhamento, não era da sua conta. Não achou que fazia demais. Afinal a dama — percebeu que se tratava de uma dama instruída assim que conversou com ela — era a sobrinha do antigo escudeiro do oitavo conde de Northumberland, e protegido, inclusive, do atual conde, lorde Hotspur. John Baker, em vida, tivera seu bem-estar cuidado como se fosse um membro da família Percy. Só não tinha morado em um dos aposentos de Alnwick Castle porque nunca o quisera, preferindo ter o seu próprio canto, como ele mesmo dizia.

Mr. Dornford, porém, intrigado pela moça estar sem nenhuma acompanhante, e preocupado com sua imagem e segurança, pois se tratava de uma donzela, havia comentado sobre ela com Mr. Mercer, à espera que o velho mordomo da família lhe desse algum conselho. Mr. Mercer, entretanto, interpretando a conversa como mexerico, não lhe havia dado atenção, pois tinha uma posição a zelar. Todavia, o camareiro do conde, Mr. Wilbur, ouvira falar dela na taberna e comentaria o assunto com Mrs. Chapman, a governanta. Esta havia comentado com sua irmã, a solteirona miss Chapman, que fora a babá do conde, e era, então, a copeira. Quando a cozinheira ficou sabendo, logo o cavaliário, que sempre aparecia para ganhar um doce, também ficou a par. O laçao ouviu Mr. Dornford e Mr. Wilbur comentando sobre a *estrangeira* e contou para a arrumadeira, que já havia escutado da boca da ajudante de cozinha, que tinha

visto a moça, que ela tinha olhos azuis quase transparentes, mas assustados. Quando o cocheiro ficou sabendo, contou para o jardineiro. De modo que logo todos os demais lacaios falavam na moça. Se a notícia viera dos vilarejos para o castelo, ninguém podia dizer, mas em Alnwick Castle todo mundo sabia da existência da *estrangeira*. Dizia-se que ela era filha de mãe inglesa e pai prussiano. Um dos lacaios dizia que ouvira dizer que a mulher prussiana era a mais bela da terra; o outro discordava, pois estava apaixonado pela leiteira, uma camponesa de braços roliços; um terceiro destacava que a *estrangeira* devia possuir o melhor dos dois povos, já que era metade inglesa. Dizia resolutamente que nenhuma inglesa possuía lábios cheios como os daquela *estrangeira*, pois ele a tinha visto, e nem curvas tão graciosas como aquelas. Portanto, deveria ser de outro reino.

O que se poderia dizer de todo esse alvoroço por causa de uma moça recém-chegada? Eliza não se achava bela, não tinha nada de grande beleza; podia-se dizer que, aparentemente, era de uma beleza comum. Um viajante, à procura do excepcional não a enxergaria; outro, entretanto, que olhasse por pouco mais de um instante, reconhecê-la-ia formidável. Tinha o tipo de beleza indelével; que não se esmorece diante do tempo, da vaidade, mas cresce quando se permite perscrutar. Mas nem todos conseguem enxergar o sutil, o que está sob a

pele. *Era o toque de imperfeição sobre a quase perfeição que lhe conferia a doçura, pois era aquilo que lhe dava sua humanidade.* [\[6\]](#)

Sim, a fama da moça não se espalhara por acaso. Excetuando que o mistério exerce uma estranha fascinação sobre as pessoas, ela tinha em si, de fato, algo diferente, embora não tão bela à primeira vista: a beleza apaixonante que é encontrada no vislumbre de um olhar, num lampejo suave de um gesto, no som de um riso genuíno, e até no tremular de passos ondulantes. Algo no gestual dela encantava. De estatura mediana, cabelos fartos e castanhos, quase cor de mel, que rodeavam uma face delicada, quando o vento os soprava, aquela massa de fios soltos caía exuberante sobre seus ombros. Quando ela se movia, era como se fosse irreal, o que mexia com a imaginação das pessoas. A leiteira de Alnwick Castle, com a desculpa de levar-lhe um litro de leite, encontrou-a ao lado do lago, num dia de tênue luz do sol, com seus cabelos soltos, e todo esplendor de sua natureza sem expectadores. Ela, a leiteira, não cansava de falar da aura angelical que cercava a moça, de sua meiguice, de seu sorriso, e do brilho que ela vira naqueles olhos que mudavam de cor. Estes eram como duas lanternas, às vezes de um azul tão profundo, quase negro; noutros, límpidos como mananciais; e, quando furiosa, chegava à tonalidade de quase violeta, coisa que podia assustar, mas não a protegeria ali, muito menos a sua debatida

reputação.

ALHEIA aos comentários a seu respeito, quando a chuva cessou e ela se acostumou com a ideia de morar numa *cottage* que pertencera a um morto, Eliza descobriu que poderia vir a gostar dali. Não havia nenhum luxo e, exceto pelo relógio da parede, nada mais de valor. Em pé ao lado do fogão, que tentava acender com o que restava da chama de uma vela, sentia uma estranha paz. A fumaça que saía não a incomodava. Ela gostava do cheiro da lenha consumida pelas chamas e do crepitar do fogo.

No início, quando soube que não existia tia, tio, ninguém mais, ela apavorou-se. Mas, embora ainda preocupada, conseguia enxergar o encanto do lugar que tinha uma cativante simplicidade. Cercado por heras – as quais o deixavam tão verde quanto a água do lago que a margeava –, o chalé tinha a aparência do aconchego. Uma mistura de estuque e madeira, numa moradia antiga que necessitava de reparos, principalmente de um bom telhado. *Esse teto não aguentará por muito tempo*, logo concluíra. Contudo, a localização da cabana tinha suas vantagens. Era a última construção das terras do condado, ficava no meio da selva, escondida por enormes sebes e grandes olmos. O barulho que se ouvia constantemente era do canto dos pássaros e o ruído de um bicho qualquer.

Uma vez ou outra, ela avistava algum curioso, apenas isso.

Nas manhãs, gostava de ficar sentada com um livro nas mãos, ao lado do fogão, para aproveitar o calor, enquanto fazia seu simples desjejum, geralmente uma xícara de chá, hábito que herdara da mãe inglesa. Estirado no chão, como se fosse um tapete de pelo espesso, o seu agora inseparável novo amigo, um cão que havia aparecido do nada, ou, talvez, como desconfiava, fosse mais dono do lugar do que ela. *Deve ter sido de John Baker.*

Tinha ido parar na Inglaterra na esperança de que os tios tivessem filhos e filhas. Havia sonhado que estes lhe fariam companhia, trazendo alegria à sua solitária vida. Agora, sua companhia era apenas aquele cão. Entretanto, na única carta que fora trocada entre Leipzig e Alnwick, o assunto primos sequer fora mencionado. E o pior: como o tio tinha morrido, logo ela não teria para onde ir.

As cartas. Lembrou-se das dezenas que escrevera à tia, mas que não lhe fora permitido enviá-las. Todo o pacote, delicadamente amarrado com uma fita azul, havia desaparecido. *O diário de todos aqueles terríveis anos.* Por causa dele não sucumbira à solidão. Disso ela tinha certeza. Mantivera as cartas sempre amarradas ao próprio corpo, temendo que fossem encontradas, e as havia perdido. Tinha convicção de tê-las trazido consigo na viagem, pois nunca se separava delas!

Mr. Staudt. Lembrou-se da carroça do entregador de

carne na qual fizera o trajeto da taberna até a *cottage*. *Talvez tenha caído em sua caleça*. Chovia tanto, sacolejava, e o pacote podia ter se soltado de seu corpo. Tentou recordar-se de cada detalhe, mas os fragmentos eram tão escuros como aquela noite de tempestade. *Se tiver caído no chão, quem poderá tê-lo encontrado?* Estremeceu.

Aturdida como estava, não se dera pela falta das cartas no dia em que chegara. *Com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo!* O administrador lhe informando da morte do tio, do *desaparecimento* da tia, porém, estranhamente afirmando que ela podia continuar instalada na *cottage*. Ficou tão surpresa com as notícias, cada qual mais aterradora que a anterior, que foi tomada pela exaustão. Mesmo que parte de seu próprio corpo tivesse se soltado, sem dor, não teria dado por sua falta, tampouco de um pacote de cartas, mesmo que este já fizesse parte dela.

Do dia que chegara, recordava-se muito pouco. *É engraçado como a mente da gente apaga alguns fatos. Talvez para nos preservar de uma dor ainda maior*. Assim pensava ela. Lembrava *que* na ocasião não fizera muitas perguntas, além daquelas sobre a família que ela esperava encontrar na Inglaterra. Entretanto, agora, as preocupações a atormentavam. A perda das cartas e outra igualmente grande. Um medo quase irracional a fez estremecer. Não entendia. Se as terras eram do conde, seu tio não era dono de nada, devia trabalhar para viver.

Então, o que ela faria ali? Não sabia plantar feno, nem nada do que se fazia na terra...

Seus lábios emitiram um esgar de pavor e tristeza. Esperava a qualquer momento ser exposta a mais terrível humilhação. E pior, ser mandada de volta à força. Levou as duas mãos à cabeça e tentou, sem sucesso, se lembrar do que escrevera à tia, temendo que tivesse contado tudo. *Oh, Deus!* Certamente a sua vida e sua alma estavam expostas ali. Suspirou. *Quem teria encontrado as cartas? Se, por um milagre, tivessem caído no mar...* Mas isso era coisa praticamente impossível.

Eliza, porém, nunca fora de se entregar ao ceticismo. Logo imaginou o pacote submerso em uma poça de densa lama avermelhada; *havia tantas naquela noite desesperada.* As cartas teriam ficado ilegíveis, completamente deterioradas. Embora fosse uma tênue esperança, agarrava-se a ela com toda a confiança.

Mas, mesmo que as cartas nunca fossem lidas, ela sabia que a qualquer momento receberia o administrador, que, com uma ordem, poderia colocá-la para fora do lugar. O senhorio do Alnwick Castle, o nono conde de Northumberland, ou o conde Hotspur, como a incômoda miss Eliot descrevera com tantos detalhes na viagem, não tinha razão alguma para mantê-la ali, uma inútil, ocupando uma das casas de seus rendeiros, pela qual ela não tinha como pagar e, ainda por cima, dando-lhe despesa.

Imaginou-o como uma gorda figura com roupas

coloridas. Talvez deitado num imenso sofá, com suas gordas pernas sobre uma poltrona, agonizando com a gota. Vira uma gravura com uma cena parecida. Era uma imagem que não combinava com a vida animada que miss Eliot descrevera, mas era o que lhe vinha à mente.

Todavia, a despeito de certa antipatia que intimamente passara a nutrir pelo conde, dada a falada vida desregrada que levava, não podia se esquecer de que fora pela benevolência dele que ela não passara fome. *Ou será que ele tem outras intenções?* Não! Ele nunca a vira. Mesmo assim, novamente estremeceu. Não somente por causa do frio e do vento, mas também por um pavor que perpassou todo o seu corpo. *Outro, ela não suportaria.* Precisava sair dali e arranjar um meio de sobreviver dignamente.

CAPÍTULO III

442 anos antes

“Para conseguir um florescimento da estupidez, não existe nada tão eficaz quanto despejar na mente de uma pessoa uma boa quantidade de amargura.”^[7]

Berwick, agosto de 1388.

Sentindo-se entediado, o conde de Douglas, lorde James, e mais três condes, todos acompanhados de seus guerreiros, saíram de Linlithgowshire, na Escócia, e penetraram em território inglês. Pretendiam despojar as riquezas de seus inimigos sob a alegação de que Sir Henry Percy, o filho do primeiro conde de Northumberland, tinha invadido recentemente as suas terras e nelas caçado sem autorização. Após concluir o objetivo de sua expedição em Durham, condado no Nordeste da Inglaterra, onde atacaram e saquearam vários castelos, estavam retornando à Escócia quando resolveram pernoitar nos arredores de Berwick, nas terras pertencentes a Sir Percy.

Lorde James, que tramava uma vingança pessoal contra o lorde Percy, tinha-se distanciado cerca de uma milha do seu grupo quando a viu pela primeira vez. Montada em um animal de pelo avermelhado, ela cortava o vento numa

fuga alucinada. De longe parecia uma vulgar serva. A uma curta distância, entretanto, o que ele viu foi uma beleza aristocrática de pele morena e lisos cabelos negros que ousava montar como um homem. Seu longo cabelo tinha-se desprendido e era jogado de um lado para outro; seu esguio corpo levantava-se e abaixava-se alçado pelo movimento do animal, de forma que o decote da túnica deixava à mostra parte de seus fartos seios. A barra de sua sobre túnica azul movia-se ao sabor do vento; erguida, a túnica interna, branca, exhibia parte de suas pernas.

O conde ficou encantado, pois tanto a dama quanto a montaria eram extremamente belas, e as cores de seu traje eram as mesmas do seu brasão. Estava hipnotizado com tamanha sensualidade, mas notou, pela inquietação da moça, que alguma coisa a aturdiu. Certamente ela esgueirava-se de algo, já que olhava para trás de vez em quando à procura de um perseguidor. Ele escondeu-se atrás de um arbusto. Embora tivesse a intenção de tomá-la e de violentá-la, *como os ingleses fazem com nossas mulheres*, esperou pacientemente. Queria admirá-la mais um pouco. Ela o fascinava. Seu ímpeto de guerreiro dizia para possuí-la ali mesmo e abandoná-la, mas aquela moça de traços fortes e decididos, *com uma boca rosada que pedia para ser beijada, de olhos cor de mel e espessos cílios, merecia mais do que uma violação no meio do mato. Ele a queria mais de uma vez. Queria usufruir daquele corpo muitas e muitas vezes. Talvez fosse*

melhor raptá-la. Sorriu, satisfeito com a ideia.

Parada, ela olhava para trás e para os lados. Àquela altura ainda se sentia ameaçada. Cavalgando a sua égua, havia saltado cercas, transposto o rio Tyne, e alcançado as charnecas de Berwick, cada vez mais longe do vilarejo de Berwick, onde ficava a casa de seu pai. Ninguém a forçaria a um casamento.

Lorde James estava cada vez mais excitado, um desejo febril tomando conta de seu corpo, tamanha a beleza que vislumbrava. Pensou em deixar que ela o visse. Com menos de 30 anos, de excelente aparência, o conde, por alguma razão, não desejava forçá-la. Por vaidade, queria ser admirado por seus dotes físicos por aquela mulher, e que ela também o desejasse. Caso contrário, certamente a assustaria. Não seria um bom plano para um estrategista como ele, um guerreiro respeitado e temido em toda a Escócia. Já tinha tomado à força todas as mulheres que havia desejado, mas aquela, ele sentia, dar-lhe-ia trabalho, poderia gritar e chamar a atenção dos guerreiros de Northumberland. Não desejava uma guerra agora; o sangue que queria era de outro tipo. Mas, abruptamente, a audaciosa moça esporeou o animal e saiu galopando encosta abaixo. Quando ele se deu conta, ela já havia saltado um riacho e estava a centenas de metros dele. Talvez o tivesse visto ou ao seu cavalo. Aborrecido por ter sido vencido por uma mulher, voltou ao acampamento e ordenou ao seu melhor escudeiro que fosse a *Alnwick*,

trajando-se como um camponês, e descobrisse quem era a dama que o enfeitiçara.

O cavaleiro retornou logo e com a missão cumprida, baseado nas características descritas por lorde James. A moça era miss Evans, a filha de Sir Richard Evans — um falido aristocrata de Berwick — com uma serva escocesa que ele raptara. Seu nome era Mary. Sua mãe, lady Evans, havia morrido no dia em que ela nascera, tendo ela sido criada em Londres por uma irmã de Sir Evans, a marquesa viúva de Queensberry. Lá, segundo apurara o escudeiro, Mary Evans aprendera a ser uma dama educada. Bordava, tocava relativamente bem, dançava, desenhava e falava francês tão bem que podia até se passar por uma francesa. "Contudo", disse o cavaleiro, "disseram-me que essa miss Evans não suporta porteiras, é uma moça ativa e cheia de ideias na cabeça".

Tal relato não desanimaria o conde de Douglas. Muito pelo contrário. Conhecia Sir Evans. A situação era mais favorável do que esperava. Outra ideia lhe passou pela mente: uma dama inglesa, embora filha de uma serva, tinha também sangue escocês. Estava decidido, *ela seria sua*. Uma aliança com um inglês era tudo de que precisava. Aquela visita à Inglaterra havia sido mais proveitosa do que esperava. "Quanto mais ativa, mais forte terá que ser o cabresto", ele apenas respondeu, sorrindo sarcasticamente. Não sorria à toa. A sorte, de fato, estava mesmo do seu lado, pois Sir Evans era quase

um parente.

COM a filha sob a responsabilidade da senhora marquesa, depois da viuvez, Sir Evans tinha-se casado novamente. Ao contrário do primeiro casamento, sua união com a solteirona e maldosa miss Wars havia sido por interesse. Lauren, a nova lady Evans, prima de quinto grau do conde de Douglas, era uma mulher de 35 anos, ruiva e alta. Seu olhar era de um azul frio e o seu riso igualmente gélido. Era incapaz de um gesto espontâneo. Tudo nela era calculado. Além disso, morria de inveja da enteada, pois, ao contrário dela, miss Evans era viajada e havia frequentado a corte com a marquesa.

Sem ao menos consultar Mary, negociaram o seu casamento com o velho duque de Yorke. Sir Evans precisava da influência do futuro genro, e este abria mão do dote, pois havia caído de paixão pela beleza da moça. O ardiloso duque, que jamais vira tamanho encanto, sabia que Sir Evans estava falido, mas queria manter sua vida perdulária. Aproveitara-se, assim, da situação para propor casamento com a dama de maior beleza de todo o norte da Inglaterra, senão de toda a Inglaterra.

— Esse casamento é a minha única saída. Se acontecer a metade do que estão falando em Londres, estarei completamente falido. Não tenho mais como manter esses

ordinários trabalhando – disse Sir Evans, referindo-se à instabilidade social da Inglaterra devido às mudanças causadas pela Revolta dos Camponeses. A massa dos comuns havia-se revoltado e removia a cena política de uma forma que assustava a aristocracia britânica. Ao mesmo tempo, a proposta de reforma religiosa formulada por John Wyclif^{f8} oferecia um desafio semelhante para a autoridade eclesiástica, e, portanto, para a ordem social. Tudo isso, simultaneamente ao desenvolvimento da literatura inglesa, aumentava a consciência política e social das classes baixas.

– Você precisa forçá-la a se casar – bradou lady Evans.

– Ela não tem escolha. Sem nenhuma influência política estarei perdido.

Lady Evans, com apenas um chá da tarde e um baile no *Bamborough Castle*, havia induzido o velho duque ao casamento. O homem era mesmo um dissimulado, mas lady Evans acreditava que conseguiria manobrá-lo e obter muitas vantagens com a união das duas famílias. O duque possuía a influência de um título e fazia parte do *Magnum Concilium* — apenas os escolhidos do rei faziam parte desse Grande Conselho, que tinha acesso a ele para discutir os assuntos do país. Além de poderoso, era um dos nobres mais ricos da Inglaterra. Embora tivesse fama de violento, lady Evans não tinha nenhum escrúpulo em empurrar a enteada para seus braços. Ela e o marido não contavam, porém, com a esperteza de Mary. No dia do

noivado com o duque, ela fugiu.

– Estou arruinado agora, pois arrumei outro poderoso inimigo do *Magnum Concilium*, como se já não bastasse o conde de Northumberland — desabafou Sir Evans.

O mordomo veio avisá-los de que tinham uma visita.

– Visita?! Que visita? Não estou esperando ninguém. Mande-a embora — ele ordenou.

– O conde de Douglas, Sir? Devo despachá-lo?

– O conde de Douglas?! Por que não disse antes, seu ignóbil? Isso é que dá manter um mordomo tão velho trabalhando, ainda por cima surdo.

– É o que podemos pagar — respondeu lady Evans, espertigando-se orgulhosamente e ajeitando seu vestido para receber o conde, seu primo.

Ela se perguntava o que lorde James estava fazendo ali, já que ele nunca tomara conhecimento dela, muito pelo contrário. Tramando um novo plano, sorriu cinicamente para Sir Evans.

– Acho que nem tudo está perdido, meu senhor. Lorde James também faz parte do Grande Conselho do rei Richard II — comentou baixinho.

O conde de Douglas foi recebido pela prima como se fossem os mais íntimos amigos. Ele, contudo, não se aborreceu, apesar de achá-la a criatura mais pedante do reino. Queria miss Evans, e lady Evans já tinha percebido sua intenção, o que lhe foi bastante útil. Sir Evans, no auge de sua pusilanimidade, levianamente conduzido pela

mulher, demonstrou grande satisfação quando soube da intenção do lorde.

– Sua Senhoria foi apresentado a ela em Londres pela marquesa de Queensberry – ele ostentou, querendo oficializar logo aquele noivado, pois temia que o conde desistisse assim que conversasse com a filha. Certamente, ela mostraria seus piores modos.

Lorde James se lembrou, mas naquela época miss Evans ainda não tinha aquele porte, era apenas uma adolescente. De todo modo, parecera-lhe, então, uma promessa de futura beldade.

– Sua Senhoria também a viu uma vez na Westcheap, em Londres – disse lady Evans, lembrando-se que na ocasião ele acompanhava uma de suas amantes às compras.

O conde se lembrava. Até gostara do que vira e só não se havia aproximado dela por motivo óbvio. Lorde James também se lembrou de que no Hyde Park, as duas mulheres — a espetacular juvenzinha e a gorda tia — estavam cercadas de admiradores. Miss Evans, no dia, trazia seus longos cabelos trançados em volta da cabeça. Ele se recordava muito bem dela, pois a moça o tinha impressionado com a sua original beleza. Como ele não ligara os fatos, quando a reencontrou nas charnecas?! Aquilo não importava mais. Se ele perdera a oportunidade de violentá-la e de raptá-la por um escrúpulo e um desejo idiota, agora só havia o casamento para tê-la. *E ele a*

teria. Com o casamento, também teria livre acesso à Inglaterra e estaria muito próximo de Sir Percy, de onde poderia controlar seus passos e atacar Alnwick Castle quando ele menos esperasse. Aquela aliança deixava-o visivelmente satisfeito.

Acordo selado com Sir Evans, o conde de Douglas retornou ao seu acampamento com a promessa de voltar à casa do futuro sogro no dia seguinte para *conhecer* a prometida noiva.

Nesse ínterim, lady Evans procurava Mary. Disse-lhe, afetuosamente, que havia convencido o pai a desistir de casá-la com o velho duque, mas que a única condição imposta era de que ela aceitasse a corte do conde de Douglas.

– Concordo que o duque era velho demais para a miss. Falei isso com Sir Evans. Mas lorde James é belo e jovem, há de gostar dele, miss — ponderou Lady Evans.

– Não quero me casar, lady Evans — Mary respondeu, enfaticamente.

– Entendo, miss. Mas já está na idade de pensar nisso. Não quer virar uma solteirona, não é?

– Até as solteironas um dia casam, nem que seja com um velho e gordo viúvo — respondeu miss Evans. A madrastra enrubesceu.

– Garanto-lhe que irá gostar de lorde James. Nunca vi beleza igual. Ele tem uma alta estatura, sua pele é queimada pelo sol e seus olhos são verdes — lady Evans

respondeu, não aceitando a provocação da enteada.

– Um escocês queimado pelo sol – miss Evans sorriu irônica.

– Sim, ele é um guerreiro. Vive pelas estradas e é tão belo quanto Apolo.

– Não gosto de guerra e, portanto, odeio os guerreiros. Não vou conhecê-lo. Diga isso a Sir. Evans.

– Miss Evans, a senhorita não tem escolha, é o conde de Douglas ou o duque de Yorke. Sir Evans está-lhe dando uma chance. Ele prefere o duque, é óbvio, pois é um duque, mas está sendo bondoso e lhe deixando escolher entre a velhice e a juventude.

Miss Evans ponderou. O duque de Yorke era asqueroso. Só de pensar nele segurando a sua mão, sentia repulsa, náusea e um enorme desgosto. Casar-se com o duque era uma abominação. Quanto ao jovem guerreiro, ela, apesar de já o detestar, nunca o tinha visto. Sentia, no íntimo, certa curiosidade.

– Está bem. Diga a Sir Evans que vou conhecer o conde. Mas nada mais.

Miss Evans duvidava de que fosse achá-lo *belo* como dissera lady Evans. Se aquilo fosse dito pela tia marquesa, certamente ela acreditaria, pois a tia a havia amado de verdade. Mas, como ela tinha aprendido nos livros proibidos, *emprestados* da biblioteca da mansão, na Mayfair, onde tinha sido criada, o conheceria e depois traçaria seus planos. Um passo de cada vez, era assim que

se vencia uma batalha.

Seu novo pretendente era um guerreiro, mas seus planos também seriam frustrados. Ela não se casaria com nenhum escolhido de Sir Evans, isso já estava decidido. Sua intenção, arraigada, era contrariar o omissso pai e a interesseira madrasta. Pretendia se tornar uma ativista política, pois se havia inteirado sobre a revolta em Londres, e ajudaria os camponeses ensinando-os a ler, principalmente os servos das terras do próprio pai.

QUANDO a viu de perto, o conde de Douglas não teve nenhuma dúvida: ela seria sua mulher. Tinha uma beleza diferente das insípidas mulheres inglesas que ele conhecera. Seu olhar era decidido, altivo, tinha a postura de uma rainha. Ele estava enfeitiçado por ela, uma mistura de graça, inteligência e ousadia, já que a dama o enfrentava com um olhar de quem parecia tencionar matá-lo. Sua afronta era cortante, enfurecida, e lhe dizia claramente que ela não cederia. Aquilo o estimulava ainda mais a tê-la. Ele jamais se intimidava frente a uma batalha. Quanto maior o inimigo, maior a força de sua vontade. Portanto, ela seria deflorada por ele ou ele não era *um guerreiro Douglas*. Como aliados, contava com a pragmática prima e o arruinado futuro sogro.

Sir Evans era odiado por muitos, em especial, por seus

servos. A Revolta dos Camponeses havia-o enfraquecido ainda mais, pois estava terrivelmente endividado. Achava que aquilo tudo o levaria definitivamente à ruína. Dessa forma, aquela união com a parte da família com influência na Câmara dos Lordes e com o rei era fundamental, pois decidiria os rumos do reino. Ele não podia perder a nova oportunidade que, literalmente, batera à sua porta.

O duque de Yorke, certamente, ficaria revoltado. Porém, embora hierarquicamente superior ao conde de Douglas, estava velho demais para um embate, e seu herdeiro era um efeminado, que seria trucidado por lorde James se ousasse enfrentá-lo. Por isso, Sir Evans não temia mais o duque. Sua filha não perderia aquele casamento.

Criada em Londres, Mary havia morado alguns anos na França com a tia. Já lia revistas femininas editadas somente para mulheres e tinha conhecido várias outras culturas. Era audaciosa, forte e intrigante para os costumes da época. Questionadora demais. No entanto, simples, doce e meiga com quem merecia o seu afeto. Seu sorriso era contagiante, amolecia até o mais duro dos corações, exceto o do pai.

Em toda a sua vida, miss Evans jamais pudera contar com o carinho paterno. O pai a desprezava visivelmente. Tinha-o visto apenas três vezes em dezessete anos, todas acompanhada da tia, e, em todas elas, ele se negara a falar de sua mãe. Na primeira vez que o visitara, com 10 anos,

fizera várias perguntas àquele homem estranho que a tia havia-lhe dito que era o seu pai. Não vira amor no seu olhar. Afeto, mesmo, tinha recebido da velha e geniosa marquesa. No entanto, tal amparo se fora com sua morte.

Na casa de Sir Evans tinha feito amigos. Afeiçoara-se a uma serva de nome Matilda assim que a vira, quando ainda era criança. Chamava-a carinhosamente de Mati. Por meio dela conhecera vários outros, entre eles Tomboy e Gill. Também conhecera Jack, um servo que ela havia visto sendo humilhado, jogado no chão pelo empregado do pai, uma cena terrível da qual jamais se esqueceria. Gritara com o administrador, chamara-o de mau e fora tirada do local arrastada por Sir Evans. Odiaria o pai desde então.

Toda vez que visitava a casa senhorial, as primeiras pessoas a quem ela procurava, além de Mati, eram Jack, Tomboy e Gill. Foi Jack quem a ensinou a nadar no rio. A menina-dama e o servo eram amigos. Voluntariosa, ela sempre exigia a presença de Jack, e Sir Evans, acuado pela poderosa marquesa, acabava cedendo. Para o servo, as sanções sofridas assim que a menina voltava para Londres compensavam o afeto recebido durante sua permanência na casa.

AS ALDEIAS de Alnwick e Berwick haviam parado

para vê-la quando, pouco tempo antes, ela retornava de vez para casa, após a morte da tia. Voltara contra a sua vontade, pois a marquesa tinha filhos e estes, casados, queriam levá-la para suas famílias. O pai, contudo, havia exigido que ela voltasse, pois ansiava pelo dote que a tia lhe destinara.

No dia do sepultamento, impusera que a filha voltasse com ele, sequer permitindo à pobrezinha chorar a morte da tia.

– Mary – disse Sir Evans, assim que voltou do enterro e entrou na casa da falecida marquesa, onde a filha chorava. – Pare com esse choro vulgar agora mesmo! Você é uma dama e damas não choram na presença dos outros. Poupe-me, já tenho problemas demais para me afogar nelas. Seus baús estão prontos, como ordenei? Vamos partir ainda hoje.

Debilidade pela tristeza, ela não tivera forças nem para questionar. A única pessoa que a havia tratado com amor tinha morrido. Estava perdida nas mãos daquele homem que desconhecia por completo.

Quanto a Sir Evans, tinha seus próprios planos. Com aquela aparência, a filha lhe renderia uma boa fortuna. Sabia que a irmã a tinha deixado muito bem. Tomaria posse daquele dote e a casaria, fazendo uma excelente aliança. Queria o poder que um bom genro lhe traria. Nunca lhe teve afeto. Podia até nem ser seu pai. Então, podia casá-la com quem quisesse, e melhor,

independentemente da vontade dela.

Já em Berwick, no dia em que chegou, a primeira coisa que Mary fez foi visitar seus amigos na cozinha, às escondidas do pai, pois ele havia proibido qualquer contato dela com os servos. Entretanto, ela queria ver Jack, pois ele já estava velho, com mais de 60 anos, e nem tinha mais que estar ali. Dissera-lhe isso, mas o servo apenas rira aceitando aquele afeto que lhe fazia tão bem.

Dias depois, numa sala fria, o pai tinha pressa em concretizar seu casamento. Não somente ele ansiava por esse momento, mas também o conde de Douglas, que, um dia após conhecê-la, já marcara o noivado.

O homem que mudaria sua vida, porém, e de quem jamais se esqueceria, ela conheceria horas depois.

CAPÍTULO IV

A caminho da Inglaterra

“Sua vida parecia com o sonho de uma deformada, ou como uma daquelas ficções assustadoras em que, por vezes, o gênio dos poetas recria a imaginação.”^[9]

Leipzig, Prússia^[10], agosto de 1830.

Em um dos bairros mais nobres de Leipzig uma jovem dama requintada entrou apressadamente num coche alugado, que saiu apressado pelas ruelas movimentadas do vilarejo.

O hábil cocheiro, acostumado àquela balbúrdia, contornava homens com sacos às costas, carroças atoladas de quinquilharias, mantimentos e uma infinidade de provisões, cujo destino era o movimentado porto, no qual navios de todos os tamanhos estavam atracados à espera de suas cargas. Nas imediações, um tropel de homens que ganhavam seu dinheiro no grito, disputando um carregamento, baús, bagagens de todos os tipos... e famílias inteiras se esgueirando em meio à desordem à procura de sua embarcação. O horário era favorável à dama, pois um dos maiores navios já atracados em Leipzig estava na iminência de partir, causando tumulto

ainda maior do que o habitual.

Algum tempo depois, já no subúrbio, a jovem descia e entrava ainda às pressas num casebre. Quando saiu, após alguns minutos, não era mais a moça bem-vestida, mas uma simples mulher inglesa, com um antiquado vestido preto de viúva, vinte anos fora de moda. Um véu e um chapéu cobriam seu rosto. Ela gesticulou para o cocheiro, ele se aproximou, entrou na casa e saiu logo em seguida com um baú às costas. Uma movimentação estranha na rua chamou a atenção dos dois. Oficiais com seus uniformes preto, branco e dourado se aproximavam. Aflita, ela entregou uma moeda ao cocheiro.

— Vá! Rápido. Leve o baú ao prior^[11] de Barfussgasschen — ordenou.

Uma fugitiva. Era isso que Eliza Schumacher se tornara. Leipzig, um vilarejo na costa da Confederação Germânica, a cerca de noventa milhas de Berlin, ao sul, tinha sido seu cativeiro.

Ela pretendia chegar a um pequeno povoado no norte da Inglaterra, Alnwick, pertencente ao condado de Northumberland, a cerca de setenta milhas de Londres. O que ela sabia era apenas que seus tios eram rendeiros de um conde e que o chalé onde moravam ficava perto de Alnwick Castle, dele separado apenas por um lago. Amarrado às pernas, levava um pacote de cartas; na bolsinha de tecido, portava tudo o que sua mãe havia-lhe deixado. Mesmo assim, era muito pouco. Ela torcia para

que aquele dinheiro inglês, que mal conhecia, fosse suficiente para levá-la até o seu destino.

Filha de mãe inglesa e pai prussiano, Eliza nunca entendera ao certo por que sua mãe havia guardado aquele dinheiro, até precisar de cada *shilling*. Sua esperança era passar a noite no mosteiro beneditino de Barfussgasschen, nos arredores de Leipzig, e depois voltar ao porto de Lindenauer, de onde embarcaria para Dublin, na Irlanda, e de lá para Liverpool, na Inglaterra. Havia traçado esse plano — metodicamente decorado por ela — com a ajuda de um misterioso monge inglês.

Não seria nada fácil, ela sabia. Seu navio sairia de Leipzig daí a dois dias. Ela pretendia amanhecer no porto e se misturar às famílias que ali embarcariam. Se tivesse sorte chegaria a Dublin em alguns dias. Ainda de navio rumaria depois para Liverpool. Então, já estaria próxima ao seu destino. Pelo menos era assim que imaginava, ou era no que queria acreditar. Conforme as orientações, em Liverpool pegaria um trem para Manchester e, de lá, uma diligência para Newcastle e de lá para Alnwick. Tépidamente lembrou-se de que essas últimas instruções estavam na carta do tio, que trazia com ela. Mas, nela, ele não mencionara nada sobre distâncias.

Contou seus florins^[12]. Não era muito, mas se comesse bastante no mosteiro poderia economizar nas demais refeições. Quem sabe conseguisse com o prior algum pão para a viagem! Seria uma grande sorte.

Uma vez em Dublin, era certo que teria de pernoitar em alguma hospedaria. Precisava separar o dinheiro. A taberna de Broadstone, segundo o monge, era a mais indicada, pois nela ficavam muitas famílias de imigrantes. Assim, poderia se juntar a elas e, quem sabe, até viajar para Liverpool como parte de alguma comitiva. Seria outro golpe de sorte. Entretanto, contar com apenas a sorte a apavorava.

Disfarçada com o modesto vestido de luto que fora de sua mãe, com um desgastado chapéu de palha escura, Eliza se esgueirava pelas ruelas de Leipzig. Tremia o tempo todo, temendo ser reconhecida. Era justificável, pois uma foto sua havia sido estampada no *Einkommende Zeitungen*,^[13] o principal jornal da cidade.

De onde se encontrava até o mosteiro Barfussgasschen era uma longa jornada. Ela não poderia andar pela movimentada estrada do porto, tendo de se esgueirar pelas trilhas, algumas entre as árvores dos bosques, o que aumentava drasticamente o percurso, além do risco real de ser picada por cobras. Ela odiava as cobras!

A agitação e o medo deixavam-na exausta. A pequena bagagem de mão pesava como chumbo. Havia saído do seu último esconderijo ainda de madrugada. A antiga ama inglesa de sua mãe a ajudara a se esconder assim que vira os soldados. Os casebres eram todos iguais em Leipzig e a mulher a tinha levado, de casebre em casebre, para uma capela, onde pudera se refugiar. O monge que a acolheu

conhecera sua mãe e, por alguma razão que ela desconhecia, resolvera ajudá-la. Ela contara a ele sobre a Inglaterra e a casa de sua tia, sua única parente viva no mundo, e ele ajudara a traçar o plano de fuga que iria seguir. Um monge inglês na Alemanha! Devia a ele a graça de não ter sido capturada. Quando os soldados entraram na capela, ele a escondera sob o próprio corpo, debaixo do extenso hábito que usava.

HORAS depois Eliza havia parado para descansar sob um enorme salgueiro. Suspirou. Deixou seu corpo cansado e fatigado escorregar junto ao tronco da árvore. Em parte, sentia-se aliviada por ter se distanciado muito de qualquer habitação humana; por outro lado, sabia que necessitava chegar ao mosteiro antes do escurecer. A extensa paisagem se descortinava à sua frente, uma floresta de lariço, carvalho alvarinho e centenas de macieiras selvagens. Em outro momento de sua vida, senão aquele, certamente teria apreciado aquela visão. Mas, naquele momento, todos os seus sentidos estavam atentos à fuga, à necessidade de se ver livre de um predador... Não era um animal vivente de uma floresta, mas sim um homem violento e traiçoeiro.

Aprumou seu corpo e obrigou-o a caminhar. Tinha escutado um burburinho e estava com muita sede.

Caminhou na direção do som. Logo após um pé de videoeiro branco, um pequeno córrego jorrava água cristalina. Abaixou-se junto à margem e, com as mãos em concha, saciou sua sede. Eliza desejava ficar mais tempo sentada ali, ouvindo o calmante barulho da água. Entretanto, mais uma vez se levantou e se pôs a caminho.

Algum tempo depois, que lhe pareceram horas, ela ouviu uma campana, um som de um sino. Correu na direção das badaladas, mas uma enorme quantidade de amêndoas de faia, com suas folhas avermelhadas, obstruía qualquer visão. Quando ela pensou que já estava chegando ao mosteiro, uma enorme floresta de teixo surgiu à sua frente. Teria que passar por ela. Não podia voltar à estrada e nem sabia mais como localizá-la, pois já estava muito longe de qualquer habitação. Logo após, deparou-se com uma montanha. Uma quantidade grande de amieiro verde cobria toda a região montanhosa. Parecia intransponível. Chorou. Teria que pernoitar ali, embora o trinar dos pássaros fosse uma espécie de consolo. Passar a noite numa floresta seria uma experiência assustadora. Não tinha como fazer uma fogueira e, mesmo se conseguisse, não podia chamar atenção para si. Temia, além do homem, as cobras, os bichos rastejantes e outras feras que, certamente, existiriam naquela floresta.

Centenas de pés de cereja selvagem atraíam os pássaros. O pequeno fruto, dada à preferência das aves, também era chamado de “cereja dos pássaros”. Sentada

sob um deles, com fome, já tendo aceitado o fato de que não havia alternativa senão passar a noite ali, pois o sol estava se pondo, Eliza ouviu novamente o repicar de sinos, dessa vez muito mais perto.

Levantou-se e correu na sua direção. Uma moita de larício encobria uma pequena abertura, facilmente reconhecível. Entretanto, as coníferas, com suas agulhas impressionantes e seu dourado, impediram-na de avistá-la. Passou por um álamo, cortou-se numa moita de azevinho e, finalmente, avistou os salgueiros que o monge havia-lhe dado como referência. Mesmo com os arranhões se multiplicando, não parou de correr. Já tinha anoitecido quando ela, enfim, avistou as luzes do mosteiro à sua frente.

O prior esperava por ela no imenso claustro. Estava ansioso e preocupado com seu atraso. Sabia quem ela era, seu nome... Eliza estava exausta e emudecida, corpo e espírito entorpecidos diante de tudo que passara nas últimas horas, e, por que não, nos últimos dois anos. Quando se sentiu em segurança, não fez muitas perguntas. Queria apenas se alimentar e descansar em paz pela primeira vez depois de tanto tempo. Deitada num humilde catre, ela chorou copiosamente. Depois, já se sentindo mais aliviada, adormeceu.

Dois dias após ter escapado, ela já tinha um bilhete de passagem comprado pelos monges e o plano de viagem metodicamente traçado e discutido, além de uma pequena

quantia em dinheiro inglês dada pelo mesmo monge que a escondera na capela da periferia de Leipzig. Ela queria perguntar quem ele era, como conhecera sua mãe... Ele a olhava como se quisesse lhe dizer alguma coisa. Tentou interpelá-lo, mas o prior a interrompeu, insistindo para que partisse imediatamente para não perder o navio.

Os monges já saíam para o grande mercado como de costume e ela seria levada com eles numa velha carroça puxada por um cavalo, sob uma lona escura, até o porto de Lindenauer. *Lá estaria entregue a Deus, a si mesma, ao seu destino...* Foi o que o prior lhe disse.

A carroça era conduzida por um velho monge. Ao lado dele, o monge inglês que a ajudara.

Quando foi deixada nas imediações do porto, ele aproximou-se dela. Eliza segurou-lhe a mão, afetuosamente.

– Muito obrigada, padre.

– Monge Jacob – ele respondeu, sorrindo.

– Monge Jacob! – ela repetiu. – Onde o senhor conheceu a minha mãe?

– Na Inglaterra.

– Mas onde, lá?

– Precisa ir, miss. Seu navio vai partir. Não se esqueça das nossas instruções.

– Mas, apenas me diga mais uma coisa. Por que me ajudou?

– Eu era o confessor de sua mãe. Nem tudo está

perdido, minha filha. Tenha fé! Encontrará a sua família na Inglaterra ou eles lhe encontrarão. Vá agora! Precisa ir.

Ele apertou-lhe a mão, enquanto o velho monge voltava com um ajudante. Tudo foi muito rápido. Seu baú foi levado, obrigando-a a sair às pressas para não perdê-lo de vista.

O dia mal havia clareado. O porto estava abarrotado de passageiros. Eliza viu uma família com duas moças e se juntou a elas. Seria a parte mais fácil. Elas falavam pouco e não lhe fizeram perguntas. Pareciam camponeses imigrantes e analfabetos. Ao entregar seu bilhete, logo atrás do último integrante da família, não teve nenhum problema. Foi tomada como parte dela. Na embarcação, procurou seu beliche e deitou-se nele, agradecida. Seu coração estava apertado, mas, quando o navio zarpou, a esperança brilhava em seus olhos. *Salva, finalmente!*

Os monges tinham-lhe dado muito mais do que um pão. Decidiu racionar o alimento, pois não sabia o que viria pela frente. A comida servida no navio não era boa, mas insistiria em comê-la mesmo assim. O pão do mosteiro chegaria duro em Dublin, mas impediu que passasse fome.

Desembarcou no *Royal Canal Company*, com a mesma família, mas deixou-a imediatamente. Andou até a taberna Broadstone, cujos donos — Mr. e Mrs. Rooney — falavam inglês, o idioma que sua mãe fizera questão que ela aprendesse. A tarifa para uma cama de solteiro

custava mais do que ela imaginava, mas pagou assim mesmo, contente porque tinha com quem conversar no idioma da mãe. Sentiu saudades dela. Não entendia como a mãe, numa época em que poucos eram alfabetizados, sabia o Francês tão bem quanto o Inglês. Eliza falava as duas línguas, embora tivesse menos desenvoltura com a francesa.

Ela logo ficou sabendo, por Mrs. Rooney, que pelo menos três barcos diariamente saíam de Dublin para Liverpool. A viagem levava de doze a quatorze horas, segundo a mulher. Soube, ainda, que podia embarcar em qualquer navio de carga, pois nesses a passagem era mais barata do que em navios de passageiros. A taberneira havia aprendido, servindo seus hóspedes, que havia um comércio marítimo totalmente desenvolvido entre a Irlanda e a Inglaterra, não se rogando a passar tudo o que sabia à sua bonita hóspede. Falava com desenvoltura sobre negócios de homens.

Na manhã seguinte, orientada por sua nova amiga, Eliza se dirigiu ao escritório da *Steam Packet Company* para comprar seu bilhete. Sua travessia seria no outro dia às oito horas da manhã. Mais uma diária teria que ser paga.

A travessia seria uma experiência traumática. Havia poucas cabines. Além disso, o navio estava transportando animais no convés, e eles eram mais bem tratados do que os passageiros. *Por isso, as passagens eram mais*

baratas. Mesmo assim, Eliza sentia-se grata, pois sua bolsa de dinheiro estava cada vez mais leve. Ao desembarcar em Liverpool estava muito fraca, quase doente, pois no navio havia ficado exposta ao tempo e se alimentara muito mal.

Em Liverpool, conforme planejava, pegou o trem para Manchester, na linha a vapor inaugurada havia quatro anos. Subjugada, suspirou. Não tinha mais dinheiro para pagar hospedagem, estava imunda, faminta... E as poucas moedas inglesas que possuía mal dariam para pagar a diligência que a levaria até Alnwick. Quando disse ao cocheiro que precisava chegar às terras de um conde do qual não sabia sequer o nome, em Alnwick, mas que tinha pouco dinheiro, ele pegou apenas uma de suas moedas. Por que fizera isso ela não entendeu. A passagem, certamente, custava muito mais. Agradeceu-lhe sinceramente.

Ao entardecer, desembarcava em Alnwick, sob chuva. Dirigiu-se para a taberna local para pedir informações. Todos os homens olharam-na cobiçosos, mas quando perguntou onde morava John Baker e qual era a distância até Alnwick Castle, baixaram a cabeça respeitosamente. Um entregador de carne apresentou-se, informando que estava indo fazer uma entrega ao mordomo do Alnwick Castle, prontificando-se a levá-la até *o chalé de John*, como disse ele. Eliza aceitou de bom grado.

CAPÍTULO V

O cavaleiro do Tyne

“O maior dos pintores pintou apenas uma vez um ser misteriosamente divino; ele não conseguiria dizer como o fez e nós não sabemos dizer por que o consideramos divino... existem reservas ocultas na natureza humana que nossa compreensão ainda não conseguiu arrolar...”

[\[14\]](#)

Berwick, agosto de 1388.

Protegida atrás de uma moita de urzes, Mary Evans o viu chegar montado no mais bonito alazão que já tinha visto na vida. O animal brilhava de suor e o cavaleiro reluzia disposição e firmeza. Inicialmente, ela se assustou com a valentia que viu naqueles olhos verdes escuros, mas acabou seduzida pelo poder que emanava dele – uma força que se agigantava na robustez da montaria – e que, ao apeiar, somente aumentou sua exuberância, tão alto que era. Ele caminhou em sentido oposto ao dela para dar água ao animal.

Ela o observava. Viu a intensidade de sua potência, o

que lhe avivou a cor da face e trouxe vigor às suas entranhas. Ele era como o deus da fertilidade que Mary Evans tinha visto nos livros. O frescor e o ímpeto que dele saíam causavam-lhe um incitamento desconhecido, um viço que atiçou a sua determinação e o seu destemor. As compridas e musculosas pernas mostravam força a cada passada, a rigidez dos músculos era visível sob a roupa. Vestia-se como um guerreiro. Ela observou sua lança, sua cota de malha e seu elmo preso à cela. Contudo, estranhamente ele estava só. Seus lábios estavam cerrados e seu maxilar contraído. Dos olhos saíam faíscas, uma espécie de furor. Mas, ao lado de sua boca notava-se um sutil traço de ternura, que a fez estremecer.

Era um dia quente e miss Evans havia dito à madrastra que iria passear no jardim. Entretanto, angustiada com os últimos acontecimentos – com Sir Evans obrigando-a a um noivado sem seu consentimento –, resolvera caminhar para poder pensar no que faria. Quando se deu conta, tinha-se distanciado muito e já estava indo para as margens do rio Tyne, a uma distância considerável da casa senhorial. Foi andando, subindo e descendo as charnecas, parando para admirar as flores e os campos, com matizes diferentes de verdes salpicados por nuances brancas, que se moviam para as profusões de capim, e cada vez mais longe de casa. Estava só, pois preferia a solidão à companhia de lady Evans, e ainda não tinha uma dama de companhia.

Sir Evans, desacostumado com todas as regras da sociedade inglesa, não tinha atinado para essa necessidade, apesar dos protestos de lady Evans de que, se a dama continuasse se portando como uma vulgar criada, ele jamais conseguiria casá-la com um nobre. A madrasta havia-lhe dito que, por sorte deles, o conde de Douglas era um escocês e não vivia ali, pois, caso contrário, não iria querer ter como mulher uma dama vulgar que andava para onde queria em companhia apenas do seu guarda-sol, e, ainda por cima, ia ao estábulo, pegava um cavalo na hora que bem entendesse e, “*Deus me livre! Monta feito um homem!*”. Desde que a tia morrera, Mary não tinha mais com quem conversar. Mas recusava-se a ficar sem seus passeios por falta de acompanhante.

O desconhecido abaixou-se e, com as mãos em concha, tomou água do rio. Depois levou seu enérgico animal e amarrou-o próximo a uma moita de capim para que se saciasse. Olhou de um lado para o outro, retirou as enormes botas de couro e aço e as jogou de lado. A vestimenta justa era retirada, peça por peça. Ela viu seus largos ombros nus... o peito de aço que brilhava sob o sol de agosto, os pelos escuros molhados de suor. Tudo aquilo lhe era assustadoramente atraente.

Fechou os olhos quando ele chegou à cota de malha. Contudo, instigada por uma enorme curiosidade e um estranho desejo, abriu-os novamente. Ela tremia, pois

sabia que estava fazendo algo impróprio, mas estava fascinada pela masculinidade que irradiava do corpanzil à sua frente. Estremeceu novamente e quase gemeu. O corpo do estranho era como as imagens que ela vira nos livros da tia, *os corpos dos deuses*. Os músculos das suas nádegas eram firmes, seu abdômen parecia de pedra, e... Ela não podia olhar! Corou, trêmula e angustiada. Será que estaria desonrada para sempre por *ter visto um homem nu*?

Mas Mary não conseguia parar de olhar. O sol refletia na pele curtida e queimada do cavaleiro. Os cabelos negros como azeviche brilhavam como espelho; os olhos, de um verde que ela jamais tinha visto, já não estavam mais anuviados. Ele mergulhou no rio e os respingos quase a alcançaram. Embevecida, ela não tirava os olhos de seus vigorosos movimentos. Estava cativa, incontrolavelmente atraída. Nunca tinha visto um homem nu, assim, em carne e osso. Nem em sua fértil imaginação chegara a vislumbrar algo parecido. Os *corpos dos deuses* não estavam tão bem representados como pensara até então. *O artista falhou*. O que via, naquele instante, era a mais poderosa espécie masculina, que nem seus próprios sonhos algum dia tinham vislumbrado. Gemeu alto. Assustada, esboçou uma exclamação. Mexeu-se apavorada, e um seixo rolou até a água. Assustado com o barulho, ele perscrutou à volta. Seus olhos, então, alcançaram a baixa moita de urzes.

– Quem está aí? – ele gritou, rispidamente. Todo o corpo do guerreiro já estava preparado para o ataque. Ela hesitou e emitiu um suave som de desculpas, o que o fez imediatamente relaxar, pois percebeu que não se tratava de um inimigo. Havia sido descuidado afastando-se de seu grupo e seria facilmente abatido ali, *nu*, desprotegido como estava. – Saia daí. Mostre-se! – ele ordenou.

Sua voz era quase doce, com um quê de riso. Mary continuou quieta e se encolheu mais, na tentativa de diminuir de tamanho. Mas, sua túnica era ampla e parte do tecido azul estava bem visível. Por um momento ela se lembrou de que se esquecera de respirar e sua respiração saiu ofegante. Ele nadou na direção da moita, saiu do rio e foi até as urzes. Sem alternativa, ela se ergueu. Seu rosto queimava de constrangimento. Sabia que estava corada como um pêssego.

– Quem é você? – ele perguntou. Havia um misto de riso e falsa indignação na voz do cavaleiro. Parecia se divertir com a situação.

– Miss Evans. Desculpe-me, *Sir*. Eu não devia...

– Evans? Nunca soube de nenhuma miss Evans por aqui – ele disse, abrindo o sorriso mais contagiante e branco que ela já tinha visto. O desconhecido ria dela, do embaraço visível dela por ter de admitir que o tempo todo estivera espionando-o. E a punia psicologicamente. Mary percebeu que os olhos dele fechavam-se quando ele sorria.

Contagiada pelo riso, ela também sorriu, recatadamente. Ele se aproximou perigosamente, examinando-a com atenção, e ficaram frente a frente. Embaraçada, baixou os olhos, mas assustada pelo que viu tão próximo dela, quase tocando a sua túnica, abruptamente olhou para cima. E seus olhos encontraram os dele, risonhos, irônicos, totalmente cientes da aflição que causava nela.

O cavaleiro olhou para sua boca rosada e depois para os seus olhos. Ela podia sentir a respiração ofegante dele próxima à sua face. Tremia e, tomada por uma estranha timidez, retraiu-se um pouco. Cairia sobre a moita se ele, sorridente, não a tivesse segurado pelo braço naquela hora. Os olhos de Mary demonstravam uma confusão de sentimentos, recato e receio, mas o desejo de que ele chegasse mais perto e a beijasse sobrepunha-se a tudo. Entretanto, ele não ousou fazê-lo. Apenas a manteve segura pelo braço, como se a protegesse de cair.

– Você é francesa? — ele perguntou, gentilmente.

– Não. Sou inglesa, apenas morei lá um tempo com minha tia. Meu nome é Mary — ela respondeu, timidamente. Sua voz tremia e ela segurava seu guarda-sol com tanta força que seus dedos estavam brancos.

Ele soltou seu braço, ela lamentou. Olhou para a boca dele, bem desenhada. Uma boca forte. As linhas que vira antes continuavam lá, uma de cada lado, finas e convidativas ao toque de sua língua. Sentiu uma vontade

imensa de elevar a sua mão e tocar aquele rosto, uma vontade que fazia doer. Voltou aos olhos dele, estavam indecifráveis, enquanto ele olhava fixamente para sua boca. Ela aprumou-se, quase nas pontas dos pés, desejando alcançar logo aqueles irresistíveis lábios à sua frente.

– Sou Henry Northumberland – ele apresentou-se. Seus olhos percorreram todo o corpo de Mary, do rosto aos pés, numa avaliação criteriosa e ousada.

– Está me dizendo que é Sir Henry, o filho do conde, aquele que todos chamam de “o fogoso”? – ela perguntou. Não podia acreditar. Aquele cavalheiro era uma lenda em Londres.

Muitas vezes ela tinha escutado as damas falando de Sir Henry, muitas delas casadas, sempre se referindo a ele com risadinhas maldosas. Ouvira certa vez uma conversa entre lady M– e a condessa de J–: “Sir Henry, o futuro conde de Northumberland, justifica o nome que tem. Posso lhe garantir, nada se compara ao seu vigor... é incansável”. Agora ela sabia por que ele causava tamanha comoção entre as mulheres. Aquele frenesi todo era devido àquilo que ela tinha acabado de ver.

– Você não é daqui, não é? – ele respondeu com outra pergunta.

– Fui criada por uma tia em Londres, mas tive que voltar, pois ela morreu. Cheguei há três dias... – ela explicou. Estava visivelmente nervosa e falava

atropeladamente.

– Miss Evans... É filha de Sir Evans? – ele prosseguiu. Pelo visto, acabara de descobrir quem ela era e, por uma sutil e estranha reação que lera em seus olhos, Mary percebeu que ele não gostara de tal descoberta.

– Sim, mas... – ela confirmou, de modo hesitante.

Naquele momento soube que não se equivocara ao interpretar sua reação de pouco antes. Sir Henry lançou-lhe um frio olhar anuviado, deu-lhe as costas, mergulhou no rio e nadou para a margem, na qual havia deixado as suas vestes. Era como se a conversa entre eles, a intensa troca de olhares e até certa atração que ele também sentira tivesse sido apenas fruto de sua imaginação.

Vestiu-se sem olhar para ela, montou em seu cavalo, e partiu sem ao menos olhar para trás. Ela ficou parada, surpresa, olhando-o se afastar num galope. Seu coração comprimiu. *Por que ele havia reagido daquela forma?*

Voltou para casa mais angustiada do que saíra e disposta a interrogar lady Evans sobre quem eram realmente os Northumberland. Queria saber tudo sobre eles. Haveria algum grande motivo, pois somente isso explicaria a reação daquele cavalheiro. Ele a repudiara assim que soubera quem era. Todo o calor que ela vira nos olhos dele, desde que os pousara nela, esvaíra-se no momento em que soubera de quem era filha. Os ombros dela decaíram. Por quê? Estava obcecada por aquele cavalheiro, queria conversar com ele, conhecê-lo, tocá-lo

com sua boca... Suspirou ébria de tristeza. Por que não com aquele cavalheiro? Com ele, ela aceitaria se casar.

– Quem você conhece dessa família, miss Evans? Acabou de chegar e já está arrumando confusão? – respondeu-lhe lady Evans, olhando-a de cima a baixo com indiferença.

– Conheci um deles hoje e, quando eu disse de quem era filha, parecia que eu tinha dito que era a filha do diabo em pessoa. O cavalheiro fugiu de mim.

– Pois fez muito bem. Melhor para você. A nossa família e os Northumberland há gerações não se entendem.

– Não se entendem? Mas, por quê?

– São inimigos ancestrais. Compreende? – a madrastra enfatizou, rabugenta.

– Não compreendo. Nunca ouvi falar mal deles em Londres, muito pelo contrário. Os Northumberland são queridos e protegidos do rei – insistiu miss Evans, enfaticamente.

– É melhor ficar bem longe deles, e não repita essa história perto de Sir Evans. Vá logo tomar seu banho e se arrumar. Mina te espera há horas. O conde de Douglas está vindo para marcar a data do casamento.

– Como marcar a data do casamento?! Eu nem consenti com o noivado!

– Agradeça a Deus que um Douglas se interessou pela senhorita, uma...

– Uma?! – interpelou-a miss, intrigada.

– Nada, não quis dizer nada. E saiba que toda mulher neste país daria tudo para casar-se com um Douglas.

Mas miss Evans nem ouviu a última frase da madrasta. Em sua mente uma pergunta continuava latente: por que os Northumberland e sua família não se davam bem? Mas, por mais que tentasse imaginar a razão, a imagem nua e máscula do homem que acabara de conhecer não mais lhe saíria da mente, atrapalhando sua concentração.

CAPÍTULO VI

O vilarejo e o estranho

“Pense num dia qualquer e o subtraia, e veja que, sem ele, sua vida teria um rumo inteiramente diferente. Faça uma pausa, você que lê estas palavras, e, por um momento, pense na imensa corrente de ferro ou de ouro, de espinhos ou flores, que talvez jamais o tivesse encadeado, não fosse a formação do primeiro elo de um dia memorável.”[\[15\]](#)

Alnwick, outubro de 1830.

Localizado no norte da Inglaterra, o condado de Northumberland é um dos maiores na Inglaterra. No passado enfrentara inúmeras guerras, dada a sua proximidade com a Escócia, mas fora passando de pai para filho, de um conde para outro e havia séculos as terras de Berwick, Tynedale, Tynemouth, Redesdale e Hexhamshire integravam o condado, cuja sede era Alnwick. Dessa história sangrenta o conde Hotspur não se orgulhava, mas se orgulhava de sua extrema beleza, das terras férteis, cercadas por montanhas, de suas charnecas cortadas pelo rio Tyne. Uma região fria, que no inverno se pintava de branco, mas renascia na primavera. Tal frieza,

entretanto, não se estendia ao povo que ali morava, trabalhava e criava os filhos. A maioria dos habitantes era de rendeiros do conde. Muitos também eram os que trabalhavam diretamente no próprio castelo, sendo motivo de orgulho pertencer a uma família cujos membros sempre serviram em Alnwick Castle. Foi o que a miss Schumacher de Leipzig — agora Eliza — descobriu assim que deixou de lado o seu continuado espírito de acossamento, como se alguém a perseguisse continuamente, e deu abertura aos rendeiros que tentavam aproximar-se dela.

No dia de sua chegada, ao deixá-la em frente à *cottage* de John Baker, Mr. Staudt teve a sensatez de não lhe contar que o homem havia morrido. No trajeto, passou a chover torrencialmente. Logo, a carroça do açougueiro atolou num buraco de uma lama pastosa, daquele tipo que se forma com dias e mais dias de chuvas, com carroças, animais e carruagens passando e alargando-o cada vez mais, deixando-o como uma armadilha aos desavisados. Eliza decidiu descer para ajudar a empurrá-la, embora o açougueiro protestasse, pois ela era uma dama. *Dama? Nas condições em que se encontrava?* Teve que rir quando olhou a barra de seu vestido totalmente manchada por uma cor avermelhada. Seus calçados estavam imprestáveis, e seus dedos quase congelados.

Trocaram poucas frases durante o percurso. Eliza estava acanhada e ele também era tímido. Mas Mr. Staudt

percebeu que ela não sabia nem do desaparecimento da mulher e, muito menos, da morte recente de John Baker. Enquanto ela o aguardava tiritando de frio no pórtico sobre o lago, tratou de ir avisar ao administrador do conde que a sobrinha do falecido esperava por ele sem saber de nada.

Assim, coube ao próprio Mr. Dornford lhe dar a desconcertante notícia.

– Ele está morto e minha tia Elizabeth desaparecida? Oh! Meu Deus! Meu tio está morto! Morto! Mas, quando ele morreu? E minha tia? Ninguém desaparece assim! Quando isso aconteceu? – Eliza perguntou, visivelmente chocada. Estava apavorada, tremia e falava sem parar. Alguma coisa muito estranha estava acontecendo.

– Sim, miss. John Baker morreu recentemente... Mas Mrs. Elizabeth está há muito tempo desaparecida – respondeu Mr. Dornford.

– Mas... eu não compreendo. Muito tempo, mas quanto? – ela insistiu, sem resposta. Mr. Dornford tinha aberto a cabana e acendia o fogo da lareira, pois o frio era congelante. Ele percebeu que a moça estava pálida demais, talvez, além do choque da lamentável notícia, estivesse doente por causa da chuva e da friagem.

– Eu sinto muito, miss. Mas não tenho nenhuma boa notícia sobre seus tios. Não entendo porque o John não mencionou isso na carta, como a senhorita disse. Há anos ninguém mais fala de Mrs. Elizabeth neste condado. Eu já

tinha até me esquecido completamente de que um dia ela esteve por aqui – o homem justificou-se. Mr. Dornford estava desconcertado.

– Eles não têm filhas? Todo mundo tem filhos...

– Não, miss.

– Como ele morreu?

– Estava doente fazia muitos anos, estava velho...

– Oh, mas isso é uma tragédia! Eu nunca podia imaginar...

– Eu realmente sinto muito. Mas, a senhorita não tem acompanhante? – ele perguntou, pois percebeu que a moça era instruída, falava o Inglês corretamente, muito melhor que ele próprio, apenas com um sutil sotaque estrangeiro.

– Não, senhor!

– Poderá ficar aqui, miss. Depois a gente vê o que faz com relação a acompanhante. Vou mandar trazer lenha e mantimentos. Deve trocar essa roupa molhada, senão vai adoecer, se já não estiver doente. Deve se agasalhar melhor também. Não sabia que essa terra era fria?

Ela balançou a cabeça, tristemente. Ficou sentada em frente ao fogo e não disse mais nada. Mr. Dornford, embaraçado, pois apesar das roupas estranhas que ela usava, a moça era bonita demais, pediu licença e saiu com a promessa de que logo a lenha e o restante seriam entregues na cabana.

Pouco tempo depois chegava um carregamento de lenha, porém molhada, pois a chuva não dava trégua. Foi

colocada sob o fogão para que secasse. Alguém, que ela não soube o nome, mas viu que era um rapaz, colocou alguma coisa na despensa, olhou para ela timidamente, fez uma pequena reverência e saiu. Muito tempo depois, quando a roupa já secara em seu corpo, ela levantou-se e foi procurar algo para comer.

CANSADA, Eliza tinha dormido direto quase uma noite e um dia, mas ao acordar, notou que o torpor havia passado. Juntamente com ele também passara a chuva. Foi então que ela se deu conta de que não existia mais ninguém no mundo que se importasse com ela, nenhuma tia Elizabeth para chorar em seu colo, nenhum tio, nem primos... Um sentimento de abandono tomou conta de seu espírito, uma saudade profunda de alguém que outrora lhe fora fundamental, que ainda o era, e um sentimento de autopiedade sobre ela se abateu, sentimento que ela não queria e não podia deixar que se alojasse em sua alma. Refutou-o com todas as forças que um espírito quebrantado possui, débil estímulo, mas ainda assim eficaz.

Tomou um banho demorado, como havia dias não o pudera fazer, e saiu para sentir o tímido sol inglês sobre a face. Foi nesse momento que se deparou com alguém a olhando. Inicialmente se assustou, mas era apenas uma

roliça mocinha, que logo ficou sabendo se tratar da leiteira do Alnwick Castle, como a jovem se apresentou. Viera lhe trazer um litro de leite a mando de alguém. Pegou o leite timidamente e agradeceu, de forma gentil, mas não se atentou a convidá-la para entrar. Olhava para aquela imensidão verde-musgo quando a moça voltou-se e foi embora, sorrindo-lhe. Ela também sorriu, sem saber que o fazia, uma resposta involuntária ao riso do outro. Não se lembraria, depois, se a moça lhe havia dito como se chamava.

Seu desjejum, naquele dia, tinha sido substancial, pois Mr. Dornford havia mandado presunto, manteiga, ovos, pão, uma quantidade de suprimentos que havia meses não tinha à disposição. Mas ela não tinha velas, lampiões ou mesmo uma lamparina. A cabana, quando a luz do fogão se apagava, mergulhava numa densa escuridão. Não que tivesse medo de escuro, havia passado por escuridões maiores e mais tenebrosas para temer uma simples falta de luz, mas não tinha como se locomover, pois ainda não conhecia o lugar. Com o tempo, talvez, pudesse passar sem as velas. Aprenderia sobre cada canto daquele chalé. Afinal, nada mais havia para fazer senão olhar para as velhas paredes. Mas ela estava intrigada. O suprimento recebido do castelo a incomodava... e mais aquele leite. Não era certo aquilo. Olhou para as batatas e para o bacon com um sentimento estranho. *Por que eles a estavam sustentando?*

Foi à cozinha para ferver o leite e logo em seguida apareceu um casal de rendeiros à procura de uma vaca fugitiva, como eles lhe disseram. A primeira impressão que ela teve do casal foi de que pareciam ter saído de um antigo álbum de família.

– Bom dia, miss! – disse um homem, acentuando exageradamente o pronome de tratamento. Tinha pele bem clara, porém queimada pelo sol, com uma vasta cabeleira branca como paina. Logo atrás dele estava uma pequena senhora, também de pele muita clara. Ela tinha os cabelos igualmente brancos e presos em um rijo coque.

– Bom dia – respondeu ela, sorrindo.

– A miss é nova aqui, não é? Ficamos sabendo. Sabe como é...– disse ele, num linguajar quase incompreensível. O inglês era rudimentar, com erros principalmente de pronúncia e de concordância.

– Sim, eu cheguei ontem.

– Sei. A miss vai morar sozinha, sozinha? – perguntou o velho.

– Na verdade, não. Tenho como companhia este cachorro, que apareceu aqui, acredito que era do meu tio, pois se sente muito à vontade na casa. Dei a ele o nome de Schuh^[16] – respondeu ela, apontando para o cão deitado, sonolento, sob o banco da cozinha. Quando os visitantes chegaram, ele tinha se levantado, ido até eles e os cheirado, mas, ao perceber que não representavam nenhuma ameaça, voltara a dormir.

– Schuh?! – o velho rendeiro parecia surpreso.

– Dei a ele este nome, pois, quando cheguei, tropecei nele com meu sapato e, como não me ocorreu nada melhor na hora, o chamei de Schuh – ela explicou, rindo. – Ele também é enorme, tem as patas longas e imperiosas, e se espalha no chão como dono da casa – completou, sorrindo novamente e olhando do rendeiro para o cão.

– Ah, sim! Mas esse é o cão do...

– A miss é muita bonita – interrompeu-o a mulher, que até aquele momento tinha ficado calada.

– Obrigada – Eliza agradeceu, sorrindo, o que foi retribuído pelos dois.

– A miss *nos desculpa*, mas a nossa melhor vaca leiteira fugiu *pras* bandas de cá. A miss *viu ela* por aqui? – perguntou a mulher, que, mais tarde, ela descobriria ser Mrs. Joann.

Eliza não tinha visto a vaca, mas deixou os seus novos vizinhos à vontade para procurá-la na pequena propriedade, cheia de mato e muito capim.

– Está lá a danada, John – disse a mulher. Eliza olhou na direção apontada e viu a vaca pastando tranquilamente.

– A miss é da cidade? – perguntou o homem, sem jeito. Aos poucos, os ouvidos de Eliza iam-se acostumando àquele palavreado típico de pessoas incultas.

– Sim, mas não de Londres – respondeu, sem dar mais explicações.

O casal disse para procurá-los se precisasse de alguma

coisa, ofereceu a carroça que eles tinham e um cavalo, caso precisasse ir ao vilarejo distante umas quatro a cinco milhas dali. Ela agradeceu, lembrando que precisava de velas.

A choupana de Mr. John e Mrs. Joann fazia divisa com a do finado John Baker, mas não era visível, pois ficava atrás de uma encosta. Durante a conversa, ficaria sabendo que os filhos do casal trabalhavam no Alnwick Castle para o temível lorde Hotspur. Ela perguntou sobre a tia desaparecida, mas eles pouco ou nada sabiam sobre ela. Disseram que ela estivera pouco tempo ali e que depois desaparecera.

– Não entendo. Como alguém desaparece assim?

– Não sabemos de nada, miss. Só sabemos o que John Baker falou. E ele disse apenas que ela foi embora. Baker não era de falar muito, e não gostava que nós fizéssemos pergunta. Como era amigo do conde, ninguém mexia com ele.

– Amigo do conde? – ela perguntou, visivelmente curiosa.

– Sim, sempre foi. Quando era jovem foi escudeiro do outro conde, o anterior a esse; e depois de velho, virou seu protegido.

– O conde mora no castelo? – ela quis saber, hesitante. Temia demonstrar interesse... e, por consequência, despertar a atenção do *depravado* sobre ela.

– Mora, mas está sempre em Londres. Quase nunca está

aqui. Só no verão.

Eliza recordou-se do que tinha escutado na diligência, das orgias que ele fazia no castelo, e pensou que até que o verão chegasse ela teria alguns meses para sair dali. Sua mente estava longe, quando eles perguntaram de onde ela tinha vindo. Instintivamente respondeu:

– Leipzig, um vilarejo prussiano, costeiro.

– Leipzig? Um país estrangeiro. Veio de tão longe?

Somente nesse instante ela percebeu que se tinha traído. Arrependeu-se, mas já havia dito. Balançou a cabeça concordando.

– Mas, a miss veio de lá pra quê?

– Meus pais morreram, eu só tinha tia Elizabeth e tio John no mundo.

Ela mudou o rumo da conversa, começou a falar de plantações e soube que eles mantinham uma que resistia até mesmo ao inverno. Tratou de demonstrar interesse para fugir de novas perguntas pessoais.

Para sua surpresa, os dois filhos do casal — David e Addy — inesperadamente chegaram à *cottage*. Eram muito diferentes um do outro: um era mestiço indiano com impressionantes e expressivos olhos verdes; o outro era branco de olhos negros.

Como podiam ser irmãos, ela não sabia. Mas, imaginou que David fosse adotado, pois os pais eram brancos como Addy. Soube, então, que um era o cocheiro do conde e o outro era jardineiro do castelo.

– Quem é cocheiro? – perguntou ela. Notou, nessa hora, a coloração abrupta no rosto de Addy.

– Sou eu – respondeu David.

– Fiz alguma pergunta indevida? – quis saber, um pouco envergonhada, pois percebera que Addy estava desconcertado.

– Não! – respondeu Addy. Seu rosto tinha uma coloração vermelha.

– É que eu estou *em cima* dele – respondeu David.

– *Em cima* de Addy?

Eliza olhou para o rapaz e seus olhos azuis estavam espantados.

– David está querendo dizer que está acima do irmão no castelo – explicou o pai.

– Ah! Eu sempre tive curiosidade de saber como funciona essa hierarquia num castelo.

– Hierarquia? Que é isso? – perguntou o desinibido indiano.

– Quem fica acima de quem. Essas coisas... – respondeu ela, ainda um pouco acanhada.

– Ah, então é isso. Eu explico. Quem manda em tudo é o conde. Mas, quando ele está em Londres, o que sempre acontece, mas às vezes vem pra cá, é assim que funciona. Vamos começar pelas mulheres: a governanta é Mrs. Chapman. Ela manda em todas as outras. Depois vem a cozinheira, Mrs. Dornford; depois a irmã de Mrs. Chapman, que era a babá do conde, mas como ele não

precisa mais de babá, ela agora é copeira. Depois vem a lavadeira, que é irmã de Mrs. Dornford; a leiteira, que é prima de Mrs. Dornford... Entendeu?

Eliza respondeu que sim. Mesmo não tendo entendido bem, percebeu que muitos deles eram parentes.

– E você e o Addy, onde entram na hierarquia.

– Na dos homens, tem Mr. Dornford, que é o administrador das terras. Quando o conde não está, é ele quem manda em todo mundo, até em Mrs. Chapman e ela não gosta de ser mandada. Gosta de mandar. Depois vem Mr. Mercer, que é o mordomo; depois vem Mr. Wilbur, que é o valete do conde. Aí vem o chefe dos lacaios, que é o Bill; depois vem eu, o cocheiro; depois o postilhão, depois o jardineiro... Addy está *embaixo* de mim – disse David, apontando para o irmão, que novamente ficou vermelho. E o indiano continuou:

– Mas têm muitos depois dele, ele não precisa ficar vermelho feito uma framboesa. Tem o porteiro, os outros lacaios, o cavaliário, a arrumadeira, a ajudante de cozinha e muito mais.

PAROU a carroça e sentiu um alívio por se ver livre do som irritante das rodas. *Certamente estão precisando de óleo*, Eliza pensou. Desceu com o cão caminhando ao seu lado. Achou o vilarejo de Alnwick aconchegante,

simples e limpo. As pessoas olhavam-na com curiosidade, mas ela sabia que cidades interioranas tinham essa característica. No entanto, passou os olhos pelo vestido azul, reformado por ela, certificando-se de que não perdera nenhuma parte dele nas rodas da carroça. Era um vestido de bom tecido, contudo, fora de moda. Mas, ela queria o quê? O vestido tinha mais de vinte anos! Mesmo sendo um modelo inglês, ou francês, era muito antigo, mas eram as únicas roupas que ela tinha agora, herdadas do velho baú de sua mãe. As vestimentas que sua querida maezinha usava quando tinha a mesma idade. Mas, os modelos prussianos que usava em Leipzig não serviriam ali, mesmo se ela tivesse tido como trazê-los, o que na fuga não fora possível.

— Ufa! — suspirou aliviada. Estava totalmente vestida. Ajeitou em torno dos ombros o grosso xale que tinha encontrado na cabana, extremamente colorido, mas quente e bastante apropriado para aquele clima, e levou a mão ao chapéu de palha, certificando-se de que ele ainda estava em sua cabeça. Percebeu que vários fios tinham se soltado de sua trança, mas o esforço para fazer com que o cavalo, emprestado dos vizinhos, mantivesse a carroça na trilha fora grande demais para se preocupar com sua aparência.

Viu a taberna em que estivera três dias antes. Notou que os seus frequentadores vieram à porta, estavam parados com seus copos nas mãos, e olhavam para ela e para o cão. Várias mulheres também saíram de suas casas

e todas olhavam para ela, curiosas. Algumas até apontavam. *Estranho! Por que olham tanto para mim?* Tudo no vilarejo era muito simples. Ela não se sentiu rebaixada por seu vestido fora de moda. *Mas, por que me olham tanto?* Quase tropeçou. *Que lugar estranho! O que há de errado comigo?*

Uma igreja, uma loja de adereços femininos, uma casa de chá e... *Onde devo encontrar velas?* Olhou de um lado para outro, mas não achou nenhum estabelecimento que pudesse vender o produto. Avistou a loja do boticário, com duas portas de cores azuis e... *Aquilo está parecendo uma mercearia.* Caminhou até lá. Enquanto andava, apressadamente, pensou em visitar a esposa do vigário numa outra ocasião, pois queria alguns conselhos sobre onde poderia se empregar como preceptora, tendo em vista que era prendada, sabia música e falava três idiomas. Seu pai fora pianista e ela fora criada ouvindo Bach, Mozart e tantos outros, então gostar de música foi natural.

Sentiu-se aliviada quando entrou na loja. Não se incomodava em ser olhada na rua, muitos a olhavam também em Leipzig, mas ali em Alnwick ela se sentira muito desconcertada. Era uma estrangeira numa terra cujos costumes não conhecia e devia estar fazendo algo muito errado, do qual não se dera conta ainda.

A mercearia de Alnwick era aquele tipo de comércio onde se vendia de tudo, de comida à ração para cavalos.

Quem atendia aos clientes era Mr. Harris, simpático homem de uns 60 anos, que conhecia todos pelo nome.

– A miss é nova por aqui?

– Ah, sim. Cheguei há poucos dias – ela respondeu. Seu tom ao falar foi simpático, embora não quisesse entabular qualquer conversa. Queria as velas, nada mais. Não sabia se o seu dinheiro daria para pagá-las, tendo em vista que lhe restavam algumas poucas moedas que o cocheiro da diligência não pegara. O cão estava atrás dela, o que a preocupava, pois havia presuntos pendurados na parede.

– Este não é um cão qualquer, é um nobre animal! – disse o homem, sorrindo.

– O senhor tem velas? – perguntou.

– Ah, é estrangeira! De onde veio? – perguntou o vendeiro, atento ao seu sotaque diferente, ao mesmo tempo em que apontava um balcão nos fundos onde as velas estavam arrumadas. Não esperou pela resposta dela e se voltou para atender a uma matrona que o havia abordado ruidosamente.

Aliviada, ela foi até o balcão e pegou uma vela. Olhou o preço e estremeceu levemente. *Nossa! Bem, teremos que ficar no escuro. Não podemos pagar pelas velas. Conforme-se, é só irmos para a cama bem cedo* – ela falava enquanto passava a mão na cabeça do cão ao seu lado. Certificou-se de novo do valor da mercadoria, pegou sua bolsinha e contou seus shillings. *Não vamos*

poder levar a vela mesmo, Schuh. Viu o preço? Temos que olhar o lado positivo das coisas! Não fique assim... Aqui pelo menos posso dormir em paz, coisa que eu não fiz nesses dois últimos anos. Fique tranquilo, não vou recomeçar a chorar... – continuou falando, enquanto o cão se esgueirava para trás de um saco de batatas. *Cachorro estranho. Estava aqui neste instante...*

– Schuh! Schuh! Venha aqui! – ela chamou, falando alto. *O nome dele pode ser qualquer um, menos esse* – resmungou. Estava agitada e saiu quase correndo para o lado do balcão onde estavam dispostos os presuntos. *Se o cão os comer, estarei perdida. Como os pagarei?! –* Schuh! Schuh! – Eliza passou a repetir baixinho, temendo chamar atenção dos demais fregueses.

– Calma. Ele está aqui comigo!

A voz, profunda, era de um homem. Ela olhou para trás. O cavalheiro era tão alto que a obrigou a erguer seu rosto para encará-lo. Bem-vestido, usava uma casaca preta e camisa branca engomada. Olhava-a curioso. Certamente tinha escutado o seu monólogo com o cachorro. Ao pensar nisso, ela enrubesceu. – Ele esteve o tempo todo aqui comigo – repetiu o cavalheiro, que aparentava uns 30 anos, talvez um pouco mais. Tinha um aspecto normando e era o homem mais belo que os olhos de Eliza já tinham contemplado.

– O tempo todo?! Mas então... O senhor também esteve o tempo todo exatamente aí, exatamente onde está? – ela

perguntou, gaguejando, enquanto sua face tomava a cor de uma cereja inglesa de primavera.

A última coisa que ela queria na vida era ver se espalhar pelo condado a notícia de que era uma “morta de fome”. Muito menos que aquele belo cavalheiro, com exuberantes olhos verdes, soubesse disso. *E o que mais ela havia dito, meu Deus! Aquela sua eterna mania de falar com seres inanimados e agora com animais!*

– Perfeitamente, madame.

– Costuma ficar ouvindo a conversa dos outros, senhor? – ela desafiou-o, asperamente. O medo sempre a deixava enfurecida.

O cavalheiro olhou para um lado, para o outro e para trás, então apontou para frente com a cabeça.

– Com exceção do merceeiro, lá no balcão, e nós dois, madame, não vejo outra pessoa aqui. Ou estou enganado? – ele ironizou. Uma sobrancelha se ergueu, e ela viu em seus olhos que ele estava rindo dela, apesar dos lábios crispados.

– Há quanto tempo o senhor... Oh! Bem, há quanto tempo o senhor está aqui na mercearia? – ela perguntou, fazendo-lhe visível acusação com a entonação da voz. Seus olhos azuis soltavam chispas.

– Há bastante tempo, madame.

Ela estreitou os lábios. Aquele cavalheiro estava zombando dela e não existia nada que a exasperasse mais do que a ironia.

– Escute aqui, Sir. É muito constrangedor ter uma pessoa ouvindo a nossa conversa e ainda por cima zombando dela.

– O que a faz ter tanta certeza de que eu a estava ouvindo, madame?

– Bem... Eu não sei exatamente...

Novamente, aquela maldita sobrelha erguida, sarcasticamente, com aqueles olhos que ela já tinha vontade de arrancar. – O que foi exatamente que o senhor ouviu?

– A não ser que costuma falar sozinha ou com um cão, madame, não ouvi nada, absolutamente nada – ele retrucou. Dessa vez sorria abertamente e ao lado dos seus estupendos olhos verdes algumas linhas se formaram, dando mais beleza ainda ao seu rosto.

– Seu, seu... – ela protestou, juntando as duas mãos em fúria. Aquele normando a tinha escutado e ria dela descaradamente. Aquilo não era uma atitude de cavalheiro. – O senhor não foi um cavalheiro. Foi um...

– Perdão, madame. Não tive a intenção de exasperá-la. Apenas me disseram que meu cão desaparecido estava na mercearia e, antes que ele causasse prejuízo ao merceeiro, entrei para buscá-lo. Sinto muito se a madame...

Ela ruborizou até as orelhas.

– Não se preocupe com isso – ele encerrou a conversa, virando as costas com uma pequena mensura e saindo de perto dela.

Schuh o acompanhou. O cão parecia completamente hipnotizado pelo homem.

– Schuh! Schuh! – gritou ela, histérica, saindo atrás deles. O cão continuou o seu caminho sem lhe dar atenção.

– Traidor! – Eliza esbravejou.

– O nome dele é Hotspur – disse o estranho.

– Oh, não! Não é mesmo! Não pode ser! Quem daria a um cahorro o mesmo nome do conde de Northumberland?!

– murmurou baixinho.

O cavalheiro parou e se voltou para ela:

– Conhece o conde Hotspur, o “fogos”? – perguntou-lhe, com um sorriso malicioso, enfatizando o adjetivo.

– Eu... não... Eu não disse nada... – ela gaguejou, novamente.

Mas que audição os ingleses têm! Como ele pôde me ouvir se praticamente pensei... Teve vontade de dizer que era amiga íntima do conde e fazer aquele sujeito metido baixar a sua audaciosa petulância, mas ponderou. *Amiga íntima* sugeria alguma coisa que ela, de fato, não desejaria que aquele sujeito — nem ninguém dali — pensasse dela.

– O conde de Northumberland, o senhor quer dizer? Não, não conheço. Lógico que não! — Eliza afirmou, impondo a voz.

Não sabia ao certo se era sua impressão, mas acreditou ter visto um brilho zombeteiro perpassar os olhos que a fitavam ironicamente. *Sujeito atrevido*. Como ousava

brincar com o nome do conde?! *Dá-lo ao seu cachorro...* Talvez fosse algum amigo de Londres, tão pervertido e *fogoso* quanto ele...

Deixou o cavalheiro de lado e voltou para o balcão dos fundos da mercearia em busca das velas, enquanto contava seu dinheiro inglês. Ao constatar que o que dispunha não seria suficiente para pagá-las, virou-se e rumou para a porta de saída. O estranho já havia ido embora.

– Madame, madame! – chamou-a o merceeiro, aflito.

Ela voltou-se. Estava envergonhada. Não sabia o que dizer.

– Madame. Por que a senhora não leva alguns quilos de batata, alguns de bacon, ovos, mel...?

– Oh, não! – respondeu. Sorria constrangida com sua situação.

– Madame, o conde de Northumberland deixou a sua conta paga e...– o vendeiro informou-a, enquanto apontava para onde uma linda carruagem preta, na qual estava estampado o brasão dos Northumberland, estava parada. Ao lado dela, o cavalheiro que tanto a incomodara... e encantara pouco antes. Conversava calmamente com alguém.

– Oh! Como assim?! Quem é o cavalheiro? – ela perguntou, gaguejando, apontando para a carruagem.

– Puft! Mas eu vi a miss e o conde conversando agorinha ali... Foi uma enorme honra para mim. Em toda a

minha vida, madame, e na vida de meu pai, de meu avó, que montou essa mercearia, nunca antes tivemos honra tão grande. E tudo por causa de um cão, quem diria!

– Sim, imagino, senhor.

Honra. Mas, como eu poderia saber?! Estou perdida...

– Não posso aceitar! – disse ela, empinando o seu nariz prussiano resolutamente. Já que, certamente, seria colocada na rua, pelo menos manteria um resquício de dignidade.

– Olha, madame, não tenho nada com isso, mas o senhor de toda Alnwick e redondeza disse que não era para eu aceitar o seu dinheiro, pois ele é o seu senhorio. Não posso receber da senhorita.

– Mas eu não estou levando nada, meu senhor – ela protestou.

– E as velas?

– Não as levarei – ela respondeu, ruborizando.

– Perdão, madame, o conde me disse para colocar velas também nos pacotes.

– Pacotes?!

– Sim, já estão em sua carroça.

– Não! Eu mesma vou lá dizer isso a ele – ela retrucou. Caminhou apressadamente para o outro lado da rua, onde tinha visto a carruagem parada. Não estava mais lá. Nessa hora já fazia uma curva e desaparecia de sua vista.

– Ele já foi embora – disse o merceeiro, suspirando

lividamente. Eliza voltou à mercearia, ainda indignada.

– Tudo bem, então – bufou. – Também não quero prejudicá-lo, meu senhor. Já basta uma pessoa...

– Muito obrigado, madame. Sua carroça já está abastecida.

– Mas, são somente velas? E... como sabia da minha carroça? Não é nem minha?

– Ah! A carroça é do David, o indiano, o cocheiro do Alnwick Castle. Reconheci seu velho pangaré. E o conde mandou abastecer a carroça.

– Mas, eu... – ela tentou protestar. Calou-se. Todos já sabiam que ela era a nova moradora do lago Green. De repente, deu-se conta do que ele dissera.

– Abastecer a carroça?

– Sim, madame.

Encontrou a carroça cheia. Não havia dúvida. O conde que dera seu próprio apelido a um cachorro havia escutado toda a sua silenciosa conversa. E estava com pena dela ou... Pensou melhor: ele pretendia lhe dar uma lição.

CAPÍTULO VII

Um noivado?

Não tropeçamos nos maciços e sim nos outeiros.

Berwick, agosto de 1388.

Miss Evans só tinha um pensamento: o cavalheiro do rio Tyne. Queria vê-lo novamente e lhe explicar que ela não tinha culpa pelas desavenças ancestrais de sua família, da qual, aliás, desgostava tanto quanto ele. Assim, arrumou-se sem qualquer contentamento para o noivado. Não se casaria com o conde de Douglas e, portanto, não queria impressioná-lo. Colocou seu pior vestido e prendeu os cabelos num coque severo. Mas, antes de descer, lady Evans passou por seu quarto:

– Que vestido medonho é esse? – a mulher gritou quando a viu. – Está pretendendo sabotar o casamento, vejo isso claramente. Não irá com isso.

– Este é o meu melhor vestido.

– Não pode ser... então terei que lhe emprestar um dos meus – disse a madrastra, saindo do quarto. Retornou

minutos depois dando mais ordens: – Pode soltar o cabelo. Com ele assim parece vinte anos mais velha.

Lady Evans chamou a ama e ordenou que trançasse os cabelos de miss Evans. Esta estava totalmente apática, os pensamentos muito longe dali. Em qualquer direção que olhasse, em qualquer paisagem que se descortinasse diante dos seus olhos, à sua frente havia um cavalheiro... e ele estava nu.

O conde de Douglas, contudo, não era feio, ela concluiu intimamente, enquanto olhava para ele momentos depois. Entretanto, nada poderia ser comparado ao magnetismo do cavalheiro do rio, que fez seu sangue pulsar velozmente e fez tremer seus membros... Era a vida pulsando dentro dela, lembrando-a de que o amor circundava-a como um cheiro suave. Nada podia ser como antes, algo mudara repentinamente, mas de maneira indelével; e seus planos tomaram outro rumo. Como podia se casar com o conde de Douglas se o cavalheiro do rio não lhe saía da mente? Enquanto o olhava sem o ver, um ousado plano se formava em sua mente, muito mais auspicioso. Permaneceu calada durante toda a ceia. A noite estava sendo um fracasso, segundo lady Evans. Mas, mesmo assim, o acordo do noivado seria selado.

O dia mal amanhecera e miss Evans escapulia pelos fundos em direção ao estábulo. A grama estava tomada pelo orvalho, e a barra de sua túnica se molhou. Mas ela nada percebia. Jack já estava alimentando os cavalos nas

baías e ela o chamou, pedindo que selasse sua égua, o último presente da marquesa. Queria pensar, o que fazia melhor quando estava em movimento. Cavalgou por muito tempo. Voltou ao rio, mas o cavaleiro não estava lá. Quando estava voltando para casa, percebeu que a égua mancava. Lembrou-se do dono da mercearia, Mr. Derrick, e resolveu procurá-lo. Havia anos não o encontrava. Ainda era uma criança quando o vira pela última vez, mas algo, naquele instante, a induzia à mercearia. O idoso homem, que caminhava devagar, tão encurvado quanto um caniço, acabara de abrir as portas e a reconheceu de imediato. Sorrindo, ele disse:

– Ora, ora! Bom dia, miss Evans. Quase não a reconheci. Não teria reconhecido se a notícia de sua chegada não estivesse de boca em boca por aí. Mas, por que essa expressão de preocupação na testa, menina? Algum problema com o animal?

– Bom dia, Mr. Derrick. Ela está mancando.

– Venha cá – disse ele, aproximando-se da moça e passando a mão carinhosamente por sua cabeça, um gesto de um antigo amigo, e depois acariciando o lustroso pelo da água. – Pode ser apenas um pedregulho. Passou pelo rio?

– Sim, saltei o riacho na parte estreita.

– Igualzinha à mãe... Era uma mulher linda, forte e corajosa. Mas muito arteira – o homem justificou-se, rindo de forma saudosa. Por alguns instantes, ele parou o

que fazia, mantendo a pata do animal elevada, sua mente longe dali.

– O senhor conheceu minha mãe?! – Miss Evans questionou-o. Estava muito surpresa, pois nunca alguém lhe havia falado sobre a mãe. A marquesa dizia que não havia convivido com ela, pois tinha estudado na França, depois havia se casado, enviuvado e sempre morara em Londres. Já Sir Evans nunca falava a respeito.

– Sim... – ele hesitou.

– O que sabe dela? Por favor, Mr. Derrick– insistiu, com um quê de ansiedade na voz.

– O que lhe contaram sobre ela? – ele perguntou, com certa rispidez na fala, como se não quisesse falar mais.

– Bem, o que todos sabem.

– Eu não sei *o que todos sabem*.

– Que meu avô trouxe-a da Escócia e que depois ela se casou com meu pai...

– Casamento, casamento... — Mr. Derrick resmungou. Parecia aborrecido.

– Não houve casamento? É isso que o senhor quer dizer? Sou uma bastarda?

– Ela era linda e seu pai a pegou como mulher — o homem revelou.

Miss Evans sentiu um arrepio. Seu pai era tão rude.

– Eu nem sei o nome de minha mãe. O senhor não imagina como isso é frustrante para mim?! – disse ela, suspirando. – Quando pergunto aos servos eles me dizem

que ela não tinha nome. Como se isso fosse possível! Todo mundo tem um nome.

– Ela tinha um lindo nome.

– O senhor sabe qual era? Conte-me, por favor.

– Não consigo imaginar nenhum problema em você saber o nome de sua mãe. O nome dela era Mhairi.

– Mhairi – ela repetiu, sorrindo. – Um lindo nome mesmo! Obrigada, Mr. Derrick. Por isso eu nunca consegui dar um nome a ela. Nunca eu teria imaginado... – Miss Evans estava emocionada. Mr. Derrick olhou-a e seus olhos pareciam marejados.

– Sim, vocês têm o mesmo nome. O dela é Mary em escocês.

– Bem, eu gostaria muito de saber mais sobre ela. O senhor pode me contar? – ela insistiu baixinho, enxugando os olhos discretamente.

Mr. Derrick, entretanto, não queria falar mais sobre o passado e desconversou.

– Leve o seu animal para o Percy olhar. Ele gosta de cavalos, aprendeu como cuidar deles com um velho cocheiro e, com certeza, vai saber cuidar da sua égua — ele recomendou, gentilmente, procurando encerrar a conversa.

– Onde mora esse Percy?

O homem indicou o caminho e despediu-se dela.

Miss Evans pegou o atalho sugerido por Mr. Derrick e, devagar, saiu puxando a égua pacientemente. O local não

era distante da vila, mas como ela andava lentamente, a viagem tornou-se longa.

Quando avistou o lugar, ela se assustou. *O castelo do conde?! Mr. Derrick deve ter se enganado. Esse Percy não pode morar ali.* Logo, contudo, se recompôs. Certamente o tal Percy, que entendia de cavalos, seria o filho do cocheiro.

À medida que se aproximava, seu coração batia cada vez mais forte. Era naquele castelo que morava Henry Northumberland, o cavalheiro do rio. Ela conhecia aqueles muros intransponíveis, as dezenas de torres... Muitas vezes tinha passado por ali cavalgando e admirado sua entrada, que parecia uma grande igreja, com uma torre de cada lado, e os seus jardins, pois toda a gigantesca construção era cercada por um gramado com flores amarelas, roxas e brancas, e centenas de árvores. A fortaleza era circundada por um rio, com acesso exclusivamente por uma ponte sobre um amplo fosso.

Quando caminhava sobre a ponte, Miss Evans foi abordada por um guarda que fazia a sentinela do pórtico. Ele olhou-a intrigado, depois examinou sua montaria. Assim que ela perguntou por Percy, o homem liberou sua entrada. *Então o filho do cocheiro mora mesmo neste castelo!* Foi encaminhada ao estábulo, uma construção tão grande que a deixou boquiaberta. Um homem que estava chegando naquele exato momento, vestido com uma capa escura, olhou para ela como se estivesse vendo um

espectro. Miss Evans ficou curiosa pelo olhar perscrutador. Ela estava exausta, havia andado horas e, certamente, a sua aparência não devia ser das melhores, mas olhá-la daquela forma era quase ultrajante.

— Quem é a senhorita? O que faz por aqui? Está perdida?

— Boa tarde, senhor — ela respondeu com uma profunda reverência. — Sou miss Evans. Estou à procura de um tratador para ajudar-me com a égua. Ela está mancando.

Ela notou que os modos do cavalheiro suavizaram; passaram de rispidez à bondade. O que havia dito para despertar aquela atitude, ela não sabia. Mas, ele chamou o cavaliço, ordenou que levasse a égua e a tratasse, instrução que ela quis acompanhar de perto. Seguiu o servo pelos grandes corredores de pedra, no encalço de sua égua, com o maduro cavalheiro ao seu lado observando-a atentamente como se ela tivesse saído de um conto de *As Mil e Uma Noites*. A égua foi colocada numa grande baia, foi-lhe trazida água e feno. Para atender à moça, uma criada de quarto fora chamada. Quando se deu conta, miss Evans estava numa sala particular de alguma dama, sendo tratada como uma convidada de honra. Depois que sua *toalete* estava adequadamente feita, e seu cabelo despenteado novamente trançado, foi-lhe servido um refresco para mitigar os efeitos do forte calor.

Tudo isso acontecia enquanto todos pareciam procurar Percy. A impressão era de que ele não estava em lugar

nenhum, pois muito tempo já se havia passado desde que fora recebida. Enquanto o cavaleiro que lhe abordara no estábulo fazia-lhe toda sorte de perguntas — sua origem, idade, quando chegara à vila... —, sua impaciência aumentava a despeito de todo aquele tratamento. Finalmente, Percy apareceu.

Miss Evans ficou lívida quando o viu. Em seu íntimo ela já suspeitava, mas se fosse uma moça frágil teriam, naquela hora, de recorrer aos saís para animá-la. Sir Percy era o mesmo Sir Henry Northumberland, o cavaleiro nu do rio Tyne.

CAPÍTULO VIII

A cabana do lago Green

“O próprio sol parece fraco através da névoa matinal.”^[17]

Alnwick, Inglaterra, outubro de 1830.

Era pitoresca. Isso ninguém podia negar.

O telhado era de colmo, espesso e amarronzado. Mas como estava disposto sobre grossos troncos de madeira, e as sementes aspergidas por pássaros silvestres brotassem devido à umidade, era também meio esverdeado. Na primavera, ganhava tons mais alegres. Os grossos feixes de trepadeiras e flores do campo, das mais variadas estações e espécies, precipitavam-se ao longo da parede e floresciaam dando ao local um colorido exuberante.

As brancas paredes, com quadrados de madeira escura, eram cercadas por açafrão amarelo, prímulas e campânulas, que praticamente as velavam pela opulência da natureza. As janelas eram azuis, um azul desbotado. Mas as flores que circundavam a bucólica construção ainda resistiam à estação fria. E se mantinham vivazes, numa profusão resistente de cores que deixavam a tarde menos lúgubre.

A chaminé, que atendia aos dois queimadores, o do fogão e o da lareira, era de tijolos avermelhados. Dela

estava saindo sempre uma fumaça cinzenta, mas que logo se espalhava, não comprometendo toda aquela beleza natural. A rústica construção destacava-se em meio ao verde, às árvores e aos arbustos. Os fundos davam para o lago, onde patos selvagens nadavam tranquilamente.

Todo o interior da cabana era bastante simples. No térreo ficavam a sala, com assoalho, e a cozinha e uma pequena despensa, em piso de terra batida. O mobiliário era mínimo, além de muito velho. Na cozinha, além do banco, uma mesa pequena e duas cadeiras ocupavam quase todo o espaço. No andar superior, o sótão, ficava o grande quarto. Algumas tábuas estavam soltas. Uma grande cama de madeira escura ocupava o centro. Nela, Eliza passaria parte do seu tempo para economizar vela e lenha.

Na lateral da cabana, uma armação de madeira, imitando um pergolado, era coberta por trepadeiras, heras de tons amarelados. As laterais eram cobertas deixando apenas uma parte livre, a que dava para o lago, e garantia a necessária privacidade. Embaixo dessa estrutura que encobria o precário lavabo, uma mesa de madeira lavada e uma espreguiçadeira, cujo hábil inventor parecia tê-la esculpido num grande tronco, pesado para arrastar, porém leve para balançar, dava-lhe conforto. Era ali que Eliza gostava de ficar, enrolada em seu espesso xale, com um livro à mão e uma xícara de chá sobre a mesa da frente, às margens do Green — nome mais do que apropriado para

aquele lago, considerando a intensa vegetação verdejante que cobria quase toda a sua superfície.

Próxima à *cottage*, uma estreita faixa de areia grossa formava uma minúscula praia. Tinha até um velho barco para quem quisesse se aventurar. Não era o caso de Eliza, que temia as criaturas que viviam nas imediações. De dia, elas ficavam silenciosas, mas à noite acordavam numa barulhenta orquestra. Na região, também era comum ver esquilos vermelhos, veados e aves selvagens.

Não lhe fora possível ver toda a extensão do lago quando chegara à cabana, pois, como estava anoitecendo, parte dele e as montanhas ao fundo estavam encobertas pela névoa. No dia seguinte ficaria deslumbrada com todo aquele esplendor à sua volta.

SENTADA na sala, com um livro nas mãos, mas sem lê-lo, ela deambulava mentalmente sobre cada instante vivido naquele dia. Lembrava-se do cavalheiro da mercearia. Ele não era nada parecido com a imagem que fizera do conde Hotspur. Havia concebido em sua mente um homem muito mais velho, de faces gordas e avermelhadas. Era assim que sempre imaginara os nobres da Inglaterra, que, com suas mesas fartas, suas orgias e vida fácil acabavam fisicamente volumosos.

Mas ela estava morando numa casa nas terras dele.

Certamente, depois da forma desrespeitosa com que o tratara na mercearia, ele mandaria expulsá-la. Para aonde iria? Teria de arranjar um trabalho, mas em Alnwick todo mundo trabalhava para o conde. Teria que sair do condado. Não tinha dinheiro nem para uma vela, o que deveria fazer? Humilhar-se e pedir desculpas? Afinal, ela não sabia que aquele cavalheiro, tão petulante, era o próprio conde! Sentia-se angustiada e aflita. Lembranças dolorosas trespassaram sua mente. Debruçou-se sobre a velha mesa e chorou tanto que seu corpo ficou amolecido. Fechou os olhos e acreditou ter cochilado, pois se assustou com as sucessivas lambidas do cão.

– Mudou de ideia, seu ingrato? Hotspur é mesmo um nome apropriado para você, seu traidor.

No entanto, o cachorro não foi para a cozinha, como de hábito, e sim diretamente para a frente da cabana. Saiu correndo, abanando o rabo como se saudasse alguém.

– O que foi Schuh... Hotspur? Isso ainda vai me enlouquecer! Muito descortês de sua parte me assustar — disse. Mal-humorada e estranhamente insatisfeita pela lembrança da rejeição do cão, ela foi atrás do animal.

Para sua surpresa, o conde estava em pé, com o braço apoiado numa linda montaria, um cavalo tão grande e assustador quanto ele. Combinava bem com seu título e sua posição. Ele lhe fez uma pequena mensura, tocou no chapéu e sorriu, ironicamente. Tarde demais ela se deu conta que seus cabelos estavam soltos, desgrehados, que

seus trajes eram impróprios, que nada ali, enfim, estava certo.

– Milorde – ela cumprimentou-o, fazendo uma leve mensura, e enrubescendo.

– Boa tarde, miss... – ele respondeu, olhando-a atentamente.

– Eliza Schumacher, milorde.

– É um prazer conhecê-la, miss... – ele disse. Seus olhos, embora ele estivesse sério, estavam sorridentes, zombadores... e aquilo a enfurecia. O conde emendou: – Bem, sou seu vizinho, e vim lhe fazer uma visita de cortesia.

Ela também sentiu uma leve zombaria em sua voz.

– Sei quem o senhor é, milorde. O merceeiro me disse – retrucou. E novamente enrubescou. Convidou-o para entrar e caminhou para a frente da lareira. Ofereceu-lhe a poltrona, única, mas ele prontamente recusou.

– Sente-se, miss! — disse o conde, apontando para a poltrona.

– Não, milorde. Sente-se o senhor!

– Sentamos os dois ou ficaremos os dois em pé – ele respondeu, novamente irônico. Ela sentou-se bem no canto da poltrona; ele, na outra extremidade.

– Alnwick Castle não fica longe daqui – disse o conde, apontando na direção do lago como se dissesse “moro numa cabana logo ali”. Ato contínuo, ele completou: – Deve arrumar suas coisas e se hospedar lá. Aqui, além de

não ter nenhum conforto, é perigoso para uma moça sozinha. Já pedi para buscar uma dama de companhia para...

– Não, milorde – Eliza o interrompeu. – Não vou para seu castelo e não preciso de dama de companhia nenhuma.

– Não está segura aqui, madame. Tem noção dos riscos que está correndo?

Eliza ficou calada, pois não sabia exatamente do que ele estava falando. Como ele nada mais disse, ela resolveu instigá-lo.

– Quais riscos, milorde?

Ele parecia com raiva. Por um instante seus olhos se cruzaram. O azul límpido dos dela e o verde profundo dos dele. Ela baixou a cabeça e corou novamente. Lembrou-se do que ouvira sobre aquele homem.

– É jovem demais para viver só. E atraente — ele enfatizou.

– Não sou tão jovem assim. Sua Senhoria está brincando comigo. E acha que alguma moça estará segura em seu castelo?

– Como preferir, madame. Se mudar de ideia, o castelo fica depois do lago. Passando pela encruzilhada, basta seguir à direita, duas milhas mais ou menos — ele ponderou, enquanto continuava a olhá-la insistentemente. Um silêncio se fez. Ela estava muito constrangida. Ele, porém, parecia bem à vontade.

– De onde você veio, miss? — o conde perguntou, de

repente.

Ela o olhou surpresa, estremeceu, pensou em mentir, hesitou...

– De Leipzig.

– Leipzig – ele repetiu.

Pensativo, pôs-se a olhar fixamente para determinada direção, como se lembrasse de algo, ou tentasse localizar a cidade em um mapa mental. Contudo, nada falou sobre sua origem.

– Eu nunca soube que John Baker tivesse irmãos – ele retomou a conversa, voltando a olhar para ela.

– Oh, não! Ele era casado com minha tia. Mrs. Elizabeth. Não se recorda dela? A expressão do rosto dele ficou tensa, mas ele não disse nada e ela continuou: – Eu não sabia que tia Elizabeth tinha desaparecido. Escrevi para ela informando que viria para a Inglaterra.

– E ela respondeu dizendo que tinha se casado com John Baker e que morava aqui? – ele perguntou.

– Na verdade quem respondeu foi o próprio John Baker, coisa que eu estranhei, pois ele não falou que tia Elizabeth tinha desaparecido. Eu só soube disso quando já estava aqui.

– Bem, quem podia esclarecer isso não está mais entre nós. Eu mesmo nunca cheguei a conhecer sua tia. Aliás, nunca soube de casamento algum de John Baker. Tem a carta dele aí?

Ela foi buscá-la no sótão. Quando voltou, notou que ele

estava pensativo, talvez não acreditasse nela. Entregou-lhe a carta.

Alnwick, 1 março de 1830.

Cara sobrinha,

Sua carta muito me surpreendeu e alegrou. Estou pronto para recebê-la em Alnwick no meu humilde chalé. Recebi há dois anos uma carta do prior de Barfussgasschen contando da morte de lady Izabele. Na carta ele me perguntava se eu poderia acolhê-la, respondi que sim, contudo não recebi mais notícias. Fiquei contente em saber que pretende realizar a grande viagem agora. Vou lhe explicar como chegar aqui a partir de Liverpool...

Meus cumprimentos,

John.

– Quem é lady Izabele? — ele perguntou, assim que terminou de ler toda a carta.

– Minha mãe. Ela era inglesa. Mas não sei por que ele a chamou de lady. Iria perguntar quando chegasse aqui.

– O que é Barfussgasschen?

– Um mosteiro em Leipzig. Um dos monges era inglês e conhecia a minha mãe.

– Por que não veio para a Inglaterra no momento em que sua mãe morreu como John Baker mencionou na carta? Seu pai ainda era vivo?

– Não, milorde. Meu pai morreu bem antes de minha mãe, mas eu não pude vir antes. Tinha, tinha... — ela

hesitou, e enrubesceu.

Ele continuava olhando atentamente para ela. Parecia saber exatamente o que se passava em sua mente e não facilitava as coisas. *Meu Deus! Serei descoberta. Não adiantou nada fugir. Esse homem é muito perspicaz.*

– A viagem era cara e eu não tinha o dinheiro, milorde – ela finalmente completou a frase. Ele pareceu satisfeito com a resposta.

– Bem, miss, John Baker foi escudeiro de meu pai, que tinha uma predileção por ele, uma amizade de anos. Como a senhorita é sobrinha dele, devo cuidar de sua segurança. E a senhorita não tem escolha. Enquanto estiver em minhas terras, estará sob minha proteção. Como eu já lhe disse, mandei buscar uma acompanhante em Londres: miss Schmidt. Deverá chegar a qualquer momento. Como a senhorita já me disse que em Alnwick Castle não estará segura, terá que disponibilizar um lugar para ela aqui.

A lareira estava quase apagada, ela estremeceu. Ele percebeu o seu tremor, levantou-se, e colocou uma acha no fogo, reavivando as chamas.

– Eu não tenho escolha. Como milorde disse, estou em sua casa.

– Não, madame. Eu disse que está em minhas terras. Esta cabana não me pertence, como imagino que esteja pensando. O conde meu pai devia um grande favor a John Baker, talvez algo ligado à guerra, pelo menos foi isso que entendi, e doou a ele este chalé. Existe um documento

assinado pelo oitavo conde de Northumberland guardado em algum lugar aqui dentro. Sinto muito que tenha sabido de sua morte apenas quando chegou. Como sobrinha dele, e não conheço mais ninguém ligado a Baker, a miss é a herdeira. Portanto, a cabana lhe pertence. Poderá ficar aqui, se quiser, mas acho impróprio para uma dama jovem morar em um lugar precário como este e, além do mais, sozinha.

– Sir, não posso aceitar o chalé. John Baker era apenas o marido de minha tia. Nunca o vi.

– Isso não altera nada, miss. Li a carta que ele lhe enviou. É a assinatura dele que consta nela.

– Estou grata, milorde. Continuarei aqui, então, se o senhor assim permitir.

Ele apenas balançou a cabeça, levantou-se e se dirigiu para a saída. Repentinamente, como se mudasse de ideia, retornou:

– Tem ideia dos riscos que corre ficando aqui sozinha, sem a minha proteção?

– Quais riscos, milorde?

– É uma dama da cidade. A senhorita pode tentar se passar por uma camponesa, mas não convence ninguém, mesmo usando essas roupas... É obvio que é esclarecida.

– E mulheres instruídas em seu país correm sérios riscos, milorde?

– Não. Mulheres insensatas correm sérios riscos, madame. Mulheres atraentes, inocentes, que vivem

sozinhas, são... – ele parou de falar abruptamente. Uma veia pulsava em seu pescoço mostrando toda a sua irritação.

– São o quê?

– Tem uma única escolha, madame: ou aceita a minha proteção ou se arrependerá.

– Ah! Mas...

O conde não esperou pela resposta de Eliza. Saiu, montou em seu portentoso cavalo e partiu rapidamente. O cão seguiu atrás.

CAPÍTULO IX

Sir Henry Percy

“O amor é um ser que não pede para entrar no coração da gente, e hóspede quase sempre importuno, por pior trato que lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se colocando e deixando ficar sem vergonha nenhuma.”^[18]

Berwick, agosto de 1388.

Miss Evans não podia acreditar. O tratador de cavalos indicado por Mr. Derrick era o cavalheiro do rio. Como?! Ele era um lorde de grande fama em Londres, apelidado de “Hotspur” por sua natureza impulsiva e por... Ela enrubesceu apenas ao pensar no que ouvira das damas na capital. Suas pernas estavam trêmulas e o seu coração acelerado.

– Miss! – disse ele, fazendo uma saudação com um riso malicioso nos olhos. Depois cruzou os braços e ficou olhando-a, como se a surpresa da moça o divertisse.

– Eu... eu... Eu não sabia que se tratava do senhor. Mr. Derrick sugeriu que aqui morava uma pessoa que poderia me ajudar com minha égua. Ela está mancando, acredito que um pedregulho...

Ele continuou calado, fitando-a de uma forma curiosa, pensativo. Ela suspirou, torceu as mãos. Ia pedir que a levasse até o estábulo para pegar a égua e sair dali imediatamente quando ele falou novamente, depois do que, para ela, pareceu muito tempo.

— Onde está o animal, miss?

— No estábulo — ela respondeu, hesitante.

Com um gesto, ele indicou a direção, induzindo-a a segui-lo. Durante todo o caminho, o longo caminho pelos corredores daquele labirinto, ele manteve-se em silêncio. Chegando ao local, pediu ajuda a um cavaleiro e examinou a égua. Deu alguma instrução a um laçao, que saiu e voltou com uma caixa. Ajudado pelo cavaleiro, retirou o pedregulho da pata do animal.

Miss Evans o observava. Gostava de olhar para ele, era seguro no que fazia. Quando terminou, entregou o animal ao cavaleiro, deu alguma instrução, que ela não conseguiu ouvir, e voltou para junto dela.

— O animal precisa ficar aqui. Foi muito maltratado, é melhor não forçá-lo a andar.

Ante o olhar apreensivo de miss Evans, lorde Henry inesperadamente lhe impôs uma condição.

— Preciso que me prometa uma coisa. Isso é fundamental para que eu cuide de seu animal: não diga ao seu pai que esteve aqui — ele disse.

— Por que o senhor não gosta de meu pai? — ela questionou prontamente.

– Isso é assunto para adultos.

– Eu tenho dezessete anos, não sou nenhuma criança.

Além disso, não me incomodo que não goste de Sir Evans

– miss Evans protestou. Virou as costas e saiu.

– Ei! Volte aqui, miss!

– Preciso ir. Devem estar preocupados comigo.

– Eu a levo. Não deve andar sozinha por aí. A floresta não é segura para uma moça.

Lorde Henry pediu ao cavaleiro que selasse seu cavalo. Instantes depois, quando ele voltou com um só cavalo, ela protestou.

– Sou uma dama. Não posso ir montada com o senhor.

– Para quem já me viu nu, isso não é nada, milady.

Mas *nossos impulsos são mais fortes que a razão, às vezes.*^[19] Quando miss Evans se deu conta já estava praticamente no colo de Sir Percy. A rapidez com que ele a pegou, levantou-a e colocou-a sentada sobre o animal foi surpreendente. Ela não tinha medo de cavalos, mas o garanhão era tão arisco, tão assustador, que ela agarrou-se ao seu dorso. O braço de Sir Percy rodeou-a, trazendo-a mais para junto dele. Miss Evans estremeceu levemente. Um arrepio perpassou sua espinha e uma sensação completamente nova a tomou. *Abençoada seja sua inocência.*^[20] Dela e dele.

Sir Percy pegou um atalho diferente, que ela não conhecia. A trilha passava dentro da mata. O motivo para aquela escolha, como ele se justificou espontaneamente,

era impedir fálatórios envolvendo o nome dos dois. Mesmo sendo filha de um homem como Sir Evans, ela era, antes de tudo, uma dama. E assim cavalgavam, juntos e ao mesmo tempo tão separados, cada um deles com seus próprios pensamentos, seus corpos aquecidos pelo calor do sol. E cada um possuía seu sol particular para deleite da alma: algum sonho, alguma paixão, algum passatempo, uma esperança distante e remota que, mesmo sufocada, sobrevivia, como costuma sobreviver a esperança.^[21]

Miss Evans ajustou-se mais ao corpo dele. Aninhou-se naquele peito de guerreiro normando, estava quente. Sentiu seu cheiro, e torceu para que o caminho ficasse cada vez mais longo.

Ele riu desdenhoso. *Quer guardar a sua independência e nem percebe que já está cativo.*^[22] Pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

Miss Evans corou. Quando ela puxou a mão com força, ele soltou uma sonora gargalhada.

– Eu estava apenas com medo de cair — ela tentou se explicar.

– É melhor se segurar mesmo, miss, senão pode cair e se ferir para sempre.

– Se me aperto, o senhor reclama; se solto, também se queixa. O que farei?

– Que seu coração não se perturbe nem tema, moça.

– O senhor é um presunçoso.

– A miss ficou me olhando nu no rio. Agora se

aconchega a mim. Apenas pensei...

– Pensou o quê?

– Que tivesse alguma intenção...

– E se eu tivesse, Sir?

– Eu teria que parar esse cavalo agora e beijar milady

– disse ele, já parando e saltando do animal. Com a mesma rapidez com que a elevou, ele retirou-a de cima do animal. O coração de miss Evans batia descompassado. Nunca havia sido beijada. Não sabia o que fazer.

– Mary é o seu nome, não é?

– Sim – disse ela, olhando para os lábios dele cada vez mais próximos.

– Vou lhe dar um conselho, miss Evans. Cuidado com os cavalheiros. Eles não deixariam passar a oportunidade se tivessem uma linda e inocente dama em seus braços como eu tenho agora.

Ela tentou falar, mas ele colocou o dedo sobre seus lábios, e continuou:

– Não precisa ficar envergonhada. A senhorita teve o azar de me ver nu antes até de me conhecer.

– Azar? – ela estava muito surpresa.

– Sim, azar, miss. A senhorita estava no rio e eu cheguei. Com medo, se escondeu.

– Bem, é verdade. Eu não sabia que encontraria o senhor por lá. Fui apenas para arejar a mente e... – ela abaixou a cabeça.

– Afinal, miss, você é ainda uma criança, mesmo que

no corpo de uma mulher...

– Eu não sou uma criança. Posso nunca ter beijado ninguém, mas sei como essas coisas funcionam.

– Está bem, então vamos embora. Vou te deixar perto de sua casa, mas terá que andar um pouco. Não quero que nos vejam juntos.

Eles se separaram próximo ao rio. Sir Percy despediu-se com um aceno e partiu tão rapidamente que miss Evans sentiu como se tudo tivesse sido um sonho. Em um gesto involuntário, tocou seus lábios com pesar. Voltou seu pensamento à sua situação real. Os instantes especiais que passara com Sir Percy tinham sido fundamentados em ilusão. Sua existência estava em discussão, com outros decidindo seu futuro. Mas sua alma continuava inquieta. Ansiava por uma paixão, aquele mundo de sensações que ela lera nos livros e que desejava para ninguém mais, além de si mesma.

CAPÍTULO X

Alnwick Castle

"... A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa incerteza."[\[23\]](#)

Alnwick, Inglaterra, novembro de 1830.

Uma semana havia-se passado e o conde Hotspur não mais aparecera na casa do lago. Eliza também não tivera qualquer notícia da dama de companhia, da qual ele falara. Andava angustiada de um lado para outro, na ânsia de conversar com alguém. Sua mente em ebulição gritava certas tão audivelmente que ela, às vezes, levava as mãos aos ouvidos no ímpeto de cessá-la. Mas, quando o silêncio é prolongado, a mente sussurra verdades que nem sempre se quer ouvir.

Mesmo contra a sua vontade, tinha de admitir, esperava ansiosamente a visita de alguém, não necessariamente de miss Schmidt, embora já aceitasse de bom grado a companhia de quem quer que fosse. Havia lido tudo que tinha para se ler na casa, o que era muito pouco, pois John Baker e sua tia não eram o que se podia chamar de grandes leitores. A escassez de livros demonstrava essa

certeza. Procurou pelas cartas, as muitas que sua mãe teria escrito à tia, mas não as encontrou. Certamente, Elizabeth as teria queimado. *Por que as guardaria?*

Sentou-se em frente à lareira, pegou seu trabalho de costura e, enquanto reformava mais um dos velhos vestidos da mãe, pensava em como o conde Hotspur podia tê-la deixado ali sozinha depois de dizer-lhe que corria grande perigo. Estava com raiva de si mesma, porque aquilo não saía de sua mente e ela mal dormira nos últimos dias, acordando sobressaltada ao menor ruído. Certamente ele estava em Londres, com alguma de suas amantes, como miss Eliot havia-lhe falado na viagem, e tinha esquecido completamente de sua hóspede indesejada. Ainda se recordava da frase dita pela mulher: “Ele tem muitas amantes e mantêm casas luxuosas para elas na Mayfair e na Belgravia, e as enche de joias...”.

Era essa a proteção que ele queria dar-me? Como ele ousa?! Eliza se perguntava como um homem podia ter tantas amantes e em Londres, tão distante dali... Questionava-se se a solteirona não tinha exagerado. Afinal, ela lhe parecera, à época, uma luxuriosa dama sob a grossa casca de pudor que ostentava. A forma como falava do conde, na verdade, era cheia de um velado apetite. Na ocasião, não prestara atenção a isso, pois a imagem que ela tinha de Hotspur era muito diferente. Entretanto, agora que o conhecera, e tivera uma semana inteira para pensar, sem nada mais para ocupar sua mente,

o que a mulher dissera-lhe fazia todo sentido. Miss Eliot certamente também desejava ser *atacada* pelo conde de Northumberland. Quando percebeu que sua mente vagava em cenários estranhos, quase no submundo da imaginação, chegando à autopiedade, por causa de um suposto abandono de um cão e de um senhorio, tratou de mudar seus pensamentos.

Era quarta-feira. Resolveu que faria uma longa caminhada, pois estava se sentindo solitária e sufocada. *Nem o maldito cão volta para me fazer companhia.* Imaginou, então, que o animal só saía de perto do dono quando este estava em Londres. Nessa hora concluiu que era quase certo, assim, que o conde Hotspur ainda estivesse em Alnwick. Calçou um par de botas, enrolou-se no grosso xale, e saiu. Tomou o percurso oposto a *Alnwick Castle*.

Entretanto, quando tinha alcançado uma encosta, foi vencida pela curiosidade e, de repente, flagrou-se procurando na extensão verde algo que indicasse uma construção centenária. Impressionada, logo o avistaria. Lá estava a moradia do conde, com sua imponência e suas vastas torres de pedra. Sentiu-se diminuída diante daquela visão. Já tinha tentado imaginar o castelo, mas nada chegara perto do que via. Era cercado por um rio que passava pelo lado norte; dos lados sul e leste uma profunda ravina o separava do vilarejo, de forma que a gigantesca fortaleza tinha, estrategicamente, um só

acesso. Os gramados, em toda a extensão da propriedade, eram de um verde lustroso, quase mágico. Toda a construção era muito primitiva, anos e mais anos de histórias nos seus mais recônditos meandros, mas era imponente, intimidadora. Eliza ouvira de seus vizinhos rendeiros que Alnwick Castle era um dos mais antigos e belos castelos da Inglaterra.

Alnwick Castle possuía dois edifícios centrais em forma de extensos anéis. Havia um círculo interno onde, provavelmente, devia ser o coração da fortaleza, com os principais aposentos. Eliza, ao vislumbrar o castelo, imaginou que ali deviam ficar as acomodações do conde. No entorno da fortificação havia uma grande variedade de edifícios ao longo da parede sul, todos ligados ao prédio central por uma espécie de labirinto. As torres eram construídas em intervalos regulares, ao longo das paredes do pátio exterior, rebaixado quase ao nível do solo, de forma que de qualquer parte da construção tinha-se visão para o magnífico jardim. Protegendo o local, uma enorme e intransponível muralha o circundava. A entrada dava-se por uma ponte, amplamente guardada, construída sobre um fosso.

Eliza suspirou, encolhendo os ombros, numa espécie de resignação. De fato miss Eliot tinha razão. Ela era uma ignorante estrangeira. Na costeira e humilde Leipzig não havia castelos, e ela nada sabia sobre os que os habitavam. Mesmo que na cidade de onde viera existisse

algun, como a filha de um professor de música teria acesso a ele?! Seria impossível. Tamanha magnitude à sua frente a fez concluir que o conde de Northumberland era mesmo poderoso, muito mais do que aparentava. Sentiu vergonha de si mesma, de sua petulância estrangeira. Sentou-se para contemplar a construção milenar. Até bem pouco tempo antes, apesar de ela já ter escutado a mãe falando dos castelos da Inglaterra, tudo lhe era tão distante, como se fossem apenas parte de mais uma história das tantas que tinha lido. Mas o que via era real. Estava, em pessoa, diante de um castelo inglês.

Quando se deu conta, estava escurecendo. *Era só o que me faltava, ficar perdida.* Voltando cabisbaixa por uma trilha não percebeu que era observada. Ele surgiu de repente diante dos seus olhos. Deu um grito, assustada. O conde Hotspur mantinha-se parado, todo de preto, ao lado de seu enorme cavalo, também preto.

– Como ousa me assustar? — praguejou, encarando-o.

– Não quis assustá-la, miss. Fui até a cabana e como não estava lá, saí para procurá-la – ele retrucou. Sua voz estava terna e ele a olhava intensamente. Seus olhos tinham perdido o rotineiro ar zombador. Desconcertada, ela abaixou-se para falar com o cão. – *Cachorro ingrato. Agora vem abanando a cauda* – fez um afago na cabeça do animal.

O conde prosseguiu.

– Fui à sua procura para dar notícias de sua

acompanhante. Ela não estava em Londres, mas uma nota lhe foi enviada. Então, virá assim que se desvencilhar de seus compromissos. Miss Schmidt é uma solteirona linha-dura e muito requisitada como dama de companhia. Foi-me indicada pela duquesa de Prudhoe, acredito que deverá servir para a função de lhe proteger. É tão severa quanto um sargento...

— E milorde acha que preciso de um sargento de saia tomando conta de mim? — interrompeu-o Eliza.

— Certamente. Se miss Schmidt estivesse com a senhorita não sairia sozinha, principalmente com um tempo inclemente como esse. Não acha que está muito escuro para andar por aí? Alnwick Castle está naquela mesma posição há mais de quatrocentos anos. Poderia ir até lá em um dia menos frio e em horário apropriado.

— Talvez... Mas ele está bem guardado. Mesmo que eu quisesse entrar, aquela muralha é intransponível.

Ele riu e retrucou prontamente:

— Existe uma forma de se entrar sem ter que saltar a muralha, madame.

Ela também riu.

— Fiquei sentada olhando-o e nem percebi que havia escurecido — justificou-se.

— Parece que a miss não percebe muitas coisas. Não é seguro para uma dama sair por aí sozinha, ainda mais à noite.

— Por que não? Porque posso encontrar com o conde

Hotspur e com seu cão de mesmo nome? Ah! Acho que este é o único contratempo que eu teria, já que com esse *tempo inclemente* ninguém ousa sair de casa.

– A miss está me provocando?

– De forma alguma, milorde. Apenas repeti as suas palavras. O senhor é ou não é chamado de conde Hotspur? Mesmo não tendo sido eu quem lhe deu tal nome, acredito que certamente deve ter feito por merecê-lo. Caso contrário, não se teriam dado ao trabalho de me advertirem contra Sua Senhoria quando estava a caminho daqui.

– Adverti-la contra mim?

– Sim. Disseram-me que sua fama corre por toda a Europa.

– Quem anda lhe informando sobre mim, madame? — ele retrucou. — Preciso desafiar esse bisbilhoteiro para um duelo — galhofou.

– Costuma desafiar donzelas para duelos, milorde?

– Não, madame. Existem diferentes formas de se tratar uma dama, bem mais interessantes do que lhe meter uma bala no coração.

– Amedrontá-la, por exemplo?

As mulheres estão acostumadas a culpar os homens por suas atitudes em relação a elas. Lamentam suas inconstâncias, acusando-os de perversos, de ousados, mas parece que poucas atentam para o fato de que eles são caçadores por natureza e que, se provocados, atacam sua

presa. Se desafiados, mostrarão sua força, seja por instinto ou exibição de poder. Talvez pela pouca idade e inexperiência, Eliza não percebia que havia dado início a um jogo perigoso. Um flerte que ela, certamente, não estava em condições de assumir. Tinha desafiado um *predador* experiente. Hotspur não era de tomar as damas do condado nos braços. Tampouco nenhuma moça daquelas bandas ousaria desafiar o seu senhor. Mas há momentos na vida em que o ser humano, em decorrência de algum acontecimento marcante ou encorajado seja pelo que for, age de forma inabitual. Motivado também por uma atração para a qual não tinha explicação, ele agiu. Se de forma impensada, impossível saber. Talvez tenha seguido apenas seu instinto. De repente, enquanto caminhavam lado a lado, ele pegou-a pelo braço e circundou-a pela cintura, puxando-a facilmente para junto de si.

– Solte-me! – protestou Eliza, debatendo-se.

– Não antes de lhe mostrar o que significa ser chamado de Hotspur. A miss está precisando de uma pequena lição. Afirmo, pelas suas atitudes, que os cavalheiros de seu país são efeminados ou um bando de frouxos.

Logo depois, ele beijou-a na boca. Começou de forma ardente, não dando a ela nenhuma chance de resistir. Mas, à medida que lhe roubava sua doce essência, deu mais ternura ao beijo, numa tentativa de anular qualquer resistência da parte dela. Mas não havia mais resistência. Quando ela se deu conta do que estava fazendo, já era

tarde demais. Agarrada a ele pelo pescoço, ela retribuía desajeitadamente o beijo. Do beijo faminto, selvagem e feroz, ele passou à ternura. Sua língua tocava suavemente os lábios dela, contornando-os, mordiscando-os, numa carícia arrebatadora. Depois a introduziu com doçura, com suaves gemidos, intercalando os beijos com murmúrios, gestos, para Eliza, mais perigosos do que qualquer força que impusesse àquele ato. Por fim, envergonhada, ela tentou resistir novamente. Mas quanto mais ela o empurrava, socava-lhe o peito, debatia-se, mais ele intensificava o abraço e seu beijo voltava à voracidade.

Hotspur desceu a mão acariciando o corpo de Eliza. Depois, passou a beijar-lhe o pescoço, ao mesmo tempo em que a pressionava contra si. Ela sentiu o rijo corpo do conde contra o seu à procura de um caminho que ela desconhecia. Entretanto, aquele toque másculo logo acendia nela uma chama ardente que jamais experimentara. Instintivamente, sua mente mandava detê-lo. Mas ela não era capaz de fazê-lo. Ele havia-lhe sugado todas as suas forças. Como?! Ela não sabia. Nunca sentira nada parecido com aquilo. Sua mente, entorpecida pelo desejo recém-descoberto, não conseguia pensar.

O conde continuava sussurrando em seus ouvidos as mais ternas palavras, cheias de desejo, enquanto suas mãos continuavam percorrendo seu corpo. Com os fartos seios acariciados por uma vigorosa palma de mão, Eliza

só conseguia gemer. Estremeceu, a certa altura, e sua própria boca procurou avidamente a de Hotspur, enquanto suas mãos o enlaçavam pelo pescoço e lhe envolviam a farta cabelereira. Ela *devorava* os lábios dele com um desejo arrebatado em sua inexperiência, mas totalmente disposta a se saciar.

Quando ela, finalmente, suspirou, rendendo-se, ele parou abruptamente.

– É isso que lhe disseram que o conde Hotspur faz? Disseram que possuo um fogo capaz de incendiar, de dar prazer, de arrebatá-la dessa sua timidez e enchê-la de paixão, como agora? — perguntou ele, enquanto a mantinha fortemente presa pelos braços.

Ela tremia, mas não era de frio. Era um misto de raiva, vergonha... e incontrolável desejo.

– Eu tenho um nome! – gritou.

– Nunca me disse, senhorita. Qual é?

– Vá para o inferno!

– Diga-me o seu nome e eu a soltarei.

– Não! – protestou ela. Sentia-se humilhada. Como ele conseguira fazer aquilo com ela? Transformá-la numa... Não queria nem pensar nisso.

– Como se chama, miss? Qual é seu nome, afinal? Se não disser, o tirarei eu mesmo de sua boca – ameaçou-a, segurando-a novamente pela cintura.

– Eliza! Eliza é o meu nome — gritou ela, finalmente, tentando livrar-se do aperto.

– Sim, minha Eliza. Agora me diga se gostou do tratamento que lhe dei.

– Não! Maldito conde Hotspur! – ela praguejou, aos gritos, enquanto, arfante, desvencilhava-se dele.

Ele a alcançou novamente e a abraçou. Ela esperava um beijo ardente, e que o conde a tomasse com força, mas ele foi terno. Abraçou-a apaziguando-a com palavras ternas. Assim que ela esmoreceu, ele colou seus lábios entreabertos sobre os dela, levando-a a instintivamente a abri-los, e introduziu a língua na sua boca tão suavemente que a deixou novamente entorpecida de desejo. Hotspur beijava-lhe o canto da boca, depois voltava aos lábios, com uma doçura que a enlouquecia. Eliza tentou, mas não resistiu, e tocou-lhe a língua com a sua. Ele gemeu alto. Ela sentiu-se derreter num ardor que a consumia e, intimamente, se desprezou por isso. Mas o beijo dele tirava-lhe toda a vontade de protestar, todo seu raciocínio lógico. Assim incentivado, do toque terno ele passou para um mais exigente. Saqueava sua boca enquanto sua mão contornava novamente um de seus seios... Seu polegar roçou um mamilo enrijecido, e Eliza gemeu alto. Contudo, quando ele tentou sugá-lo com a boca, ela não permitiu, gritando-lhe que parasse. Um grito de prazer, de vergonha e de pavor.

– Não! Nunca mais o chamarei de conde Hotspur. Por favor, milorde! – implorou ela. Embora tomada pelo desejo, algo dentro dela dizia-lhe que aquilo estava

errado, que ela tinha que fazê-lo parar. Uma força nova a sustentava naquele momento.

– Não se envergonhe por demonstrar seus sentimentos impetuosamente, Eliza. Eu sei que dentro dessa casca tem algo abrasador e cálido. E eu o quero.

– Mas não o terá, porque eu não permitirei. Isso é uma violação.

A palavra, dita enfaticamente por Eliza, chamou-o à razão. Ele se afastou dela. Contudo, após dar apenas dois passos, voltou.

– É exatamente desse perigo que eu estava lhe falando. Sem a minha proteção estará vulnerável — ele ponderou.

Eliza deu uma sonora risada, cheia de ironia.

– Então, com o senhor, eu estou segura? Dentro do seu castelo eu estarei segura contra isso...

– Eu apenas quis lhe mostrar o que pode lhe acontecer. Você é inocente e os homens são uns animais. Eu sou um deles. Isso não vai mais acontecer. Peço seu perdão, madame. Quis apenas lhe dar uma lição e perdi o controle.

Ela arfava, mas suspirou e o olhou. Afinal, também havia perdido o controle e estava ciente de que o provocara.

– Vou lhe acompanhar até a cabana — ele propôs.

– Não precisa. Corro mais riscos com Sua Senhoria do que só.

– Eu irei acompanhá-la. Não tem escolha. Quer ir na

montaria?

– De forma alguma! Prefiro a morte!

– Eu perguntei se deseja montar sozinha, madame. Eu puxo o animal.

Eliza agradeceu a escuridão, pois ruborizara imensamente. *Como é que ele sabe o que se passa em minha mente?!*

– Prefiro caminhar – ela respondeu, por fim.

Caminharam em silêncio por alguns minutos, ele puxando o cavalo, e ela ao seu lado. Terno, o conde a orientava, alertando-a sobre um buraco, um tronco à beira da trilha, enfim, sobre qualquer coisa com a qual ela pudesse se ferir num caminho tão bem conhecido por ele. Quando chegaram à cabana, despediram-se um do outro apenas com um aceno, ela constrangida e ele indecifrável. O cão recebeu mais um carinho na cabeça e também se foi, desaparecendo com o dono na escuridão da noite.

Eliza demoraria muito a dormir. As lembranças do que ocorrera deixavam-na agitada. A sua perda total de controle, a paixão desconhecida com a qual seu corpo correspondera aos beijos, o desejo até então inexplorado, mas que continuava pulsante... O gosto dele ainda estava em sua boca. O que fazer? Fugir? Para onde? Não tinha parentes, amigos, conhecidos na Inglaterra.

Ainda insone, lembrou-se do pai, um músico sonhador, aficionado por Bach, Mozart, de quem herdara o nome, Leopold,^[24] um orgulho que ele ostentava. Tinha tido um

fim trágico. Uma morte estúpida. Numa de suas raras caçadas com amigos, foi picado por uma cobra venenosa. Deixou a mãe e ela, com 17 anos, desamparadas. Izabele dizia apenas que o marido, prussiano, era um errante, um romântico, que não tinha parentes vivos. Dizia, também, que vinha de uma família inglesa pequena, pais idosos que tinham morrido havia anos. Sobre os avós maternos, Eliza nunca soubera nada. Sua mãe era uma mulher calada. Ao ser incitada a falar sobre o passado, sempre desconversava. O pouco que Eliza deduziu, ouvindo meias-palavras, foi que seus pais haviam-se conhecido na Inglaterra, quando Leopold era professor de música e Izabele sua aluna. Apaixonados, tinham fugido para a Prússia. Suspeitava que a mãe vinha de uma família aristocrata, considerando seu elevado nível de educação. Achava-a uma mulher forte, mas mesmo assim, após a morte do pai, viu-se responsável pelas duas.

Um dia, quando ainda era criança, ela queixara-se com a mãe de que se sentia uma pessoa sem história, de que todo mundo tinha um avô e uma avó enquanto ela não sabia sequer os nomes dos seus. Foi quando Izabele contou-lhe que os pais eram naturais da Inglaterra, mas ressaltando que já eram mortos, e que o nome Eliza, com que fora batizada, tinha sido uma homenagem à avó, Elizabeth. Tinha sido o bastante para deixá-la feliz na ocasião. Ainda menina, Eliza começara a ter aulas com a mãe. Passara a adolescência estudando idiomas,

operações e até didática francesa. Mas com a morte do pai, nada disso lhe serviria. A mãe tinha algumas joias e viveram, durante algum tempo, com o dinheiro da sua venda. Mas logo acabaram ficando sem um meio de sustento. Ela rememorava esse tempo e enxergava tudo claramente. A mãe certamente recebera a melhor educação. Era uma mulher bonita, mas seus olhos estavam sempre distantes e tristes. O pai ganhava pouco como professor de música, o que não lhe permitira dar maior conforto à família. Não se recordava de ter vivido momentos de necessidade, mas tivera uma infância muito modesta. O único luxo, para o seu padrão de vida, fora a ama inglesa de sua mãe.

Tinha um novo dia pela frente. Eliza suspirou pela décima vez, enquanto pegava o xale colorido, quase excêntrico. Teria pertencido à tia? Achou que não, pois se Elizabeth tivesse sido igual à irmã Izabele, certamente nunca usaria algo com tanto brilho e adereços. Sorriu ao pensar nisso. E, sem mais delongas, saiu para fazer uma caminhada às margens do lago.

CAPÍTULO XI

O ardente Sir Henry Percy

“Se olharmos para um futuro bem distante para distinguir as consequências de nossos atos, sempre seremos capazes de encontrar uma combinação de resultados, algum ponto, que poderá servir para justificar tais atos.”^[25]

Berwick, agosto de 1388.

Miss Evans entrou em casa pé ante pé, pois não tinha formulado nenhuma desculpa para uma ausência tão prolongada. Pretendia tomar um banho e fingir descansar em seu quarto. Mas imediatamente foi flagrada pela madrastra.

– Ah, aqui está a dama fugitiva! Preste atenção, miss Evans! Isso aqui não é a corte. Trate de zelar pelo nome de sua família. Fique longe dos Northumberland. A senhorita é a noiva de um Douglas e deve portar-se como tal – admoestou-a lady Evans.

Miss Evans sentiu o sangue ferver e ruborizou. Tinha-se esquecido completamente de lorde James.

– De quem está falando? – perguntou. A madrastra não se deu ao trabalho de responder.

– Amanhã, logo cedo, vamos à costureira para tratar de seu vestido de noiva.

Miss Evans ergueu seu pescoço longilíneo e retirou-se altivamente em direção aos seus aposentos. Precisava pensar e planejar. Em vinte dias seu casamento aconteceria, algum plano precisava ser traçado rapidamente. Matilda chegou para ajudá-la com o banho. Enquanto a ajudava a se vestir, não se conteve.

– Está muito apavorada, miss — disse a criada.

– Ande logo com isso, Mati. Preciso sair.

– De novo, miss? – Matilda estava apreensiva. Conhecia Sir Evans e sabia que ele não tolerava rebeldia.

– Voltarei logo. Preciso apenas perguntar uma coisa para Mr. Derrick.

– Mr. Derrick? Que assunto a miss teria para tratar com o vendeiro? Sir Evans vai descobrir que a menina saiu... – Matilda arregalava seus expressivos olhos. Temia o poderoso patrão que, pelo que ouvira, podia até chicotear um servo traidor.

– Só se você contar, Mati! – advertiu-a miss Evans, levantando-se e saindo às pressas pela porta lateral.

– Ainda não terminei a trança, miss... – mas ela já estava longe.

Mr. Derrick parecia esperar por ela. Respondia a tudo o que lhe era perguntado. Assim, miss Evans ficou sabendo que Sir Henry Percy estudara em Cambridge, tinha 27 anos, e sempre fora muito inteligente, autodidata.

Apreendera, com um criado do castelo, a tratar cavalos, os quais ele adorava. Descobriu também que a mãe do lorde, Margaret Neville, havia falecido quando ele nasceu.

— Conte-me mais, Mr. Derrick. Ele é casado? Tem alguma noiva? — perguntou, por fim, incapaz de controlar sua indiscrição.

— Sir Percy não é casado e, que eu saiba, também não tem noiva — ele respondeu, sorridente.

— Tenho que voltar para casa de Sir Evans, Mr. Derrick. Então, se sua mente puder ser mais ágil... — ela apertava as mãos, apreensiva.

— Bem, seguindo a sua vocação natural, Sir Percy se tornou tratador de cavalos...

— E ele não tem nenhuma amante?

— Mulheres ele deve ter muitas, mas nenhuma em especial.

— Como assim?! — Miss Evans irritara-se, pois sabia que homens tinham suas amantes, mas queria acreditar que Sir Percy fosse diferente. Mr. Derrick ria dela.

— Eu não sei nada mais sobre isso, mas sei que ele não é padre, muito menos santo. Aliás, é chamado de Sir Henry Percy “Hotspur”. Aí a senhorita acrescenta fogoso, cálido, arrebatador, impetuoso, abrasador... — disse Mr. Derrick, sorrindo.

— Ardente?

— Sim, e irascível também.

Miss Evans gostou de cáldo, mas desconsiderou os demais adjetivos.

– Eles, os Northumberland são bons, não são? – perguntou miss Evans.

– São honrados – respondeu o homem.

– Eu sabia... Quem não tem caráter é meu... Sir Evans e lady Evans.

– A menina não deve falar assim de seu pai e de sua madrasta.

– Eu não gosto dele, Mr. Derrick. Nem de lady E... – Mr. Derrick balançou a cabeça, como se compreendesse, e ela continuou: – Mas eu gosto de Sir Henry Percy.

– Notei seu interesse.

– Agora eu preciso ir mesmo. Vim porque não conseguiria dormir sem saber tudo sobre ele.

Despediu-se e prometeu voltar para ouvir a história de sua mãe.

– A história de sua mãe a senhorita deve perguntar para o seu pai – respondeu o homem, sério.

– O senhor sabe que ele não me contará nada. E se o senhor também se negar a fazê-lo, vou tirar minhas próprias conclusões. Penso que se uma coisa é muito velada, algo muito grave deve estar por trás dela.

Ela saiu às pressas deixando o homem pensativo.

NA MANHÃ seguinte miss Evans começou a esboçar um ousado plano. Foi à costureira, como estava combinado com lady Evans, e se portou tão mansa como uma pomba. Acatou todas as sugestões para um vestido de noiva, sabendo que jamais o usaria. Assim que se viu livre, disse que iria caminhar um pouco no jardim para arejar sua mente. Do jardim, ela chegou ao rio, e dele, fugiu para Alnwick Castle. Assim que chegou ao portão, foi admitida ao interior do castelo. Sir Percy veio ao seu encontro.

– Veio saber de sua égua? Venha se refrescar um pouco, depois eu a levo até ela — ele disse, atenciosamente.

– Ela está bem?

Miss Evans sentiu-se culpada, pois se havia esquecido totalmente do animal.

– Verá com seus próprios olhos.

Enquanto caminhavam, ela perguntou:

– Não tem nenhuma lady em Alnwick Castle? Uma irmã...

– Não, só tenho um irmão por parte de pai, lorde Ralph. Mas, creio que a miss está querendo saber se existe alguma lady Percy?

Ela ruborizou.

– Não! Eu sei que não há.

– Ah, sabe? Como?! — ele riu e ela abaixou a cabeça. — E a miss? Tem irmãos?

– Não, apenas primos. Fui criada por uma tia em Londres, a marquesa de Queensberry, irmã de Sir Evans, e seus filhos são como irmãos para mim. Já lhe falei sobre isso, acho. Ela morreu recentemente, então tive que voltar a morar aqui...

– Já deveríamos ter nos esbarrado em algum lugar em Londres. A miss não é do tipo que passa despercebida. Não frequentava a sociedade?

– Não. Debutei apenas há pouco tempo, como sabe. Fui apresentada à rainha pela minha tia, que morreu logo depois.

Houve um instante de silêncio, no qual Sir Percy avaliava a estranha criatura ao seu lado: tão bela, tão ousada, mas tão jovem e inocente.

O conde de Northumberland surgiu repentinamente à frente deles, vindo de algum lugar naquele labirinto de corredores. Miss Evans fez uma reverência. Ele sorriu-lhe, aproximando-se e beijando sua mão.

– Miss Evans veio ver como está seu animal, imagino – disse o conde.

– Sim.

Pararam por um momento.

– Sua Senhoria conheceu a antiga lady Evans, minha mãe? – perguntou ela, hesitante.

O conde pareceu muito surpreso com a repentina pergunta. Ela acreditou ver um rubor em sua face. Ele hesitou, tossiu e, finalmente, falou:

– Cara miss... – olhou para ela, como se refletindo no que diria, e prosseguiu: – Nós, os Northumberland, e os Evans, não somos... Bem, não somos aliados. Isso começou há muitos anos e de lá para cá sempre estivemos em lados opostos. Eu lamento se não era isso que esperava ouvir de mim.

– Eu lamento... Não sei o que dizer, de fato... – disse ela, mordendo seu lábio inferior. Depois ergueu seu olhar para o silencioso Sir Percy.

– Mas a senhorita não tem nada a ver com esse antagonismo – ele disse. Havia ternura na sua voz.

– Sim. Eu sei, mas sou uma Evans...

– Sugiro irmos ver sua égua – falou Sir Percy. O conde, calado, apenas observava a dama com extrema curiosidade.

– Mas, repito... Apesar de ter nascido uma Evans, fui criada e educada pela marquesa de Queensberry. Não aprecio lady Evans e odeio o primo dela, o conde de Douglas.

– O que o conde de Douglas tem a ver com essa conversa? Ninguém falou em Douglas aqui – disse Sir Percy, ríspidamente. Lady Evans assustou-se com sua reação.

– O conde de Douglas... De fato... Foi um erro tê-lo mencionado.

Sir Percy estava impaciente. Miss Evans despediu-se do conde reverentemente e saiu caminhando ao lado do

lorde. Algo havia enfurecido o cavalheiro. O terno rapaz de quando ela havia chegado não estava mais ali. Agora, ele parecia muito furioso. Nenhum dos dois disse mais nada até chegarem ao estábulo.

– Posso montá-la? – perguntou ela ao ver a égua.

– Por enquanto, não.

– Sir. Será que eu posso deixá-la aqui? Será por pouco tempo. Eu vou embora e vou levá-la comigo quando eu partir.

– Vai embora?! – Sir Percy parecia surpreso.

– Sim. É preciso.

– Para onde vai, miss?

– Ainda não sei, Sir.

– É cheia de histórias, não é, menina?

– Pela última vez eu vou lhe falar, Sir. Eu não sou uma menina. Logo farei dezoito anos e serei uma mulher. Se milorde não consegue ver isso é porque... porque... porque é um cego – ela protestou veementemente. Empertigou-se, empinou seus redondos seios e virou-lhe as costas, enfurecida.

Sir Percy riu. Aproximou-se, tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios, demoradamente.

– Então eu sou um cego? – disse ele, sorrindo.

– Sim, é um cego – ela retrucou. Enquanto falava, miss Evans aproximou-se dele, ficou nas pontas dos pés e roçou suavemente seus lábios nos dele. A provocante carícia o inflamou. Ele agarrou-a pela cintura puxando-a

para junto de si e apreendeu sua boca, forçando com a língua um beijo apaixonado. Ela teve de se segurar nele para não cair. Suas pernas tremiam, sentia uma ardência entre as coxas, um prurido que a deixava úmida. Não sabia o que era aquilo, mas se agarrou àquele corpo e tocou com a sua língua aquela que, naquele instante, lhe possuía a alma.

– Isso é um beijo de verdade – disse ele. Seus olhos soltavam chispas de desejo. Voltou a beijá-la de forma ardente e ela retribuía com uma desinibição que o encantou. Ele disse aos seus ouvidos:

– Onde está a sua dama de companhia?

– Não tenho nenhuma dama de companhia.

– É melhor pararmos por aqui, miss. Como vai explicar isso em sua casa? – disse ele, roçando um dedo pelos lábios rosados e inchados da moça.

– Beije-me, Sir Percy. Beije-me! – pediu ela.

– Miss! Eu tenho que ter juízo por nós dois. Se eu voltar a beijá-la... Vou levá-la para casa agora.

– Vai se casar comigo, Sir?

– Por que deveria, miss? – ele respondeu. Parecia se divertir.

– Milorde me beijou e ficamos sozinhos. Se não se casar comigo estarei desonrada.

– E agora é que se lembrou disso? Eu não sei o que vamos fazer, miss, mas acho que é um pouco tarde para se pensar em honra.

Uma inquietação tomou conta dela, e honra nada tinha a ver com tal sentimento. Às vezes, só nos damos conta que fomos longe demais quando nos perdemos pelo caminho. Do mesmo modo, muitas vezes, só nos atentamos para o fato de que atizamos lenha demais ao fogo quando somos queimados pelas chamas. Ninguém disse nada, ela não ousou, ele tampouco. *“O silêncio tem um poder notável de mostrar o que se passa na mente e é mais impressionante que a fala. De igual forma falar pouco, muitas vezes, é a forma de se contar mais.”*^[26]

O cavalo de Sir Percy já estava selado à sua espera. Mais uma vez ele a colocou à sua frente e montou no animal. Miss Evans aconchegou-se ao calor daquele corpo. Ao contrário da vez anterior, ele cavalgava mais rápido, como se temesse a si próprio. Ela sentia como lufadas do vento a respiração dele em seus cabelos. Quando chegaram ao rio, ele desmontou e a tomou nos braços. Tudo aconteceu tão rápido que ela só se deu conta de que ele a beijava quando correspondia de forma apaixonada ao beijo. Beijaram-se por muito tempo. Os beijos sedentos, por fim, ficaram mais lentos, mas a respiração dos dois estava ofegante. Algum tempo depois, miss Evans disse que precisava voltar, pois certamente procuravam por ela e, se o fizessem, os encontrariam ali. Ele lhe deu o último beijo de despedida, e ela se foi a pé, parando para olhá-lo, antes que ele fizesse a curva do rio. Ele também olhou para trás, acenou, e galopou para longe

dali.

Por algum tempo miss Evans permaneceu parada, no mesmo local, olhando para a direção que Sir Percy tomara. Levou à mão aos lábios e sorriu. Ele já havia galopado algumas milhas quando, de repente, como se lembrasse de algo, deu meia volta e retornou. Ela se assustou quando ouviu o tropel do cavalo, mas Sir Percy logo estava ao seu lado. Desceu num salto e, projetando-se enorme à sua frente, colocou as duas mãos na cintura dela.

— Por que falou no conde de Douglas?! — ele perguntou, fitando-a seriamente.

— Conde de Douglas? Ah! Bem... eu direi se quer saber. Mas antes quero que me beije novamente.

Ele o fez, uma, duas, três vezes... Gemeu quando ela elevou as duas mãos e contornou a face dele, ao mesmo tempo em que o beijava timidamente, mas repetidas vezes. Era quase como um sopro. Seus lábios tocavam os dele entreabertos, mas de forma suave. Sentindo que tinha poder sobre aquele homem, miss Evans jogou os braços e o enlaçou pelo pescoço, puxando-o para si, ao mesmo tempo em que acariciava seus cabelos. A cada iniciativa dela, Sir Percy ficava mais subjugado. O bravo guerreiro, que não se entregava à espada, se rendia ao toque de lábios. A língua dela, macia e provocante, contornou os lábios dele, e ele gemeu alto. Assim incentivada, ela introduziu a língua em sua boca e tocou a dele. A carícia

acendeu o fogo que ele tentava controlar. Puxou-a para junto de si fazendo-a sentir toda sua ereção. Ela também gemeu e se aconchegou mais a ele buscando um alívio para algo desconhecido, mas que a consumia. Assustado com o seu próprio descontrole, ele empurrou-a devagar, ofegante.

– Miss, eu sou honrado, mas sou homem, não brinque com isso. Diga-me logo, e eu partirei antes que eu me arrependa... — disse.

Ela estava trêmula de paixão.

– Não posso lhe dizer. Não hoje. Amanhã... Amanhã eu lhe direi... — ela respondeu, hesitante.

– É cheia de segredos!

Sorrindo, ele beijou-a novamente, de forma lenta. Depois se despediu, subiu na montaria e saiu galopando rumo ao seu castelo.

CAPÍTULO XII

Londres

“Sou uma pessoa insegura, indecisa, sem rumo na vida, sem leme para me guiar. Na verdade não sei o que fazer comigo.”^[27]

Inglaterra, novembro de 1830.

Eliza tinha dez anos de idade quando ouviu o pai discutindo com a mãe sobre alguém que se chamava Elizabeth — o mesmo nome de sua avó materna. Poucas vezes ela vira seu pai tão enfurecido.

“Ela é uma meretriz, isso sim. Matou seus pais de vergonha. Tenho certeza de que eles morreram por causa do desgosto que ela lhes causou. Uma péssima influência. Nós temos uma filha, da qual temos que cuidar. Não quero que escreva mais para ela. Rasgue isso imediatamente!”

A mãe, Izabele, chorava baixinho, protestando. Entre soluços, dissera, seguidas vezes, alguma coisa assim: *“Ela é a minha única irmã, Leopold”*.

Dias depois, Eliza a questionaria a respeito. A mãe, olhando-a assustada, procurava desconversar.

– Mas eu escutei a senhora e o pai falando sobre essa

mulher. E a senhora chorava. Por quê?

— Preste atenção no que a mamãe vai falar, Liz. Nunca mais escute a conversa dos outros. É muito feio, é falta de educação. Uma dama jamais faria uma coisa dessas.

— Sim, mamãe. Desculpe-me, mas... — queria insistir, mas o olhar materno a emudeceu.

Ao longo dos anos, Eliza nunca vira sua mãe sorrir abertamente. Toda vez que tentava conversar sobre a Inglaterra, Izabele arrumava alguma tarefa para fazer. Depois da discussão entre os pais, nunca mais ouviria o nome Elizabeth em casa. Nem ousaria perguntar mais nada até o dia em que a própria mãe voltou a falar a respeito, momentos antes de morrer. Izabele mal conseguia falar, mas pediu que ela se aproximasse e murmurou algumas palavras sobre Elizabeth e a Bíblia da família. Eliza abriu a boca para perguntar.

— Vá! A Bíblia... — disse-lhe a mãe, com a voz quase inaudível, e se calou para sempre.

Era uma carta sucinta, numa letra legível e bem desenhada. Ela se queixava de abandono por parte da única irmã e deixava um endereço: Alnwick, condado de Northumberland, Inglaterra. Eliza recolocou a carta dentro da Bíblia, ainda sem entender bem do que se tratava. Esqueceu-se dela totalmente, até o dia em que aquele pedaço de papel apresentou-se como sua única salvação.

A LEMBRANÇA da mãe atormentou-a durante a noite. Chorou. As amargas recordações de Leipzig voltaram. Todas elas. A morte dos pais, sua união desastrosa... E, por fim, seu cruel carcereiro. Quando o cansaço a venceu já era madrugada. Acordou com um barulho alto e latidos de um cão. Desceu as escadas e percebeu que o cão latia na sua porta. Abriu-a e deparou-se com o conde. Parecia muito agitado.

– Milorde! – exclamou ela, fazendo uma leve reverência. Aconteceu alguma coisa?

– Madame, está tudo bem aí dentro? Já ia arrombar a porta. Estava achando que tinha sido picada por uma cobra e estava morta. Já está na hora do almoço.

– Oh, não! Mas... – ela se lembrou da noite, do pavor das recordações. Devia estar com um aspecto horrível.

Como ela não deu nenhuma explicação, ele continuou esperando, olhando-a, intrigado.

– Vá cuidar de sua *toalete*. Esperarei aqui fora. Vamos a Alnwick resolver a questão de sua acompanhante – disse. Só então ela se deu conta do que vestia, de seu cabelo, um emaranhado que caía como cascata em seus ombros. Sentiu um ligeiro tremor, pela vergonha e, ao mesmo tempo, pelo vento frio.

A fala do conde soara-lhe como uma ordem. Nem pensou em refutar, mas estava tão letárgica que instintivamente lhe abriu a porta da cabana.

— Entre, meu senhor. Espere aqui dentro. Está muito frio aí fora — disse.

Pouco depois, quando ela desceu coberta pelo recém-reformado vestido antiquado, ele a mediu de cima a baixo, mas nada falou. Chamou o cão pelo nome Hotspur e aquilo pareceu lembrar, a ambos, o que havia ocorrido entre eles.

Por instantes, olharam-se emudecidos. Ela baixou a cabeça ruborizando. Caminharam para a carruagem que estava à espera. Ele a ajudou a entrar e sentou-se à sua frente, de costas para o cocheiro. Não era David e Eliza ficou grata por não conhecer o empregado. Permaneciam calados, ela olhando a paisagem embranquecida pela neve que caíra à noite, e ele olhando para ela. Finalmente, ele quebrou o silêncio.

— Miss Schmidt chegou hoje. Mas, como a carruagem que a trouxe quebrou na altura de Haringey e ela ficou muito tempo exposta ao vento, está febril. Deixei miss Chapman cuidando dela, mas não acredito que melhore antes de uma semana.

Eliza nada disse. Não sabia se queria outro capataz lhe dando ordens. Culpou-se por ficar satisfeita com a doença de miss Schmidt.

Não foram diretamente para Alnwick. O cocheiro parou antes, em frente à igreja do povoado. Ela não fez perguntas, aceitando naturalmente a mão que ele lhe oferecia para descer. Um casal veio recebê-los. O

cavalheiro aparentava ter entre 30 e 40 anos e, como desconfiava, era o pároco local.

Assim que foi cumprimentado festivamente pelo homem, o conde de Northumberland fez a apresentação formal.

– Miss Schumacher, estes são Mr. e Mrs. Blauth – disse ele. – Miss Schumacher é a nova moradora do chalé do lago Green. Sobrinha de John Baker – explicou, voltando-se para os curiosos olhos femininos que mediam Eliza de cima a baixo. Eliza, calada, demorou a fazer a associação. Logo se deu conta de sua estupidez. Lembrou-se de miss Eliot e de que ela havia-lhe falado de Mr. Blauth, o pároco. Mrs. Blauth era a prima da solteirona. Cumprimentou o casal com uma mesura, levemente sorridente.

Por instantes, ficou se perguntando se o casal havia conhecido sua tia Elizabeth e se descobriria algo sobre ela com os dois. Era muito provável que sim, pois os párocos, por regra, conheciam todos os habitantes de sua paróquia, inclusive visitando-os regularmente.

– Oh, minha querida. Seja bem-vinda! – disse Mrs. Blauth. Aparentava cerca de vinte e sete anos, era esguia, com traços marcantes – não belos –, mas também não era feia. Tinha olhos expressivos e curiosos, o que deixou Eliza encabulada pela forma como era espreitada. O olhar diligente e estudioso de Mrs. Blauth a fez enrubescer. *O que está se passando pela mente dessa mulher?*

Mr. Blauth, contudo, era um belo e gentil cavalheiro de gestos comedidos, que também expressou sua alegria em conhecê-la. Enalteceu o caráter do tio de Eliza, mas por ironia e um mistério que, ela tinha de reconhecer, já a incomodava, o clérigo não disse sequer uma palavra sobre a tia dela.

Enquanto eram conduzidos para a casa paroquial, Eliza aproveitava para examinar o lugar. A casa ficava ao lado da igreja. Era uma construção georgiana de dois andares. Ao entrar, notou, imediatamente, seu aconchego, talvez pelo fogo que crepitava na lareira e pelo cheiro delicioso que vinha da cozinha. Sentaram-se todos em uma pequena sala. O conde sentou-se ao lado dela; Mr. e Mrs. Blauth, em frente aos dois. Eliza continuava sendo analisada minuciosamente por Mrs. Blauth com indisfarçável zelo.

– Mrs. Blauth, por favor! Miss Schumacher ainda não fez o seu desjejum. Pode cuidar disso para mim? – pediu o conde. Seu pedido, claro, era uma ordem. Eliza, até aquele momento completamente muda, se comunicando apenas com sorrisos, tentou protestar, mas ele a calou com um olhar.

– Oh, certamente, Sua Senhoria! Cuidarei disso imediatamente. O chá já será servido – respondeu Mrs. Blauth. E puxou um sino, estrategicamente instalado atrás dela, e logo uma movimentação de criados se fez ouvir no cômodo ao lado. Poucos minutos depois, Eliza servia-se à vontade. Só então percebeu que estava faminta e que o

conde a observava claramente satisfeito.

– De onde você é, miss? – perguntou Mrs. Blauth, de repente. A pergunta direta a pegou de surpresa. O sangue fugiu de sua face. Eliza estremeceu visivelmente. Atento a tudo, o conde segurou-lhe a mão sob a mesa, e interveio:

– Mrs. Blauth, miss Schumacher é de origem prussiana... Bem... – pela primeira vez Eliza percebeu que ele, hesitante, buscava dissimulação. – Ela não fala nosso idioma, mas entende bem... – ele pigarreou.

Mrs. Blauth apenas abriu e fechou a boca sem que nenhum som dela saísse, coisa rara. Eliza, por sua vez, mantinha o olhar fixo no conde, atento à sua fala.

Sem interrupções, o conde de Northumberland prosseguiu, dirigindo-se diretamente à mulher do pároco:

– Bem, Mrs. Blauth, o motivo de eu ter pedido essa entrevista com Blauth é que miss Schmidt, a acompanhante de miss Schumacher, está adoentada sob os cuidados de miss Chapman em Alnwick Castle. Portanto, nossa amiga estrangeira está sem acompanhante. Como eu tenho que ir a Londres a negócios, pensei em passar uma temporada lá. Acredito que essa seria a ocasião perfeita para miss Schumacher cuidar de seu novo guarda-roupa, um mais atual – ele revelou.

Fez-se uma nova pausa. Os olhinhos perspicazes de Mrs. Blauth avaliavam o vestido fora de moda da dama à sua frente, enquanto balançava a cabeça, em sinal de concordância com o que acabara de ouvir. O conde logo

completou:

– Bem, se Blauth puder dispor dos seus cuidados, gostaria que a senhora acompanhasse miss Schumacher a Londres, a uma modista, essas coisas de damas. Blauth pode nos encontrar lá no Natal e podemos até aproveitar a temporada, comparecendo a algum baile, e mostrando a cidade para miss Schumacher.

Eliza, ainda surpresa, tentava processar toda aquela trama. Quase se engasgando com o chá, tossiu seguidas vezes, enquanto procurava manter a compostura. Olhou para Hotspur alarmada e enfurecida, fulminando-o mentalmente, mas os olhos dele ignoraram-na completamente. *Como ousa dizer que eu não falo o idioma deles? E ainda por cima, como ousa me chamar de mal vestida?! Londres! Temporada! Baile!*

– Oh! Será uma honra para mim, se Mr. Blauth permitir! – disse Mrs. Blauth, exultando e batendo palmas.

A mulher não se continha de tanta felicidade. Já se imaginava nos grandes salões de baile em King Street, Cadogan, Devonshire, Grosvenor, Landsdowne. Afinal, quando soubessem que o conde Hotspur estava em Londres, com certeza choveriam convites em Northumberland House... E, como convidada do conde de Northumberland, ela seria admitida até no Almack, mesmo não sendo mais lady Drechsler. Mr. Blauth pigarreou. O conde fitou-o seriamente.

– Não me oponho, milorde. No Natal eu me juntarei à

comitiva de Sua Senhoria em Londres.

– Muito bom. Obrigado, Blauth. Sairemos amanhã bem cedo, isto é, se Mrs. Blauth achar que consegue se preparar tão rapidamente.

– Oh, sim, é claro, milorde! – prontificou-se uma cada vez mais exultante Mrs. Blauth. Ao contrário dela, Eliza muito enfurecida. *Como ele planejou tudo isso?! Não!* A ideia era inconcebível. Esperava sair dali o mais rápido possível para confrontá-lo. Seus olhos cintilavam de fúria toda vez que caíam sobre os dele, aqueles zombeteiros olhos verdes que emanavam ironia e divertimento.

– Lorde Robert também estará em Londres nessa temporada? – perguntou Mr. Blauth, dando novo curso à conversa.

– Creio que sim. Ele costuma fugir da temporada como uma raposa foge dos cães, mas no Natal deveremos vê-lo por lá.

– Lorde Robert foge é do casamento. Ou seria das mães que o querem como marido de suas filhas? Afinal, os dois são ainda solteiros, mas ambos darão bons maridos, creio nisso – disse Mr. Blauth, como se analisasse a famosa passagem em Efésios,^[28] sobre a qual faria uma preleção para sua congregação.

O pároco falava calma e didaticamente. Eliza, inquieta, tentava imaginá-lo durante um sermão. Certamente sentiria sono, mas não imaginava ninguém melhor para ouvir seus pecados. Parecia tão sensato, tão afetivo, tão amigo. O

clérigo de estatura mediana, magro, com seus cabelos loiros encaracolados, olhos azuis ternos e um sorriso meigo lembrava-lhe alguém que lhe fora especial em Leipzig.

Olhou depois para o conde. Uma sensualidade tão vigorosa, muito mais alto do que Mr. Blauth, com traços tão definidos num rosto moreno claro, os quais pareciam esculpidos em pedra. Se não fossem os olhos verdes que saltavam expressivos, ora com ternura, ora com desejo, ora irônicos, pareceria um homem frio. Mas, aqueles olhos davam vida a ele e essa vida descerrava em seus lábios, ora num sorriso cálido, em certas ocasiões, ora atraente e envolvente, em outras. E, às vezes, em sonoras e irônicas gargalhadas que enchiam qualquer ambiente de vida.

Do conde Hotspur podia-se esperar fogo, paixão. De Mr. Blauth não se podia esperar tanto. Ele era quase feminino, tamanha a sua candura. Não que mulheres não tivessem paixão dentro de si, ela própria tinha, e ainda assustava-se com a intensidade daquele sentimento recém-descoberto. Contudo, a mulher que esperasse tamanha paixão de Mr. Blauth se decepcionaria.

Aqueles cavalheiros eram o oposto um do outro. Ela não conseguia imaginar o conde sentado aconselhando alguém pacientemente. *Isso não!* Talvez ele se levantasse e pegasse a pessoa pelos ombros e a sacudisse para que com isso encontrasse a sensatez. Aqueles olhos verdes se

inflamavam por pouco, num ímpeto de arrebatamento. Se olhar para Mr. Blauth lhe trazia serenidade, sossego, olhar para o conde de Northumberland lhe trazia paixão, um vulcão de sensações que ela até recentemente desconhecia.

Eles continuavam falando de lorde Robert. Diziam que este estava em Otterbourne. Ela sentiu vontade de perguntar quem era tal pessoa, mas não ousou. Não podia desmentir o poderoso conde, pois o *detestável Hotspur* havia arrumado uma forma de fazê-la ficar muda. Os olhos dela, contudo, falavam.

– Então, sairemos amanhã bem cedo – informou o conde, ao final, levantando-se e agradecendo Mr. e Mrs. Blauth. Sem poder expressar a sua recusa, Eliza podia apenas dissimular uma fingida alegria.

Já na carruagem, assim que ela se sentou, o conde disse:

– Calma! Não foi nada planejado, apesar de que, não posso negar, achei que as coisas se encaminharam perfeitamente.

– O senhor é detestável! Por que disse que eu não falava o seu idioma? – ela protestou, lívida. – E em que momento solicitou a minha opinião sobre tal empreitada a Londres?

– Vamos por partes! – ele ponderou, levantando as duas mãos diante de si, como se quisesse se proteger de um ataque. – Quando Mrs. Blauth lhe fez uma pergunta

direta sobre sua origem, a miss ficou muito desconcertada, coisa que também me deixou intrigado... Portanto, pensei que estivesse lhe fazendo um favor. Agora, uma viagem a Londres para compras, turismo e lazer não me pareceu algo que uma dama pudesse rejeitar.

De pálida ela ficou corada. Deu-se conta do perigo a que poderia ter ficado sujeita. Desviou seu olhar para a janela, escondeu as mãos sob o xale para que ele não notasse como elas tremiam. Pensava em como sair daquele cerco que se formava ao seu redor. Um dia ele poderia descobrir quem ela era de verdade. Lembrou-se das cartas desaparecidas, sentiu um medo aterrador, e depois de algum tempo, não se dando conta de quantos minutos hesitara, e temendo que toda aquela hesitação pudesse despertar nele alguma suspeita, respondeu aquilo que lhe veio à mente na hora.

– Milorde apenas se esqueceu de que a dama em questão sou eu e, embora pareça evidente que moças, inglesas ou não, adoram compras, turismo e lazer, fui criada de forma modesta. Portanto, coisas assim não estavam ao meu alcance. Quanto a Londres, isto é, à sua referida viagem, será realizada em companhias que me são totalmente desconhecidas.

– Desconhecidas?! Por acaso a miss está se referindo a Mrs. Blauth? Pois saiba que a minha intenção ao levá-la para conhecer os Blauth foi justamente proteger a sua honra.

Eliza deu-se conta de outro risco que corria. E todas as loucuras ouvidas da prima solteirona de Mrs. Blauth surgiram-lhe novamente.

– Proteger a minha honra? De quem, senhor?! – ela protestou. Seu coração desesperava-se, levando-a a acreditar, por um momento, que poderia sair-lhe do peito. – Honra do conde de Northumberland, do conde Hotspur?

– De ambos – ele retrucou, rindo. – Com miss Schmidt doente, quem ficaria com a senhorita? A minha intenção era persuadir Mrs. Blauth a ir para Alnwick Castle e levar a miss com ela, pois sozinha eu imaginei que não fosse querer ir para lá. E tem mais, morreria de frio naquela cabana. O inverno aqui é rigoroso. Estamos no Norte, as pessoas aqui se preparam o ano todo para essa estação. Você é estrangeira, não conhece a região. Daqui a vinte dias tudo estará congelado. Em Alnwick Castle você estaria segura e aquecida.

– Segura do gelo, mas não do fogo! – bradou ela, ruborizando fortemente. Arrependeu-se em seguida, pois ele a olhava como se fosse tomá-la ali mesmo. Contudo, não o fez.

Alguns instantes se passaram. Ouvia-se apenas o barulho externo do arrastar da carruagem na espessa lama formada pela neve. Eliza pensava na Prússia e ele no que escondia aquela desajeitada, mas atraente moça. Certamente, estava escondendo-lhe alguma coisa. Estaria mentindo sobre o parentesco com o antigo escudeiro de

seu pai? Não parecia uma pessoa que mentia. Mas, sem dúvida, não dissera toda a verdade. Por que reagira daquela estranha forma quando Mrs. Blauth lhe fizera uma pergunta tão corriqueira? Pergunta que ele próprio já havia feito, e dela recebido uma resposta satisfatória. Por que não respondera do mesmo jeito àquela mulher? De onde mesmo ela havia-lhe dito que viera? Nem se lembrava do nome, nunca ouvira falar de tal lugar. Após uma pequena tossida, ele resolveu esclarecer a situação.

— Sobre aquele assunto que certamente lhe causa... Deixe-me ver, talvez a palavra mais apropriada seja hesitação, pois quando Mrs. Blauth lhe perguntou de onde veio percebi que não quis dizer a ela, não pretendo importuná-la com interrogatório, mas preciso lhe advertir que um dia terá que falar. Ela, certamente, vai querer lhe ensinar o nosso idioma, com o único objetivo de tirar da miss as informações que ela anseia saber — disse o conde.

Eliza continuava calada. Pensou em responder que ele estava equivocado, pois se havia dito a ele o nome da cidade de onde viera, por que não o diria a Mrs. Blauth? Mantinha o olhar pousado na cortina da janela e olhava para o nada. Sua mente vagou para Leipzig, para seu sonho de um futuro seguro, drasticamente interrompido... Lembrou-se do maldito carrasco, o demônio sob a fachada de um coronel do exército, e um embaraço tomou conta do seu corpo. A garganta se contraiu, lágrimas ameaçaram se

precipitar pela face. Segurou com força o assento da carruagem, e os nós dos seus dedos ficaram brancos.

O conde de Northumberland percebeu tudo.

– Como eu lhe disse, não precisa falar se não quiser, embora essa reação a um fato tão simples seja excepcional – disse ele. Sua voz estava terna, e Eliza sentiu-se grata pelo respeito.

– Desculpe-me. Eu fui estúpida e descortês – ela respondeu. Ele sorriu-lhe, aparentemente tranquilo. Uma nuvem, contudo, perpassara-lhe os olhos. Eliza voltou a olhá-lo... Ele sorriu mais uma vez.

Aquele sorriso novamente! *Preciso fugir daqui, mas para onde ir?* Entretanto, embora soubesse que necessitava desesperadamente sair dali, continuava com os olhos presos aos dele. O conde mantinha uma expressão serena no rosto, mas havia um brilho estranho no seu olhar, como se tentasse sondar aquilo que ela escondia. Encabulada, tentou baixar seus olhos para a casaca escura que ele usava, mas não conseguiu. Seu olhar incontrolável fitou, na altura do peito dele, o pequeno triângulo que aparecia da camisa branca e do colete azul que ele usava. Embora perigoso e atento como um felino, era um homem muito atraente, como tinha de admitir. Ao seu lado, ela parecia um remendo. Seu vestido simples, reformado por ela mesma, destoava da elegância com a qual ele se vestia. Estava sempre impecável, como se tivesse acabado de sair do banho. Ela sentia seu cheiro,

uma combinação de lavanda com especiarias e madeira.

O conde flagrou-a, e ela desviou o olhar. Sem que ele perguntasse nada, quebrou o silêncio.

– Nasci em Leipzig, na Prússia, uma pequena cidade costeira a noventa milhas de Berlim. Meu pai era professor de piano – ela disse, repentinamente. Sabia que precisava dizer algo. Tais informações certamente não a exporiam.

– Quantos anos tem, miss? Dezesete? – perguntou ele. Ela não respondeu.

Tinham chegado à *cottage*. Ele a ajudou a descer e dispensou o cocheiro.

– Não podemos ficar sozinhos, milorde – disse ela, assustada.

– Sempre que nos encontramos estávamos sozinhos, madame, e não lembro-me de ter notado escrúpulos de sua parte até então. Talvez eu mesmo os tenha metido em sua cabeça – ele retrucou, alternando o tom de voz entre a irritação e a reflexão.

– Sim, mas agora que os *meteu em minha cabeça*, estão aqui me incomodando.

– Pois trate de mantê-los sossegados, pois vou entrar e acender a lareira. Ou deseja morrer congelada?

– Não acredito que um conde se dê a trabalhos manuais a ponto de saber fazê-los tão bem como uma pobre órfã como eu.

– Estive na guerra, madame.

Não era difícil imaginá-lo numa guerra, mas Eliza não queria falar de guerras, estava farta delas. Ele acendeu o fogo com desenvoltura e se sentou em frente da lareira, próximo a ela.

– Não me disse a sua idade...

– Tenho quase 21 anos, meu senhor.

– Seu inglês é perfeito. Fala melhor do que muitos ingleses. Como aprendeu nossa língua?

– Minha mãe era inglesa, como eu lhe disse. Desde quando eu era criança ela sempre falava nesse idioma comigo, de forma que fui crescendo em companhia das duas línguas. Depois ela também me ensinou Francês.

– Sua mãe, então, deve ser de uma família da aristocracia inglesa.

– Não sei nada sobre a família de minha mãe. Apenas ao morrer ela me falou de tia Elizabeth.

– Eu sinto muito sobre sua mãe – ele disse. Parecia constrangido.

– Não se preocupe. Já superei a sua morte...

Eliza não sabia como aconteceu, mas a ternura que emanava dele, toda a tensão daqueles últimos meses, falar da mãe... Quando deu por si estava chorando e sendo consolada pelo conde Hotspur. Desconcertada e, ao mesmo tempo atraída, ela se afastou dele, pensativa.

Vinha-se questionando, desde que sucumbira aos beijos daquele homem, se alguma fibra — originária de alguma imperfeição no caráter, uma falha que acometia a índole

das pessoas — passava de um membro para outro de uma mesma família como uma doença contagiosa e sem cura. Desconfiava que, se houvesse tal fibra, ela a tinha herdado da tia Elizabeth, da qual ninguém ousava falar, *uma meretriz*, como seu pai dissera havia tanto tempo. Tal questionamento íntimo se justificava plenamente. Alguma fissura, ou aspiração à volúpia, fazia-lhe reagir ao cheiro e à proximidade do conde.

O desejo, a paixão, o anseio do mais puro ardor não passam de instintos, nada têm de herança. Eliza, cuja natureza apaixonada fora despertada pelo conde, lutava para contê-la. Não o faria, certamente, se soubesse que as ofertas, raras, dessa pura atração não são comuns e nada têm de vulgar. E que aquela que experimentava, em particular, não se desgastaria.

Repentinamente, ela se levantou e, desculpando-se, subiu a escada às pressas rumo ao seu quarto.

Logo depois, ouviu quando ele saiu da cabana. O coração batia acelerado. Ela não queria acreditar, mas sentia-se irresistivelmente atraída. Percebia que estava fadada a se envolver em complicações. *E se ele descobrir? Certamente descobrirá.* Aos poucos, aquele homem estava tirando-lhe as palavras, palavras que ela não queria pronunciar. Passou a noite insone.

Mal o dia amanhecera, Eliza estava de pé. O conde já a esperava do lado de fora da cabana. Ela juntou seus vestidos fora de moda e colocou-os no velho baú

igualmente herdado da mãe. Assim que um laçao acomodou a bagagem na carruagem, eles partiram, logo se encontrando com a comitiva de criados que acompanharia seu senhor a Londres. Mrs. Blauth estava radiante. O marido, ao seu lado, mostrava-se sorridente, enquanto os baús dela eram embarcados.

O cocheiro se preparava para dar a partida quando os gritos de um homem chamaram a atenção do conde.

– Milorde, Sua Senhoria, espere, espere! – gritava o sujeito, enquanto corria em direção à carruagem.

– O que se passa, homem? – o conde perguntou.

Eliza, acomodada ao lado de Mrs. Blauth, olhou curiosa pela janela. Foi nesse momento que ela viu o entregador de carne ao lado da carruagem, à frente do conde. Nas mãos dele, ela reconheceu a fita azul. Um grito escapou de sua garganta, assustando Mrs. Blauth e chamando a atenção de Hotspur.

O conde não sabia se atendia Mr. Staudt, que dizia coisas que ele não entendia, ou Eliza, que parecia ter enlouquecido. O homem insistiu.

– Milorde, estou vindo do seu castelo... A carroça quebrou no caminho... Mr. Dornford me disse que estava indo para Londres... Este pacote de cartas – o homem falava e parava, demonstrando muito cansaço.

– Cartas?! – perguntou o conde, intrigado

– Sim, eu achei na carroça. Não sabia o que era, pois eu não aprendi as letras, mas guardei bem guardado. Dia

desses, eu falei delas para Mr. Henry, que contou para Mr. Dornford, o tio dele. Mr. Dornford então quis ver. Eu levei para ele hoje quando fui levar as carnes no castelo. Ele olhou as letras no papel, nem tirou a fita, e me pediu para correr e entregar *pra* milorde.

O conde pegou o maço, delicadamente contornado por uma fita de excelente seda azul. Hesitou com aquele estranho pacote nas mãos, examinou uma das cartas. Leu o destinatário, virou o envelope e leu o remetente. Atônito, olhou para dentro da carruagem. Eliza estava muda, cabisbaixa, parecendo prestes a chorar. Ele colocou o maço no bolso e despediu-se de Mr. Staudt. Embarcou e ordenou a partida.

O conde ajeitou-se no banco sem lhe dirigir a palavra ou sequer olhar para ela. Eliza, contudo, não tirava os olhos dele. Esperaria o momento mais apropriado para lhe pedir, implorar se preciso, por suas cartas. O tempo passava, mas ele continuava de olhos fechados, aparentando dormir. Mrs. Blauth, alheia aos acontecimentos, encarregava-se da conversa. Enquanto o conde continuava estranhamente quieto, Eliza fingia prestar atenção nas observações que Mrs. Blauth fazia sobre o tempo, sobre uma quantidade infundável de paroquianos pobres que ela assistia com sua graça e boa vontade. Entretanto, sua mente não saía das cartas, enquanto seu olhar perscrutava o protetor, sentado à sua frente. De tanto o fazer, logo se esqueceria delas.

De repente, Eliza sentiu-se perdida analisando cada parte daquele rosto. A boca bem desenhada, lábios tão firmes e resolutos, a parte inferior maior que a superior; o nariz longilíneo, determinado; o cabelo escuro que caía desgrenhado pela testa, deixando-o ainda mais atraente; as sobrancelhas espessas e a testa larga, marcada por linhas que se intensificavam quando ele estava irritado e harmonizavam quando sorria. Ao lado dos olhos e da boca, algumas marcas, que davam ternura e humanidade àquele rosto, que, em sua totalidade, mostrava uma personalidade de quem nasceu para comandar. Ele era atraente, viril e imperioso.

Desceu os olhos por aquele corpo. Grande, másculo e rijo. Pousou em um determinado ponto e ficou ali por alguns segundos. Voltou à face e encontrou um par de irônicos olhos verdes cravados nela. Ruborizou até a raiz dos cabelos. Foi salva por Mrs. Blauth, que, alheia a tudo que não fossem os mexericos sobre a nova baronesa de Leeds, não atentara para o *escândalo* que se passava bem debaixo do seu nariz.

A DISTÂNCIA entre Alnwick e Londres era de trezentas e dez milhas. A carruagem fazia de sete a oito milhas por hora. A viagem, assim, levaria cerca de trinta e oito horas. Quase quatro dias, três se não se parasse para

dormir. Uma verdadeira loucura! Era tempo demais para aguentar o monólogo de sua nova amiga. *Quando terei a oportunidade de falar com o conde?* Teriam que fazer a troca dos cavalos a cada quinze milhas e certamente pernoitariam em alguma estalagem.

Tudo isso lhe vinha à mente. Como encontraria forças para durante todo aquele trajeto não ficar pensando no que ele faria com suas cartas, não olhar insistentemente para ele e, absurdamente, se manter muda? Pensou em tentar dormir, embora com a mente em tamanha convulsão fosse impossível relaxar. Além do mais, seria descortês com Mrs. Blauth. Tentou prestar atenção no que a mulher dizia, mas não conseguiu. Não conhecia nenhuma das pessoas citadas e, para piorar, a cabeça continuava nas nuvens, obcecada que estava por um punhado de papel, cujo destino estranhamente entregara à pessoa errada.

O que faria? Mil pensamentos passavam por sua mente, mas nenhuma ideia aventada lhe traria as cartas de volta. O conde teria que devolvê-las por iniciativa própria. Mas por que não o fizera no momento em que as recebera? Ele vira que eram destinadas à sua tia, viu que ela era a pessoa que as escrevera. Por quê? Certamente não as leria sem a sua permissão, ou leria? Um tremor perpassou ser corpo. Mrs. Blauth lhe perguntou se ela estava com frio, ela confirmou. Nesse momento, o conde abriu os olhos e olhou para ela. Mas, Mrs. Blauth interceptou-lhe a visão e começou a amontoar cobertores sobre ela, falando sem

parar. Eliza foi tomada por uma agonia, uma vontade imensa de abrir a porta daquela carruagem e fugir.

Após as primeiras duas horas, as novidades, ao que parece, haviam começado a escassear. Mrs. Blauth emudecera, talvez tivesse se dado conta de que seus dois acompanhantes não estavam interessados em mexericos provincianos. Eliza encostou a cabeça na portinhola e fechou os olhos, mas, por mais que tentasse dormir, sua mente estava um torvelinho. Além disso, quando fechava seus olhos sentia os dele sobre ela. Na ânsia de se esforçar para não abrir os seus, abria-os. *Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço*^[29] — lembrou-se da frase. Sua mãe estava certa: *Ensina a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele!*^[30] Os versículos vinham-lhe à mente, de forma recorrente, punindo-a. Mas a mãe se envergonharia se pudesse ler os pensamentos que a filha estava tendo por um homem. Seu pai, então... Eliza estremeceu ao se lembrar do que ele dissera sobre Elizabeth. Triste constatação íntima: ela era como a tia!

Algumas horas mais tarde pararam numa estalagem. Ali todos conheciam o conde de Northumberland, e foram levados para uma sala reservada. Eliza comeu pouco. Mrs. Blauth, contudo, comeu pelas duas. O conde continuava estranhamente calado. Eliza, intrigada, tentava adivinhar o que lhe passaria pela cabeça. Provavelmente, devia achar que ela fosse uma criminosa, considerando a

reação que tivera no momento em que vira suas cartas sendo entregues a ele.

De repente, ela atentou para uma questão que tinha deixado de lado até então. Como pagaria pelo seu novo guarda-roupa? Precisava falar com ele também sobre isso, mas não podia fazê-lo na frente de Mrs. Blauth. A oportunidade teria que surgir naquela mesma noite, pois do lugar onde estavam ainda poderia voltar para a sua humilde vida na cabana. Em meio aos rendeiros, seus vestidos antiquados estariam mais do que apropriados, e satisfariam plenamente a sua parca vaidade. Isso, claro, se o conde lhe devolvesse as cartas sem lê-las. Caso contrário, estaria perdida. Jamais poderia voltar à cabana, muito menos à sua terra.

Mrs. Blauth tirou-a do devaneio.

– Quando chegarmos a Londres irei ensinar à miss o nosso idioma... A língua de Albion – disse a mulher. Eliza olhou para o conde, seus olhos continuavam sorrindo estranhamente, e ela não sabia se era dela, para ela ou do que falara pomposamente Mrs. Blauth.

Finalmente, muitas horas depois pararam em mais uma “casa de postas” para trocar os animais e pernoitar. Para sorte de Eliza, os quartos da estalagem eram pequenos e só possuíam uma cama. Assim, ela e Mrs. Blauth ficariam em aposentos separados. Estava aliviada, pois o eco daquela voz sibilava em seus ouvidos.

Já instalados, ela tomou um banho, trocou um vestido

feio por outro igualmente feio e desceu para a ceia. Durante toda a refeição apenas Mrs. Blauth falou. O conde manteve-se taciturno, e ela, como não podia ser diferente, permaneceu muda. Ao final, os três se levantaram da mesa para se recolherem aos respectivos quartos. Nessa hora, Eliza fez discretamente um sinal para o conde, informando que precisava conversar com ele. Acreditou que ele compreendera.

A sós no quarto, ela esperaria agoniada. O tempo passava e ele não aparecia. *Ele não virá e eu estarei acabada.* Olhou para a porta fechada, pensou em passar por ela e desaparecer dali, mas uma tênue esperança a mantinha sentada em sua cama, com os ombros caídos. Suspirou. Resignada, tirou seu vestido, fez sua *toalette*, colocou seu antigo camisolão... Quando escovava seus longos cabelos, ouviu uma leve batida na porta. Pensava ser Mrs. Blauth. Ao abrir, deparou-se com Hotspur, atrevidamente postado.

– Deseja-me, madame? – perguntou ele, sorrindo, fazendo uma suave vênia, e mostrando as ruguinhas nos cantos de seus olhos. Parecia ter bebido.

– Mas... agora? Quanta presunção, milorde.

– Então, se não me quer, por que me chamou, miss?

– Eu precisava conversar com o senhor, mas quando eu estava vestida.

– Está muito melhor assim, miss – ele retrucou. Enquanto falava foi entrando e fechando a porta.

Eliza correu e vestiu um velho roupão por cima da camisola, observada atentamente por ele, cujos olhos sorriam.

– Preciso conversar sobre, sobre...

– Sobre?... – ele não facilitava as coisas.

– Minhas cartas. Eu as quero.

O conde olhou intensa e demoradamente para ela.

– Eliza, o que tem naquelas cartas que tanto a apavora?

– perguntou, falando calmamente. Era a primeira vez que ele a chamava pelo nome de batismo.

– Não tem nada. São as minhas intimidades, relatadas como num diário. Ninguém deve lê-las agora que minha tia desapareceu. E tem mais, esse novo guarda-roupa ao qual milorde se referiu. Não posso pagar por ele – ela justificou-se. Ruborizara, pois percebera que ele olhava para o decote de seu roupão.

– Sobre o seu pacote de cartas, o terá inviolado. Sobre o seu novo guarda-roupa, quem lhe disse que pagará por ele?

– Também não posso aceitar que o conde pague pelos meus vestidos.

– Agora é um pouco tarde, madame. Já estamos na metade da viagem, devia ter feito essa objeção antes.

– Como? Se milorde me fez passar por ignorante e muda? – ela quase gritava.

– Shiii...– ele levou o dedo aos lábios. – Deseja ser o próximo mexerico de Mrs. Blauth? – ele apontou para o

quarto ao lado.

— Se sabia que ela era uma mexeriqueira, por que a convidou como minha acompanhante? — ela sussurrou.

— Assim está melhor — disse ele, aproximando-se dela. E continuou: — porque eu não possuía nenhuma alternativa. E, apesar dessa pequena falha em seu caráter, ela é uma boa pessoa. Menos esperta do que pensa que é, na verdade. Imagine hoje se ela visse como a senhorita me media na carruagem.

— Seu... — ela protestou, saltando para cima dele. O conde segurou seus braços e a prendeu entre a cama e seu corpo. Sem poder se mexer, e sentindo cada parte dele colada a ela, seu cheiro... Sentiu que, se não lutasse até a morte, perderia aquela batalha. Hotspur enlaçou-a pela cintura, prendeu-a contra seu tórax e começou a beijá-la. Ela esperava um beijo de lhe tirar o fôlego, mas ele mudou de estratégia. Seus lábios roçaram os dela... Depois, passou a tocar seus lábios suavemente, contornando sua boca de uma forma assustadoramente íntima e sensual com beijos leves, intercalando-os com beijos profundos e apaixonados. Eliza sentia que estava cedendo, e, quando a língua dele invadiu sua boca com fome, ela correspondeu com paixão igual ou maior. Ele gemeu quando ela, segurando os quadris dele, puxou-o para ela.

— Oh, Céus! O que foi que eu fiz? — ela gritou, estancando ao se dar conta daquele atrevido gesto

involuntário.

– Acendeu uma fogueira, madame. Agora terá que apagar esse fogo.

– Oh, não! Perdoa-me. Eu não sabia o que estava fazendo. Eu não posso, eu nunca...

– Eu sei... eu sei... Mas, deixa-me louco! Devia ter dormido com Mrs. Blauth. Não entende? É a única forma de se proteger de mim – ele disse. Repentinamente, saiu do quarto, e ela, tremendo, correu e passou o ferrolho na porta. Lembrou-se das cartas e abriu-a novamente.

– Milorde, e as cartas?!

– Amanhã as terá.

E o conde se foi pelo estreito corredor. Eliza ficou olhando até que ele entrasse no próprio aposento, no extremo oposto, sem sequer ter olhado para trás.

No desjejum, encontraria um homem abatido. Ele parecia ter dormido menos do que ela. Antes que Mrs. Blauth aparecesse, o maço de cartas foi colocado à frente dela. Eliza não teve tempo nem de agradecer, pois a mulher chegou em seguida. Comeram em silêncio. Pelo visto, Mrs. Blauth não gostava de conversar durante a refeição matinal. Menos mal.

A segunda parte do trajeto até Londres seria quase uma repetição, apenas com novos mexericos. Eliza, intimamente, prometeu a si mesma nunca mais fazer aquela viagem com Mrs. Blauth. De todas as dificuldades que ela tivera que passar de Leipzig até a Inglaterra, nenhuma

delas lhe exigira tamanha energia. Tinha que dar atenção à mulher do vigário, vigiar-se para não olhar o conde, vigiar-se para não pousar seus olhos nas pernas, nos olhos ou em qualquer outra parte do corpo dele... E, ainda, não divagar olhando a paisagem, e, com isso, deixar Mrs. Blauth falando sozinha, pois o conde não se preocupava em ser cavalheiro. Enfim, estava exausta quando chegaram ao destino.

Northumberland House ficava na Trafalgar Square, perto da Buckingham House, próxima a St. Jame's Park e a Piccadilly Circus. Era conhecida como a residência londrina da família Percy, os condes de Northumberland, uma das mais ricas e mais proeminentes dinastias aristocráticas da Inglaterra havia séculos. Erguida no extremo ocidental da Trafalgar Square, a monstruosa mansão deixou Eliza chocada pela grandeza e riqueza. A moça pobre de Leipzig perguntava-se porque razão ela, a filha do musicista prussiano e de uma inglesa sem nome, tinha ido parar ali.

À medida que as bagagens eram retiradas da carruagem, o seu pobre e antigo baú, em meio aos ricos pertences do conde e do restante da comitiva, mais destoava pela sua simplicidade, como uma taça de madeira misturada a taças de cristal. Ela, contudo, não o perdia de vista, como se fosse uma rica joia.

Um laçao, dentre dezenas de criados, levava o baú nos ombros. Eliza acompanhava seu caminhar como se

estivesse vendo uma cena da qual não fazia parte. Era apenas um velho baú preto, tão surrado, tão desconcertantemente fora de contexto em meio àquela riqueza. O conde estava ao seu lado, quieto, esperando que ela o acompanhasse. Já lhe tinha estendido o braço direito, mas ela parecia não vê-lo. Desconcertado diante da reação da *estrangeira*, ele parecia se envergonhar da opulência da casa.

Construída por volta de 1440, por um ancestral conde de Northumberland, a mansão medieval era composta por uma fachada de cento e sessenta e dois pés de largura, um único pátio central, uma torre em cada extremidade, um grande salão para bailes, um quarto principal para o conde e vários apartamentos separados. Muitos desses aposentos tinham seu acesso através de portas externas ligadas ao pátio. O exterior era embelezado com ornamentos clássicos no modelo jacobino. O acesso ao interior da casa se dava por uma elaborada porta com quatro torres de pedras esculpidas. O jardim possuía cerca de cento e sessenta pés de largura e mais de trezentos pés de comprimento, mas, ao contrário dos casarões vizinhos, não chegava até o rio.

— Vamos congelar aqui, miss — ele disse, tirando-a do encantamento. — Lá dentro está mais aconchegante. Eu prometo que, se não gostar, amanhã mesmo enfrento toda essa viagem de novo e a levo de volta para a cabana do lago.

De alguma forma, a fala tocou-lhe o coração. Havia tanta ternura naquelas palavras que a frase assim lhe soara: “Se toda essa ostentação lhe assustar, lhe devolvo ao aconchego da simplicidade”. Eliza olhou para Hotspur fixamente. Sentiu o quanto seu olhar igualmente era terno. Aceitou o braço que ele lhe dava e, assim, entrou em Northumberland House pela primeira vez.

CAPÍTULO XIII

A Batalha de Otterbourne

“Qualquer covarde pode lutar uma batalha quando ele tem certeza de que vai vencê-la; mas dê-me o homem que tem coragem para lutar quando ele tem certeza de que vai perder. Há muitas vitórias pior do que a derrota.”[\[31\]](#)

Otterbourne, Hampshire, agosto de 1388.

Miss Evans estava radiante. Nunca havia experimentado nada parecido com aquilo que sentia por Sir Percy. Andava como se flutuasse. Quase dançando, sorria para os pássaros e cumprimentava as flores que encontrava pelo caminho. Desde que vira Sir Percy sabia que era com ele que desejava se casar. Ela não sabia explicar, mas se sentia ligada a ele por uma história cujo roteiro já estava pronto e no qual cumpria naturalmente seu papel. Sonhara tantas vezes com esse sentimento, sabia que era real, pois lera sobre ele nos livros, embora admitisse que, algumas vezes, colocara em dúvida a sua existência. Em momentos de total descrença chegara a banalizá-lo como mais um personagem de ficção, mas logo voltava à razão e se fiava, sobretudo, no amor, mesmo jamais o tendo experimentado.

Agora sabia que era tangível, que nada neste mundo se comparava àquilo, nenhuma leitura chegara nem perto da descrição do gosto do beijo do homem amado, pois ela o amava e precisava falar com alguém desse sentimento que lhe agigantava no peito, exigindo-lhe confidências. Os ocupantes da casa senhorial, portanto, teriam que esperar por ela, pois precisava contar para Mr. Derrick. De todos os habitantes daquele vilarejo, ela não via nenhum outro em quem pudesse confiar àquela confissão.

– Vejo que está sozinho, Mr. Derrick — ela disse-lhe, abrindo um largo sorriso assim que ele a recebeu.

– E eu vejo que esses arteiros olhinhos estão brilhando mais do que ontem — ele respondeu, afetuosamente.

– O senhor é um homem perspicaz, Mr. Derrick. Estou muito feliz e por dois motivos. O primeiro é que minha égua está curada e o segundo, bem... Esse é um assunto mais delicado... — ela disse baixinho, enquanto seus olhos examinavam as redondezas como se temesse ser ouvida.

– Espere aqui só um minuto, miss Evans.

Mr. Derrick entrou em seu depósito, voltando instantes depois com um de seus ajudantes, ao qual pediu que cuidasse do comércio. Então, levou miss Evans para dentro da casa, que ficava nos fundos. Sentaram-se em um velho sofá de couro.

– Assim está melhor?

– Oh, sim, muito melhor, Mr. Derrick! De fato, o assunto requer toda privacidade — ela disse, hesitando,

como se buscasse coragem para continuar. – Mr. Derrick, não tenho ninguém mais para desabafar e como o senhor conheceu a minha mãe, achei que pudesse ser meu confidente.

– Sim, pode confiar, miss.

– Sir Evans e minha madrasta querem casar-me com o conde de Douglas. O senhor deve saber que isso não me agrada em nada, mas já marcaram até a data. Eu já sabia que não me casaria com ele quando fiquei noiva, mas não tive escolha, forçaram-me – ela confidenciou, hesitante. Encorajada pelo olhar terno de Mr. Derrick, ela continuou: – Aconteceu algo novo...

Miss Evans fez nova pausa, com um olhar no qual ela pedia socorro ao novo amigo.

– Então querem lhe casar com o conde de Douglas?! – ele questionou. Embora Mr. Derrick se mostrasse surpreso, algo mais se passava em sua mente, pois seus lábios ficaram cinzentos, como se tomado pelo pânico.

– Sim, foi isso mesmo que eu lhe disse, senhor.

– A senhorita não pode se casar com aquele homem.

– Sim, eu também acho isso. Quero me casar com Sir Henry Percy.

– Oh, miss! Também não pode se casar com Sir Percy.

– Mas, por que eu não posso me casar com ninguém?! – ela protestou. Miss Evans estava indignada.

– A senhorita pode se casar, menos com um Douglas ou com um Percy.

– Mas, por quê?!

Mr. Derrick hesitou, refletiu, torceu as mãos, levantou-se, por fim. Continuava em silêncio e tudo aquilo estava deixando miss Evans muito aflita.

– O que há, Mr. Derrick? Está me deixando apavorada.

– Miss Evans, a senhorita está repetindo a história de sua mãe. Ela também se apaixonou por um rapaz quando estava prometida a outro.

– Por quem minha mãe se apaixonou, Mr. Derrick? Não pode ser por Sir Evans...

– Não. Não foi por Sir Evans. Oh, miss. Serei eu a contar essa história para a senhorita?

– Se o senhor não me contar, Mr. Derrick, nunca saberei.

Mr. Derrick titubeava. Andou de um lado para outro. Foi em direção ao fogão, colocou uma vasilha com água sobre o fogo, e disse que precisava de um chá. Miss Evans, sem nada poder fazer, pôs-se a ajudá-lo silenciosamente. Após preparar calmamente o chá, sempre pensativo, o homem tomou uma xícara e ofereceu-lhe outra. Ela recusou gentilmente. Finalmente, após vários minutos, ele disse:

– O homem por quem a sua mãe se apaixonou tinha um nome, miss Evans... – ele parou de falar, novamente.

– Diga logo, Mr. Derrick. Não aguento mais esse seu silêncio.

– Chamava-se Henry Howard.

— Lorde Henry Howard?! — ela perguntou, visivelmente chocada. Havia empalidecido na hora. — Mas ele não é o conde de Northumberland, o pai de Sir Henry Percy?

— Exatamente.

— Oh, não! Não pode ser! Está querendo dizer que minha mãe e o conde...?

— Sim, miss Mhairi foi apaixonada pelo pai de Sir Percy. Só que ela não tinha a determinação que a senhorita tem.

— Meu Deus! Por isso o conde odeia Sir Evans.

— A senhorita precisa conhecer toda a história. Sente-se, miss! Não vou gostar nada disso e lhe asseguro que a senhorita também não vai. Tudo o que vou lhe contar ouvi da própria Mhairi.

Mr. Derrick pôs-se, então, ao relato.

— Sua mãe era uma serva escocesa. O pai de Sir Evans a raptou, pois ela era uma moça de extrema beleza. O velho pretendia ficar com ela, mas seu filho, Sir Evans, apaixonou-se ardentemente pela moça. Ocorre que ela não era uma criada qualquer, miss...

— Como não era uma serva qualquer, Mr. Derrick?!

Ele parou de falar, olhou-a demoradamente, segurou as suas duas mãos. Depois continuou:

— Mhairi era filha bastarda do conde de Douglas, pai do então lorde James.

— O senhor está me dizendo que minha mãe era irmã de

lorde James?

– Sim, isso mesmo. Por isso a senhorita não pode se casar com ele. Ele é seu tio.

– Mas como eles não a buscaram?

– Naquela época o conde de Douglas tinha mais bastardos do que soldados...

Miss Evans ficou em silêncio por muito tempo, enquanto refletia sobre tudo aquilo. Depois, perguntou:

– Sir Evans sabe disso? E, mesmo assim, quer me casar com meu tio?

– Não! Ele não sabe. Quem me confidenciou isso foi sua própria mãe após contar para...

– Para?... Para quem?

– Para lorde Henry Howard e ser imediatamente rejeitada por ele.

– Não estou entendendo nada, Mr. Derrick. Tudo bem, não posso me casar com lorde James. Mas por que não posso me casar com Sir Percy. Ele também é meu tio?

– Tio, não, senhorita. A situação é muito pior. Sir Percy é seu irmão de sangue.

– O quê?! Que loucura é essa, Mr. Derrick?

– Vou lhe contar tudo. Sente-se e tome esse chá, vai precisar – ele disse-lhe, carinhosamente, enquanto lhe servia uma xícara, ainda fumegante.

– Oh! O que pode ser mais grave do que o que já me contou, Mr. Derrick?

– A miss tem o direito de saber a verdade, ainda mais

agora... O fato é que sua mãe e Henry Howard, o conde de Northumberland, tiveram um envolvimento amoroso antes do casamento dela com Sir Evans. Eu mesmo os flagrei juntos... Eu havia-os seguido, pois também estava louco de paixão por ela, e os vi entrando numa gruta no meio da floresta.

– Sim, e daí? Por que os dois não ficaram juntos?

– Porque quando Mhairi contou para o conde de quem ela era filha, ele a repudiou. Um Percy jamais se casaria com uma Douglas, mesmo que fosse uma bastarda. Não por ser bastarda, mas por ter o sangue da família escocesa. Essas duas famílias se odeiam há muitos anos.

– E depois?

– Lorde Henry Howard, àquela época, estava prometido a uma prima, Margaret Neville, e se casou com ela logo depois.

– Margaret Neville?! A mãe de Sir Percy? – perguntou miss Evans.

– Sim, a mãe de Sir Percy. Então, sua mãe se casou com Sir Evans... E, poucos meses depois, você nasceu. O resto da história a senhorita já conhece.

Miss Evans tinha a voz embargada. – Lorde Henry e minha mãe estiveram juntos na gruta... Então ele é meu pai, Mr. Derrick? – ela questionou. Um fio de voz pronunciou a última sentença: – Quanto tempo depois eu nasci?

– Menos de nove meses, miss. Todo mundo falou disso.

Sabe como são as coisas nesses lugarejos. Não posso afirmar quem realmente é seu pai... Eu não sei o que aconteceu naquela gruta. Apenas vi sua mãe Mhairi e lorde Henry Howard entrando na gruta.

– Oh! Mas isso tudo é tão cruel! Eu, irmã de Sir Percy e, ainda por cima, com sangue escocês dos Douglas...

Toda a alegria de seu espírito esvaiu-se em instantes. Seu corpo esmoreceu. Uma inquietação lhe tocava a alma. Sua mãe, pretendida de Sir Evans, havia se apaixonado pelo conde de Northumberland, era quase certo que tivesse se deitado com ele, e que ela fosse, de fato, filha dele. Mas, se Henry Howard tinha repudiado sua mãe porque ela era uma Douglas, o filho dele, Sir Percy, também a repudiaria pelo mesmo motivo, mesmo que eles não fossem, de fato, irmãos consanguíneos.

Um plano?! Mesmo diante das evidências, miss Evans não pretendia renunciar àquela paixão.

Pensou por um longo tempo, tempo no qual apenas se ouvia o tilintar da xícara sobre o pires e a respiração dos dois. Ela se levantou, olhou para o homem à sua frente, e tomou a resolução: Sir Percy jamais poderia saber nada sobre a sua origem. *Sir Percy pode ser meu irmão e eu estou apaixonada pelo sangue do meu sangue.*

Quando chegou de volta à casa senhorial, o sol já estava se pondo. Mais um dia chegava ao fim, e a data do casamento se aproximava rapidamente. Sir Evans, lady Evans e o conde de Douglas esperavam por ela. O conde

estava visivelmente impaciente. Lady Evans a olhava desconfiada, mas na frente do conde ela não diria nada que comprometesse o casamento. Miss Evans pediu licença para cuidar de sua *toalete*. Matilda foi chamada para ajudá-la. Arrumou seus cabelos e ela não teve alternativa senão descer. Eles a aguardavam, cada vez mais inquietos. Assim que se sentou, Sir Evans fez o comunicado que mudaria o plano arquitetado intimamente por miss Evans.

– O casamento será no próximo sábado.

Um frêmito perpassou seu corpo. Ela gaguejou.

– Como?! Por que tanta pressa? – perguntou, demonstrando surpresa. Dissimulava, assim, sua indignação.

– Seu noivo, o conde, está de partida para o continente a negócios, e deseja ir casado – disse lady Evans.

Não havia nada que ela pudesse fazer a esse respeito. Estava tudo acertado. A igreja, o enxoval... Estava vencida. Seu plano teria que ser antecipado. Precisava sair dali imediatamente, mas o conde não tirava os olhos de cima dela. Como ela o desprezava! Quando olhava para ele, lembrava-se da mãe e do que Mr. Derrick havia-lhe dito: “Ele é seu tio”.

A interminável noite na presença do conde chegou ao fim. Como ela esperava, Sir Evans havia bebido muito mais do que seu organismo suportava. Naquela noite ela ainda ficou sabendo que o pai viajaria no outro dia bem

cedo para Londres. Miss Evans acordou muito cedo. Antes que Matilda terminasse de arrumá-la, lady Evans entrou no quarto. Como de costume, não bateu na porta.

– Vejo que ainda não está pronta, miss. Temos um compromisso. Há muito que se fazer.

– Onde está Sir Evans? – ela perguntou, apenas para confirmar a ausência do pai.

– Por quê?

– Ainda faltam algumas peças em meu enxoval e pretendo encomendá-las com urgência.

– Seu pai foi a Londres tomar um banho de civilização.

– Por que não foi com ele, lady Evans?

– Por sua causa, miss – respondeu a mulher, rabugenta.

Miss Evans estava aliviada e ao mesmo tempo irada com lady Evans, mas se quisesse colocar o seu plano em ação tinha que colaborar para que nenhuma suspeita fosse levantada. Aquiesceu. Minutos depois, descia calmamente acompanhada por lady Evans. Ela tinha certeza de que a antecipação do casamento tinha tido a influência daquela maquiavélica lady. Sem desconfiar de nada, lady Evans levou-a para a última prova do vestido. Miss Evans representava seu papel com extrema paciência.

Já em casa, assim que se viu livre das obrigações de noiva, subiu para seu quarto, queixando-se de indisposição. Lady Evans era uma mulher detestável e todos os servos a odiavam. Não tinha sido difícil para miss Evans conseguir aliados na casa. Ela e Gill

arrumaram uma trouxa. Dissimulando uma lavagem de roupa, a trouxa foi deixada no rio, no esconderijo que miss Evans havia-lhes indicado. Matilda, Tomboy e Jack a ajudaram na fuga por uma porta dos fundos.

Ela amava Sir Percy e com um Douglas jamais se casaria. Para o poderoso conde escocês — um dos nobres mais ricos da Escócia —, não faltariam pretendentes. O casamento com ela certamente era apenas um capricho.

De longe, miss Evans avistou Alnwick Castle. Estava exausta de tanto correr e também porque praticamente não havia dormido na noite anterior. Dando sequência ao plano que traçara, tratou logo de sujar sua túnica numa poça de água suja bem pegajosa. Os guardas do castelo assustaram-se quando a viram, deram o alarme e Sir Percy foi chamado. Ele estava no estábulo. Ela escondeu a trouxa, que continha algumas poucas peças de roupas. Assim que ele a viu, ficou surpreso, não só pela sua inesperada chegada, mas também pelo seu estado deplorável. O contraste entre eles ficara ainda mais evidente: Sir Percy vestia uma camisa de finíssimo linho branco, com um gibão cinza por cima, Chausses^[32] com sola de couro, calça escura e uma ampla túnica que ia até o chão. Estava belo e limpo. Miss Evans tinha lama por todo o corpo e os fios que tinha soltado de suas tranças estavam encharcados e caíam sobre seu rosto deixando um rastro enlameado.

– O que aconteceu? Foi atropelada por uma carroça? –

ele perguntou, sorrindo. Ela sorriu de volta e balançou a cabeça negando. – O seu vestido, miss. O que aconteceu?

– Vim correndo, tropecei e caí no fosso. Gostaria de me lavar.

– No fosso?! Como?

– Sou desastrada, só isso. Quero apenas me limpar logo, se for possível.

Sir Percy mandou chamar uma criada e ordenou que a levasse para o quarto azul. Mas antes perguntou o que ela vestiria, já que a sua túnica não serviria mais.

– Eu trouxe um vestido.

Ele olhou para miss Evans desconfiado, mas ela acrescentou: – Daqui eu irei embora.

– Continua com essa história na cabeça, miss? Depois não gosta quando eu a chamo de infantil – ele instigou-a. Parecia bem aborrecido.

– Preciso fugir, Sir. Meu pai e lady Evans querem me casar com o conde de Douglas. Obrigaram-me a ficar noiva. O noivado foi naquele dia em que o vi no rio... – ela retrucou. Olhou para ele e seus olhos estavam embaçados. Sir Percy ficou embaraçado.

– Está noiva de lorde James?

– Sim. Obrigaram-me. O casamento está marcado para daqui a cinco dias. Mas eu não comparecerei à igreja.

Lágrimas verteram de seus olhos e Sir Percy estendeu a mão para secá-las. Ela estava suja, não cheirava bem, mas mesmo assim ele sentiu uma enorme vontade de tomá-la

em seus braços.

– Então é isso. Por que não me contou antes?

– Eu tentei. Mas, quando citei o nome do meu noivo o senhor ficou irritado.

– Naquele dia em que eu lhe encontrei no rio eu soube que o conde de Douglas e mais três condes escoceses estavam acampados em minhas terras. Eles pretendiam atacar Alnwick Castle sob a alegação de que eu e meus homens tínhamos invadido as suas terras na Escócia para caçar. Eu voltava de uma batalha.

– Havia lutado contra ele naquele dia?

– Não, porque ele e os outros condes tinham fugido, mandando seus soldados lutarem no lugar deles. Uns covardes. Esqueça os Douglas! Esses vermes não merecem que se perca tempo falando neles. Onde estão as suas coisas?

Miss Evans não o fitava, pois temia que seus olhos denunciassem todo o seu pavor. Ali estava a resposta da qual ela precisava. Seria vista como um *verme* se ele soubesse do sangue que corria em suas veias. Mas ela também era inglesa, uma Percy... Ah! Mas isso apenas piorava as coisas.

Ela o levou ao local onde tinha escondido suas roupas. Pouco depois ele saiu e retornou com duas criadas que cuidariam de seu banho. Foram necessários dois deles para tirar o cheiro da lama. Quando estava limpa, miss Evans agradeceu e pediu que lhe chamasse Sir Percy. As

criadas se entreolharam, mas minutos depois Sir Percy entrava no aposento. Olhou-a surpreso dos pés à cabeça. As belas pernas de miss Evans e seus ombros estavam à mostra. Embaraçado, ele deu um passo para trás, pois era um homem honrado, e nenhuma dama poderia se apresentar daquela forma diante de um cavalheiro que não fosse seu marido.

– Por que me chamou, miss? – perguntou ele, olhando-a sério. Ela continuou como estava. Em silêncio, parecia à vontade em sua parcial nudez.

– Por que ainda não se vestiu? Não está certo uma dama ficar assim, sozinha, e ainda por cima nua na frente de um homem.

– Sir Percy também já esteve nu na minha frente – respondeu ela, desafiadoramente atraente.

– Foi completamente diferente. Eu não sabia que tinha uma pessoa escondida atrás da moita.

– Vamos pular essa parte do que é certo ou errado. Estou indo embora hoje e não vamos nos ver nunca mais, Sir.

– Para onde você vai, menina? – ele perguntou, frisando bem o *menina* no intuito de atingir a mocinha petulante à sua frente.

Irritada por isso, miss Evans soltou o manto que a cobria. Seus volumosos seios de mulher e o seu ventre ficaram à mostra. Sir Percy, completamente atordoado, pegou o manto e, em vão, tentou cobri-la.

– Quero ser sua, Sir. Eu o amo. Não quero que um Douglas seja o meu primeiro homem.

– Não está sendo coerente, miss. Há pouco falou que jamais se casaria com ele – ele ponderou. Sua voz estava terna e rouca. A visão daquele corpo de mulher havia quebrado toda a sua resistência.

– Não pretendo me casar, Sir. Mas eles podem me forçar. Como fizeram com minha mãe no passado.

– Miss Evans, minha querida, você ainda é uma menina. Por mais que eu a deseje, eu não posso fazer isso.

– Hoje é meu aniversário de dezoito anos, Sir – ela disse, mentindo. Logo emendou: – Se o senhor não me ama, eu vou embora e nunca mais me verá.

Miss Evans caminhou lentamente para onde estavam as suas roupas. De costas para ele, começou a se vestir peça por peça. Seu coração batia acelerado, estava desesperada para que o homem que ela amava mudasse de ideia e a quisesse. Mas ele, aparentemente, não a queria. Uma lágrima de rejeição rolou em sua face no mesmo instante em que ela sentiu os braços de Sir Percy em torno dela.

– Diga que não está mentindo, miss. Que está completando dezoito anos...

– Juro pela vida de Sir Evans – respondeu ela, enfaticamente.

No instante seguinte ela estava entre seus braços, sendo beijada e acariciada. Ofegante, com os olhos cheios de

desejo, Sir Percy se afastou dela por um instante.

– Miss Evans, preciso saber: quem a viu primeiro, eu ou o conde de Douglas? – ele perguntou, baixinho.

– Eu nunca tinha visto o conde de Douglas até aquele dia depois que lhe vi no rio, Sir. E, como eu poderei me casar com outro homem tendo visto o que vi? Eu o vi nu, Sir. Não seria honrado me casar com outro... E o senhor também me viu nua e, portanto, não seria honrado não se casar comigo. Estarei desonrada se isso não acontecer... Não posso me casar com um Douglas quando um Percy não sai de minha mente!

– Tem razão, miss. Estaria desonrada se eu não me casasse com a senhorita. Peço que me aguarde aqui, mas se vista. Volto em breve.

– Sir, Sir, não me deixe, por favor! Quero ser sua. Faça-me sua! – ela implorou.

– Vamos nos casar, miss. Sou um homem honrado. Vou buscar o padre – ele disse. Voltou e a beijou novamente.

– Não Sir, não vá! Vamos consumir o casamento primeiro. Não me deixe aqui. Estou ardendo por ti, Sir – ela insistiu. Ele riu, beijou-a profundamente, tomou seus seios na palma da mão, seu polegar roçou a ponta enrijecida de seus mamilos, mas logo se afastou novamente.

– Não posso fazer isso com a senhorita antes de me casar. Tenho que ter juízo por nós dois, já lhe falei isso, e confesso que está quase me fazendo perder todo o senso,

mas volto logo, e lhe farei minha para sempre. Hoje ainda será a futura condessa Hotspur – ele disse, rindo, enquanto acrescentava que o título de “condessa fogosa” lhe caberia perfeitamente e que ele adorava aquele ímpeto que ela possuía.

– Não ligo para título, já devia saber disso, senão me casaria com o conde de Douglas.

Miss Evans insistia na consumação imediata do sexo.

– Sir, o conde de Northumberland não consentirá no nosso casamento, eu sei. E meu único desejo é... – ela disse, começando a chorar.

– Ninguém vai me impedir de ter aquilo que eu desejo, miss. Sou um homem de quase trinta anos e meu pai não me governa – ele desaprovou-a. Parecia ofendido. Miss Evans pegou o manto e se cobriu, tristemente. Ela sabia que aquele casamento jamais seria concretizado e que estaria definitivamente perdida.

Assim que Sir Percy saiu, ela terminou de se vestir. Seu olhar vagava perdido no nada, como se prevesse o vazio que sempre seria sua vida sem ele. Sentada ao lado de uma janela, um belo vale se descontinuava à sua frente, mas sua mente nunca estivera em tamanha apreensão. A voz de Mr. Derrick não saía de sua cabeça: *“Eu os vi entrando numa gruta no meio da floresta. Ele é seu irmão.”*

Quase uma hora depois vieram chamá-la dizendo que o conde de Northumberland a aguardava no salão principal.

Ela sentiu um estremecimento percorrer todo seu corpo, mas desceu. Com seu vestido azul com detalhes marrons na gola e na cintura, um manto preso no pescoço jogado sobre os braços, seus cabelos parcialmente presos, miss Evans parecia uma rainha tristonha sendo levada à masmorra, à reclusão, sem Sir Percy, ao calabouço da solidão. Sua trouxa fora entregue à serviçal que vinha logo atrás. Ela não tinha dúvida de que seria expulsa dali pelo homem que devia ser seu pai, Henry Howard — o poderoso primeiro conde de Northumberland.

Ao chegar ao salão, quatro guerreiros do conde, com suas cotas de malha, peitoral de aço e elmos, aguardavam por ela. Assustada, ela olhou para os lados à procura do conde — seu pai, certamente — e de Sir Percy, mas nenhum dos dois estava ali.

– Queira nos acompanhar, miss — disse-lhe um dos guerreiros.

– Não! Sir Percy, Sir Percy?!

Seu grito soou pelo castelo e seu eco se fez ouvir. Parecia tudo acabado.

NA CASA senhorial lorde James esperava por sua noiva. Estava impaciente, pois havia passado muito tempo desde que lhe disseram que tinham ido chamá-la. Lady Evans aparecera havia cerca de uma hora suplicando a

sua paciência. A mulher tinha inventado uma história tão esdrúxula que o lorde teve certeza de que ela estava mentindo. Já tinha presenciado uma das artimanhas de miss Evans e alguma coisa lhe dizia que lady Evans estava em apuros.

Decidido a acabar com aquela farsa, ele enviou um de seus homens para buscar o restante de seu exército. Seriam mais de quatrocentos guerreiros, que se juntariam aos cem que já cercavam a casa de Sir Evans. Lady Evans retornou ao salão ainda mais aflita.

– Vossa Senhoria, eu imploro que não nos faça nenhum mal. A notícia que temos para lhe dar certamente lhe enfurecerá — ela disse.

– Já estou enfurecido há mais de duas horas, milady. Quanto tempo ainda pretende me enganar? A senhora acha que sou um desocupado? Diga logo o que está acontecendo!

– Ela fugiu, milorde. Fugiu para Alnwick Castle.

– Maldito Sir Henry Percy!!!

Lorde James soltou um grito de guerra e pulou sobre seu cavalo. Era o motivo que precisava para acabar com a vida de seu maior inimigo sem aborrecer o rei.

A rivalidade entre Percy e Douglas era antiga, repleta de violência, sangue e usurpações. A mais recente discórdia entre o clã escocês dos Douglas e o clã inglês dos Percy datava de sessenta anos antes.

Na época, o avô do conde de Douglas — também

chamado James — era senhor dos Douglas e patriarca da família. Pouco depois da assinatura do tratado de paz entre os dois países, o rei Robert, da Inglaterra, por meio de uma carta, datada de julho de 1328, enviada ao segundo barão de Alnwick, Henry de Percy, declarava que este e seus herdeiros teriam o legítimo direito ao território sul da Escócia.

Dos vários cavaleiros escoceses notáveis que testemunharam essa posição do rei em favor do avô de Sir Henry Percy, um membro do clã Douglas jurou que seus herdeiros quebrariam esse voto nos anos seguintes e buscariam uma guerra final com objetivo de erradicar os Percy da face da terra. Embora nunca governando como reis, o clã Douglas tinha imenso poder na Escócia, sendo um dos mais influentes e respeitados da região. Seis décadas depois o neto do conde de Douglas tinha um motivo a mais para cumprir tal juramento.

Tanto os Douglas como os Percy, de Alnwick, eram famílias de lendária habilidade marcial dentro de suas próprias terras ancestrais. Eles poderiam juntar em torno de si muitos homens e esses guerreiros lutariam por eles com lealdade e bravura.

Lorde James Douglas convocou os demais condes que o acompanhavam na incursão em terras inglesas.

— Eu e meus homens vamos atacar Alnwick Castle e conquistar o *pennon*^[33] de Sir Percy. Os senhores poderão se juntar a mim com seus homens ou partir — ele disse.

Conhecendo o conde de Douglas e seu poderio na Escócia, eles mantiveram sua lealdade e seguiram com ele, levando todos os seus homens.

Alnwick Castle estava sitiado.

Do alto de seu cavalo o conde de Douglas gritou:

– Sir Henry Percy, vou levar o seu estandarte comigo hoje para a Escócia. Será a prova da minha proeza. Vou colocá-lo na torre do meu castelo em Dalkeith, para que possa ser visto de longe.

Quando o conde de Northumberland percebeu que o exército de James Douglas estava para invadir Alnwick Castle, ele chamou seu exército para a batalha. Contudo, Sir Percy, seu principal homem, lorde de grande coragem que sempre se colocava à frente da tropa com valentia, sua lança em punho, não estava. E o pior, como deduziu o pai: seria pego numa emboscada do lado de fora do castelo.

Montado em seu cavalo, Sir Henry Howard, o conde de Northumberland, foi encontrar-se com o conde de Douglas. Houve um confronto entre os guerreiros escoceses e os soldados ingleses.

– Por Deus, conde de Douglas! – gritou Sir Henry Howard – Vossa Senhoria nunca terá o estandarte dos Northumberland para vangloriar-se.

– Onde está lorde Percy? – perguntou-lhe Sir James Douglas, igualmente aos gritos. Só o *pennon* de Henry “Hotspur” tiraria a sua raiva. Precisava lavar sua honra

com o sangue dele.

– Lorde Percy partiu para o Sul – respondeu-lhe o pai. Temia que ele e o irmão, ambos fora da segurança do castelo, fossem pegos desprevenidos e mortos. A única esperança era tirar logo dali o exército inimigo.

O conde de Douglas sabia que os Northumberland eram guerreiros, porém honrados. Como tal, jamais mentiriam.

– Pois envie uma nota a lorde Percy e diga que esta noite eu voltarei. Antes vou pendurar meu estandarte em minha tenda e duvido que ele se aventure a tirá-lo de lá – desafiou.

O breve combate terminou, com cada exército se retirando sem nenhuma baixa.

Os escoceses tinham muito de tudo, principalmente de carne. Enquanto se regalavam mantiveram-se atentos vigiando à espreita do retorno de Sir Henry Percy ao castelo. Por fim, desapontados, perceberam que ele fora aconselhado a adiar a batalha. De fato, o conde de Northumberland enviara uma mensagem ao filho informando-o da presença dos escoceses. Mas a nota ordenava que seu herdeiro e o irmão não voltassem ao castelo naquele dia, pois seriam mortos.

Sir Henry Percy, contudo, estava decidido a descumprir a ordem paterna. A sua preocupação era miss Evans, que motivara o ataque do conde de Douglas. Seu irmão mais novo, Ralph Percy, com a ajuda de um padre

auxiliar, o desarmou. Juntos, os dois homens o persuadiram de que não teria qualquer chance de sobrevivência.

– Sem seu exército, meu irmão, Douglas o matará a sangue frio – disse-lhe lorde Ralph.

– Antes disso eu o teria matado – respondeu Sir Percy.

– Douglas não conseguirá invadir o castelo, pois os homens do pai irão detê-lo. Nossos homens também estão em maior número. Miss Evans está segura na fortificação.

– Preciso ir. Alguma coisa me diz que ela está em perigo – insistiu Sir Percy, pedindo ao irmão que lhe devolvesse a espada.

– Não aja no furor da paixão. Se tentar ser valente hoje, você será um imbecil morto amanhã. E ele ficará com seu estandarte... e com sua mulher.

Após muita discussão com o irmão, o padre auxiliar e o padre mais velho da igreja, Sir Henry Percy decidiu passar a noite ali, mas determinado a enfrentar James Douglas no dia seguinte.

Assim que amanheceu, entretanto, os escoceses saíram do Norte, pois acreditaram que Sir Percy havia fugido para o Sul com miss Evans. A caminho de Otterbourne, chegaram ao castelo de Ponclau, do qual Sir Raymond de Laval, um cavaleiro muito valente, era o senhor. Chegaram às quatro da manhã, saquearam e queimaram tudo, em sua sede de vingança. Em seguida, retomaram a marcha.

Já em Otterbourne, permaneciam acampados. Naquele dia não agiram, mas no dia seguinte, logo cedo, suas trombetas soaram em preparação para outro ataque. Avançaram sobre o castelo, razoavelmente fortificado, situado entre os pântanos. Eles o atacaram durante muito tempo, sem sucesso. Fisicamente desgastados, acabaram desistindo.

Reunidos após essa derrota, não sabiam como agir dali em diante. A maior parte decidiu por partir no dia seguinte para a Escócia. Mas o conde de Douglas não aprovou tal decisão.

– Eu não vou voltar para casa sem antes matar Sir Percy. Vamos renovar o nosso ataque ao castelo de Ponclau, pois ele deve ser tomado. Assim, vamos ganhar dupla honra, pois Sir Percy ficará sabendo disso e virá nos atacar aqui.

Todos concordaram com lorde James, pois ele não era só honrado, mas era o comandante principal. Antes fizeram cabanas fortificadas para si e colocaram seus espiões na entrada do pântano, no caminho para Newcastle. Depois disso, os guerreiros seguiram para atacar novamente o castelo que usariam como isca para pegar Sir Henry Percy.

LOGO cedo, os irmãos receberam uma nova mensagem

do conde de Northumberland pedindo que voltassem para Alnwick Castle. A caminho de casa, os dois, acompanhados pelo padre auxiliar que Sir Percy levava para o casamento, ficaram sabendo por um guerreiro da ameaça do conde de Douglas sobre o *pennon* de Sir Percy.

Mas ele estava feliz demais com a expectativa de tomar miss Evans em seus braços. Assim, a guerra com o conde Douglas podia esperar mais um pouco. O intrépido padre auxiliar havia-se oferecido para realizar a cerimônia, após veemente negativa do pároco, que alegara que o conde de Douglas e Sir Evans já tinham marcado a data do casamento dos jovens em questão, a ser feito por ele. Alegara, assim, que seria considerado um infiel se fizesse o casamento da mesma miss com Sir Percy e que preferia ser taxado de inócuo a cometer perfídia, pois tinha muito amor ao seu velho pescoço. Contudo, lembrara que o auxiliar desconhecia o compromisso assumido por ele e, portanto, se tivesse coragem, poderia ministrar o sacramento, já que este estava sob a jurisdição da lei canônica, que reconhecia como um casamento válido aquele em que as partes declaravam que aceitavam um ao outro como marido e mulher, mesmo na ausência de testemunhas. E se a coisa estava como Sir Percy havia declarado, o casamento seria válido.

Os três chegaram a Alnwick Castle quando o sol estava se pondo. Sir Percy pediu que o padre aguardasse no

salão enquanto ele ia buscar a noiva. Logo foi interceptado pelo conde de Northumberland.

– Essa conversa não pode esperar, meu senhor? Já estou ciente de tudo o que aconteceu aqui e duas pessoas estão aguardando por mim, uma linda senhora e um padre guerreiro – ele disse. Sorria feliz.

– Sinto muito, meu filho. Não haverá casamento – respondeu o pai. Sir Percy sentiu como uma lança em seu coração, pois o conde nunca brincava com assuntos sérios e também não costumava impor suas vontades aos filhos.

– Haverá sim, meu senhor. Miss Evans está no antigo aposento da condessa aguardando apenas o padre. Demorei mais do que o previsto, mas creio que o conde meu pai ordenou que a tratassem bem. E ela, claro, vai compreender a razão do meu atraso.

– Ela foi embora – respondeu o conde, taxativo, enquanto desviava o olhar do que viu nos olhos de Sir Percy.

– Com o Douglas?!

O conde de Northumberland, que não sabia do noivado do conde de Douglas com miss Evans, não atinou para a pergunta. Mantinha-se em silêncio. Como explicaria ao filho que ele, seu pai, estava evitando que ele se casasse com a própria irmã sem que, com isso, tivesse que expor antigas fraquezas e pecados?!

Sir Percy nem insistiu na pergunta. O silêncio do pai já lhe bastava. Em poucas horas, seu exército – composto

por cavaleiros e escudeiros, entre os quais seus primos, seu meio-irmão, seus leais guerreiros e o padre auxiliar — já estava montado e equipado para a guerra contra o conde de Douglas.

— Para os cavalos! Para os cavalos! Pela fé que eu tenho no meu Deus, no meu Senhor e Pai, vou recuperar minha noiva, casar com ela, e bater em seus aposentos ainda nesta noite — bradou Sir Henry Percy.

Os guerreiros do Norte, que estavam dispostos a lutar por ele, fizeram-se prontos. Sir Henry Percy foi acompanhado por seiscentas lanças, entre cavaleiros e escudeiros, e mais de oito mil infantas, que considerava mais do que suficiente para lutar contra os escoceses, que contavam com cerca de trezentas lanças e dois mil infantas. Quando estavam todos reunidos, eles deixaram Newcastle e entraram em campo em boa matriz, seguindo a estrada que os escoceses tinham tomado para Otterbourne. Não podiam avançar muito rápido, pois tinham de manter a infantaria junto deles.

Alguns escoceses tinham ido dormir, pois se haviam cansado muito durante o dia no ataque ao castelo, quando o “inglês” chegou com seu exército. Os guerreiros de Sir Percy confundiram, às margens da estrada, as cabanas dos servos com as de seus senhores.

— "Percy! Percy!"

Os servos assim gritavam quando o acampamento escocês foi invadido.

Em meio a esse alarme, o exército de Sir Percy fez seu primeiro ataque. Os escoceses estavam bem preparados para o ataque, pois enquanto seus senhores estavam se armando, os servos lutavam bravamente. Era noite, mas suficientemente clara graças à lua que brilhava no céu de agosto, sob um clima temperado e sereno.

Já prontos e devidamente vestidos, os escoceses deixaram o acampamento em silêncio. Mas não marcharam ao encontro de Sir Percy e, sim, contornaram a montanha. O acesso era difícil, mas sabiam o que estavam fazendo. Durante o dia anterior tinham examinado bem o lugar e acordado entre si: "Se o exército inglês vier à noite, vamos fazer isso e aquilo".

Os guerreiros ingleses já tinham dominado os servos escoceses, mas, à medida que avançavam para o acampamento, continuavam encontrando corpos frescos prontos para se opor a eles, o que mantinha a sangrenta luta.

Os guerreiros escoceses, após marcharem ao longo do lado da montanha, caíram de surpresa, aos berros, sobre o flanco inglês.

Os gritos de Percy e Douglas, um de cada lado, ressoavam entre os guerreiros.

A batalha se enfureceu. O conde de Douglas, jovem, estava impaciente para ganhar notoriedade por seus braços fortes.

— Douglas! Douglas! — ele bradava continuamente,

ordenando à sua bandeira para avançar.

Sir Percy e Sir Ralph, indignados pela afronta do conde de Douglas, rumaram a galope para o local de onde vinha o grito desafiador.

— Percy! Percy! — eles gritavam, igualmente estimulando seus guerreiros.

A batalha nos arredores de Otterbourne, nas Colinas de Cheviot, entre as tropas escocesas de lorde James, o conde de Douglas, e as tropas inglesas lideradas por lorde Henry Percy, o “Hotspur”, era marcada por crescente violência, com as baixas aumentando à medida que o tempo ia passando.

Os dois estandartes conheciam muitos feitos. Os cavaleiros e escudeiros de ambos os lados mostravam-se ansiosos para continuar o combate com vigor, determinados a manter suas lanças. Covardia ali era desconhecida e a mais esplêndida demonstração de coragem foi exibida, naquela batalha, pelos jovens galantes da Inglaterra e da Escócia.

O exército inglês, entretanto, tinha força superior e lutava tão vigorosamente que aos poucos obrigava os escoceses a recuarem. Lorde James Douglas, vendo que perderia a batalha, fugiu a galope.

Sir Henry Percy “Hotspur” teve novamente que ser fisicamente parado por seu irmão, Sir Ralph, e por seus outros cavaleiros, pois queria ir ainda naquela noite ao encalço do conde de Douglas, ferido, para tentar um

ataque ao “seu” castelo e trazer miss Evans de volta.

Enquanto tentavam contê-lo, o senhor de Northumberland surgiu repentinamente à sua frente.

– Miss Evans não está com o Douglas – bradou o conde.

– O quê?!

– Isso mesmo que eu disse. Eu a raptei.

CAPÍTULO XIV

Northumberland House e as cartas para Elizabeth

“É uma coisa muito dolorosa sentir vergonha da própria casa. Deve haver nisso uma infame ingratidão e a punição deve chegar e é bem merecida. Mas que em si só é sofrimento, posso asseverar.”^[34]

Inglaterra, novembro de 1830.

Eliza foi levada para seus aposentos. O quarto era maior e mais requintado do que tudo o que ela já tinha visto nos seus quase vinte e um anos de vida. O conde também tinha designado uma ama para atendê-la, Molly, tão nova quanto ela, ou mais ainda. Tinha as faces coradas, braços roliços e muita disposição para agradar à hóspede do nobre patrão. Preparou seu banho, ofereceu-se para lhe lavar os cabelos e os penteou. Eliza não se queixou, pois não tinha mais forças. Queria apenas deitar-se e descansar da longa e extenuante viagem.

Horas depois, acordou com alguém a balançando ternamente. Era o conde.

— O que houve, milorde? — perguntou ela, assustada, esfregando seus olhos. Não fazia ideia de quanto tempo havia dormido.

– Eu é que lhe pergunto. A senhorita gritava tão alto que acredito que foi ouvida lá da cozinha de *Buckingham House*. “Hotspur” estava na porta do seu quarto uivando e latindo, porque ouvia seus gritos sem poder entrar.

– Hotspur? Ele veio?

– Sim, com os criados. Essa época é fria demais até para os cães lá em Alnwick... – ele sorriu.

– Fico imaginando se todos os pobres morrerão de frio por lá... – ela provocou.

– Eles estão acostumados e sabem se proteger, ao contrário da senhorita.

– Não é impróprio um homem no quarto de uma dama, milorde? O que Mrs. Blauth diria se o visse aqui?

– Certamente ela teria um ataque apoplético. Arrumaria suas coisas e partiria hoje ainda.

– É tão grave assim? Em que mundo eu estava vivendo?

– Não sei, mas gosto muito dele.

– Imagino que regras não são para o conde de Northumberland cumpri-las... O que afetaria a sua honra, milorde?

– Desonrar uma donzela não seria honrado de minha parte, milady – disse ele, sorrindo novamente.

– Então, o que ainda está fazendo aqui?

– É minha hóspede. E se um dos meus hóspedes começa a gritar como se a casa estivesse pegando fogo, ou alguém lhe tivesse arrancando o coração com uma adaga,

o mínimo que eu tenho que fazer é verificar o que está acontecendo.

– Tive um pesadelo horrível, só isso.

– Quer falar sobre ele? – perguntou ternamente o conde. Ele estava encostado na cornija da lareira, com suas longas pernas e braços cruzados. Eliza o achou muito atraente. Sentiu uma imensa vontade de ficar ali, olhando-o. Suspirou. Ele ergueu uma de suas sobrancelhas como sempre fazia quando parecia ler os pensamentos dela. *Que ódio!*

– Tudo estava escuro, era noite. Ele... – Eliza parou abruptamente, ficou pálida. Olhou para a lareira, depois para as cortinas na cor de damasco. Por fim, voltou a olhar para o conde, que se mantinha impassível, não dando qualquer sinal de que tinha notado sua hesitação. Assim, ela continuou: – Alguém, um homem, estava colocando fogo na casa. “Hotspur” estava chorando preso em meio às chamas; eu estava amarrada numa árvore, assistia a tudo e não podia fazer nada. A fumaça me sufocava...

– Calma, foi só um pesadelo.

– Eu sei, mas foi tão real.

– Quem era ele?

Um frêmito perpassou o corpo dela como um vento tempestuoso. Como ela não respondeu, ele prosseguiu, com um quê de rispidez: – Não precisa responder, perguntei por perguntar.

– Desculpe-me, milorde – ela desconversou.

– A senhorita estava escutando “Hotspur” chorar à sua porta, uma fumaça estranha estava saindo da lareira... Isso precisa ser revisto, o sonho misturou-se à realidade. Agora faça um afago nele, porque está assustado com seus gritos. Até eu fiquei – ele disse. Virou-se de costas e mexeu na lareira para reavivar o fogo. Logo uma tênue luz irradiou no quarto. O conde acendeu as velas e aproximou-se da cama.

– Vou deixar “Hotspur” aqui tomando conta da senhorita e também vou pedir uma ceia aqui no quarto, o que acha? Está visivelmente cansada, talvez seja melhor não descer hoje.

Eliza balançou a cabeça concordando, pois não aguentaria o monólogo de Mrs. Blauth naquela noite. Ficou na dúvida somente se ele cearia ali com ela.

O conde voltou mais tarde, a ceia já tinha chegado. Ele havia trocado de roupa, estava muito alinhado. Eliza, que se habituara a ver o pai vestido quase informalmente, gostava de ver aquele homem sempre tão bem-vestido. Geralmente, ele usava um casaco longo, chegando até aos joelhos, um colete, um grande nó em uma gravata, ou um laço debaixo dela. As calças eram quase sempre nas cores escuras, aliás, ele preferia as cores sóbrias. Naquela noite, a camisa era branca, o colete tinha o fundo claro, com pequenos bordados parecendo minúsculos pontinhos e a gravata era xadrez azul e branco. *Ele vai sair. Com*

certeza, para visitar uma de suas amantes.

– Bem, eu vou ao White, pois tenho que fechar um negócio.

– White?

– Esqueci que estou falando com uma estrangeira – ele respondeu, rindo. – É um clube somente para cavalheiros, fica aqui perto, em St. James Street. É um dos mais antigos de Londres.

– Mrs. Blauth falou dele na carruagem. Lembro-me agora. Ela disse: “O White é um clube exclusivo, mas tem uma reputação muito ruim. O comportamento muitas vezes depravado de seus usuários...”

O conde soltou uma sonora gargalhada, pois ela imitou a forma de Mrs. Blauth falar.

– Não me diga que está com ciúmes, madame? Posso começar a acreditar que sim.

– Ciúmes?! Ciúmes de milorde! Isso seria patético de minha parte.

Ele apenas riu, fez uma leve reverência, e saiu. Ela ficou ouvindo o barulho dos passos dele se afastando. Ainda sentia o cheiro do seu perfume no ar. Levou à mão a testa, pensou nos tantos porquês sem respostas e, finalmente, foi cear.

ALNWICK, 30 de outubro de 1830.

Sua Senhoria,

Recebi do vigário de Tynedale, algumas horas após a sua partida para Londres, esse pacote de cartas endereçadas a Elizabeth, juntamente com a última missiva escrita por John Baker endereçada ao senhor conde. Estranhei a demora da entrega por parte do vigário e o interroguei sobre isso, mas ele me disse que logo após visitar John Baker, ouvir sua última confissão — momento em que recebeu o pacote com a promessa, solene, de que deveria entregar tudo ao próprio conde de Northumberland —, adoeceu e ficou acamado até dois dias atrás.

Cordialmente, Mr. Dornford.

A sucinta carta do administrador de Alnwick Castle, trazida por um laçao a cavalo, foi entregue ao conde, no saguão, instantes depois que ele saiu do quarto de Eliza. A urgência o intrigou. Mais estranho ainda soava-lhe o pedido para que aquelas cartas endereçadas à tia dela fossem encaminhadas para ele e não entregues a ela... Afinal, John Baker sabia da eminente chegada dela a Alnwick. O conde imediatamente voltou aos seus aposentos. O leve maço, um pouco amassado e amarelado, contendo as cartas, foi deixado momentaneamente sobre a cornija da lareira, enquanto ele quebrava o selo da carta do falecido.

Sentado na borda de uma imensa cama de dossel, em frente à lareira, ainda elegantemente trajado, ele se pôs a ler.

Alnwick, 28 de setembro de 1830.

Milorde,

Estou morrendo, mas preciso pedir que cuide dela. Nas cartas entenderá a razão pela qual lhe peço isso. Caso haja alguma dúvida, vá atrás das respostas. Em nome de Deus, não aja imprudentemente. O vigário de Tynedale lhe entregará, em mãos. São poucas, deve lê-las, lhe tomarão pouco do seu tempo.

Obrigado por sua bondade e condescendência para comigo. Adeus!

John.

Imediatamente, o conde cortou o cordão que amarrava o pequeno pacote com um estilete. *Meu tempo? Raios com meu tempo!* Havia cinco envelopes, todos de “Izabele D.” para “Elizabeth D.”, além de um endereçado a John Baker. Pegou o primeiro, pois pareciam sobrepostos em ordem de chegada, e o abriu. Estranhamente, ele sentiu um pequeno tremor nas mãos. Um arrepio percorreu seu corpo dos pés à cabeça. Intuiu que algo ali naquelas cartas mudaria o destino de alguém. Se dele ou de sua hóspede estrangeira, ele não ousava tentar adivinhar. A estranha frase do velho rendeiro repercutia em sua mente: *“Em nome de Deus, não aja imprudentemente”*.

Leipzig, 9 de março de 1808.

Querida Beth,

Sei que é estranho começar uma carta pedindo perdão, mas é isso

que meu coração anseia. Eu não sabia! Acredite! Como eu poderia saber que você, que vocês... Ai meus Deus! Que você, Beth, o amava. Quando descobri já era muito tarde. O que eu fiz com você, minha irmã! O que ele fez com nós senão desgraçar as nossas vidas?! Estou grávida... Sei que vai me criticar, mas casei com Leopold. O que eu podia fazer, Beth? A viagem até aqui foi penosa, passei muito mal no navio, terríveis enjoos, os quais eu não sabia se devido à gravidez ou ao mal do mar. Aqui em Leipzig é bom, somos pobres, vivemos das aulas de música de meu marido, mas em paz. A vida que eu tinha aí não existe mais. Apenas a existência e os cuidados de Mrs. Mann me lembram de quem eu fui na Inglaterra. Se sou feliz?! Sinto que deseja saber, embora eu tenha sido o motivo de sua desgraça. O que tenho a lhe dizer sobre isso é que sobrepujei a minha dor, enterrei quem eu fui, e o que eu deixei para trás num canto remoto de minha mente. Esforço-me para não acessá-lo. Gosto de pensar que me resignei ao meu destino e vivo toleravelmente bem. Às vezes ainda choro escondido de Leopold e de Mrs. Mann, mas estou bastante subjugada. Irmã, sei que deve me odiar, mas eu a amo. Beth, você é a minha única irmã, perdoe-me, eu lhe imploro.

Com amor, Bele.

O conde pousou a carta ao seu lado, sobre a cama, e pegou a seguinte afoitamente.

Leipzig, 20 de julho de 1828...

– 1828?! Mas se passaram vinte anos de uma carta para outra! – disse ele para si mesmo. Em meio ao silêncio, em que se ouvia apenas o crepitar do fogo na lareira, sua voz reverberou no aposento de maneira urgente.

...Querida irmã,

Sei que já se passaram muitos anos, nem ao menos sei se está viva... Peço perdão pela minha negligência. Mais uma vez dou início a uma carta lhe pedindo perdão. Mas tive um forte motivo que me impediu de escrevê-la, mas isso não tem nenhuma importância agora. Fiquei viúva, Leopold morreu tragicamente, uma coisa que me trouxe grande dor. Não quero, entretanto, falar sobre a morte, mas sobre a vida (acho que o sofrimento nos deixa insensível. Sofri tanto no passado que a morte dele, embora tenha me trazido sofrimento, não doeu tanto quanto as outras perdas que nós duas sabemos muito bem quais foram). Irmã, tenho uma filha. Ela se chama Eliza. É uma linda e sensível moça. Ama a música, como não podia ser diferente, afinal, cresceu ouvindo o que há de melhor. Se parece com você, Beth. Dei a ela o nome de Eliza em homenagem à nossa mãe. Sei que ficará feliz ao saber disso, pois você e mamãe eram tão próximas... Prometo lhe escrever com mais frequência agora, embora eu nunca tenha recebido sequer uma linha de sua parte. Sinto saudades da nossa feliz infância e da nossa adolescência. Devo estar mesmo velha, pois a nostalgia é minha constante companhia. Mande-me notícias da Inglaterra, Beth, eu lhe peço, por favor. Sinto imensa saudade de você e de minha pátria querida.

Com amor, Bele.

Seguiu-se outra carta.

Leipzig, 25 de agosto de 1828.

Querida irmã,

Você não vai acreditar. Encontrei aqui em Leipzig, numa visita ao mosteiro beneditino de Barfussgasschen, nos arredores da cidade, o padre Jacob. O nosso querido padre Jacob! Ele se tornou um monge e vive aqui desde que tudo aconteceu na Inglaterra. Tornou-se de novo o meu confessor. Lembramos juntos e choramos a nossa história, pois a dele está ligada à nossa, queira ele ou não. Coitado! Foi envolvido nisso

por aquele que nos destruiu. Não vou escrever o nome dele, pois jurei nunca mais fazê-lo, numa tentativa vã de esquecê-lo, embora eu precise lhe confessar, jamais consegui, e creio que você também. Destino cruel é esse que permitiu que duas irmãs, que se adoravam, amassem o mesmo homem, com tantos cavalheiros querendo a nossa mão na nossa amada Escócia e mesmo na Inglaterra. Mas, voltando ao monge Jacob (é estranho vê-lo como monge e não mais como padre!), pedi a ele que cuidasse de Eliza se algum dia eu vier a faltar. Peço o mesmo a você, querida irmã. Deixe o rancor no passado e cuide de Eliza para mim se a minha hora chegar antes da sua. A morte tão precoce de Leopold me deixou muito temerosa.

Com amor, Bele.

E mais outra.

Leipzig, 01 de outubro de 1828.

Querida irmã,

Descobri que estou doente, muito doente. Eu já desconfiava desde que lhe escrevi a última carta (ainda sem resposta). Não durarei muito tempo. Sinto isso. Preciso lhe contar uma história, pois de sua ajuda depende a felicidade de minha filha, a sua única sobrinha neste mundo, minha irmã. Serei breve, pois estou muito fraca. Meu corpo não corresponde mais à minha mente.

Meu marido tinha um aluno, o capitão do exército do rei Guilherme III. Seu nome é Joseph Dahmann. Ele ama a música como seu professor amava e estuda piano em nossa casa desde que Eliza tinha 15 anos. Há dois anos, então, o conhecemos. Quando Leopold morreu, Joseph, inesperadamente, propôs casamento a Eliza. O dinheiro da venda das minhas joias, as quais eu trouxe da Inglaterra, sustentou-nos até aqui, mas com os gastos com a minha doença, está no fim. Eliza tenta arrumar trabalho, mas sem referência é muito difícil, mesmo com as suas qualificações. Quer dar aula de Inglês e de Francês para os filhos dos

militares graduados. O capitão Dahmann dispôs-se a lhe dar uma carta de recomendação, se ela assim quisesse, mas insiste no casamento, pois, desta forma, cuidará dela e de mim. É o que ele diz. Creio que Eliza não o ama, pois conheci o amor (sei que queima como fogo, dói, pelo menos foi assim comigo), embora as pessoas amem de formas diferentes. Contudo, sei que ela gosta dele, respeita-o, pois Joseph é confiável e a faz lembrar-se de Leopold pela ternura com que a trata, e isso a fará aceitá-lo. Ela lhe disse não no início, mas Joseph continuou visitando-nos como amigo da família. Foi quando descobrimos que a minha doença era fatal. O capitão trouxe inúmeros médicos e curandeiros para ver-me, porém eu pioro a cada dia.

Perdão irmã, tive que interromper a carta, pois tive uma das minhas crises de dor. Minha irmã, acabei de saber, Eliza aceitou se casar com Joseph. Tenho certeza que fez isso com receio de ficar completamente só no mundo. Coitada! Sei o que é se casar sem amor. Meu coração dói pelo destino dela, que temo, será triste. Pedi a Mrs. Mann que a leve até você. Imploro-lhe, Beth, a receba na Inglaterra, conte a ela a nossa triste história, pois eu não tenho mais forças para falar, mal posso segurar a pena, pois pode notar pela letra mal-acabada.

Com todo amor, Bele.

E, por fim, a última carta de Izabele para Elizabeth.

Leipzig, 06 de outubro de 1828.

Querida irmã,

Sei que esta é a última carta que lhe escrevo. A doença não permite mais que eu me levante. Mrs. Mann foi requisitada a me ajudar com o tinteiro e a pena. Algo muito grave está acontecendo em Leipzig, especialmente em nossa humilde casa. O capitão Joseph tem um irmão, o coronel Dahmann, cujo nome é Heinz. Este conheceu Eliza em seu noivado com seu irmão e ficou obcecado por ela, se diz apaixonado por sua futura cunhada. Ele é mau. Temo o pior. Sofro chantagem. De

alguma forma ele descobriu sobre o meu passado na Inglaterra, o nosso passado, e a vida que você leva, minha irmã. Faz-me ameaças veladas de contar tudo para Eliza. Não posso permitir que ela saiba de forma errada, pois sei que esse coronel fará com que as coisas se pareçam bem piores do que, de fato, foram. Tenho que recebê-lo e dissimular que estou feliz com suas constantes visitas, cujo único objetivo dele é ver minha filha sem a presença do irmão. Eliza é inocente, pura, não conhece nada do mundo e não desconfia de nada. Imploro-lhe, irmã, sangue do meu sangue, pela alma de nossos pais, que salve Eliza desse homem, leve-a para a Inglaterra. Toda a Confederação Germânica está em estado deplorável com a guerra entre a Prússia e a Áustria, entretanto, pior que a guerra (pois aqui em Leipzig a guerra ainda não chegou) é o que eu pressinto da parte dele para a minha querida menina. Heinz é casado, então o que ele deseja com minha filha não é nada honesto. Ainda por cima é rival do seu único irmão em outra frente, pois Joseph é fiel ao rei Guilherme III, consequentemente fiel à Prússia, e Heinz está do lado da Áustria, contra o rei. Oh, Deus! Em meio disso está a minha filha. A minha alma não suportará isso! Ah, se houvesse um só pintor, um artista, cuja habilidade lhe permitisse retratar almas, a minha, a nossa, minha querida irmã, teriam imensas fissuras que embaçariam tal obra de arte. A cura só Deus poderá fazer, é o que diz meu amigo, o monge. Para junto desse Deus espero ir, irmã, pois minhas feridas foram todas abertas, embora sempre estivessem latentes. A morte seria o meu consolo se não fosse o pavor que se abateu sobre mim por causa de Eliza. Temo não suportar mais. Por isso, mais uma vez, imploro, salve Eliza! À medida que escrevo, com mãos trêmulas, numa última tentativa de tocar o seu coração, choro. Peço perdão pelas manchas na tinta e pela letra. O esforço de escrever consome minhas forças. Preciso encerrar, o maldito chegou...

Com eterno amor, Bele.

Cada vez mais agitado, o conde pegou a última carta. Era do prior de Barfussgasschen, o mosteiro de Leipzig,

para John Baker, e fora escrita havia apenas dois anos.

A paz de Deus, querido irmão Baker.

Não falo o seu idioma, e quem escreve o que dito é o monge Jacob. Não nos conhecemos pessoalmente, mas para mim é tão real quanto se o estivesse vendo à minha frente. Há alguns meses recebi aqui no mosteiro uma conterrânea sua por nome Izabele. Ela estava à procura do monge Jacob, ausente naquela ocasião. Percebi-a aflita e parecia muito mal de saúde. Estava pálida e muito abatida. Levei-a para a sala de confissão e ela me relatou a sua triste história. Disse-me que o senhor tinha conhecimento de tudo. No final, sua ama, Mrs. Mann, que o senhor conhece desde o nascimento, deu-me o seu endereço. O que ouvi por parte daquela senhora muito me incomodou. Não posso revelar, pois ela me falou em confissão, mas Deus tocou em meu coração, incomodou-me a ponto de chamar o monge Jacob e ditar para ele essas linhas. Peço-lhe, irmão inglês, que ajude a tirar a filha de Izabele deste meu país. Ela corre grande risco de ser arruinada e até coisa pior.

Fique em paz e aja rápido.

Sweder Boursheid, prior de Basfussgasschen.

AS ASAS dos sonhos são como as do tempo, têm forte envergadura, não se cansam de voar.^[35] Embora as cenas sejam inebriadas, as sensações são claras, muitas vezes disfarçadas entre sonho e realidade.

Eliza voltou para a cama, mas o sentimento de angústia causado pelo pesadelo estava presente. Sentiu um arrepio só de recordá-lo. Como poderia contar ao conde de Northumberland o seu passado?! Certamente ele a acharia

imunda... E o casamento com Joseph Dahmann?! *Oh, Joseph! Onde você estará?*

Ouvia os passos decididos e militares do *cunhado*. No pesadelo, Heinz Dahmann subia as escadas de Northumberland House. Demorou a dormir, sacudida por estranhos sonhos, que a deixaram muito agitada.

De manhã, foi acordada por Molly. A moça ajudou-a com sua *toalete*. Quando descia para o desjejum, Eliza parou extasiada. Na tarde anterior pouco tinha visto. Estava impressionada com a quantidade de obras de artes, sobretudo as ricas tapeçarias, que adornavam a mansão. Tudo era grandioso. As roupas ultrapassadas de sua mãe, naquele ambiente, destoavam tanto quanto o seu velho baú de madeira.

Um lacaios veio recepcioná-la para acompanhá-la à sala na qual estava sendo servido o desjejum. Um mordomo estava à porta, Mr. Mercer, talvez. Mrs. Blauth tinha acabado de descer e o conde já estava à espera delas.

— Querida miss Schumacher, o conde me disse ontem para deixá-la descansar. Eu estava tão preocupada. Hoje temos muito o que fazer e eu estou ansiosa para começarmos as nossas aulas. Não ter com quem conversar é tão cansativo... — disse-lhe a mulher.

Eliza apenas sorriu e o conde olhou-a, enigmático. Ela percebia que algo nele estava muito diferente. A aparência, entretanto, continuava a mesma, mas aquele

corriqueiro olhar de alguém feliz e satisfeito não se notava mais. Ao contrário, era como se uma nuvem tivesse embaçando seus olhos. Talvez ele estivesse cansado da noite, que devia ter sido boa, ela pensou. Não podia se negar que estava frustrada.

— O cocheiro vai levá-las até Mrs. Sanderson, no Eighteenth-Century, para encomendar os vestidos — ele disse, enquanto se servia.

— Oh, mas isso é formidável! Eu só estava pensando se, com a temporada para começar, Mrs. Sanderson não estará muito cheia de encomendas — ponderou Mrs. Blauth.

— Entregue meu cartão a ela e diga que faça os vestidos. Peça um para amanhã à noite — disse ele, de forma veemente.

Eliza ficou pensando que costureira de Londres não atenderia a *um pedido* do conde de Northumberland e... Quantas vezes Mrs. Sanderson já não devia ter recebido aquele mesmo cartão com semelhante ordem!

— Os chapéus podem ser encomendados na chapeleira Hannah Barker, na Sheffield. Também pode falar em meu nome. As contas devem ser entregues ao meu secretário, Mr. Kaufmann — o conde completou, em tom ainda mais sério, interrompendo tais devaneios.

Sem poder se expressar por palavras, Eliza falava com seus expressivos olhos. Ele a entendia e correspondia. Embora o olhar estivesse diferente, o sorriso dele tinha a

mesma ironia de quase sempre.

As duas mulheres, conforme programado, saíram de casa logo após o desjejum. Eliza, que não conhecia Londres, ficou surpresa com a quantidade de gente e carruagens nas ruas. *Como elas não se chocam umas às outras?* As mulheres elegantemente vestidas, com seus chapéus; os homens com suas roupas coloridas, escuras, uma infinidade de novidades para olhos provincianos. As construções, os jardins. Ela havia lido sobre Londres, alguém escrevera: "Entre as cidades nobres mais famosas do mundo, a de Londres, a capital do reino da Inglaterra, é uma das mais renomadas, possuindo acima dos outros, riqueza abundante, grande comércio, grandeza e significado". Ela via com seus próprios olhos que aquilo tudo era verdade.

O ateliê de costura de Mrs. Sanderson era próximo a Northumberland House. Poderiam ter ido a pé. *Como sugerir isso para Mrs. Blauth nas próximas visitas se não posso falar?* A modista, entretanto, assim que ela entrou, olhou-a de cima a baixo com indiferença. Porém, quando Mrs. Blauth, com arrogância, explicou que ela era uma estrangeira e protegida do conde de Northumberland, mudou logo a forma de tratamento. Começou a bajulá-la, proferindo os mais falsos elogios. Mrs. Blauth, que falava muito, mas não era obtusa de tudo, interrompeu-a e ditou as orientações do conde para um guarda-roupa completo, que consistia de cinco vestidos para um único dia. Eliza

teve vontade de gritar e disse alto no seu idioma:

– *Das ist absurd!*

A modista olhou-as assustada. Mrs. Blauth tratou de explicar que a dama não falava inglês, porém entendia muito bem, e pediu que as medidas fossem tiradas.

Depois de ser seguidamente apalpada, de um cansativo processo no qual Mrs. Blauth e Mrs. Sanderson discutiam sobre qual tecido e qual cor seriam de tal vestido, Eliza se enfureceu e começou a apontar aquilo que desejava. Quando elas não entendiam, falava no seu idioma natal e se fazia entender gesticulando. Alguns vestidos foram encomendados, muito menos do que Mrs. Blauth ansiava, e menos ainda do que Mrs. Sanderson queria vender. Com os chapéus foi mais fácil, pois Eliza, cansada do pragmatismo de Mrs. Blauth, escolheu ela mesma os mais simples, pois eram os que combinavam com ela. Não via a hora de encontrar o conde e falar com ele que se livrasse já de Mrs. Blauth ou dela, pois a mulher lhe acirrava os ânimos.

Esse encontro se daria assim que retornaram à mansão. O conde a esperava, como Mr. Mercer a informou assim que ela e Mrs. Blauth entraram. Eliza não sabia onde ficava o escritório e, sem acompanhante, saiu andando a esmo, até se esbarrar no próprio conde.

– Preciso lhe falar, milorde — disse Eliza.

– Precisa falar comigo ou com qualquer pessoa? Creio que deva estar com os ouvidos doendo — ele retrucou. Ria

dela.

– Não vejo nenhuma graça nisso, milorde – ela advertiu-o, enfurecida, enquanto entrava no que supunha ser o escritório.

O conde entrou atrás e fechou a porta.

O aposento era agradável, embora bem menos luxuoso do que a casa. Tinha uma mesa de madeira com uma cadeira grande, a dele, provavelmente. Outra cadeira estofada de cor marrom em frente à mesa, um sofá, um tapete, a lareira, uma escrivaninha de madeira e uma estante com muitos livros.

– Meu senhor! Não suporto mais ficar calada e ter Mrs. Blauth alardeando em meus ouvidos. Não vejo necessidade de ela ficar comigo. Não me incomodo com minha honra, nem com o que as pessoas dirão, estou fatigada.

Ele a olhou demoradamente e pediu que se sentasse no sofá. Depois puxou a cadeira e sentou-se à sua frente. Ansiava falar-lhe das cartas que recebera, mas algo o impedia. Era como se estivesse invadindo um compartimento desautorizado e estivesse roubando algo. Sentia-se um ladrão por estar de posse daquelas cartas. Embora lhe tivessem sido entregues, deveriam estar com ela e não com ele, em sua opinião. Sentia-se culpado por tê-las lido. O que John Baker pretendia com aquilo? Por mais que refletisse, relesse as cartas, faltava alguma peça naquele quebra-cabeça e ele não sabia qual. Olhou para

aquela mocinha à sua frente, na expectativa de uma resposta.

– Eu queria que a senhorita entendesse como funciona a sociedade inglesa. Se souberem que está aqui sozinha comigo cairá na boca das mexeriqueiras de Londres e nunca mais arrumará um marido — ele finalmente respondeu.

– Quem lhe disse que eu estou à procura de marido, milorde? – perguntou ela. Uma súbita palidez tomou a sua face. *Sujeito presunçoso. Quem ele pensa que é para se meter na minha vida?!*

– Dirão que é minha amante...

– Pois creio que foi exatamente o que Mrs. Sanderson pensou hoje, milorde, enquanto me apalpava.

– Mrs. Sanderson lhe apalpou? Para quê? – os olhos dele pousaram em seus seios.

– Provavelmente para tirar as minhas medidas, milorde.

– Nenhum alfaiate ousaria me apalpar – disse ele, rindo. Ela não resistiu e também riu. – O que Mrs. Blauth disse para Mrs. Sanderson sobre milady e eu?

– Disse que eu era sua protegida.

– Raios! O que essa mulher tem na cabeça?

– Eu daria tudo para saber o que Sua Senhoria tem na cabeça – ironizou Eliza, petulante.

– Raios! Maldição! – gritou ele, assustando-a. E desabafou: – Tenho um emaranhado de coisas em minha

cabeça e a senhorita pode me explicar. Aliás, a senhorita deve se explicar.

Eliza ruborizou fortemente. Mil questões vieram logo à mente. Que ele tinha lido as suas cartas antes de devolvê-las foi uma delas. Somente isso explicaria aquela reação por parte dele, aquele olhar estranho, indagador...

O conde pareceu retroceder. Levantou-se e caminhou até a janela. Ficou ali por vários instantes, depois voltou a olhar para ela, também de pé, junto ao sofá.

– Desculpe-me. Meu temperamento explosivo... – ele se explicou, hesitante, como se procurasse as palavras certas.

Ela ficou parada, olhando para ele. O susto tinha passado. Sentiu um abrandamento tão grande que deu um passo na direção dele. Alguns instantes antes ela tivera a certeza de que seria deportada, exilada daquele país, de volta ao inferno que vivera, e humilhada. A sensação de alívio que sentia naquele instante talvez explicasse sua necessidade de consolo. Buscou-o instintivamente.

Tudo aconteceu tão rápido que, quando notou, já estava nos braços dele. E, logo, em seu colo, no sofá. A língua dele forçava a entrada de sua boca. Quis abri-la para protestar, mas ele a tomou para si num beijo tão faminto que ela quase perdeu o fôlego. Eliza se debatia e quanto mais se agitava, mais ele a apertava contra si e intensificava o beijo. Trêmula, se viu correspondendo com mais paixão que imaginava ter dentro de si. Agarrou-

se ao pescoço dele com o braço para não cair. Ele, então, desceu seu rosto e beijou-lhe o pescoço, o colo e a parte de cima de seus arredondados seios. Sentia-se derreter sobre ele, com uma febre de desejo que ela não sabia como conter.

— Tem ideia agora do que se passa em minha cabeça?
— o conde repentinamente perguntou, com voz rouca, interrompendo as carícias. Ainda a mantinha no colo.

— Seu imoral... — ela esbravejou. Foi só o que conseguiu dizer antes que ele a calasse novamente com sua boca.

Suas mãos passaram a apalpá-la de verdade. O modesto decote de seu vestido foi puxado para baixo, e os dedos dele alcançaram os seios, os mamilos de Eliza. Ele gemeu e ela quase gritou de prazer. Sentia que seu corpo estava alheio à sua mente, e, mais surpresa ainda, viu-se se apertando mais a ele. Quando a boca dele novamente desceu para a curva de seu pescoço, seu seio voluptuoso saltou para fora do vestido, e ele tomou-o com uma boca faminta, sua língua contornando o rígido mamilo, sugando-o com paixão.

Enquanto o conde a beijava novamente — introduzindo e tirando a língua de sua boca —, ela gemia e tremia, completamente entregue às novas e inebriantes sensações que despertavam nela. A mão dele desceu para a barra de seu vestido, subiu por suas pernas e a tocou intimamente. Ele gemeu alto quando alcançou aquela umidade. Eliza

gritou em pânico quando percebeu o que ele estava fazendo e empurrou-o. Nesse exato momento ele se lembrou da frase de John Baker: “*Em nome de Deus, não aja imprudentemente*”. Soltou-a como se ela o queimasse; ela, aproveitando-se disso, levantou-se imediatamente, ajeitou o vestido e saiu correndo do escritório à procura da escadaria. Estava tão desorientada, tão envergonhada, que se foi vista por algum servo, este deve ter achado que ela estava alucinada.

Quando, finalmente, conseguiu chegar aos seus aposentos, jogou-se na cama e chorou profusamente. Se até aquele dia ela tinha alguma dúvida de que era igual à tia meretriz, já não tinha mais. Inflamava-se com o menor toque dele. Se, por um milagre, a tenra ideia de honra não tivesse advindo sobre ela, naquele momento certamente estaria nua, deitada sob aquele homem no sofá. E, o mais apavorante, por livre e espontânea vontade, pois seu desejo era tanto que até doía.

Ela passou o restante do dia no quarto. Não ousava sair e encarar o conde. Molly levou-lhe o jantar^[36] e ela mandou dizer que estava indisposta. Quando Mrs. Blauth apareceu para uma visita, fingiu que dormia. Muito mais tarde, quando imaginou que o conde tivesse saído para visitar uma de suas amantes, Eliza ousou sair para explorar a biblioteca da mansão. Enlouqueceria se continuasse confinada sem nada para fazer.

Entretanto, parecia que o conde estava à espreita. Mal

ela colocara o pé para fora do quarto, uma porta se abriu quase em frente à sua.

– Miss Schumacher – ele a chamou. Ela, assustada, quase gritou. – Gostaria de falar com a senhorita.

– Aqui? No corredor, milorde? – ela perguntou. Estava tão envergonhada que não conseguia levantar a cabeça.

– Não. No seu quarto. Ou no meu. A senhorita escolhe.

– Sabe que não podemos – ela murmurou, temendo que Mrs. Blauth os ouvisse.

– Sim, certamente sei disso, mas já estamos bem fora do padrão há bastante tempo – ele ponderou, de forma evasiva.

– Não posso concordar com isso, milorde. Vamos conversar em um lugar neutro.

– No meu escritório, eu sugiro – ele propôs, erguendo uma de suas sobrancelhas, e a encarando sarcasticamente. Eliza enrubesceu. Sentiu até seus olhos queimarem de vergonha. Ele, percebendo que ela recusaria terminantemente voltar àquele lugar, de onde saíra correndo de manhã, sugeriu um passeio pela casa.

– Vamos à galeria e a senhorita aproveita e conhece Northumberland House.

À medida que caminhavam, ela ainda não ousava erguer a cabeça. Manteve seus olhos fixos nos ladrilhos e passou a contá-los. Desceu a escadaria em completo silêncio, mas quando chegaram ao primeiro andar, Eliza não conteve sua curiosidade. O conde, então, pôs-se a

explicar tudo o que ela perguntava.

Após a exuberante entrada que, assim como toda a construção, apresentava uma arquitetura renascentista clássica, chegava-se a um extenso *hall*. Dele saíam várias portas: uma delas levava ao salão principal, outra ao salão de bailes e recepções e outra a um extenso corredor rumo à galeria. O primeiro andar, na verdade, era o segundo, pois abaixo dele, localizado acima de um piso térreo, havia vários cômodos menores, chamados de salas de serviço. A razão para isso, como explicou o conde, era para que os quartos tivessem vistas mais nobres e também para evitar a umidade e os odores do nível da rua. As janelas do primeiro andar eram grandes, maiores do que as de outros andares. O primeiro piso possuía uma ornamentada escada exterior, que favorecia o acesso dos habitantes vindos do jardim, sem a necessidade de passarem pelo andar dos servos, logo abaixo. O piso secundário continha a área íntima, os quartos de uso particular do conde e de alguns “hóspedes de honra”. Quando ouviu isso, ela ergueu o olhar para ele. E pensou. *Que honra eu tenho? Filha de um músico pobre e sem nome... Sobrinha de uma meretriz... Uma mulher com um passado tão sujo.* Estremeceu levemente ao atentar para a possibilidade, algum dia, de vir a ser desmascarada.

— Acima do segundo piso tem um sótão? — ela perguntou, no afã de desviar a atenção dele sobre ela, pois

a olhava como se tentasse ler seus pensamentos. Como ela bem sabia, às vezes conseguia.

– Sim, com outros quartos.

– Quantos quartos tem Northumberland House?

– Alguns – respondeu ele, lacônico.

– Não sabe quantos quartos tem a sua casa, milorde? – ela provocou.

– Acredito que cerca de 150 individuais e 90 duplos.

– Oh, meu Deus! Isso cabe quase toda Leipzig!

– Viu por que eu não queria falar, madame? Não fui eu quem construiu Northumberland House. Pessoalmente acho um exagero, pois quase sempre prefiro ficar sozinho. Mas faço parte disso, querendo ou não. Herdei um título e saiba que eu não o queria, preferia tê-lo dado a lorde Robert.

– Lorde Robert...?

– Meu irmão mais novo.

– Oh! Oh! Milorde tem um irmão!

– Por que ficou tão assustada? Não posso ter um irmão?

– Não! Quero dizer, sim, lógico que pode... É que, bem, eu não imaginava. Mas, onde ele está? Está aqui?

– Em Otterbourne – respondeu ele, suscito.

– Otterbourne? – repetiu ela. – É muito longe de Alnwick?

– Está muito interessada em lorde Robert, madame... – ele riu.

– Não! É que milorde nunca falou em um irmão...

– Temos outra propriedade, fica em Hampshire, no Sul. Bem longe do Norte.

– Ah! Tão longe... Por que ele não mora em Alnwick Castle? – ela perguntou. Não queria tê-lo feito, mas a pergunta saíra num rompante. Na verdade, tinha pensado em voz alta. Ele a olhou intrigado e respondeu:

– Nossa família tem uma longa história com Otterbourne. Quando meu irmão teve oportunidade, comprou uma propriedade lá. É apenas uma aldeia. Ele gosta de lá, acho.

Tinham chegado à galeria e ela tinha visto o retrato de um cavalheiro muito parecido com ele. Prostrou-se diante da pintura, olhando-a com muito interesse.

– É milorde? – ela perguntou.

– Não, estou lá — ele respondeu, apontando para outro quadro.

Ela foi até próximo dele e examinou-o. O pintor parecia ter captado magicamente a essência do conde. Os olhos do personagem da moldura pareciam saltar do quadro sobre ela: irônicos, vivazes e perspicazes. Não sorria com os lábios bem delineados – *os lábios que me beijaram*. Ela corou ao pensar nisso, mas seus olhos sorriam. Uma mecha dos grossos cabelos negros caía-lhe sobre a testa, como ela achava tão atraente. Ao redor dos olhos, as linhas de expressão que ela tanto amava. *Amava?! Estremeceu e olhou atemorizada da pintura para*

o homem nela retratado, bem vivo ao seu lado. *Céus! Quando tinha começado a se apaixonar pelo conde Hotspur?*

– Está tão ruim assim? – ele brincou, rindo.

– Não! Está igualzinho. É que... – ela pausou, lívida. – É que é igual àquele lá – complementou, apontando para outro quadro na parede. – Quem é ele?

– Aquele é Sir Henry Percy, o segundo conde de Northumberland.

– Milorde e ele são iguais – ela disse, surpresa. As duas pinturas eram, de fato, quase idênticas.

– É o que dizem. Mas eu disse que queria falar com a senhorita. Lembra-se?

– Ah, sim... – ela aquiesceu. Ainda olhava de um retrato para outro tentando achar as diferenças, mas não conseguia. Podia-se dizer que o conde Hotspur e Sir Henry Percy eram irmãos gêmeos, não fossem os séculos que os separavam.

Ele olhou para Eliza e pensou em como iniciaria a abordagem de um assunto tão delicado. Certamente, estava escondendo algo dele, pois somente isso explicaria a forma como ela reagira quando vira o pacote com as cartas amarradas com a fita azul — as cartas que enviara para a tia Elizabeth. Era óbvio. As respostas estavam naquelas cartas. Ele precisava ter essas respostas, mas elas teriam de ser dadas por ela, por iniciativa própria. Ela tinha de confiar nele a ponto de fazer isso. Ia falar de

John Baker e das cartas de Eliza, mas repentinamente mudou de ideia.

– Encontrei um antigo amigo ontem no White e ele me intimou a ir hoje à noite a Prudhoe House. É o aniversário de casamento dele. Gostaria que a senhorita fosse comigo. Eu mesmo fui até Mrs. Sanderson e encomendei um vestido para hoje. Ela tinha alguns prontos, mais ou menos nas suas medidas. Ficou de fazer uns ajustes e arranjar o que faltava. Vai mandar entregar aqui.

– Pediu a Mrs. Sanderson um vestido?!

– Sim. Eu sabia que a senhorita daria a desculpa do vestido para não aceitar o meu convite. Isso agora está resolvido. Eu mesmo o escolhi e o achei muito bonito – ele prontamente respondeu, rindo.

– Não deve ser problema para milorde escolher vestidos! Deve ter o hábito de fazer isso – ela ironizou. Não sabia a razão, mas estava muito constrangida.

– O que está querendo dizer com isso? – perguntou ele, ríspido.

– Que é cliente assíduo de Mrs. Sanderson, milorde.

– Está insinuando que uso os vestidos de Mrs. Sanderson?

– Milorde sabe que eu jamais insinuaria tal coisa.

– Então, por que disse que tenho o hábito de escolher vestidos? Gostaria muito que esclarecesse essa insinuação – ele protestou. Visivelmente, já tentava espezinhá-la.

– Mrs. Sanderson parecia bem íntima do senhor – ela

retrucou. Lembrou-se da matrona com bigodes. Provavelmente, nunca fora uma beldade.

– Mrs. Sanderson não faz meu tipo, senhorita. Creio que está enganada.

– O que justifica, então, tamanha familiaridade? Ela sabe muito bem quem é o conde de Northumberland e teceu muitos comentários a seu respeito, sobre sua aparência e o sucesso que o senhor faz em sociedade. E quando ela fala em *sociedade*, creio que esteja se referindo às damas, pois é muito pouco provável que sua boa aparência faça sucesso entre os cavalheiros londrinos, muito pelo contrário.

Ele riu baixo e ficou alguns segundos *degustando* cada uma das palavras de Eliza. Parecia ter gostado muito do que acabara de ouvir. Quando falou novamente, estava terno, quase amoroso.

– Creio que Mrs. Sanderson fala demais. E sobre Prudhoe House, o meu convite. Já pensou se vai aceitá-lo?

– O que fazem nesses encontros? Eles dançam?

– Sim, milady. Também há danças.

– Eu não sei dançar, milorde. Minha mãe me ensinou quase tudo que uma dama inglesa deve saber, segundo ela, mas não me ensinou a dançar. O que se dança nesses eventos?

– Quadrilha, minueto, e com certeza, a valsa, pois a duquesa de Prudhoe é bastante moderna. No Almack, se alguém falar em valsa, a condessa de Jersey vai fazer uso

de seus saís, mas em encontros como os promovidos pelo duque de Prudhoe sempre é permitida a valsa.

– Oh, a valsa! Eu nunca a dancei, mas é uma dança da Áustria e da minha terra. É tão esplêndida!

– Por que é tão esplêndida? Pois saiba que é considerada imoral pelas matronas inglesas – disse ele, com fala e gestos sedutores. Ela corou profundamente e ele riu.

– Oh, não! É que... Eu não sei dizer, mas as quadrilhas são mais animadas e a valsa é mais... – ela respondeu, gaguejando. Quanto mais tentava se explicar, mais rosadas as suas faces iam ficando. E mais irônicos ficavam os olhos dele. Quando ela ousou erguer seus olhos, encontrou os dele cálidos; e seus lábios sorriam.

– Eu entendi a diferença entre as danças, milady. Também prefiro a dança ousada que veio do seu país, tem mais contato, é mais *hotspur*, pode-se dizer.

– Oh! Oh!

– Se disser “oh!” de novo terei que beijá-la. Não resistirei – disse ele, aproximando-se dela repentinamente, enlaçando-a pela cintura e trazendo-a para junto de si. A pronúncia não saiu, mas Eliza abriu a boca como se fosse dizer a interjeição. Os lábios dele apossaram-se dos dela, introduzindo a língua numa boca macia e pronta para recepcioná-la. O conde Hotspur a beijou. Ela fez de tudo para não corresponder, mas seus joelhos estavam trêpegos e se não se agarrasse a ele,

cairia. Por isso seus braços enlaçaram-lhe o pescoço e seu corpo se deixou abraçar livremente. Sua língua tocou a dele e a sensação foi de um arrebatamento tão profundo que ela gemeu, contidos gemidos, mas ouvidos e correspondidos por ele com mais pressão.

Quando ele, finalmente, soltou-a, teve que sentá-la, pois o corpo todo dela tremia. Com dificuldade ela falou:

– Isso está virando um hábito – disse, exasperada. – Não cheguei a dizer a palavra... O que fez não foi honrado de sua parte.

– Não disse, mas sua boca estava pronta para dizê-la, tão sedutora, clamando para ser beijada.

– Pois eu não irei com o senhor.

– Só porque eu a beijei?... – ele ria.

– Não. Quero dizer, sim. Mas e Mrs. Blauth? Não posso sair sem ela.

– Teremos que levá-la, claro. Mas lhe prometo que não a deixarei sozinha com ela nem por um minuto. Já combinei com Prudhoe. Ele disse que a duquesa vai colocá-la junto à maior mexeriqueira de Londres. Não terão nem um único minuto para outra coisa a não ser cada uma ouvir a maior quantidade possível de inéditas fofocas da parte da outra. E há muitas, eu lhe garanto.

Eliza não respondeu de imediato. Olhou-o, pensou em afirmar que não iria, mas... O que faria sozinha naquela casa com Mrs. Blauth atormentando-a?!

– Está bem, eu irei, mas com algumas condições –

respondeu ela, num rompante.

– Quais condições? Diga uma de cada vez para ver se não farei nenhuma objeção.

– A primeira é que me prometa que não vai me beijar – disse ela, baixando o olhar, na tentativa de esconder seu embaraço e o rubor que se apossara de sua face.

– Não a beijarei se a senhorita não quiser ser beijada. E a segunda condição?

– Que milorde me conte por que tem o nome de “conde Hotspur”?

– É uma história longa.

– Tenho tempo para ouvi-la, senhor. Por favor, conte-me!

– Então, sente-se ali que é mais confortável — ele disse, levando-a para uma poltrona, justamente em frente aos retratos da família. Sentou-se ao lado dela. Por instantes, ambos apenas olhavam em silêncio para as pinturas na parede. Era como se ele se recordasse de alguma coisa, enquanto Eliza continuava comparando-o aos demais cavalheiros retratados.

Finalmente, o conde de Northumberland começou a contar.

– Minha família é ancestral no Norte da Inglaterra. O primeiro conde de Northumberland se chamava Henry Howard – ele explicou, enquanto apontava para o respectivo retrato. Eliza fitou-o demoradamente. – Antes dele, não havia conde e, sim, barão. Antes do ano de

1337, conde era o mais alto cargo, o terceiro na dignidade da nobreza britânica – ele explicou, rindo.

– Eu não sabia disso – disse ela.

– A história que eu conheço começa em 1328, com o segundo barão de Alnwick, chamado Henry Percy, o avô de Sir Henry Percy – disse ele. Ambos olharam para o retrato do belo conde. Depois, ela olhou para o segundo barão, mas não achou semelhança entre avô e neto. O retrato do avô fora pintado com ele já bem maduro e de Sir Percy no auge de sua força e juventude.

– Inglaterra e Escócia viviam em guerra, mas logo depois da assinatura de um tratado de paz entre as forças britânicas e escocesas, o rei Robert deu ao barão Henry Percy – ele apontou para o retrato – a posse de terras no sul da Escócia. Isso gerou uma inimizade com outro clã, os Douglas, da Escócia. O nome “Hotspur” começou com o neto desse barão, Sir Henry Percy, filho do primeiro conde de Northumberland– explicou, enquanto apontava para o retrato que se parecia com ele.

– Ele tinha o mesmo nome do avô e do pai?

– Só o mesmo nome do avô. O pai dele, o primeiro conde de Northumberland, como já lhe disse, se chamava Henry Howard – ele esclareceu, apontando para o retrato. É por causa dele que eu ostento esse título.

– Milorde também se chama Henry Percy? – ela perguntou, de repente. Tal pergunta o deixou muito curioso.

– Não me chamo Henry Percy – ele respondeu, secamente. Mas não lhe disse o nome. Ela queria muito saber, mas, orgulhosa, não voltou a perguntar.

– Sir Henry Percy era chamado de Hotspur. Quando o pai morreu, passou a ser chamado de “conde Hotspur”. Ele era um guerreiro medieval. Certa ocasião decretou uma guerra contra o clã Douglas por causa de uma mulher – ele sussurrou-lhe. Fez uma pausa e olhou-a, sorrindo sedutoramente.

Ela demonstrava muito interesse na história. Seus olhos brilhavam curiosos. Ele, visando instigá-la ainda mais, calou-se então.

– Uma guerra por causa de uma dama? – perguntou ela, com olhos suplicantes.

Ele sentiu vontade de beijá-la novamente, mas se o fizesse ela não iria a Prudhoe House com ele. Tê-la por perto, ele sabia, era a única maneira de levá-la a confiar nele... E, então, espontaneamente lhe oferecer as respostas que buscava.

– Sim, por causa de uma dama. Foi uma “guerra de amor”.

– Não quer falar sobre isso, milorde? Vá, conte-me tudo, por favor!

– Deseja mesmo conhecer essa história?

Eliza balançou a cabeça afirmativamente e olhou-o com seus doces olhos azuis suplicantes. Ele baixou a cabeça na direção daqueles belos lábios, mas se conteve.

Ela tinha razão, aquilo estava virando hábito. Aquela dama estrangeira era sua hóspede, sobrinha do leal John Baker. Tinha, portanto, que respeitá-la. A frase inquietante voltava-lhe à mente: *“Em nome de Deus, não aja imprudentemente”*. O que Baker quisera dizer com isso? *Maldição! E aquelas cartas? Certamente ela está me escondendo alguma coisa. Mas, o quê e por quê? Eu descobrirei.* Lembrou-se novamente da forma como ela entrara em pânico quando o açougueiro de Alnwick entregava a ele o pacote de cartas.

Alguns instantes depois, voltou a falar.

– Conta-se que a dama pivô da guerra, chamada Mary, era filha de um cavalheiro inglês com uma escocesa chamada Mhairi — que, por sua vez, era filha bastarda do conde de Douglas com uma de suas servas. Tal cavalheiro tinha-se apaixonado pela mulher, que era extremamente bonita. Assim, sequestrou-a e a trouxe da Escócia para a Inglaterra, para casar-se com ela.

– Sim. E daí?

– Sir Henry Percy era um guerreiro perigoso e audacioso. Por isso, o nome Hotspur. Ninguém conseguia vencê-lo e sua fama corria por toda a Europa. Sir James Douglas, que herdara o título de conde do devasso pai, também era um guerreiro temido e respeitado. Por causa dessa dama, de sangue escocês e inglês, acabariam se enfrentando numa sangrenta guerra, a Batalha de Otterbourne.

– Otterbourne? Não é onde vive o seu irmão?

– Sim, meu irmão vive lá – ele respondeu. Como ela não dissesse nada, ele continuou: – Quando estive na guerra, em 1815, então com 18 anos, esse codinome pegou em mim, pois disseram que eu era igualzinho a Sir Henry Percy. Desde então virei o conde Hotspur e, com isso, passei a carregar a fama de pervertido. Coisa que eu garanto que é mexerico – ele completou, rindo.

– E a guerra por causa da dama, em Otterbourne? Como foi que aconteceu?

– Quando, certo dia, a tal da Mary desapareceu, Sir James Douglas achou que Sir Henry Percy a tinha raptado. Por sua vez, Sir Percy entendeu que o conde de Douglas é que a havia sequestrado.

– Confuso tudo isso. Eles estavam noivos da mesma mulher?

– Pois é, senhorita. Eram bem ousados para a época. E a miss me acusando de quebrar as regras em pleno século dezenove – ele ironizou. Fez uma pausa, tirou o relógio do bolso, olhou as horas, e continuou: – Conto o restante em Prudhoe House, já que não vamos dançar mesmo, pois é uma longa história.

– Não. Eu não vou suportar esperar. Conclua essa parte, por favor, milorde – pediu ela, sorrindo.

– O que deseja saber mesmo?

– Se eles amavam a mesma mulher... – ela disse, ruborizando novamente.

– Amavam?! Tinham ficado enfeitiçados, melhor dizendo, assim que a haviam conhecido casualmente. O pai dela tinha negociado o seu noivado com o conde de Douglas, mas ela amava, na verdade, Sir Percy Northumberland. E, por isso, pediu-lhe para tomá-la logo como sua mulher.

– Ela pediu isso, milorde? – perguntou Eliza, com os olhos brilhando.

– Na verdade, não. Ela foi muito mais longe, ficou nua para ele... E implorou que ele a fizesse sua – o conde explicou, frisando a palavra *implorou* e dizendo cada palavra olhando-a nos olhos. Depois sorriu. Eliza ficou vermelha, estremeceu. Ele percebeu e sorriu do constrangimento dela.

– Conte-me mais! Só mais um pouquinho, ainda temos tempo.

– Conto em Prudhoe House. É uma forma de incentivá-la a ir. Mas falta a sua terceira condição ou objeção. Qual é?

Ela não respondeu. Temia se expressar, temia, sobretudo, a explicação que ele daria. O que, de fato, Eliza ansiava saber dele, estabelecendo sua resposta como condição para acompanhá-lo à festa, era a razão pela qual o conde de Northumberland tinha tomado uma pobre estrangeira, sem nenhum título, sob a sua proteção. Mas, não ousou perguntar. Alguma coisa lhe dizia que aquele não era o momento mais adequado.

CAPÍTULO XV

De volta à gruta

Duas forças são verdades inquestionáveis assim como o amor e o ódio, o anseio pelo proibido e a vingança. Um e outro são sentimentos poderosos, de inigualável complexidade e a junção quase sempre desastrosa^[37].

Alnwick, agosto de 1388.

Cabisbaixa, miss Evans caminhou para a saída de Alnwick Castle. De cada lado, dois guerreiros do conde de Northumberland. No pátio do castelo, vários outros homens estavam a postos em suas montarias, e ao lado deles, outros animais com provisões, munição e a sua égua. Ela aproximou-se e chorou abraçada a ela, certa de que perdera Sir Percy para sempre.

Foi dado a ela um animal para que montasse, pois sua égua ainda não tinha forças para carregá-la na longa jornada. Quando ela montou, olhou pela última vez para Alnwick Castle e o viu. Ele estava na janela e olhava para ela. Parecia triste. Seus ombros estavam decaídos e ela quis acreditar que os olhos de Henry Howard, o conde de Northumberland, estivessem rasos de lágrimas, pois os

dela estavam repletos de uma profunda tristeza, sua alma chorava, e o seu rosto estava molhado. Tinha perdido tudo o que ela mais amava.

Viajaram até o escurecer; ela sempre cercada e vigiada, mas tratada com respeito. Pararam para dormir e se alimentar. Uma barraca fora montada para ela, mas miss Evans não comeu e nem dormiu. Apenas chorava. Lembrou-se de Sir Henry Percy e tentou imaginar se ele sabia o que estava acontecendo. Teria fugido dela para não encará-la, com raiva por ela ser uma Douglas e por ter escondido dele a verdade e, com artimanha, tentar arrastá-lo para a maldição de deflorar a própria irmã? Lembrou-se da história de Amnom, filho de Davi, que se apaixonou por Tamar, a sua meia-irmã^[38], e da maldição que se abateu sobre todos eles. Sir Percy era honrado. O que ela conseguira com tudo aquilo? Apenas seu desprezo e seu ódio.

Percebendo que a dama morreria de fome, o guerreiro mais antigo do conde de Northumberland aproximou-se dela para conversar.

– Minha senhora, precisa se alimentar — ele a advertiu.

– Não tenho fome, nem sede, nem sono — respondeu miss Evans.

– Mas morrerás se não comer, e eu e todos os meus homens seremos mortos por sua causa. Dei a minha palavra ao meu senhor de que a senhora chegaria com

vida ao seu destino. Temos famílias, mulheres e filhos que dependem de nós. Se não quiseses comer pela senhora, coma por nós.

Ela gostou da franqueza do guerreiro, comeu e bebeu, mas não conseguiu dormir. Muitos dias depois, ao chegar ao seu destino, estava magra e abatida. Uma apatia havia tomado conta dela, tanto fazia viver ou morrer. Tinha sido rejeitada por seu pai e afastada do clã para que não levasse maldição a eles. Sentia-se uma pecadora, uma pagã... Havia herdado o sangue dos Douglas.

Não havia casas naquele lugar que eles chamavam de Hampshire, mas apenas uma pequena gruta cravada numa pedra, anexa à qual construíram uma cabana para ela. Próximo à moradia corria um pequeno rio que se perdia em meio à floresta. O guerreiro líder foi quem lhe fez as recomendações finais.

– De dia, mantenha sua égua perto do rio. Lá tem alimento com fartura para ela. Mas à noite, se possível, tranque-a com a senhora dentro da gruta e feche a entrada. Deixamos madeira de sobra para isso. Existem animais ferozes. Preste atenção, minha senhora: sempre que sair, feche a entrada da cabana. Quando voltar, acenda uma fogueira do lado de fora. Quando o carvão formar brasas, pegue-as com essa pá e jogue em todo o chão, deixe um pouco para matar o que tiver que ser morto, e depois varra tudo. Isso evitará que seja picada por qualquer bicho peçonhento.

Enquanto o guerreiro dava as orientações, a mente de miss Evans vagava para longe dali. Recordou o que Mr. Derrick havia-lhe contado. Certamente, o conde Henry Howard e sua mãe Mhairi tinham-se refugiado ali. Por isso ele havia-lhe mandado de volta para aquele lugar.

— Há provisão para muito tempo, minha senhora, e de tempos em tempos traremos mais — disse o guerreiro, ao se despedir dela.

Por fim, ela foi deixada para trás, sozinha no meio do nada.

Era o que ela pensava. Na verdade, o conde de Northumberland havia ordenado que uma parte dos guerreiros montasse residência perto dali, garantindo guarda permanente para a filha.

CANSADO e ferido na batalha, Sir Henry Percy não podia acreditar que estivesse ouvindo o próprio pai, o conde de Northumberland, assumir o rapto de miss Evans, que atribuíra ao conde de Douglas. Ainda achava que o pai estava blefando, no desespero de fazê-lo desistir de ir atrás de James Douglas, temendo pelas vidas dele e do irmão.

Na segurança de Alnwick Castle, entretanto, com seus ferimentos tratados, Sir Percy foi chamado mais tarde ao escritório do conde. Recebeu ali, então, o pior golpe de

sua vida.

O choque deixou-o paralisado, calado, tentando assimilar as palavras do pai. Depois do que pareceu um tempo longo para o conde, Sir Percy, já se recompondo, o interpelou.

– Tem certeza absoluta disso, meu senhor? Pois se houver a mínima chance de que ela não seja minha irmã de sangue, peço que me diga e me tire da agonia na qual me encontro — ele pediu.

– Não posso ter certeza absoluta, mas estive com a mãe de miss Evans.

– Esteve com ela uma única vez? – perguntou Sir Percy.

O conde, constrangido, encaminhou-se para a janela. Ficou ali, estático, alguns minutos, como se contemplasse a paisagem, mas sem nada ver. Depois se voltou e falou, olhando para o chão.

– Estive com ela uma noite inteira...

Sir Percy entendeu. Seria capaz de fazer amor com miss Evans incontáveis vezes durante uma noite. Se o conde, naquela época, esteve realmente apaixonado pela mãe dela, certamente ele e miss Evans eram irmãos. Mas ele não queria, não podia acreditar nessa verdade.

– Por que o senhor não se casou com ela? – ele ousou perguntar.

– Ela era uma bastarda Douglas.

– A desonrou e depois a rejeitou?

– Eu não sabia de sua origem até depois de nós... Bem, ela me contou que a mãe, uma criada, fora violentada pelo conde de Douglas. Eu não podia desafiar todos à minha volta e me casar com uma Douglas. Eu, então, estava prometido à sua mãe, meu filho. Bem, depois me arrependi, mas já era tarde, a mulher que eu amava de verdade já tinha se casado com Sir Evans. Agora estou pagando pelo que fiz – confessou o pai. Durante todo o tempo os olhos do conde estavam pregados no chão; os de Sir Percy, na figura derrotada à sua frente.

– Ela estava grávida de Sua Senhoria? – perguntou Sir Percy.

– Nunca saberemos. Poucos meses depois a menina nasceu. Tudo leva a crer que a miss é realmente minha filha... Mas há uma pequena chance de ser de Sir Evans e ter nascido precocemente.

Sir Percy suspirou aliviado.

– Meu senhor, creio que agora é muito tarde para essa revelação. Devia ter-me contado isso no dia que aquela dama colocou seus pés pela primeira vez em Alnwick Castle — ele protestou.

– O que está dizendo, meu filho?! Que consumaram o sexo antes do casamento? – bradou o conde. Sua voz se fez ouvir muito longe.

– Sim, meu senhor. Miss Evans é minha mulher e nada que o senhor diga vai mudar isso. Neste momento ela pode carregar no ventre o terceiro conde de

Northumberland, e o sangue dos Percy e dos Douglas já se misturaram, pois eu não acredito que o senhor teve a desonra de mandar matá-la.

– Está louco! Não existe um Northumberland que não seja honrado. Ela está segura. Enviei-a, juntamente com meus guerreiros mais fiéis, para o sul, para Hampshire. Vai encontrá-la próximo a Otterbourne.

– Otterbourne?!

– Eu não sabia que um Douglas também a queria e mandei-a para o mais distante possível de meu herdeiro. Jamais a teria enviado para lá se eu pudesse antever a batalha. Mas ela está segura onde está.

– Obrigado, meu senhor. Irei atrás dela e farei de miss Evans a futura condessa de Northumberland. Dê-nos a sua bênção, meu pai! Eu não sinto que ela seja minha irmã.

Sir Henry Howard nada mais podia fazer. Deu-lhe a bênção. O filho, Sir Henry Percy, não devia repetir a sua triste história.

QUANDO Sir Evans retornou de Londres soube da fuga da filha e da guerra entre os clãs Douglas e Percy. Não se falava em outra coisa a não ser na batalha de Otterbourne. O assunto chegara até o rei. A participação do padre auxiliar, ao lado dos nobres Northumberland, tinha sido muito comemorada pelo povo do vilarejo.

Dessa forma, com medo do clã, ele nada fez.

No dia em que se daria o casamento de James Douglas com Mary Evans um aviso foi colocado na porta da igreja. Nele havia a informação de que a cerimônia tinha sido cancelada.

Coincidentemente, um corpo em elevado estado de decomposição foi achado boiando no rio Tyne nesse mesmo dia. Alguém bem longe dali o havia jogado no rio, achando que estava se livrando de outras contaminações. Como a peste negra havia assolado a Europa e dizimado cerca de setenta por cento da população inglesa, aquele corpo feminino — semelhante ao de miss Evans — chamaria a atenção de todos para o risco de outra possível epidemia. Assim, logo esqueciam um pouco da batalha de Otterbourne e até mesmo da tragédia que se abatera sobre a família de Sir Evans. Miss Evans acabou ganhando uma sepultura no cemitério de Alnwick, ao lado de tantas outras de guerreiros anônimos da batalha travada em nome dela.

Sir Percy, mesmo confiando na palavra do conde de Northumberland de que nada de mal ocorreria à miss Evans, inicialmente ficou muito aflito quando soube do achado no Tyne. Mas tal aflição esvaiu-se assim que viu o corpo. Definitivamente, não era o de sua amada, que só ele, de fato, conhecia. Tal constatação, entretanto, não seria revelada ao público.

Somente no dia seguinte, Sir Percy teve permissão —

por causa dos ferimentos da batalha – para voltar a montar e empreender uma longa viagem. Uma comitiva, composta por mais de cem guerreiros e suas famílias e pelo leal padre auxiliar, partiu para o sul com a missão de encontrar miss Evans. Assim que chegasse ao cativoiro, Sir Percy a libertaria e realizaria imediatamente o casamento. Estava determinado a se estabelecer ali mesmo, constituindo um novo reino na região.

A viagem foi longa. Logo que chegou, ele deixou seus guerreiros junto com os que já residiam no local, e partiu com o padre em direção à gruta. Tinha estado aflito durante toda a jornada, pensando como uma dama, que havia vivido em Londres, poderia estar sobrevivendo naquele lugar, ainda mais sozinha.

Entretanto, miss Evans havia sobrevivido bem. Uma fumaça saía da cabana, mas ela não estava. Sir Percy soltou seu cavalo, enquanto o padre levava o dele para pastar próximo ao rio. Nessa hora, o religioso avistou miss Evans. Ela estava se banhando nua. O padre voltou e disse-lhe onde ela estava e o que estava fazendo, insistindo, por isso mesmo, que ele esperasse. Sir Percy riu. Conhecia cada parte daquele corpo e também já o havia tocado. Mas respeitou o sacerdote.

– Vamos aguardá-la aqui, padre. Quando ela chegar, case-nos imediatamente e volte para junto dos outros. Não quero testemunhas para o que vai acontecer em seguida — ele disse, sério e sorridente, ao mesmo tempo.

Ao entrar na cabana pouco depois, enrolada apenas numa manta, miss Evans levou um grande susto. Sir Percy foi ao seu encontro e tomou-a pela mão. Ela tremia. Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou demoradamente.

— Demorei mais do que previa, meu amor, mas o padre está aqui. Ainda deseja ser minha?

— Para sempre — respondeu ela, enquanto uma lágrima se precipitava sobre a face.

— Pode nos casar, padre, e seja rápido com isso — ordenou Sir Percy.

O padre iniciou a cerimônia. Miss Evans sorria. Vivia um sonho. Algo havia acontecido e ela não sabia o quê. Mas estava claro para ela que aquele casamento estava sendo realizado sem o consentimento do conde de Northumberland. Quando o padre perguntou se ela aceitava se casar com Sir Henry Percy, ela disse o “sim”, sem hesitar. Sir Percy também o disse. Quando seus olhos encontraram os dela estavam cheios de paixão. Assim que a cerimônia terminou, ele despediu o padre.

Miss Evans ainda não podia acreditar. Era agora Mrs. Percy. Tudo tinha acontecido tão rápido que, em um momento ela descia para o rio com o sentimento de ser para sempre exilada, e no outro era a esposa do homem que amava. Sir Percy, que havia ido dar alguma instrução ao padre, chegou algum tempo depois todo molhado. Ela já tinha soltado os cabelos e esperava por ele sentada no chão, na cama que havia cuidadosamente preparado.

Não queria que nada estivesse entre ela e ele na sua noite de núpcias e, por isso, não lhe fez qualquer pergunta enquanto ele se despia. Havia imaginado aquela noite centenas de vezes e agora um temor estranho afligia seu coração. Mas olhando para ele à sua frente, a visão do corpo nu que vira no rio viera tão real que sentiu vontade de tocá-lo. Lembrava-se de cada detalhe, do brilho daquela pele, dos pelos que contornavam a sua masculinidade, a mesma que, naquele momento, a apavorava. Ele viu o medo nos olhos dela, admitindo que ela, inocente, realmente devia temer aquilo que desconhecia.

Sentou-se ao lado dela, pegou-lhe a mão e a levou aos lábios. Beijou demoradamente cada parte, cada dedo, seu pulso... Deteve-se na palma da mão, e disse:

— Mrs. Percy, agora você será minha para sempre. Dar-lhe-ei aquilo que a senhora queria.

Sorria, zombeteiro, mas visivelmente tomado pelo desejo.

— Somente eu é que queria, meu senhor? — ela balbuciou, sedutora.

— Não! Sabe que não. Desejei-a desde o início e lhe mostrarei, agora, o ímpeto desse desejo.

Tomou-a nos braços e a beijou apaixonadamente. Ela enlaçou-o pelo pescoço e correspondeu ao beijo. Ele deitou-a e deitou-se ao seu lado. Ela tocava seu rosto, como se quisesse guardar na memória cada contorno do

amado...

– Onde está aquela menina impetuosa que me queria há alguns dias? – ele perguntou. Ela sorria.

– Está aqui, meu senhor, mas não sei o que fazer, eu nunca...

– Eu sei, meu amor, e lhe ensinarei. Somente lhe possuirei quando clamar por mim, quando implorar por isso. Temos todo o tempo. Você é minha agora – disse ele, beijando-a e a trazendo para cima dele enquanto suas mãos apertavam-na contra si. Ela sentiu seu membro rijo sob ela, e estremeceu. Ele colocou-a de lado e abriu o manto, contemplando seus seios. Levou a boca até um deles e o sugou, depois o outro...

Ela gemeu e o chamou pelo nome.

– Percy...

Mas ele estava apenas começando. A língua ávida queria conhecer todo aquele corpo que se contorcia, ela arqueando as costas ansiando por algo que não sabia o que era. Ele beijou-lhe a boca, o pescoço, os ombros... Voltou aos seios e lambeu-os com a ponta da língua e depois os sugou com paixão. A língua exigente desceu para a barriga, para as coxas e foi até os pés. Ela quase gritava de prazer. Mas ele queria mais, queria que ela implorasse por ele. Voltou e segurou seus quadris que arqueavam cada vez mais sedentos, e beijou ali. Ela gemeu alto, e ele, encorajado, beijou mais, sugou cada parte daquele pedaço que quase o deixara maluco nos

últimos dias de anseio.

– Percy, Percy, eu o quero, eu preciso... Por favor.

– O que quer, diga-me que eu farei – ele respondeu, rouco de paixão.

– Eu o quero, Percy.

– Peça, e eu a farei minha, meu amor. Mostre-me o que deseja.

– Percy, Percy...

Ele se pôs de barriga para cima. E ela, então, mostrou. Da boca ela desceu para o largo peito de seu amado, beijou-o, tocou com sua língua cada pedaço. A inocente boca foi descendo e confirmou-lhe o que ela tanto desejava. Sugou com toda a paixão que sentia, fez aquilo que sonhava em fazer desde que o tinha visto no rio. Ele gemia alto e chamava por ela.

– Mary, Mary...

Ele a pegou, virou-a novamente e se deitou sobre ela. Introduziu-se bem devagar, enquanto ela se contorcia, elevando seus quadris, para matar aquela ânsia que gritava para ser satisfeita.

– Sabe o que vai acontecer? – ele perguntou no seu ouvido.

– Sim, eu sei... Eu quero.

E ele foi. Encontrou a barreira da sua inocência e estocou tirando dela um frêmito e um grito de dor. Mas logo ela pedia mais, muito mais... E ele deu o que ela queria. Arremeteu-se dentro dela com paixão. Não era

capaz mais de se segurar, e a cada nova estocada ela gritava por mais, gritava seu nome, na insana agonia do desejo incontrollável. E a satisfação veio, enfim, com um grito de prazer e um tremor tão grande que ele não teve mais como se conter. Mergulhou de vez naquela carne macia e cravou seu gozo dentro dela.

Saciados, continuariam agarrados um ao outro por longo tempo, temendo que algo os separasse de novo. Nenhum dos dois ousou falar de seus medos e desconfianças, intimamente um temendo perder o outro.

Viveriam treze anos naquele lugar, onde Sir Percy construiu *Border Peace Park*. Deu-lhe esse nome porque fazia fronteira com Cheviot Hills, em Otterbourne, o lugar onde ele havia lutado e vencido o conde de Douglas.

Só deixariam seu “reino” com a morte do conde de Northumberland. Assim que recebeu a notícia do falecimento do pai, Sir Percy partiu imediatamente para Alnwick Castle, pois se tornara o novo conde e, como tal, precisava assumir suas funções de senhor. Consigo levou sua amada Mary, agora a condessa de Northumberland.

Mr. Derrick, nesse ínterim, se estabelecera próximo ao castelo. E continuaria gozando da eterna amizade do casal. Tempos depois, ao ter de fazer uma viagem a Londres, por convocação do rei, Sir Percy pediu-lhe que cuidasse da condessa. Três meses depois, quando retornou, não mais o encontraria. O velho amigo havia morrido de uma febre misteriosa.

O tempo passava e a condessa ainda não engravidara. O fato é que Sir Percy fazia de tudo para evitar a concepção, pois receava que sua amada pudesse morrer durante o parto, como havia acontecido com a mãe dela, Mhairi, e com a sua própria mãe. Visivelmente, tinha um medo exacerbado de perdê-la.

Alguma coisa, entretanto, acabaria falhando. Quando ela tinha 38 anos, acabou engravidando. Estava radiante com a gravidez que tanto desejava, ignorando a preocupação do marido.

— É um menino e ele será o próximo conde de Northumberland — ela disse-lhe, rindo.

Mary Evans não viveria para conhecer o filho. Mais do que a uma natural complicação no parto, logo se atribuiu sua morte à “maldição dos Northumberland”. Dizia-se que tal maldição tivera início quando o desejo de vingança sucumbira ao desejo pelo proibido. O proibido, talvez, não tenha se sobrepulado à vingança, mas se aliado a ela. Ao receber a notícia, o conde desesperou-se: “Os meus pensamentos não eram os pensamentos d’Ele”^[39]. E jogou-se por terra.

CAPÍTULO XVI

Prudhoe House

“Seja lá qual for o material de que nossas almas são feitas, a minha e a dele são do mesmo.”^[40]

Londres, novembro de 1830.

Havia cerca de uma hora, o conde de Northumberland, o famoso “conde Hotspur”, tinha deixado Eliza na porta do quarto para que se preparasse para a festa na Prudhoe House.

Contudo, ela continuava impassível. Quase em estado de choque, permanecia sentada na imensa cama de casal, com sua cabeça apoiada no dossel de madeira. Olhava para o fogo na lareira, mas não o via. Com os dedos levemente apoiados sobre os lábios que ele havia beijado, ela recordava os intensos minutos vividos naquele seu primeiro dia em Londres.

Desde que chegara ali, ela e o conde estavam cada vez mais próximos. *Céus! Não consigo resistir a ele!* Questionava-se como tinha se apaixonado tão repentina e perdidamente. No passado, tentara com todas as forças amar Joseph e não conseguira. Já com Hotspur tinha sido tão fácil. Simplesmente o amara quando o vira pela

primeira vez. Pelo visto, *estava escrito*. Lembrou-se de como havia ficado encantada com sua aparência, com a cor dos seus olhos, com a sua forma de olhar... Simplesmente, ela tinha que reconhecer, embora a contragosto, o achara o homem mais encantador em que já tinha posto os olhos. *Não! Não sou tão pueril, não acredito em amor assim.*

O que ela sentia por aquele homem era atração física, puro desejo carnal. Dizia-se para si mesma, com convicção. Ele apenas a havia despertado para aquela coisa que ela não sabia o que era. Devia ser isso, ela agia daquela forma despudorada porque havia herdado o gene de sua tia para a... *Ai meu Deus! Não posso nem pensar!* Mas, por que seu coração dava um salto sempre que o via? Mas ela não podia se envolver com ele, não podia. Certamente sofreria. *Ah, quando ele descobrir... Oh, o que será de mim?! Estarei perdida!* Como podia ter-se entregado com aquela volúpia? Àquela altura, não se reconhecia mais: a moça recatada e tímida de Leipzig tinha dado lugar a uma dissoluta desregrada. *E agora, o que faço?* Por mais que pensasse não conseguia chegar a uma conclusão. Seu lado decente lutava contra o passional. E esta Eliza, ardente e impetuosa, demonstrava ser muito mais forte do que aquela.

Ao mesmo tempo, em seu quarto, o conde continuava muito desorientado e intrigado. Como falar com ela sobre as cartas deixadas por John Baker? Se Eliza escondia

alguma coisa, certamente seu segredo tinha alguma ligação com o conteúdo das cartas. Por que ela não confiava nele para contar? Quão grave seria o que ela escondia a ponto de temer lhe contar?

O trecho da carta de Baker que não conseguira tirar da memória ainda ribombava em sua mente: “... *Preciso pedir que cuide dela. Nas cartas entenderá a razão pela qual lhe peço isso. Caso haja alguma dúvida, vá atrás das respostas. Em nome de Deus, não aja imprudentemente*”.

O conde, entretanto, não entendia porque devia cuidar dela, a não ser pelas mesmas razões que o moviam desde o início: era sobrinha do escudeiro de seu pai, o fiel Baker, e estava sozinha em terras estrangeiras. Mas havia necessidade de algo mais do que esse gesto cavalheiresco? Haveria alguma razão que o fizesse responsável por ela? O quê? Ele precisava fazê-la confiar nele. Mas como poderia fazer isso se toda hora em que ela se aproximava ele perdia completamente a razão e o juízo? Tinha que se conter. Seria isso que Baker quisera lhe dizer? O velho conhecia seu sangue impetuoso. “*Em nome de Deus, não aja imprudentemente*”. Revoltou-se. *Ah, maldição!* — praguejou.

NÃO MUITO longe dali, outro drama continuava em

curso. *Como será em Prudhoe House?* Eliza suspirou, deixando-se sentar pesadamente na cama. A ‘sociedade’ londrina também a preocupava. Olhariam e apontariam para ela como fizeram em Alnwick? *Talvez não, pois estarei sem os vestidos de minha mãe. Mas, e se rirem de mim, me ridicularizarem, como reagirei? Será que ele ficará o tempo todo ao meu lado, dando-me a sua proteção?*

Molly encontrou-a assim prostrada quando entrou eufórica trazendo-lhe as novas vestimentas: o vestido, o par de sapatos, os arranjos para os cabelos, as luvas, a capa... Enfim, tudo de que uma dama precisava para ficar apresentável para uma recepção na casa de um duque.

– Miss, o que houve? Está doente? Está tão pálida – perguntou a ama. Molly estava animada, pois ansiava deixá-la bem bonita.

– Oh, não, Molly! Estava lhe aguardando para começar a me vestir.

– Ah, miss! Seu novo vestido é lindo! E olha o arranjo! Vou preparar o seu banho imediatamente e deixá-la ainda mais bonita do que já é, como uma princesa! – disse a ama, explicando o que faria em seus cabelos para segurar o arranjo. Eliza, no entanto, estava apreensiva demais para se deixar empolgar. Tentava em vão se lembrar do que a mãe havia-lhe ensinado sobre a sociedade inglesa, mas o esforço apenas deixava-a com dor de cabeça. Parecia que tudo se tinha apagado de sua mente. E como

ela podia, àquela época, imaginar que um dia frequentaria aquela sociedade?

Examinou o vestido novo enquanto Molly preparava seu banho. Era delicado, numa cor suave, simples, mas, de fato, muito belo. O tecido mais fino visto por ela trazia uma mistura de *rosê* com a cor da terra lavada pela chuva; nos ombros uma delicada renda, que contornaria seus seios, dava o toque especial. *Oh! O decote é profundo.* Ela enrubesceu quando se lembrou de que ele o havia escolhido. Seus ombros estariam completamente descobertos. Lembrou-se, estremecendo de desejo, dos dedos dele sobre seus seios. Aquele decote facilitaria o toque. Se uma mão o empurrasse levemente para baixo seus seios estariam completamente à mostra. *Será que foi por isso que ele o escolheu?* Revoltou-se. Ela não permitiria mais nenhuma daquelas ousadas manifestações de despudor. *Controlarei meus arroubos, nem que tenha que...* Ah, o que faria para se controlar? Tinha que ficar longe dele, era o único jeito.

O arranjo dos cabelos combinava com o vestido: delicados botões de um tecido aveludado, permeados por minúsculos brotos como se fossem framboesas, e delicadas folhas esverdeadas fariam seus olhos azuis saltarem do rosto.

Alguém bateu à porta, Molly saiu do quarto de vestir, contíguo ao que ela estava, e foi abri-la. Voltou com um estojo nas mãos e os olhos brilhando como se tivesse

visto um príncipe encantado de *One Thousand and One Nights*.^[41]

– O conde mandou lhe entregar, miss.

– O conde esteve aqui? No meu quarto?

– Sim, miss. Pediu para eu colocar na senhorita hoje.

Ela abriu o estojo. Uma delicada pulseira de ouro. Eliza teve que admitir: ele a conhecia. Se tivesse lhe enviado esfuziantes pedras preciosas ou diamantes para o pescoço, orelha e tudo o mais, ela não os teria aceitado. Mas aquela singela pulseira compunha com o vestido, e ela a usaria com agrado. Depois a devolveria. Certamente, ele a mandara para que ela não o envergonhasse publicamente com sua simplicidade e sua falta de adornos.

Molly chamou-a para o banho e logo depois começou o demorado processo de arranjar-lhe seus fartos e pesados cabelos. Penteou-os delicadamente, prendeu-os num delicado penteado, e colocou os acessórios. Ela tinha que reconhecer, Molly era uma profissional!

Vestiu-se rapidamente, pois já estava atrasada. Quando Molly terminou de abotoar a interminável fileira de botões às suas costas, virou-se para se contemplar no espelho.

– Ah, miss! A senhorita está maravilhosa! Nunca vi tamanha formosura na vida! — exclamou a ama.

Os olhinhos de Molly brilhavam quando Eliza saiu para o imenso e gelado corredor. Ela desceu as escadas o

mais rápido que pôde e os viu. Foi só naquele momento que se deu conta de que se havia esquecido completamente de Mrs. Blauth. Fosse o que fosse que o conde tivesse falado com ela, tinha dado resultado, pois a mulher tinha-se mantido longe dela. Mas agora a olhava com espanto, como se ela fosse um espectro de outro mundo. O conde também a contemplava com olhos enigmáticos. Eliza nunca sabia o que se passava em sua mente. Quando desceu o último vão da escada, Mrs. Blauth bradou:

– Oh, miss Schumacher, eu nunca imaginaria que fosse tão bela atrás daqueles seus vestidos tão... – o conde a interrompeu e caminhou ao encontro de Eliza. Pegou-lhe a mão e a levou aos lábios. Seus olhos encontraram os dela.

– Está encantadora como sempre, milady, mas muito atrasada – ele disse. Sorriu e ela se desculpou.

A carruagem com o brasão de Northumberland estava à espera em frente à mansão. O conde a ajudou a vestir sua grossa capa e lhe deu o braço. Mrs. Blauth vinha logo atrás parolando alguma coisa que nenhum dos dois tinha qualquer interesse em ouvir. Ele a ajudou a entrar na carruagem; depois auxiliou Mrs. Blauth, que se sentou ao lado dela. Então, entrou e sentou-se na frente delas.

Prudhoe House ficava a apenas algumas quadras de Northumberland House, de forma que poucos minutos depois estavam parando em frente à sua imponente entrada. Construída no século dezessete, no estilo

elisabetano ou jacobino, a mansão era uma construção tão grande ou maior que a do conde. Continha um edifício central de quatro andares e duas espécies de varandas viradas para cada lado. Os grandes portões de madeira estavam abertos para receber as carruagens dos convidados. Quando pararam, Eliza viu duas colunas dóricas em pedestais com o brasão dos Prudhoe esculpido. Os pilares davam imponência à mansão. Embora a casa fosse antiga, passara por reforma ao longo dos anos, como uma construção nova do seu lado sul. O jardim ficava no lado oriental da casa.

O conde auxiliou Mrs. Blauth a descer. Depois, deu o braço a Eliza para subirem a escadaria. Vestido elegantemente como sempre, nessa noite ele estava quase todo de preto. Usava colete cinza, com um leve brilho na lapela, e camisa branca, com um laço creme. Mr. Wilbur, seu valete, havia feito muito bem seu trabalho. O cheiro levemente amadeirado que vinha dele impregnava-lhe as narinas, atraindo-a para mais perto do conde.

Foram recebidos pelo mordomo, ao qual ele entregou a capa. Imediatamente, ajudou-a a tirar a dela. As pontas de seus dedos, nessa hora, tocaram-lhe suavemente o pescoço. Eliza estremeceu. O mordomo os levou até o duque e a duquesa. Pela informalidade com que se cumprimentaram, ela percebeu que os dois homens eram bem íntimos.

– Hotspur, seu velhaco. Já estava achando que tinha se

esquecido do seu compromisso comigo e estivesse se regalando por aí — disse o jovem e atraente duque, sorrindo.

— Pearl, como vai? Como eu poderia me esquecer de comparecer se fui intimado? Ou isso ou um duelo, lembra-se? — disse ele, dando um abraço em Arthur Pearl Clifford, o duque Pudhoe, a quem na infância o conde chamava de Paddy. — Duquesa — ele pegou a mão da linda dama e a levou aos lábios —, ainda suportando esse aí? — brincou, apontando para o duque.

— Oh, milorde, eu deveria ter-lhe escutado, mas agora é muito tarde. Creio que nada mais poderá ser feito — ela respondeu, sorrindo, ao mesmo tempo em que olhava para Eliza com curiosidade e para Mrs. Blauth com um divertido brilho no olhar.

— Miss, estes são o duque e a duquesa de Prudhoe. Esta é miss Schumacher, hóspede em Northumberland House. Ela é prussiana.

Eliza, que até aquele momento não falara sequer uma palavra em inglês na frente de Mrs. Blauth, traiu-se:

— Sua Graça! Minha senhora duquesa! — cumprimentou-os, fazendo uma pequena reverência. O conde interveio antes que Mrs. Blauth dissesse qualquer coisa.

— Esta é Mrs. Blauth, de Alnwick. Ela está acompanhando miss Schumacher em Londres — ele explicou.

Assim que foi apresentada, Mrs. Blauth começou a

falar sem parar. Mas foi logo levada para dentro pela duquesa, dizendo-lhe que queria apresentá-la a uma pessoa. O conde e o duque trocaram olhares cúmplices e sorriram para Eliza compreensivamente.

O conde deu-lhe o braço e ela o segurou com força para que suas mãos parassem de tremer. Tinha receio de que as pessoas notassem. Ele, contudo, certamente tinha notado, pois colocou sua mão sobre a dela num gesto protetor e apaziguador. Mas nada falou.

Entraram numa ampla sala cheia de convidados luxuosamente vestidos. Vários vieram cumprimentar o conde de Northumberland e sua acompanhante. Durante algum tempo, um grupo manteve-se ao redor. “Miss Schumacher” foi devidamente apresentada a todos, mas Eliza não gravava o nome de nenhum deles. Nervosa, evitava falar. Apenas se curvava numa vênia e sorria languidamente. Quando se dirigiam a ela com alguma pergunta, ela respondia. Geralmente era alguma amenidade sobre sua terra natal. As mulheres a olhavam com indisfarçável curiosidade, e ela notou que um cavalheiro jovem, alto e bonito, acompanhado de uma estonteante dama, do outro lado da sala, a fitava insistentemente. Instintivamente, seu olhar logo também passaria a procurar o dele.

Quando os convidados se afastaram um pouco, o duque de Prudhoe e a duquesa se aproximaram novamente.

– Você vive como um eremita, Hotspur e, quando

aparece em Londres, é a sensação – disse o duque.

– Não vivo como um eremita, Pearl. Você sabe disso muito bem. Só não gosto da temporada. Venho a Londres sempre que preciso e a negócios. O que posso fazer se gosto do Norte?

A condessa já iniciara uma sequência de perguntas a Eliza: se estava gostando de Londres... Se o conde já a tinha levado ao teatro... Ou ao Hyde Park e a tantos outros lugares... Ela não conteve o riso. Tinha que estar ali já por uns três meses, no mínimo, para dar conta de tantas visitas. O interrogatório só terminou quando o duque informou à esposa que aquela era a segunda noite de miss Schumacher na cidade.

– Ah! Eu não sabia. Por que não me disseram logo?!

– Tentamos, meu amor, mas você não nos deu espaço. Já combinei com Hotspur. Nós quatro vamos mostrar Londres para miss Schumacher, pois Mrs. Blauth, depois do que a senhora fez hoje, estará ainda mais comunicativa – justificou-se o duque de Prudhoe. Os quatro estenderam o olhar para onde Mrs. Blauth e Mrs. Eisinger estavam sentadas, visivelmente muito ocupadas, falando e gesticulando. Todos riram.

Nesse momento, a bela dama que havia chamado a atenção de Eliza levantou-se e veio, com o cavalheiro, na direção deles:

– Os Douglas estão vindo aí... – o duque alertou.

– Como vai, lorde Davy? – cumprimentou-o Hotspur,

sem nenhum entusiasmo, assim que o cavalheiro se juntou ao grupo.

– Vou bem, Northumberland. E o conde, resolveu sair do gelo? – respondeu Davy Douglas, brincando.

– Olha quem fala! Um maldito escocês. Quantos meses por ano Dalkeith Castle passa sem estar totalmente atolado na neve? – murmurou o conde, mal-humorado. A duquesa interveio.

– Lady Leanah. Deixe-me apresentá-la a miss Schumacher, nossa convidada estrangeira. Ela é prussiana – disse, afável. Eliza e a jovem sorriram meigamente uma para a outra, examinando-se discretamente enquanto faziam uma leve inclinação.

– Lady Douglas! – disse o conde, tomando a mão da moça e a levando aos lábios, mas sem roçá-los.

– Miss Schumacher, este é conde de Douglas! – apresentou o duque de Prudhoe, quando percebeu que Hotspur não faria as apresentações.

Era visível certa animosidade entre o conde de Northumberland e o conde de Douglas. Eliza constatou que lady Leanah, de perto, era ainda mais encantadora do que antes lhe parecera. Uma morena clara, de cabelos lisos e escuros, lábios arredondados e rosados. Seus gestos eram angelicais e seus olhos se destacavam naquele belo corpo. Ela e o irmão tinham os mesmos olhos azuis-acinzentados, mas ele tinha a pele mais clara que a dela. Lady Leanah olhava para o conde de

Northumberland com adoração, como Eliza logo percebeu.

— Pois é, Northumberland. Quando Dalkeith Castle congela seus habitantes se mudam para Londres. Estamos em todas as temporadas, mas o conde, nunca — disse o conde de Douglas.

— Se eu tivesse uma irmã para casar, lorde Davy, eu provavelmente estaria em *todas as temporadas de Londres*, mas não é o caso — respondeu Hotspur, rispidamente. Imediatamente, deu-se conta de que lady Leanah olhava para ele e enrubescia drasticamente.

— Desculpe-me, lady Douglas, não é nada pessoal com a senhorita, sabe disso. É uma jovem adorável. Eu a desposaria se não fosse uma Douglas. É que seu irmão me enfurece desde a época de Oxford. Se não fosse o duque de Prudhoe já nos teríamos matado. Eu sinto muito que tenha presenciado essa pueril cena — Hotspur se explicou imediatamente.

Lady Leanah enrubesceu de vez e fez um leve movimento de cabeça, desculpando-o. Nessa hora, Eliza sentiu a afiada pontada do ciúme. Fora mesmo uma ingênua se deixando usar por ele. Um conde jamais se casaria com uma plebeia como ela. Eles apenas se divertiam com moças simplórias que desconheciam como funcionava a nobreza inglesa. Fora incauta se em algum momento aquela ilusão lhe passara pela cabeça. *Se ele algum dia se casar, certamente será com a filha de um*

duque, conde ou marquês, e não com a filha de um pobre músico prussiano.

Um murmurinho na porta da entrada chamou a atenção do grupo. Enquanto olhavam para ver quem estava causando aquele alvoroço, o conde de Douglas falou:

– Essa desavença entre nossas famílias só vai acabar quando um Northumberland se casar com uma Douglas.

– Nunca um Northumberland se casará com uma Douglas, lorde Davy! Nunca! – bradou o conde inglês.

– Olha se não é lorde Robert Percy! – exclamou o duque de Prudhoe, contente por poder mudar de assunto, e ao mesmo tempo indizivelmente admirado pela presença do rapaz ali.

– Prudhoe, como vai, Sua Graça? Desculpe-me vir sem ser convidado, mas cheguei há pouco em Londres e Mr. Mercer disse que todos estavam aqui.

– Só não o convidei porque não imaginava que chegaria a Londres mais cedo este ano, meu caro – respondeu o duque com visível afeto. Percebia-se que os Northumberland eram queridos pelos Prudhoe e vice e versa.

– Como vai, Edward? Não vai dar as boas-vindas ao seu irmão mais novo? – brincou lorde Robert, abraçando o conde de Northumberland.

– Edward?! – Eliza repetiu, chamando a atenção de todos. O conde olhou-a espantado, mas lorde Robert novamente chamou sua atenção.

– Eu ouvi alguém falando em casamento ou estou enganado? – ele perguntou, cumprimentando o conde de Douglas e lady Leanah. Levou a mão da moça aos lábios e a fixamente olhou nos olhos.

– Sim, lorde Robert — respondeu Davy. Lorde Edward estava contando das nossas desavenças desde Oxford e eu disse que as desavenças entre os Northumberland e os Douglas somente acabarão com um casamento entre as duas famílias.

– Desavenças desde Oxford?! O ódio entre as nossas famílias existe há séculos, Sua Senhoria. E qual Northumberland se casaria com uma Douglas? — Robert Percy protestou. E logo continuou: — Eu é que não sou. E lorde Edward Percy, meu querido e infiel irmão aqui, está noivo e nem me contou. Aliás, eu gostaria muito de saber como se livrou de lorde Neville e seu ancestral noivado com lady Neville?

Ele falava sem parar, ante a estupefação geral.

– Somente ao chegar aqui em Prudhoe House é que eu soube. Quando iria contar para seu único parente vivo, Edward? — perguntou, dirigindo-se ao conde. — Se não fosse a condessa de Jersey e a condessa de Lieven, acredito que eu nem descobriria. Elas me pararam na entrada, juntamente com outras matronas e donzelas, para me perguntar se era verdade. E eu não soube o que dizer. Todas queriam saber de lady Neville... Lógico, nesses casos de traição de irmão, a gente fica calado mesmo.

Segundo elas, Mrs. Sanderson havia-lhes contado que o conde de Northumberland esteve lá pessoalmente para encomendar um vestido de presente para sua noiva estrangeira. Elas fizeram questão de frisar ‘noiva estrangeira’ como se você, meu irmão, tivesse traído as damas inglesas, como um todo. Creio que... — ele continuou, virando-se para a escarlata Eliza, pois essa era a cor dela naquele momento — ... milady seja a minha nova irmã — concluiu, tomando a mão da moça e levando-a aos lábios. — Encantado, milady! A senhorita é, de fato, muito especial, pois sossegou o conde Hotspur — gracejou.

— Robert! — bradou Edward Percy, furioso. — Saiu de Otterbourne apenas para causar tumulto?

De fato ele havia causado uma comoção geral e nem se dava conta disso. Lady Leanah estava corada de vergonha. Tinha sido rejeitada pelos dois irmãos Percy Northumberland na mesma noite e no mesmo evento. Eliza não tinha mais onde se enrubescer. Até suas orelhas estavam rosadas. Não disse uma só palavra. Não porque não quisesse, mas porque perdera a fala completamente.

O anfitrião, para acabar logo com aquele conflito, que podia se transformar em outra Guerra dos Dois Irmãos^[42] ou outra batalha entre os Northumberland e os Douglas — num duelo, no mínimo, pois os Northumberland, afinal, tinham ofendido publicamente uma dama Douglas —, convidou todos para a mesa.

Se já era hora ou não, a anfitriã nada pôde fazer, pois o

duque deu o braço a miss Schumacher — o que foi uma grande honra, já que pela etiqueta ele deveria ter dado o braço à convidada mais velha, o que não era o caso, — e convidou todos a se dirigirem imediatamente à sala de jantar.

Lorde Edward Percy deu o braço a lady Leanah Douglas, enquanto a duquesa de Prudhoe aceitava o braço de lorde Robert Percy. Eliza observou um sutil olhar de lady Leanah para lorde Robert e dele para ela, como se tivesse se arrependido do que havia bradado para todos pouco antes. Lord Davy Douglas, que havia sido deixado para trás, deu o braço a Mrs. Blauth, que, finalmente, tinha-se juntado novamente ao grupo.

À mesa, Eliza sentou-se à esquerda do duque, tendo a duquesa e lorde Edward à sua frente e o conde de Douglas à sua esquerda. Sentia-se terrivelmente magoada com lorde Edward por ele ter flertado com Lady Leanah na sua frente — ciúme que ela não admitiria nem para si mesma — e por ele ter omitido dela aquela mentira sobre o noivado. Assim, ignorou-o, dando atenção máxima aos dois homens que a ladeavam, o duque de Prudhoe e o conde de Douglas. Lady Leanah estava entre o conde de Northumberland e lorde Robert.

Enquanto tomava seu *Xerez*, lorde Edward conversava com a duquesa e com lady Leanah. Lorde Robert, por sua vez, tomava seu *Porto* e conversava com Mrs. Blauth. Parecia muito aborrecido, pois lady Leanah não lhe dava

a mínima atenção. Eliza, embora estivesse com ciúmes de lady Leanah, tinha sentido pena dela pela descortês rejeição de lorde Robert. Dessa forma, congratulava-se com a frieza com que a moça o vinha tratando. *Que culpa ela tem de ter nascido uma Douglas?*

O conde de Douglas, como ela logo constataria, era muito agradável e inteligente. Ele conhecia o país dela e estava ciente dos conflitos que vivenciava. E mais: gostava de sua música tanto quanto ela. Assim, não lhes faltou assunto durante todo o jantar.

Quando a sobremesa foi servida, os cavalheiros beberam seu *Porto* e as damas um vinho doce. Na conclusão da ceia, que durou cerca de quase duas horas, ela notou que cada convidado se serviu de mais um copo de vinho. Depois, a duquesa e o duque abriram a porta da sala de jantar. As damas foram para a sala de visitas deixando os cavalheiros entregues às suas bebidas, seus charutos, discutindo política, negócios e o que mais quisessem, sem as limitações impostas pela presença feminina.

Eliza, ainda se sentindo tímida e pouco à vontade em meio a tantas damas com seus títulos de nobreza, recolheu-se ao canto mais escuro da sala. Logo a duquesa juntou-se a ela e começaram a conversar.

Em nenhum momento a duquesa lhe perguntou sobre seu suposto noivado – embora Eliza quisesse perguntar a ela quem era lady Neville. A dama apenas discorreu sobre

Londres e indicou os lugares que, em sua opinião, valia à pena Eliza, como estrangeira, conhecer antes de retornar à sua terra natal.

A única pergunta mais íntima que a duquesa de Prudhoe fez – o que Eliza achou muito justo, pois ela havia revelado o seu – foi sobre seu nome de batismo. Combinaram se tratar apenas pelos nomes. Eliza intuiu que poderiam se tornar amigas, pois a mulher era franca e sem afetação. Por seu turno, Leonora, a duquesa, demonstrava sentir o mesmo. Assim, prometeu que durante a semana iria visitá-la em Northumberland House.

Lady Leanah se juntou a elas timidamente. Logo, as três estavam conversando quase à vontade, pois Leonora, com 24 anos, apenas um ano mais velha que a jovem Douglas, tinha o dom de aproximar as pessoas e quebrar resistências:

“Lady Leanah, a miss não vai acreditar, mas miss Schumacher veio sozinha até a Inglaterra! E veio pela Irlanda e não pela França. Ela não é uma heroína?”.

“Miss Eliza, a senhorita precisa ver lady Leanah cavalgando. Quem olha para ela, toda meiga assim, não imagina como ela é hábil em cima de um alazão. Eu fiquei pasma quando estive em Dalkeith Castle”.

Quando os homens retornaram encontraram as três conversando como velhas amigas.

A música começou e alguns cavalheiros tiraram as damas para dançar. O conde de Douglas convidou miss

Schumacher, mas ela disse que, infelizmente, não sabia dançar.

— Ela é prussiana e não inglesa — interveio o conde de Northumberland.

— E o que tem isso, lorde Edward? As damas da terra da miss dançam valsa há mais tempo que as damas inglesas que, aliás, nem dançam ainda! — retrucou lorde Davy Douglas.

— Pelo amor de Deus, estão brigando de novo? Não posso acreditar nisso, são dois intoleráveis! — protestou lorde Robert, entrando no meio da conversa. — Por causa dos dois eu fui penalizado pelo total silêncio da parte de lady Leanah, e estou com meu ouvido direito doendo. Passei duas horas... Vocês dois sabem o que são ‘duas horas’ ao lado de Mrs. Blauth? Ela contando todos os mexericos que ouviu de Mrs. Eisinger sobre os habitantes de Londres. Alguns bem quentes até sobre vocês dois — ele bradou. Todos, incentivados pelo *Xerez* e pelo *Porto*, riram alto.

Eliza olhou para lorde Robert, penalizada. Ela sabia o que ele sofrera. Ele compreendeu seu olhar empático e sorriu afetuoso para ela. A troca de olhares e de sorrisos não passou despercebida por Edward, que fechou o semblante. Alheio à “guerra” que se estabelecia entre seu irmão e a ‘estrangeira’, como ele chamava miss Schumacher, convidou lady Leanah para dançar. A jovem hesitou, mas acabou se levantando e aceitando a mão

estendida. O duque, por sua vez, convidou a duquesa para fazer o mesmo. Eliza percebeu que estava entre um Northumberland e um Douglas. Fitavam-se com ódio.

Atônita, levantou-se. Lorde Edward prontamente se pôs ao seu lado e arrastou-a para fora da sala.

– Preciso falar com a senhorita – disse ele.

– Sim, imagino que precise mesmo.

– Você está flertando com o meu maior inimigo, o conde de Douglas. Aliás, o ancestral inimigo dos Northumberland, como lhe contei hoje – recriminou-a, rispidamente.

– Ele não me pareceu tão velho assim, milorde. Acho que não passa dos trinta – respondeu ela, irônica.

– Não seja leviana. Os Douglas não prestam.

– E lorde Edward flertava com lady Leanah. Ela também é uma Douglas. Ou isso é permitido? Outra coisa: não tente inverter o jogo para o seu lado, milorde. Que história é essa de noivado?

– Garanto-lhe que é melhor ser a noiva do conde de Northumberland do que a amante dele. E é isso que Mrs. Sanderson estava imaginando.

Edward Percy a tinha arrastado para o que parecia ser o escritório do duque. Imediatamente fechou a porta.

– Se Mrs. Sanderson imaginava tal coisa é por sua causa, milorde, que deve ter o hábito de encomendar vestidos para suas amantes. De forma alguma eu dei a entender semelhante disparate a ela, até porque eu nem

abri a minha boca.

– Não creio que seja um ‘disparate’ ser minha amante, milady. Nunca houve nenhuma queixa da parte delas.

Eliza foi tomada por uma fúria que nunca imaginara possuir. Quando percebeu, estava vermelha de ódio, e o chamava de pervertido, odioso, libertino, devasso...

– Eu jamais seria sua noiva, seu bastardo – gritou ela.

– Então, talvez prefira ser minha amante, milady. O bastardo conde de Northumberland ou, talvez nesse caso seja melhor, o conde Hotspur vai lhe mostrar.

Ele tomou Eliza pela cintura com as duas mãos e a puxou para si com tanta força que seus corpos se chocaram. Cobriu-lhe a boca com a sua e introduziu a língua num beijo que a deixou amolecida. Ela lutava bravamente para se afastar dele. Estava determinada a resistir, mas ele mudou de tática. De selvagem, o beijo passou a suave e inebriante. Sua língua lhe contornava a boca, descia ao pescoço, reiniciava em cada canto de seus lábios, e retomava ao centro, possuindo-a inteiramente. Eliza já não tinha mais forças para resistir. Sem separar-se dela, ele a encostou à grande mesa de carvalho e começou a percorrer seu corpo com as mãos. Sua boca desceu para os ombros nus e os beijou, sugou e lambeu. Voltava à boca sempre que ela começava a protestar e a beijava até tirar todo resquício de resistência. Ela o sentia colado a ela, sentia cada parte de seu corpo. Seu vestido desceu e revelou seus seios fartos e rosados. Os olhos

dele se estreitaram de desejo assim que os viu. Tomou-os na palma de sua mão e gemeu alto.

– Eliza. Eu a quero tanto – ele murmurou em seu ouvido.

Ela arfava. Com a respiração entrecortada não conseguia mais raciocinar. A boca dele desceu e tomou seus seios com paixão. Ergueu-a sobre a mesa e, em instantes, estava entre suas pernas, apenas o vestido num emaranhado de tecido entre os dois. Seus cabelos tinham-se soltado e pendiam sobre seus ombros como uma massa sedosa. Sentiu quando ele a tocou na parte mais íntima de seu corpo. Ele gemeu alto e ela, cada vez mais arfante, apenas sussurrou:

– Edward, Edward, Edward, eu não posso... Eu não... Oh! Edward!

– Eu a quero para mim, Eliza... Para mim... Toda minha... Aqui.

Eliza sabia que ele a possuiria ali naquele momento, pois sentiu a intensidade do desejo dele, e não tinha forças para resistir. *Uma devassa. É isso que eu sou.* Tinha total certeza agora. Ele, contudo, apenas lhe pegou a mão e a conduziu até seu membro para que sentisse toda sua rigidez. Manteve-a ali por alguns segundos, olhando-a com olhos ardentes de desejo. Ela gemeu alto, e ele, nessa hora, abruptamente se afastou.

– Se eu a quisesse como minha amante, milady, era isso que teria agora, só isso. Mas sou honrado demais para

seguir em frente com essa loucura e deflorar uma ‘estrangeira’ sob minha proteção.

Ele virou as costas e deixou-a ali, frustrada e envergonhada ao mesmo tempo. Ela teve vontade de gritar para que ele voltasse. Quis implorar — exatamente como fizera, séculos antes, a jovem da história que ele havia-lhe contado naquela tarde — para que a fizesse dele. Estava dominada pelo desejo. Seus seios estavam expostos, seu vestido erguido, seus cabelos desgrenhados, seus olhos brilhando de paixão, sua boca rosada e inchada pelos beijos dele... Mas ela não teve a mesma ousadia. E ele, apesar de ter voltado seu olhar, ter registrado na mente, para sempre, cada detalhe daquela cena, teve forças para resistir, sair e bater a porta atrás de si, com a frase de Baker gritando em sua mente: “*Em nome de Deus, não aja imprudentemente; Em nome de Deus, não haja imprudentemente*”...

Eliza, por fim, deu-se conta da sua humilhante situação e começou a chorar. Seu corpo se contorcia pela dor do aviltamento, pela degradação à qual se deixara levar. Estava na mansão de um dos nobres mais influentes da Inglaterra, desgrenhada até a alma, rebaixada à condição de mulher fácil e, ainda por cima, apaixonada por um homem que era noivo de outra.

A duquesa de Prudhoe a encontrou assim, subjugada e tensa. O rosto manchado pelas lágrimas, o vestido amassado e os cabelos desgrenhados de Eliza logo a

fizeram deduzir o que havia acontecido.

– Oh, minha querida! Eu vou lhe ajudar. Venha até meu *boudoir* – disse-lhe Leonora, carinhosamente. Passou os braços por sobre os ombros dela e a puxou para si num abraço demorado. Depois a própria duquesa se abaixou para pegar o arranjo de cabelo que estava caído no chão.

– Oh, Sua Graça, perdoe-me! – Eliza conseguiu dizer apenas, no seu extremo constrangimento, secando as lágrimas.

– Não há nada a perdoar, minha querida. Conheço os homens, são todos iguais. Os dois, então, são iguaizinhos. Desde criança eles se conhecem, estudaram juntos, enfim, já passei por coisa semelhante – a mulher a consolou, ternamente.

Eliza não tinha qualquer dúvida de que a duquesa sabia tudo o que se passara ali naquele escritório. E quanto aos outros?

– Todos os convidados sabem? — perguntou, num murmúrio.

– Oh, não! De forma alguma, minha querida! Eu vi Northumberland saindo daqui e como não vi a senhorita em lugar algum imaginei que precisasse de ajuda. Vamos dar um jeito nesses lindos cabelos. Sou quase tão boa quanto a minha ama, afinal, fui uma – disse ela, sorrindo, jovialmente.

E Leonora ajudou-a com os cabelos. Não ficou igual ao penteado de Molly, mas estava apresentável. Ela lavou o

rosto, ajustou seu vestido. A duquesa beliscou suas faces para lhes dar mais cor.

— Agora espere aqui um momento. Vou pegar algo para bebermos. Voltou depois com um *Xerez* para cada uma. — Estamos precisando. Tome tudo! Vai se sentir melhor.

Eliza bebeu e, de fato, sentiu-se melhor assim que o líquido desceu queimando pela sua garganta. Leonora nada perguntou e seu olhar exprimia compreensão, jamais julgamento. Essa atitude a reconfortou, embora, pelo próprio julgamento, ainda se achasse de alguma forma culpada.

De volta ao salão, a primeira coisa que viu foi lorde Edward e lady Leanah. Dançavam uma valsa, sorrindo um para o outro. Lorde Robert aproximou-se da duquesa nesse instante.

— Sua Graça, eu estava à sua procura para me despedir e agradecer. Estou um pouco cansado da viagem — disse.

— Oh! — interpelou-o Eliza, vendo ali uma oportunidade para fugir da humilhação extrema. — Leve-me com o senhor, meu lorde. Não estou me sentindo bem.

Ele olhou para onde seu irmão estava.

— E Edward? — perguntou.

A duquesa interferiu, gentilmente.

— Leve-a com o senhor, lorde Robert. Eu avisarei a Northumberland. Vou chamar Mrs. Blauth — disse, pedindo-lhe que esperasse. Instantes depois a mulher retornava, trazendo a preocupada acompanhante de miss

Schumacher.

Antes que Eliza seguisse com lorde Robert e Mrs. Blauth, Eleonora a segurou por um momento, falando-lhe a sós.

— Eliza, você não está sozinha na Inglaterra. Se precisar, eu estarei sempre aqui.

Os três deixaram Prudhoe House sem serem notados, exceto pelas condessas de Jersey e de Lieven.

CAPÍTULO XVII

Lady Neville

“Nenhum mal condena-nos irremediavelmente, exceto o mal de amarmos, o desejo de continuar, e não fazer nenhum esforço para escapar.”^[43]

Novembro, Londres, 1830.

Harriet Neville conversava calmamente com a irmã, Alyssa, sobre qual vestido esta deveria usar no baile de sua apresentação à sociedade quando o mordomo veio avisá-la da visita.

— Para mim?! Quem é?

— São duas visitas, na realidade, senhora. As condessas de Jersey e de Lieven.

Lady Neville sobressaltou-se. Aquelas duas não faziam visitas de cortesia. Alguma coisa tinha acontecido. Certamente, pretendiam malograr em cima de alguma desgraça ou esmiuçar para estragar a felicidade de alguém. A frase de Shakespeare de que a felicidade alheia fere profundamente uma alma torturada cabia profundamente àquelas duas. Mas não podia deixar de recebê-las. Ordenou ao mordomo que mandasse lhes

servir alguma coisa, informando de que não se demoraria. No entanto, deixou-as esperando cerca de quinze minutos, protelando o desconforto que intimamente pressentia.

— Querida lady Neville! Está ainda mais bela do que a última vez que a encontrei. Como foi sua viagem ao continente? — disse a condessa de Lieven.

Ela agradeceu e respondeu apenas que a viagem tinha sido boa. Perguntava-se qual delas iniciaria o ataque primeiro. Após amena conversa sobre os próximos eventos sociais de Londres, a condessa de Jersey abriu o jogo.

— Lady Neville, eu sinto muito. Ser trocada por uma estrangeira e ainda por cima sem nome e sem fortuna — disse, em tom condescendente.

— Trocada?!

As duas visitantes se entreolharam.

— Então a senhorita ainda não sabia? — a condessa estranhou. Ela e a amiga demonstravam estar visivelmente exultantes.

— Não faço ideia do que as senhoras falam.

— O conde de Northumberland, o seu lorde Edward, está noivo de uma estrangeira. O nome dela é miss Schumacher, Eliza, ou coisa assim. Quem me contou foi Mrs. Sanderson, a modista. O conde em pessoa esteve lá para encomendar um ‘vestido de noiva’ para ela. Deve ir a Prudhoe House hoje à noite, pois ele vai levá-la para apresentar ao duque. Eu soube disso porque o meu

mordomo é irmão do mordomo da duquesa de Prudhoe e os nomes deles estão na lista. Não pode deixar de ir, sei que os Neville foram convidados. Posso passar e pegá-la, pois sei que lorde Neville está viajando... Uma pena, pois eu daria tudo para ver a cara de lorde Edward quando apresentasse a noiva para o tio barão.

Lady Neville continuou calada olhando para aquelas duas bisbilhoteiras. O que poderia dizer? Ela mal conhecia seu primo. As lembranças que tinha dele eram tão vagas quanto podem ser as lembranças de uma garota de oito anos. Sabia que estava prometida a ele, que se ele a reclamasse teria que dizer sim, mas se sentiu aliviada em saber que, finalmente, estava livre. Seu pai certamente não ficaria feliz com aquela notícia, mas ela nada sentia a não ser alívio. Na última vez que vira lorde Edward, ele estava indo para a guerra, junto com o duque de Prudhoe, e nem sequer olhara para ela. Não podia culpá-lo. Então com 18 anos, era um belo rapaz, enquanto ela era uma menina magra e desajeitada.

— Lá vai Harriet Neville, a sua futura mulher, Edward! Olha como ela é atraente! — diziam-lhe os amigos, apontando para ela. Lembrava-se bem disso.

Lorde Edward ficava revoltado com tal compromisso, pois ela era, de fato, a garota mais estranha que já tinham visto por ali. Magricela, sardenta, tinha pés enormes e, mesmo assim, não se equilibrava direito sobre eles. Vivia caindo e, conseqüentemente, cheia de escoriações.

Certa vez, pouco antes de ele partir para a guerra, Harriet armou-se de toda a pouca coragem de que dispunha e o procurou. Pretendia dizer-lhe que não queria se casar com ele.

— A pior desgraça que os Northumberland e os Neville fizeram foi esse pacto de casamento entre as famílias. Olhem para a minha futura noiva, não se parece com um abutre branco? — resmungou Edward, dirigindo-se a amigos, sem se dar conta da aproximação de Harriet.

Ao se virar, ele percebeu que também tinha sido ouvido por ela. Profundamente magoada, não esperara explicações e saíra correndo.

— Harriet! — Harriet! — ele gritou, saindo no seu encalço. Ela já ia longe, mas ouvia nitidamente o grito repetido. — Desgraça! O que foi que eu fiz?! — bradou, por fim, resignado.

Os dois nunca mais se veriam. Edward não participava das temporadas, e ela sempre recusava o conselho do pai e da tia, a baronesa viúva de Patchetts, que a estimulavam a visitar Alnwick Castle.

E agora ela era gorda e com aqueles peitos!

HAVIA dois meses Harriet Neville tinha-se instalado temporariamente em Paris. Mudara para a capital francesa a convite da tia viúva, irmã de sua falecida mãe, para

fazer companhia à prima, lady Patchetts.

Ela o conheceria logo no dia de sua chegada. A carruagem do Hôtel de Ville, que as buscara no porto, quebrou um eixo no caminho. O alvoroço provocado pela tia assustara os cavalos. Ele surgiu nessa hora numa moderna Cabriolet, prontificando-se a ajudá-las. Apresentou-se como cocheiro do conde Filippo Raspail. Era muito bonito. Mais do que sua aparência física, Harriet estranhou a forma como estava vestido, sofisticada demais para um simples serviçal.

A desconfiança inicial, entretanto, logo se esvairia. Harriet passou a vê-lo todo dia quando saía para passear com a tia e a prima. Ele estava sempre vestido com a simplicidade dos cocheiros. Intuiu que devia trabalhar no Hôtel de Ville, dado esse constante encontro no local. Com o passar dos dias, seus olhos já o procuravam automaticamente, tendo ela o pressentimento de que as seguiam por todos os lugares.

Para irritação da tia baronesa, Harriet não demonstrava interesse por nenhum dos rapazes que a abordavam querendo-lhe fazer a corte. Uma repetida coincidência a vinha deixando impressionada: o cocheiro, que não lhe saía do pensamento, estava também em todos os eventos a que ela comparecia — não no baile, em si, mas em frente ao salão. Deduziu, naturalmente, que o conde Filippo Raspail frequentava as mesmas festas para as quais sua tia era convidada.

A baronesa demonstrava crescente impaciência com o desinteresse de Harriet pelos homens. Ela a tinha levado para Paris para que recebesse outras propostas de casamento, já que na Inglaterra ela era a noiva de um ‘fantasma’. Ninguém se aproximava dela com medo do poderoso primo, o conde de Northumberland. Dizia-lhe que ela estava ficando ‘passada’, mas o que pretendia, mesmo, era arrumar um marido para a sobrinha e, assim, deixar o caminho livre para a filha, apaixonada por lorde Edward. Harriet percebia, mas não ligava. As lembranças que tinha do primo sempre se misturavam às humilhações que sofrera quando criança. A prima que se casasse com ele, ela pouco se importava. Logo, porém, pegou-se sonhando com o misterioso cocheiro, desejando ser beijada e abraçada por aqueles braços fortes.

Certa noite, algum tempo depois, a tia aceitou um convite de uma amiga inglesa, que também estava hospedada no Hôtel de Ville, para irem juntas assistir à peça de estreia da amante de Victor Hugo, Juliette Drouet. Era o mexerico da vez em Paris. O que se comentava era que o escritor estava traindo sua esposa, Adele, com a atriz. Exatamente por isso, toda a cidade estava ansiosa para vê-la. Cansada dessas fofocas, Harriet alegou uma indisposição para não acompanhar a tia e a prima ao teatro.

Um pouco mais tarde, bateram à porta do seu quarto. Imaginou que poderia ser o cocheiro. Estremeceu ao

pensar nisso. Cautelosamente começou a abrir a porta. Seus olhos, então, se encontraram com os dele. Nesse momento uma chama ardente percorreu todo seu corpo. Ele entrou, tomou-a nos braços e a beijou ardorosamente. Nunca tinha sido beijada e não sabia o que fazer. A língua dele tocou a dela. Era uma sensação que ela nunca havia experimentado. Com as pernas tremendo, tentou se justificar.

– Eu não sei o que fazer. Nunca... — ela murmurou.

– Apenas deixe-me beijá-la. A sua pureza me deixa louco — ele interrompeu-a, retomando o beijo.

Harriet, desajeitadamente, tentava acompanhá-lo. Tocou-lhe a língua com a sua. Ele vibrou, ela sentiu, pois seu corpo estava colado ao dele.

Ele sabia seu nome, ela quis saber o dele, entre beijos.

– Pode me chamar de Belvoir — ele disse.

– É inglês? — ela perguntou. Ele confirmou, mas explicou que estava no continente havia vários anos.

A apresentação parou por aí. Ambos sabiam que tinham pouco tempo a sós. Logo a duquesa e a filha estariam de volta. Harriet queria mais. E Belvoir a atendeu. Voltou aos beijos ardentes e apaixonados. Eram intercalados com frases com as quais ele elogiava a beleza, o jeito tímido dela... Por fim, interrompendo os beijos, declarou seriamente sua intenção de se casar com ela.

– Meu pai nunca permitiria o meu casamento com o

senhor – ela ponderou, visivelmente entristecida. Estou prometida ao meu primo, o conde de Northumberland.

Belvoir pareceu muito surpreso.

– Se seu pai algum dia permitisse, a senhorita se casaria comigo? Casaria com um simples cocheiro? — ele perguntou, ainda mantendo-a junto de si.

– Sim. Não me importo com a sociedade. As pessoas apenas me magoam..

– Então vamos nos casar – ele disse, impedindo-a de continuar com um novo e ardente beijo. Naquele instante, entorpecida pela paixão, ela quase podia acreditar que isso seria possível.

– Nunca poderemos — retrucou, voltando-lhe a razão.

– Então aproveite o momento, minha querida. *Por que há de haver coisas eternas na vida transitória? Já viu refletida uma imagem com nitidez em águas de grande correnteza? A vida não faz outra coisa senão passar velozmente...*

– Mas, vou sofrer – ela protestou.

– A causa do sofrimento está na expectativa, no medo. Apenas viva este momento.

– Não, a causa do sofrimento está no apego, está em querer que dure para sempre o que não foi feito para durar. Nós não temos futuro, eu sei bem disso.

– Oh, minha querida! Deixe seu coração guiá-la agora. Lembre-se de que *a melhor maneira de se livrar de um desejo é ceder a ele.* [\[44\]](#)

Por um instante, ela se perguntou como os cocheiros de Paris podiam ser tão cultos. Mas com a boca dele colada em seu ouvido, tal reflexão logo se perderia em meio às novas e inebriantes sensações que lhe perpassavam o corpo. O tempo passara rapidamente. De repente, o barulho da carruagem que chegava de volta ao hotel alertou-os de que tinham de se separar imediatamente. Às pressas, Belvoir deixou o quarto.

Um inesperado chamado do administrador de seus negócios obrigou a baronesa a interromper a temporada em Paris. Um banco, no qual grande parte de seus investimentos estava aplicada, tinha ido à falência. Teriam de retornar à Inglaterra ainda naquela manhã. A tia não lhe deu tempo sequer para deixar um bilhete para Belvoir. Harriet ainda o viu e acenou-lhe, enquanto a prima a criticava pela atenção que estava dando a um simples cocheiro. Voltava para sua terra de coração partido. Consigo levava apenas um nome e o endereço do Hôtel de Ville.

Já em Londres, morrendo de saudade, continuava aguardando resposta das três cartas que escrevera para o hotel, aos cuidados de Belvoir.

Perdida em seus pensamentos, agora olhava para as condessas de Jersey e de Lieven sentadas à sua frente até com certo desdém. Tinham aparecido ali, sem mais nem menos, para falar do seu noivo? O que esperavam dela? Uma cena? Certamente sairiam dali frustradas, pois o que

viam, à medida que davam detalhes surpreendentes dos fatos, era uma lady fria e distante.

O que diriam aquelas condessas se pudessem ler seus pensamentos que voavam para além do canal? Lady Neville refletia sobre algo que Belvoir, o estranhamente intelectualizado cocheiro, lhe dissera um Paris: “A beleza... a bondade... a juventude... Tudo com o tempo se esvai, como o fumo delével. Na curta passagem da vida, confundem-se à distância todos os traços, os que marcam os caminhos da alegria, como os que vêm da tristeza... A saudade do passado é o nevoeiro que envolve tudo na mesma claridade enganadora e opaca...”^[45]

CAPÍTULO XVIII

Revelações

“Nossos mortos jamais são mortos para nós até que nos esqueçamos deles.”^[46]

Novembro, Londres, 1830.

Lorde Robert auxiliou Eliza com a capa que o mordomo lhe entregara e estendeu-lhe o braço. Mrs. Blauth insistia para saber o que ela estava sentindo a ponto de levar a própria duquesa, em pessoa, a ir chamá-la, às pressas, para acompanhá-la de volta para casa. E, ainda, porque o conde de Northumberland não estava entre eles.

O irmão de Edward, contudo, tinha certeza absoluta de que alguma coisa anormal havia acontecido. Só isso explicava ter a duquesa quebrado o protocolo, pedindo-lhe que levasse a estrangeira embora sem o seu acompanhante oficial. Aborrecido que estava com algum assunto pessoal e com a própria Mrs. Blauth, por lhe ter convulsionado a noite toda com seus mexericos, fez com que a mulher se calasse com alguma impertinência.

Graças ao *Xerez* de pouco antes e embalada pelo movimento da carruagem, Eliza sentia o corpo relaxando. Todos se mantinham calados, até Mrs. Blauth que,

humilhada pelo cavalheiro, externava seu aborrecimento de boca fechada, o que era um alívio para Eliza e para lorde Robert, absortos com suas próprias lembranças.

Em Northumberland House, Molly a esperava para ajudá-la a tirar o vestido, *coisa desnecessária*, como Eliza pensou, amargamente, dada a facilidade com que o conde Hotspur havia conseguido desnudá-la em Prudhoe House. Ainda sob os efeitos do *Xerez*, sentiu o corpo todo entorpecer. Logo, caía em sono profundo.

Na manhã seguinte, ao acordar, tinha a resolução tomada. Não se recordava se a decisão viera à sua mente durante a vigília ou não, mas iria embora dali, e sem Mrs. Blauth. O simples pensamento de voltar a Alnwick com ela a arrepiava. Do povoado iria para outro lugar, embora não soubesse qual, muito menos como. Apenas tinha certeza de que não poderia ficar em Alnwick e nem voltar para Leipzig. Mas galgaria um obstáculo de cada vez. O primeiro passo era sair de Northumberland House às escondidas do conde. A ideia de ter que olhar para ele era humilhante e degradante demais para que ela ousasse pensar. Arrumou suas poucas coisas no seu velho baú e deixou o vestido novo para ser entregue ao seu dono. Sobre ele, deixou também o estojo com a pulseira.

Para a fuga esperava contar com a ajuda de Leonora, sua nova amiga. Assim, iria enviar uma ‘nota’ para Prudhoe House, endereçada à duquesa. Ela lhe dera abertura para tanto. Naquele momento, era o que

precisava, desesperadamente. Afinal, além de não ter dinheiro, não conhecia ninguém mais com quem se socorrer em toda a Inglaterra.

Às pressas, escreveu o bilhete:

Sua Graça,

Sei da minha ousadia e peço seu perdão, mas preciso de ajuda para sair de Northumberland House e voltar ao Norte. Meu baú está pronto. Sempre me lembrarei de seu auxílio e lhe serei grata. Um dia espero poder lhe retribuir.

Eliza.

Desceu para pedir a Mr. Mercer que lhe ajudasse a encaminhar o bilhete. Contudo, a primeira pessoa que viu foi lorde Robert. Ele recebeu-a afavelmente e a convidou para fazerem o desjejum juntos. Não teve como recusar. O que ela poderia dizer?! Não havia se preparado para ser interceptada.

— Preciso apenas enviar esta nota a Prudhoe House — disse ela, timidamente.

— Mr. Mercer cuida disso agora para a senhorita — ele respondeu. — Mr. Mercer, Mr. Mercer! — chamou. — Mande entregar essa nota para a duquesa de Prudhoe House e peça para esperar por uma resposta. Eliza passou-lhe o bilhete e Robert o deu ao mordomo.

Lorde Robert ofereceu-lhe o braço e seguiram em frente. Eliza temia encontrar lorde Edward, mas felizmente o conde não estava no salão. Ela suspirou aliviada. A tensão tinha-lhe tirado a fome e seus dedos

tremiam. Ele notou e olhou-a preocupado. Estava grata por lorde Robert não ter externado sua preocupação com palavras. Mas aquele silêncio deixava-a ainda mais apreensiva. Precisava falar alguma coisa para se acalmar.

– Por que mora tão longe do Norte, lorde Robert? — ela perguntou, inopinadamente. Sua curiosidade era genuína.

– É verdade, é bem longe. Mas *Border Peace Park* tem uma longa história com a nossa família. Foi construída por um ancestral Percy, depois vendida, passando de mão em mão. Eu consegui comprá-la de volta. Por isso, a distância não conta — ele explicou. Sorria visivelmente orgulhoso.

– Fala com muito afeto de lá.

– O lugar é especial para mim. O nome foi dado por Sir Henry Percy Hotspur, o segundo conde de Northumberland, há muitos séculos. Tem um significado interessante, pois a propriedade faz fronteira com o local da Batalha de Otterbourne, travada entre ele e um conde de Douglas por causa de uma dama. O nome significa fronteira da paz. Ali, Sir Percy viveu com a mulher que ele escolhera para si. Mas, para ser bem sincero, outros olhos que não os meus verão em Otterbourne apenas um vilarejo de Hampshire. De todo modo, eu pretendo ser enterrado lá — ele concluiu, mostrando um sorriso perfeito e acolhedor.

– Lá deve ser realmente muito bonito.

– Sim. A senhorita deve ir conhecer *Border Peace*

Park e passar uma temporada lá. Combine isso com Edward. Quem sabe a lua de... — ele parou abruptamente, pois Eliza, nessa hora, começou a tossir efusivamente, sufocada pelo chá, ficando muito vermelha. — Está se sentindo bem, miss? — ele perguntou, preocupado. Ela balançou a cabeça afirmativamente, mas o assunto já tinha sido interrompido. Ele continuou a falar de Hampshire, o que a deixou grata.

Lorde Robert era tão bonito e tão atraente quanto lorde Edward, mas se diferenciavam pelo temperamento. Um era abrasador; o outro, terno. Os olhos verdes-claros de Edward inflamavam por qualquer coisa; os verdes-escuros do irmão eram sorridentes, quase serenos. O conde, ardente e imperioso, realmente podia ser chamado de Hotspur. Em Robert tal alcunha soaria muito estranha.

Enquanto conversavam animadamente, Mr. Mercer entrou.

— Meu senhor, lorde Edward pediu para lhe dizer que foi ao White — disse o empregado a lorde Robert.

Eliza, que a muito custo estava contendo a respiração, suspirou alto e lorde Robert voltou-se para ela novamente.

— Não está meio cedo demais para o White? — ele perguntou para si mesmo. Olhou para Eliza, que mantinha seu rosto baixo e inexpressivo. Deduziu que os ‘noivos’ tinham brigado.

Mr. Mercer voltou alguns minutos depois.

– Meu lorde, peço o seu perdão por interrompê-lo novamente, mas é que chegou uma carta urgente para miss Schumacher – disse o mordomo, estendendo-lhe a bandeja de prata.

– Já é a resposta de Prudhoe House? – perguntou lorde Robert, surpreso.

– Creio que não, milorde. Não era ninguém de Prudhoe House e, sim, uma dama em um coche alugado.

– Uma dama?! – Eliza intrometeu-se, surpresa.

– Sim, milady. Ela entregou ao lacaios e pediu que fosse entregue à senhorita com urgência – ele explicou. Eliza agradeceu, e o mordomo retirou-se, postando-se à porta do salão.

Ela olhou para a carta e estremeceu. Quem seria? Em sua mente vinham imagens terríveis de Leipzig. *Será dele? Será que ele me descobriu?*

Alheio a tais divagações, lorde Robert estimulou-a a ler imediatamente.

– Fique à vontade, miss! Não me incomode com essas etiquetas. Pode ser algo sério dada a urgência.

Eliza, então, abriu o envelope e leu a carta.

Cara Eliza

Deve estar muito surpresa ao receber uma carta de uma pessoa da qual, talvez, pouco ouviu falar. Mas sou sua tia Elizabeth, irmã de sua mãe. Refleti muito se devia ou não lhe escrever, mas decidi que sim, afinal, a sua própria mãe me fez esse pedido no passado. Receio que em outra situação não atendesse ao seu pedido, mas agora não tive escolha. Entenderá à medida que continuar lendo. Nós nascemos na Escócia, eu

como Elizabeth Douglas, filha de Hugh Douglas, o segundo filho do conde de Douglas, com uma inglesa da qual herdei o nome Elizabeth. Sua mãe foi minha única irmã. Eu jamais pegaria a pena para lhe escrever se as circunstâncias não me obrigassem, pois não é bom que tenha seu nome ligado ao meu. Cara criança, creio que esteja em perigo. Para que compreenda a razão dessa carta tenho que lhe revelar alguns fatos antigos e dolorosos: Há muitos anos eu saí de casa e renunciei ao nome de minha família. Fui responsável pelo ostracismo impingido pelos Douglas aos nossos pais, pois eu os envergonhei e desonrei. Não quero falar disso, pois não é o motivo dessa missiva, mas sei que é uma moça inteligente, e o restante deduzirá. Mudei de nome e esqueci meu sangue. Sei que nada justifica o caminho que eu escolhi, que parece sedutor, mas não é. Mas à época, meu coração estava destroçado. Eu era muito jovem, ingênua, apaixonei-me por um cavalheiro, entreguei-me a ele, fui preterida em favor de minha própria irmã. O ‘meu amor’ a escolheu. O desígnio ou a fatalidade fez com que amássemos o mesmo homem. Sua mãe não sabia que eu o amava, mas o cavalheiro sabia. Fugi porque não suportaria vê-los juntos. Soube, depois de muitos anos, que sua mãe engravidou dele e que ele logo a abandonou, fazendo com que a criança fruto dessa relação se tornasse uma bastarda, e que minha irmã, depois, havia se casado com o estrangeiro, o prussiano, nosso professor de música – ele sempre foi apaixonado por Izabele! Não sei dizer se ele sabia de quem era a criança que ela tivera ou, se no desespero, Bele lhe escondeu a verdade, embora eu acredite que ele se casaria com ela, mesmo sabendo de tudo e assumiria a paternidade. Sei que a vida deve ter sido dura para Bele. Talvez, bem pior que para comigo. Eu amei de novo, amei muitos homens. Não com aquela paixão que dispensei àquele amor do passado, da juventude. Daquela forma, nunca mais! O que lamento mesmo é que tenhamos desobedecido ao nosso pai. Preciso lhe ver, criança, desejo lhe conhecer, sobretudo, preciso lhe falar com urgência. Alguém de minha confiança lhe procurará em breve. Não tenha medo, ele a está vigiando a meu pedido, mas para o seu próprio bem. Para que não tenha receio, o cavalheiro, assim que se aproximar de

você, estender-lhe-á um lenço vermelho no qual você verá as minhas iniciais, ED, no canto esquerdo...

– Oh, meu Deus! – ela gritou, interrompendo a leitura. Estava lívida e tremia descontroladamente.

– Miss, miss, o que foi, o que aconteceu? – perguntou um aflito lorde Robert, levantando-se. Na tentativa de ajudá-la, derramou sua xícara de chá sobre a mesa.

Nesse exato momento, Mrs. Blauth chegou toda sorridente e falante, como sempre. Eliza pediu licença, levantou-se da mesa e saiu correndo com a carta na mão. Lorde Robert foi atrás. Mrs. Blauth, assustada e, ao mesmo tempo, muito curiosa depois de todos os mexericos que ouvira na noite anterior de Mrs. Eisinger, acomodou-se. Sozinha, então se pôs a especular: qual seria o escândalo? Com certeza, era algo que daria o que falar por toda Europa.

Eliza entrou no quarto e bateu a porta atrás de si com força. Lorde Robert, sem saber o que fazer e se a chamava ou não, pois isso não era adequado, estancou na frente da porta. Depois, pôs-se a andar de um lado para o outro no corredor, tentando imaginar que tragédia narrada na carta podia ter abalado tanto a noiva de seu irmão.

Afoita, suando frio, Eliza concluía a leitura.

...Moro em Londres e no meu trabalho convivo com muitos homens, principalmente cavalheiros. Ontem à noite uma de minhas damas – que conhece a minha infeliz história – contou-me de uma estrangeira, filha de uma inglesa e de um prussiano, que está em Londres. Na hora estremeci,

pois me atinei da carta recentemente recebida por parte de John. Senti que se tratava de minha única sobrinha devido às características que o cavalheiro deu a essa dama. Aguarde o meu contato, minha criança, será muito em breve, pois tenho pressa e não há por que esperar que um mal aconteça a você.

*Com amor,
Elizabeth*

Bateram à porta. Ainda em estado de choque, tremendo da cabeça aos pés, Eliza mantinha-se imóvel.

– Senhora, a carruagem de Prudhoe House lhe espera – falou uma voz. Ela, então, abriu a porta imediatamente e deparou-se com um laçao. Estava à espera para levar seu baú. Lorde Robert veio ao seu encontro. Estava pálido, apreensivo, e ela sentiu que lhe devia alguma explicação. Mas o que dizer?

– Lorde Robert, eu sinto muito! – ela disse, segurando-lhe a mão e chorando. Desconcertado, pois uma dama inglesa nunca chorava em público — não tinha irmãs e nunca vira nem a mãe naquela situação —, ele não sabia como agir. Instintivamente, porém, a acolheu nos braços.

– Miss, o que está acontecendo? Diga-me, estou preocupado — ele pediu.

– Ah! Não posso, meu querido! – ela respondeu, ainda em prantos. E continuou chorando, chorando muito, com o rosto encostado no largo peito de Robert. Ele apenas a abraçava, comovido com tamanho sofrimento que ela demonstrava. Imaginou que talvez a mãe ou o pai dela tivesse morrido. *Não sei nada de minha futura cunhada,*

concluía.

— Eu preciso ir. Muito obrigada, milorde — ela disse, de repente, soltando-se do seu abraço.

— Ir aonde, miss? Edward vai querer saber — ele argumentou, enquanto ela se recompunha totalmente.

— Não. Ele não deve saber.

Mal acabara a frase, ela fugiu correndo e desceu as escadas, deixando-o estático, atordado. Por escrúpulo, ele não saiu no seu encalço. Minutos depois, porém, deixou apressadamente a casa e foi à procura do irmão.

Eliza pediu ao cocheiro que a levasse diretamente para Prudhoe House. A carta mudara seus débeis planos. Não pensava mais em ir primeiramente para Alnwick, como antes tinha planejado. No caminho entre Northumberland House e Prudhoe House ela foi pensando no que contar para a duquesa. Precisava mesmo de sua ajuda. Estava com muito medo. E se a remetente não fosse a sua tia? E se aquilo fosse uma armadilha para levá-la ao seu malfeitor?

Assim que chegou à mansão foi recebida pelo mesmo mordomo da noite anterior e levada a uma sala de espera menor. A lareira estava acesa, e ela se sentiu confortável. A duquesa de Prudhoe demorou a aparecer. Talvez aquele não fosse um horário próprio para visitas, ela pensou. Mas quando veio, Leonora estava amável.

— Minha querida. Desculpe-me a demora, o que houve? Está terrivelmente pálida e abatida. O que Hotspur lhe fez

dessa vez?

– Oh, Sua Graça! – ela gaguejou, começando a tremer.

– Não, Eliza, chame-me de Leonora e me conte tudo, por favor!

Confiante, Eliza entregou-lhe a carta. Enquanto a duquesa lia, via-se nos olhos dela um novo choque a cada linha. Quando terminou a leitura seus olhos estavam rasos de lágrimas. Ela os ergueu e tomou a mão de Eliza entre as suas.

– Oh, minha querida! Não posso acreditar que isso seja verdade. Essa mulher é mesmo sua tia? E os seus pais? Onde estão?

Estimulada pelo acolhimento e pela amizade que lhe demonstrava a duquesa, Eliza, ainda sob forte emoção, contou-lhe sua história. Falou dos pais, falecidos... da vida que levava em Leipzig... da conversa entre os pais envolvendo o nome da tia Elizabeth que ouvira ainda menina... E, por fim, da razão porque não podia voltar a Leipzig. Relatou, nessa hora, o desaparecimento do capitão Joseph Dahmann, falou do seu violento cunhado Heinz Dahmann...

– Oh, minha querida! Por quanta dor você passou! Oh, meu Deus! Sozinha no mundo... com um perseguidor cruel. Quanta coisa para se assimilar de uma só vez! Estou consternada.

– Sua Gra..., perdão, Leonora, eu sou uma Douglas... – Eliza frisou, enquanto um profundo soluço perpassava

pela garganta e seu corpo todo estremecia. A duquesa a abraçou e choraram juntas.

– Eliza, você tem certeza absoluta disso? — perguntou Leonora, instantes depois. — Oh, meu Deus! Isso é cruel. Isso muda tudo. Lorde Edward é inflexível... Esse ódio entre os Percy Northumberland e os Douglas! Oh! Como isso é insensato! Ah, pobrezinha! Está apaixonada por ele. Eu vejo isso em seus olhos...

– Ele me odiará e me desprezará, Leonora. Sequer sei quem é meu pai! Sou o que há de pior na mente de lorde Edward, uma Douglas, uma ‘bastarda’ e sobrinha de uma meretriz. Ele me renegará quando souber disso. E eu que escondia dele sobre Joseph e Heinz... achando que ele me rejeitaria... E agora estou imunda perante seus olhos e desgraçada para sempre, pois o que há de pior para ele do que ser uma Douglas?

– Minha querida amiga. Preciso lhe perguntar uma coisa. Oh, meu Deus! Como perguntar isso?...

Mas Eliza entendeu do que se tratava.

– Não, Leonora. Nós... Oh, Leonora, nós praticamente... Apenas não completamos porque ele parou. Oh, ele parou. Como eu quis! Oh, meu Deus, eu quase implorei, devia ter implorado... Agora tudo acabou para sempre – ela desabafou. Chorou por longos minutos nos braços consoladores da duquesa. Depois, continuou: – Nunca mais o terei. Oh, Leonora, estou apaixonada como nunca estive em toda a minha vida. Eu o desejo... Ah, isso

é profano, eu sei que deve estar me achando uma perversa, mas eu o amo – justificou-se.

As lágrimas brotavam de seus olhos e escorriam em gotas largas e profundas molhando seu simples e antiquado vestido. A duquesa, mesmo emocionada, não podia deixar de comparar a Eliza da noite anterior com a Eliza que tinha à frente naquele momento. Antes, tão bem-vestida e requintada; agora, sem sofisticação alguma, quase maltrapilha... Mas isso não lhe importava mais. Na ‘estrangeira’ que confidenciava a vida, só conseguia enxergar uma alma igual à sua, ardente e franca. Era um coração honesto que se deixava conhecer.

“Como eu mesma sofri há poucos anos nas mãos da requintada sociedade de Londres, que podia ser sedutora, mas também muito cruel! Os olhares que me estendem, agora cheios de admiração ou inveja, outrora eram velados. Deles saíam chispas de desprezo e ódio. Das bocas mais elegantes de Londres, o mais brutal veneno escorria. Era o veneno da rejeição contra mim, uma simples ama da falecida duquesa de Prudhoe, que ousou olhar para o futuro duque e se apaixonar por ele. Como fui preterida, escurraçada! E o que acontecerá a essa inocente alma estrangeira, sem dinheiro, sem posição, sem alguém que lhe proteja? Será massacrada, não só pela fútil sociedade, mas também pelos próprios aristocratas Percy Northumberland. Sem mencionar a própria família Douglas. Com certeza lorde Davy

Douglas não receberá uma estrangeira, que veio do nada, para com ela dividir a sua herança! Sim, existe a herança. Como eu não pensei nisso antes? Eliza certamente corre riscos”.

Embora desconhecesse os riscos aos quais Elizabeth se referia na carta, Leonora não tinha dúvidas de que a situação de Eliza exigia máximo cuidado.

– Minha amiga querida. Eu vou lhe ajudar a desatar esse nó. Não posso mudar o passado, mas nem tudo está perdido — ela prometeu. Visivelmente, uma profunda empatia apossara-se dela.

A extrema ternura com que falara encheu o coração de Eliza de alguma coisa semelhante à esperança. Ela enxugou as lágrimas e olhou para aquela mulher forte à sua frente, e assentiu com a cabeça. A duquesa segurou-lhe a mão vigorosamente e disse, impondo um tom de ordem:

– Agora eu vou pedir um chá para nós duas, pois estamos precisando. Depois, você vai trocar esse vestido por outro que vou lhe dar, pois esse já está um pouquinho... fora de moda, querida.

Leonora riu e Eliza se esforçou para corresponder. O débil riso estampado em seus lábios foi o suficiente para agradar à amiga protetora.

– Foi de minha mãe — Eliza procurou se justificar.

– Imaginei isso. A minha usava algo semelhante. Era bonito na época. Além do mais, esse está enorme em

você. E saber que lorde Edward lhe enxergou por trás dessas roupas só faz dele um homem ainda melhor do que eu já pensava – Leonora retrucou, sorrindo.

– Está tão ruim assim?!

A duquesa confirmou. E ambas riram junto, embora o riso de Eliza continuasse triste e resignado.

Leonora tocou o sino chamando o mordomo e pediu o chá.

– Minha querida! Queria que ficasse aqui em Prudhoe House, mas creio que não quererá ver lorde Edward agora. Pois saiba que assim que lorde Robert contar para ele como você saiu chorando de Northumberland House, e ele vai contar logo, o primeiro lugar onde o conde lhe procurará será aqui.

– Oh! O que eu farei? É verdade. Todos os criados viram quando entrei na carruagem de Prudhoe House.

– Eu tive uma ideia, mas não sei se aceitará.

– Creio que as minhas opções são limitadas.

– Vamos dar um passeio numa carruagem alugada para que não nos identifiquem. Conversaremos e, quem sabe, uma boa ideia apareça quando estivermos mais calmas e alimentadas. Ah, se pudéssemos falar com lady Leanah! Ela certamente ficaria do nosso lado.

– Oh, lady Leanah! Não! De forma alguma! Além de ser irmã de lorde Davy Douglas, ela ama lorde Edward.

– Não, minha querida. Lady Leanah não é a ameaça, ela ama outro. E está se preocupando com a dama errada. A

prometida esposa de lorde Edward é lady Neville. Ou era. Mas isso agora também não tem mais importância.

– Eu sei — ela respondeu, ainda muito triste.

– Não fique assim, minha querida. Tudo se ajeitará — respondeu a duquesa. Eliza suspirou, conformada.

– Leonora, nunca houve noivado entre mim e lorde Edward. Aquilo foi uma história que ele inventou para Mrs. Sanderson, pois ela estava imaginando que eu fosse amante dele.

– Sim, minha amiga. Eu sabia que lorde Edward não podia estar noivo de você. O duque, meu marido, certamente saberia e teria me contado. Não há segredos entre ele e eu.

– Leonora, sei que não é o momento mais apropriado, mas pode falar-me sobre a real noiva de lorde Edward?

– Eu não gostaria de lhe falar sobre isso, Eliza. Desculpe-me, querida. Já tem tantos problemas com que se preocupar. E lorde Edward ainda não é oficialmente noivo de lady Neville. Como eu lhe disse, um foi prometido ao outro pelos pais.

– Minha amiga! Já sofri com segredos por muito tempo, não me esconda nada, por favor — Eliza implorou.

– Está bem! Enquanto peço a Oldenburg que envie um laçao para buscar uma carruagem para nós, tomaremos nosso chá e arrumaremos outro vestido para você. Quando sairmos, prometo lhe contar tudo o que sei sobre essa família.

CERCA de uma hora depois, a duquesa de Prudhoe e Eliza embarcaram numa carruagem alugada. Leonora pediu ao condutor que andasse a esmo por Londres e só parasse quando ela dissesse. O cocheiro imaginou que as damas queriam ver as luxuosas lojas da West End. Assim, passou por elas, depois entrou no distrito de Mayfair, ao lado do Hyde Park, passou pelo palácio de Kensington, através de Kensington Gardens, e percorreu praticamente todo o Hyde Park.

Eliza e Leonora, entretanto, não prestavam atenção à paisagem. A carruagem começou a fazer o percurso de volta. O cocheiro, homem religioso cuja fé estava acima de qualquer coisa, respeitosamente passou bem devagar próximo à Catedral St. Paul. Nem os sinos, contudo, elas escutaram.

Ao passar sobre a ponte do rio Tâmesa pela terceira vez, o cocheiro começou a se preocupar com seu velho cavalo. Até quando ele teria que dar voltas e mais voltas por Londres?

Repentinamente, Eliza disse:

- Ela deseja encontrar-se comigo, Leonora.
- A sua tia? Ah, mas você não deve ir sozinha. Eu irei com você.
- Não, Leonora. Você não pode se misturar com

meretrizes.

– Eu irei sim, Eliza. E, no mais, sempre apreciei os livros de mistérios da senhora Radcliffe, e isso está parecendo um deles. Se sua tia lhe disse que alguém a abordaria com um lenço vermelho, e que esse cavalheiro estaria de olho em você, então tudo sugere que ele está nos seguindo neste momento.

– Ah! Isso é tão assustador!

– Para mim, isso está para um ótimo capítulo de um livro! Tudo isso é tão inverossímil! Cavalheiros nos seguindo, lenços vermelhos... Vamos nos sentar no Hyde Park, em um local de grande movimentação para não corrermos nenhum risco, e esperar que alguém a aborde.

– Acha mesmo que estaremos seguras nesse parque, Leonora?

– Sim, é improvável que alguém ataque a duquesa de Prudhoe em pleno Hyde Park neste horário.

A duquesa bateu no teto da carruagem e o cocheiro suspirou aliviado. Rapidamente ele tratou de saber o que a dama queria. Leonora ordenou que ele voltasse ao Hyde Park e lhe deu a localização exata em que elas pretendiam descer. Quando já estavam na área mais movimentada do parque, ela pagou a condução, com uma boa gorjeta, ignorou os olhares curiosos que se perguntavam por que a duquesa de Prudhoe estava em uma carruagem alugada e não na sua própria, e se sentou com Eliza a uma boa distância da multidão, para que tivessem um pouco de

privacidade, mas, ainda assim, em segurança.

A todo o momento, entretanto, seriam interrompidas por matronas que chegavam e queriam ficar por ali, com suas conversas fúteis e indiretas mordazes. Contudo, Leonora logo dava um jeito de despedi-las, sem ser descortês, embora, às vezes, isso não fosse totalmente possível.

Esperaram por mais de uma hora, tempo tão longo que Eliza acabou por concluir que o cavalheiro não a abordaria enquanto ela estivesse acompanhada pela duquesa.

– Acho que a ‘aparição’ com um lenço vermelho não vem mesmo – disse Leonora, por fim. Parecia um tanto decepcionada. Mas, como havia prometido, passou a contar para Eliza, a pedido desta, a história dos Percy Northumberland:

– O duque me contou, certa vez, que os Northumberland têm uma história pitoresca com relação ao casamento. São honrados, mas irredutíveis com relação ao nome da família. Parece que preferem casar entre si a ‘sujar’ seu nobre sangue ancestral. Eles se casam entre primos há gerações e vão se fortalecendo cada vez mais em fortes alianças. Parece que tanto lorde Edward quanto lorde Robert estão comprometidos com as famílias Neville e Mortimer, sobrinhas da condessa. E há mais, eu não sei se isso é verdade, mas um conde Northumberland se casou com a própria meia-irmã.

– Oh, então é verdade, ele é praticamente noivo! – Eliza concluiu alto, sem prestar atenção ao restante da história.

– Eliza, você ouviu que um Northumberland se casou com sua própria irmã? De tudo que ouvi deles, essa é a história mais intrigante para mim! Que amor que leva uma pessoa a se casar com seu próprio irmão? Deve ser muito grande...

– Não acredito nisso, Leonora. Convivi com lorde Edward, ele é honrado demais. Jamais faria algo assim.

– Sim, ele é. Estou falando do passado... Bem, você comentou de lady Leanah há pouco e eu afirmei que ela amava outro. Bem, minha querida, o sentimento dela por lorde Edward é de uma irmã para um irmão. Lady Leanah tem uma longa história é com lorde Robert. Há anos ela é apaixonada por ele.

– Lady Leanah ama lorde Robert?

– Sim. Você errou de irmão. Toda Londres sabe disso e acredito que ele também a ame, embora não tenha se dado conta disso ainda, talvez. Lady Leanah, entretanto, já recusou vários pedidos de casamento esperando que lorde Robert a enxergue, e que o conde de Northumberland pare com essa guerra com os Douglas.

Os olhos de Eliza se encheram de lágrimas novamente, e Leonora se desculpou por ter mencionado os Douglas.

– Não, Leonora. Não há como escapar disso. Minha mãe era uma Douglas e isso faz de mim também uma

Douglas. Oh, Leonora, será que eles me rejeitarão quando souberem?

– Creio que lady Leanah não a rejeitará. Você é a criatura mais doce na qual eu já coloquei os meus olhos! E acredito que ela também enxergou isso.

– Meu avô foi rejeitado pela família Douglas por causa de tia Elizabeth e eu sou sobrinha de uma cortesã.

– Sim, sei disso tudo, Eliza, e me preocupo, exceto com lady Leanah, como já mencionei. Conheci o velho conde Douglas, o pai de lorde Davy. Eu e o duque ficamos hospedados em Dalkeith Castle certa vez e ele era muito rígido. Estou apenas lhe preparando, minha querida, terá que ser forte. Vejo muito do pai no filho. Já lady Leanah é tão meiga quanto a mãe. Creio que deva se preparar para uma rejeição por parte de lorde Davy, pois você é a herdeira legal de lorde Hugh Douglas. Ele não tinha filhos, apenas duas filhas solteiras: sua tia e sua mãe. Se tivesse tido um filho, este herdaria a maior parte, pois aqui na Inglaterra os filhos herdam antes das filhas. Entretanto, na inexistência de filho, a herança vai para as filhas, e na ausência de qualquer filha, para outro parente... Um neto ou uma neta, por exemplo. A sua tia Elizabeth deve ter sido deserdada por causa do *caminho* que ela escolheu, mas não sabemos se sua mãe, Izabele, foi deserdada ou não. Minha querida, você pode ser muito rica, mas sua herança já está nas mãos de outro. Está me entendendo?

– Sim, estou. Será que é sobre esse perigo que tia Elizabeth falava na carta?

– Acredito que sim – respondeu a duquesa. Eliza suspirou, como se aliviada.

– Eu não almejo herança alguma, Leonora. Não quero terras com as quais não saberei o que fazer, tampouco sonhei com elas. Prefiro a pobreza se ela vier com paz.

– Sim, minha amiga, não duvido disso. Sei que fala com sinceridade, mas lorde Davy não acreditará nisso. Você se recorda do que ele falou para lorde Edward em Prudhoe House? Querida, jamais um Douglas apoiou uma união com os Northumberlands. E todos nós ouvimos o que ele disse sobre lorde Robert e lady Leanah, certamente para provocar a ira de lorde Edward. Lorde Davy sabe do amor da irmã por lorde Robert, pois seria cego se não enxergasse isso. Tanto eu quanto o duque desconfiamos de que nada naquele discurso foi verdadeiro. Lorde Davy, como o pai, odeia os Percy — ela lembrou.

Ante o silêncio atencioso de Eliza, Leonora tomou-lhe a mão e colocou-a entre as suas. Depois continuou:

– Sabe, minha querida, essas duas famílias brigam há tantos séculos que os filhos homens, antes de aprenderem a andar, aprendem a odiar os nomes de seus inimigos. Isso é plantado em seus corações e mentes a ponto de eles não conseguirem enxergar a loucura de tudo isso. Em pleno século dezenove ainda vivem como se estivessem na

Idade Média. Mas, creio que isso está mudando. O próprio pai de lorde Edward, o oitavo conde de Northumberland, discordava dessa briga ancestral, apesar de não apoiar o casamento entre as famílias. Isso já era um pouco demais! O duque me contou, pois o pai dele e o pai de lorde Edward eram amigos, que este frequentava as terras dos Douglas. No tempo em que ele viveu, houve um período de paz. O porquê nós não sabemos.

Eliza continuava em silêncio. Olhava para as mãos ainda sobre seu colo e apenas ouvia o que Leonora dizia. Às vezes, sua mente vagava de Leipzig a Alnwick, da mãe morta à tia meretriz... Do conde Hotspur ao conde de Douglas, e na guerra travada pelas duas famílias.

Também estava apreensiva com o que Leonora dissera sobre lorde Davy Douglas e a herança. Até aquele instante ela nem cogitara sobre isso, tamanho o choque que sentira ao saber que era uma Douglas. Mas, decerto, as terras que eram de Hugh Douglas, seu avô por parte de mãe, como escrevera sua tia Elisabeth Douglas, tinham sido passadas para o parente mais próximo, no caso, o próprio lorde Davy Douglas. Sua tia meretriz certamente tinha sido deserdada. Se sua mãe Izabele Douglas, quando viva, ainda tinha algum direito às terras, ela nunca soubera. Nessa hora, foi-lhe inevitável não se recordar das palavras da mãe sobre a lei inglesa que regia as heranças. Entendia, agora, a razão pela qual, volta e meia, ela retornava àquele assunto. Daí porque, sem dúvida, sua

insistência para que a filha voltasse à Inglaterra com Mrs. Mann.

Eliza, finalmente, compreendia tudo, até mesmo o que o monge Jacob lhe dissera em sua partida no porto de Lindenauer, em Leipzig. Mas, na verdade, a simples casa do lago, em Alnwick, já lhe bastaria. Mas, certamente, nela jamais poderia morar novamente.

Apesar de tudo, Eliza achava que não havia motivos para o conde de Douglas temer sua aparição. Ou ela estava enganada? *Serei tão pueril por pensar dessa forma? Talvez, sim.* Até um dia antes ela pensava nos Douglas como os vilões, pois os olhava pela lente inimiga dos Percy Northumberlands. Agora, tudo ficara nebuloso em sua mente.

De repente, um cavalheiro, bem-vestido, aproximou-se das duas. Curvou-se em frente à duquesa e entregou um lenço vermelho a Eliza. Tudo aconteceu tão rápido que, quando as duas deram por si, o cavalheiro já tinha desaparecido entre as árvores. Eliza, com as mãos trêmulas, abriu o lenço para ver as iniciais da tia, à esquerda, como ela mencionara na carta, e um bilhete caiu no seu colo. Ela o pegou e leu. Nele, um endereço e um horário para o encontro, no fim da tarde daquele mesmo dia.

CAPÍTULO XIX

A cortesã

“Que solidão é mais solitária do que a desconfiança?”^[47]

O duque de Prudhoe e o conde de Northumberland eram íntimos desde quando começaram a falar. Seus pais foram amigos e eles haviam crescido juntos. Foram enviados para o mesmo colégio interno, o que os uniu ainda mais. Bastava um olhar, eles já sabiam o que se passava na mente um do outro. Isso, por um lado, era bom; por outro, constrangedor. Como na ocasião em que Prudhoe descobriu que lorde Edward teve uma *paixonite de juventude* pela cantora francesa *mademoiselle Duplessis*. Também vivenciaram grandes batalhas, como a de Waterloo^[48], época em que um protegia o outro e que lorde Edward passou a ser chamado de “Hotspur” por sua valentia. Um desses gestos de extrema coragem deu-se quando o conde salvou a vida do próprio duque. Isso Prudhoe jamais esqueceria. Depois da guerra foram para Oxford e fizeram juntos a *Grand Tour*^[49] por um ano. Lorde Davy Douglas também fora, para desespero de lorde Edward. As grandes aventuras dos dois amigos, porém, foram amplamente superiores às experiências de

guerra, algumas até difíceis de serem contadas. Lorde Edward também teria papel fundamental no casamento de Prudhoe com a duquesa. Por isso, este lhe dedicava não só a lealdade de um amigo, de um irmão, mas também a eterna gratidão pela intervenção que salvara sua vida e lhe permitira viver o amor com Leonora.

Logo após o desjejum, a duquesa entrou no escritório do marido, visivelmente apreensiva. Leonora contou-lhe, então, sobre a nota que recebera de miss Schumacher e disse acreditar que a dama estrangeira e o conde estivessem com problemas. Não revelou ao duque como encontrara Eliza na noite anterior, não achara necessário expô-la, mas pediu que ele fosse imediatamente à procura de lorde Edward.

Assim que chegou a Northumberland House, o duque de Prudhoe foi informado por Mr. Mercer que o conde tinha ido ao White. Achou estranho, pois o clube ainda não estaria aberto naquele horário, mas foi direto para lá. *Com certeza meu amigo não está bem, Leonora tem razão mais uma vez.* Encontrou-o sentado num canto, com um copo sobre a mesa. Estava bem reflexivo.

— Achei que a quantidade de bebida servida em Prudhoe House ontem à noite tivesse sido suficiente. Eu nunca imaginei que sovinice fosse um dos meus defeitos! — disse assim que o viu.

— O que está fazendo aqui, Sua Graça? — retrucou Edward. O cumprimento não foi muito cordial. Somente

usava essa forma de tratamento, adequada ao amigo duque, de forma pejorativa.

– Passei em Northumberland House para que me desse uma opinião sobre um cavalo que vi na Belgravia e seu mordomo me disse que estava aqui. Achei estranho, pois não costumava amanhecer no clube.

– E daí? Um homem não pode mudar seus hábitos?

– Pode e deve, mas para melhor, e não para se entupir de *clarete* no desjejum. Olhe aqui, camarada! Sei qual é o seu problema e só tem uma forma de resolver, e você sabe qual é.

– Sabe qual é o meu problema, Arthur Pearl Clifford? Ótimo! Então, diga-me, porque eu não sei.

– Sabe, sim! Aliás, poderia dar nome e sobrenome, mas darei uma dica. Está com o mesmo problema que eu estava há um ano aqui mesmo no White.

– Ocasão em que eu tive que lhe trazer à razão? – riu lord Edward.

– Ocasão em que você me deu um soco na cara. Isso, sim, seu desgraçado. Entortou meu nariz para sempre. Eu devia lhe dar o mesmo tratamento agora.

– Foi necessário. *Sua Graça* estava quebrando todo o clube, arrumando confusão com todo o mundo. E se eu não o fizesse parar, ia acabar num duelo e *Sua Graça* sabe que não é muito bom de mira. É um razoável esgrimista, mas seu rival, àquela época, tinha excelente pontaria e era um excelente esgrimista. Salvei a sua vida, isso sim. Seria

bem pior que um nariz ligeiramente inclinado.

– Lorde Edward, *Sua Senhoria* só não está batendo em todo mundo, e quebrando todo o White, porque se encontra sozinho aqui, com um único garçom que, pelo jeito, mandou tirar da cama, pela cara de sono do coitado. E, por essa pequena inverdade sobre a minha mira, na verdade uma ofensa, eu já poderia quebrar o seu nariz, mas lhe vou dar um conselho: nós dois sabemos o que tem a fazer. O mesmo conselho que me deu há um ano.

– Deflorar a dama?

– Às vezes é a única forma de fazê-las ceder, ainda mais se for orgulhosa como Leonora. Foi você que me disse isso, não se recorda? Foi exatamente o que me mandou fazer: agarrá-la e mostrar a ela quem mandava.

– Toda Londres sabia que ela estava louca por você, só você não via isso porque era um cego. No meu caso é diferente. Além de ela não querer ser minha noiva, ela me disse isso ontem com todas as letras, tem lady Neville. Esqueceu-se? Na verdade, eu não sei o que fazer. Acabei de conhecer essa moça, não sei nada sobre ela, sua família... Aliás, preciso lhe contar sobre um sujeito chamado John Baker, o fiel escudeiro de meu pai.

– Baker? Lógico que conheci John Baker, mas o que ele tem a ver com essa moça?

– É uma longa história, meu amigo. Quer ouvi-la?

O duque respondeu afirmativamente. Lorde Edward, então, lhe contou sobre a entranha carta que recebera e

sobre as cartas de Elizabeth.

– Como vê, ela tem uma família pra lá de suspeita, tem um passado misterioso demais, e o esconde de todo mundo. Mas tenho que reconhecer, ela exerce um poder sobre mim: seu ar de desafio, sua vulnerabilidade, seu encanto... Se ela tivesse consciência do poder que tem, certamente pisaria em minha cabeça, isso sim. Mas a frase de Baker, aquele ‘desgraçado’, está latente em minha mente, e não faço ideia do que aquele ‘maldito’ velho queria dizer com ela. E tem mais, tenho responsabilidade com minha família, sabe o quanto os Percy prezam isso.

– Se está falando de lady Neville não vou mais falar sobre isso, pois há quantos anos está enrolando essa pobre dama, Hotspur? Não casa com ela e não a libera para se casar com outro. Inferno essa mania dos Northumberland de casar com primos! Agora, sobre essa estrangeira, ela está apaixonada por você, seu imbecil. Todo mundo viu isso ontem lá em casa. A forma como ela o olhava, apenas um estúpido e cego não enxergaria. E quer saber o que penso?

– Não – respondeu Hotspur, irascível. Seus olhos brilhavam de fúria, numa mistura com outro sentimento indecifrável.

– Mas vou dizer assim mesmo: está bebendo *clarete* na hora do jejum porque sabe que foi fisgado.

– Desgraçado! – xingou-o lorde Edward, ameaçando levantar-se com o dedo em riste. O garçom que ouvia tudo

discretamente achou que teria mais uma mesa quebrada e centenas de cacos de vidro para limpar, mas foi salvo pela chegada inesperada de lorde Robert.

– Edward, aconteceu alguma coisa muito grave com miss Schumacher — ele disse, dirigindo-se ao irmão.

– O que pode ter acontecido com aquela ‘megera’ estrangeira dentro de Northumberland House?

– Pois ela não está em Northumberland House. Foi embora — explicou lorde Robert, sentando-se calmamente à mesa.

– Foi embora?! Para aonde? — gritou o conde, levantando-se abruptamente, quase derrubando a mesa.

– Arrumou seu baú e saiu...

– E você não a impediu, seu imbecil? Ela não tem dinheiro, não conhece uma só pessoa em toda a Inglaterra além de nós! — Hotspur gritou, mais de uma vez, cada vez mais alto. Sua profunda voz provocava ecos e reverberava no salão vazio.

– Ah, aí você está completamente equivocado, meu irmão. Ela conhece, sim, pois recebeu uma carta bem extensa nessa manhã de algum conhecido.

– Robert, Robert... Estou pressentindo uma pequena ironia em sua voz. Se estiver brincando, será um homem morto.

– Calma, Hotspur! — interveio o duque.

– Não estou brincando. Estávamos tomando o desjejum, eu e ela...

– Os dois sozinhos? Onde estava Mrs. Blauth? – lorde Edward interrompeu-o, alterado, quase pegando o irmão pela engomada gravata.

– Mrs. Blauth chegou depois. Mas, antes que Mr. Mercer trouxesse uma carta para miss Schumacher – respondeu lorde Robert, se esquivando.

– Carta?! Que carta? Ela não conhece ninguém, já lhe disse.

– Ah, conhece, sim. Ontem à noite mesmo eu a vi conversando com o conde de Douglas durante todo o jantar. E me pareceram bastante harmoniosos. Até vi quando eles trocaram sorrisos.

– Eu vou lhe matar – gritou o conde, partindo para cima do irmão, mas o duque, tão forte quanto ele, o segurou. – O que tinha nessa carta?

– Eu não sei. Como eu poderia saber? Está sugerindo que eu deveria ter tomado a carta da mão dela e a lido?

– Não, seu ignóbil, mas um cavalheiro sempre consegue o que quer de uma dama, se for inteligente.

– Bem, mas desconfio que se trate de algo muito grave, pois ela chorou muito em meus braços – tripudiou Robert. Hotspur foi mais rápido que o duque e deu um soco no nariz do irmão.

– Isso é para aprender a tratar uma dama com respeito.

– Maldição! Eu aqui lhe fazendo um favor... Consolei a sua noiva, ela até me chamou de querido, e em troca eu levo um soco no nariz – protestou. Ainda caído, lorde

Robert levou a mão ao nariz.

– Robert, para onde foi Eliza? – bradou o conde.

– Ah, agora é Eliza, Eliza...

– Lorde Robert, diga logo e acabe com isso! – o duque interveio.

– Acho que ela foi para Prudhoe House – lorde Robert respondeu.

Lorde Edward saiu às pressas seguido pelos dois. Cada um estava em sua carruagem... Um motivo a mais para deixar as ruas de Londres ainda mais congestionadas naquele último dia de novembro de 1830.

O duque de Prudhoe, devido a um atraso de seu cocheiro ao trazer a sua carruagem, o que rendeu uma descompostura ao serviçal, era o último dos três. Praguejou e se encostou ao assento aveludado com as cores de seu brasão, dizendo em voz alta: “*Quem tanto se apressa, corre para a felicidade, pois, para o aborrecimento o passo é tardio*”.^[50] Edward certamente está apaixonado, e corre para ver seu amor. Impaciente, gritou para que o cocheiro pegasse um atalho. Queria chegar antes dos dois irmãos, especialmente do conde.

ACHAR uma carruagem para alugar nas imediações do Hyde Park não era difícil, de forma que as duas voltaram, às pressas, para Prudhoe House. Pouco tempo depois

saíam novamente, já em outro coche de aluguel, pois ao chegar, Leonora ordenou a Mr. Oldenburg que mandasse um laçao buscar um coche menor. O mordomo, que já havia achado estranho o fato da duquesa sair em carruagem e coche alugados, pois a sua carruagem novinha, recentemente comprada pelo duque, seu marido, como um presente para ela, estava à sua disposição parada próxima ao estábulo, estranhou mais ainda a roupa que Sua Graça usava. A estrangeira ele já tinha visto chegar naquela manhã, quase de madrugada, trajando algo similar. Mas a duquesa? Usando aqueles trapos?

— Para Clerkenwell^[51]! — ordenou a duquesa ao cocheiro, colocando-lhe uma nota de cem libras na palma da mão. O olhar que Leonora deu ao condutor, e a alta gorjeta, sinalizavam a exigência de total discrição. Dentro do pequeno coche, com as cortinas fechadas, as duas davam-se as mãos. A duquesa percebeu que Eliza tremia, e começou a afagar a mão da amiga, embora sobre a luva, para confortá-la. Era uma tarde fria, uma leve garoa à moda inglesa precipitava, deixando as calçadas brilhantes e as ruas pegajosas.

Clerkenwell ficava bem distante de Prudhoe House e a duquesa tinha pressa. Sabia que o duque não aprovaria nada daquilo. Tinha esperanças, embora remotíssimas, de que estaria em casa, sã e salva, antes do retorno do marido. Seu estômago reclamava de fome, mas naquele dia atípico as refeições tiveram que ser ignoradas. Algum

tempo depois, o chuvisco passou e um tímido brilho, do que podia ser chamado de sol, deixou as nuvens, outrora negras, num tom levemente alaranjado. *Embora falar de céu alaranjado em Londres, num dia lúgubre como esse, seja uma extravagância* — pensava a duquesa.

A tênue luz do sol se despedia quando chegaram ao local indicado por Elizabeth. Desceram de mãos dadas. Eliza apertava tanto a mão de Leonora que esta teve que pedir que a aflouxasse, pois seus dedos estavam dormentes.

– Perdão, Sua Graça!

– Não me chame de Sua Graça, amiga. Aqui sou uma viúva que se deixou levar com o morto. Este vestido deve ter quase meio século.

– Não é tão antigo assim, Leonora. Dever ter, no máximo, trinta anos, e ainda está bem conservado. Sua Graça ficou bem nele.

Leonora sorriu para descontrair, pois não se via qualquer pessoa no ermo lugar onde tinham ido parar. Atrás delas um matagal e à frente um terreno que remotamente podia ter tido alguma construção. Haviam restado apenas escombros.

Eliza se perguntava por que a tia havia marcado o encontro num lugar tão desabitado, tão inóspito. E se não fosse ela que estivesse por trás daquele bilhete? Um estremecimento percorreu seu corpo e ela estancou, assustando Leonora.

- O que houve? Viu alguém?
- Não. Tive apenas um pressentimento ruim.
- Não deve ser nada. É que o próprio local é assustador – disse Leonora, acenando para que o cocheiro esperasse por elas.

Deram alguns passos, sempre de braços dados, uma amparando a outra, pois por mais corajosa que Leonora fosse, também estava amedrontada. Volta e meia olhavam para trás para o lugar onde o coche as aguardava. Mas nada se via da igreja mencionada no bilhete. Leonora apontou para uma bifurcação à frente e elas foram até lá. Dobraram a esquina, não sem antes se certificarem de que o cocheiro continuava exatamente onde elas haviam-no deixado. Ao virarem, finalmente viram a igreja. Não era um templo em estado normal, mas uma construção também caindo aos pedaços.

– Olha lá! – apontou Leonora, praticamente arrastando Eliza, pois esta estava paralisada pelo terror. Cenas de seus dias em Leipzig não saíam de sua mente e temia que fosse uma armadilha.

Leonora, entretanto, aprendera com a vida, na época em que fora uma simples e pobre ama – ocasião em que toda Londres e a família de seu marido a acusavam de dar um golpe –, que a raiva é um sentimento que pode despertar o destemor, a valentia que mantém vivos muitos soldados numa guerra. Dessa forma, arrastou Eliza para frente da igreja, armando-se de muita raiva da tal

Elizabeth. Como ela ousava submeter sua sobrinha a tal lugar? Diria isso a ela quando a encontrasse.

Subiram os degraus mal cuidados, Eliza dava um passo para frente e outro para trás. Repentinamente, uma porta rangeu, e logo se abriu. Tomada por um estranho pavor, daqueles que trazem à mente das pessoas espectros e imagens que nunca existiram, achou ter visto parte do negro uniforme do coronel Dahmann, e saiu correndo pela esburacada viela à procura do coche, gritando por Leonora. A duquesa, porém, deu um passo à frente.

– Elizabeth. Elizabeth Douglas?! – ela chamou. Sua voz ecoou em meio à penumbra. – Elizabeth, sou amiga de sua sobrinha – repetiu.

Uma sombra apareceu segurando uma vela que emitia uma débil luz. Houve um instante de silêncio, no qual Leonora tentava enxergar quem estava à sua frente. Aparentemente, a outra também a examinava.

– Sei muito bem de quem se trata, Sua Graça. Apesar de seu disfarce de viúva – respondeu a mulher, numa voz melodiosa, dessa vez saindo da penumbra e se mostrando à porta. O vento gelado apagou a vela e ela murmurou alguma coisa que Leonora não compreendeu.

Eliza, tomada pela solidariedade e envergonhada de sua covardia, voltava para buscar Leonora. Mas ao ouvir a voz de outra mulher, subiu a escadaria aos tropeções, em meio à escuridão, e se prostrou ao lado da duquesa.

A mulher, que havia voltado a se esconder na penumbra

formada entre a porta semiaberta e a escuridão da igreja, tentava reacender a vela. Eliza viu, então, uma silhueta esguia que as convidava a entrar na igreja. Nesse momento a voz melodiosa ganhou um corpo e um rosto. A fraca luminosidade deixou vislumbrar uma face alva e ainda bela, com expressivos olhos azuis.

Leonora ficou perplexa, pois olhava para uma mulher, de cerca de 40 anos, talvez um pouco mais, mas era como se visse a própria Eliza alguns anos mais velha. A dama vestia-se bem, tinha ainda a pele do rosto firme, e um ar jovial. O olhar, entretanto, embora de um azul deslumbrante, era triste. Mas sua semelhança com Eliza era, de fato, surpreendente.

Sobrinha e tia mediam-se de cima a baixo. Pareciam estátuas de filha e mãe. A primeira de preto, com seu chapéu antiquado; a outra de seda azul-celeste, que combinava com seus olhos, e um bonito chapéu de abas largas. Leonora imaginou, nessa hora, que Elizabeth quisera dar uma boa impressão à sobrinha.

— É mesmo a minha tia Elizabeth? — Eliza perguntou, finalmente, um pouco acanhada.

— Sim, Eliza. Sou eu mesma. Por que veio acompanhada?

— Tive receio de que não fosse a senhora, minha tia. E a duquesa é de confiança.

— Você se parece com sua mãe, criança — disse Elizabeth. Parecia emocionada. Um bom observador

perceberia que um leve tremor perpassou por seus lábios, mas ela tratou de dissimulá-lo, e sorriu com um quê de ironia. Os dentes, contudo, eram brancos e a forma de sorrir era a mesma de Eliza.

– Minha mãe sempre me disse que eu parecia com a senhora – disse Eliza. Inocentemente, não percebera tal sinal, e sorria. Leonora, apenas uma expectadora, via que ambas estavam emocionadas, mas que Elizabeth segurava a emoção, cobrindo-a com uma capa de sarcasmo ou, talvez, de amargura. Não houve abraço nem choro.

A tia de Eliza convidou-as para se sentarem e colocou a vela sobre o tosco púlpito de madeira. Leonora e Eliza acomodaram-se no primeiro banco da igreja, gasto, mas ainda firme, e Elizabeth sentou-se à frente delas. Parecia que ela havia preparado o cenário.

– Sempre tive vontade de conhecê-la, minha tia – externou Eliza. Sua voz tremia um pouco.

– Não sou uma boa companhia para você, criança. Depois deste encontro nunca mais devemos nos ver.

A emoção que Eliza segurava se precipitou e ela passou a chorar compulsivamente nos braços de Leonora. Elizabeth, contudo, se manteve firme. Se igualmente estava emocionada, acobertou bem o que sentia. Os olhos tristes estavam também frios.

Durante algum tempo a cortesã apenas a olhava, parecendo impassível à dor da sobrinha, sentada como uma rainha à sua frente, a *rainha das prostitutas* de

Londres. De fato, era uma mulher bem-cuidada, talvez até se passasse por uma dama da sociedade londrina, se assim o quisesse.

— A senhora é dura, fria. Não tem emoção! — bradou Eliza, as palavras entrecortadas por soluços, depois de algum tempo. — Há anos escrevo para a senhora, pois era a minha única esperança. Tem ideia do quanto esse encontro significa para mim? Durante os dois últimos anos foi em minha tia Elizabeth que pensei em todos os minutos da minha triste existência, nas infindáveis horas em que eu passava acordada, nas noites insones, nos momentos de desespero...

Entre soluços, ela continuou: — ...Eu escrevia para a senhora todos os dias, todos os dias, minha tia, longas cartas que me mantiveram viva, que preservaram a minha lucidez, a minha esperança, embora elas nunca tenham sido enviadas.

Elizabeth retrucou:

— No passado tive minha quota de boas emoções, criança, mas a vida me fez assim: como você me enxerga agora. Sou como a folha seca que o vento espalhou^[52]. Outrora jogada de um lado para outro conforme o seu capricho, ora sob o frio, ora sob o sol, embora pisada, triturada, ainda assim folha. Tornei-me uma cortesã, uma prostituta, ou seja, sou uma mulher que vende seu corpo, embora agora eu seja a proprietária de um bordel, mas o mundo sempre me verá como uma cortesã, isso nunca vai

mudar. Não vou esconder nada de você, criança. Dormi com uma infinidade de homens e por dinheiro. Poucas vezes por prazer, confesso. Como eu lhe falei na carta, eu amei de novo, talvez mais de um; mas que cavalheiro em Londres se casaria com uma prostituta? Depois de usadas, sugadas, somos trocadas por um corpo mais jovem, e a vida vai nos moldando para a arte da dissimulação. Quando me dei conta, estava como me encontro hoje, com o coração completamente seco. Transformei-me, de fato, em uma folha seca! – ela riu um riso amargo. E complementou: – Lembro-me de que meu pai dizia que há folhas e folhas. Algumas, depois de trituradas, amassadas, derretem e fazem bem ao solo, viram adubo; outras, embora moídas, fazem mal à terra. Eu, decerto, sou como a última. Mas, nada de autocomiseração. Apenas colhi o que plantei.

Eliza ainda chorava, mas o sentimento não era mais de raiva. Era de compaixão. Elizabeth protestou:

– Não sinta pena de mim, criança! Vejo isso em seus olhos. Fiz a minha escolha, como eu lhe disse, e não me arrependo.

Eliza balançou a cabeça num pedido de desculpas. E Elizabeth continuou:

– Há muitas como eu em Londres, não se iluda, criança. Mas, há também as ‘prostitutas de luxo’, que circulam nas melhores casas, e têm seus casos fora do casamento, têm seus filhos ilegítimos, têm relações com

homens por prazer, em vez de dinheiro, pois seus casamentos foram arranjados e não há amor, muito menos desejo. São mulheres solteiras que vivem com um parceiro sem serem casadas; são mulheres casadas que mantêm seus casos. Portanto, quando me refiro às prostitutas, falo de todas elas. Criança, você é uma estrangeira nessa terra, uma ingênua, como posso ver em seus olhinhos acusadores. Acredite, há mais prostitutas nesta terra do que mulheres de bem!

Ouvindo isso, Leonora prontamente protestou.

– Isso não é verdade – disse, com voz firme.

– Sua Graça, com todo o respeito que lhe devo, saiba que enquanto houver homens que as procurem haverá prostitutas. Em Londres, atualmente, milhares de corpos [\[53\]](#) de mulheres estão sendo usados por homens solteiros ou casados.

– Não posso conceber que a maioria das mulheres londrinas seja formada por prostitutas, como mencionou! E por que está falando isso para Eliza?

– Para que ela se afaste de mim e tome muito cuidado. A maioria das mulheres que hoje ganha a vida vendendo sexo, Sua Graça, estas mesmas mulheres, no passado, estiveram se relacionando com homens de sua própria classe e origem, até serem desgraçadas por algum deles. Eles arrancaram suas virtudes, e, expulsas de casa, restava-lhes apenas ir para as ruas. Outras, devido à miséria, não tiveram escolha e foram vendidas por seus

próprios pais ou padastos para algum cafetão. Quem tivesse sorte, ficava pela West End e nos subúrbios prósperos, atuando como prostituta por alguns anos, poupando muito dinheiro, e depois montava algum negócio na periferia, uma estalagem ou coisa parecida, e largava essa vida — Elizabeth respondeu. E, voltando-se novamente para Eliza, advertiu-a: — Saiba, minha criança, muitas prostitutas são apenas reconhecíveis quando são abordadas por um homem. Isso significa que um monte de mulheres "respeitáveis" são prostitutas em meio à sociedade hipócrita de Londres.

— A senhora é amarga — protestou novamente Leonora, muito triste.

Mas Elizabeth nem olhou para ela e continuou se dirigindo a Eliza.

— Quer um conselho, criança? Continue a vestir essas roupas feias e mantenha a sua cabeça para baixo. Assim não corre o mesmo risco que eu e sua mãe corremos.

— Foi para me dar esse conselho que me chamou aqui? — perguntou Eliza.

— Não!

— A senhora disse que eu corria sérios riscos? Teme que eu me torne uma cortesã, é isso?

— Não, criança, é algo muito pior...

— Pior? — a voz de Eliza falhou.

— Sim, muito pior — respondeu Elizabeth. Em vez da amargura que lhe era peculiar, agora via-se tristeza em sua

voz. Pela primeira vez Eliza identificou um resquício de emoção na tia. Leonora, como se pressentisse algo ruim, segurou a mão da amiga, pois ela tremia visivelmente.

– O que pode ser pior do que ser uma Douglas? – desafiou Eliza. Olhou para a tia e imediatamente se arrependeu. Aquela mulher também era uma Douglas, e, desgraçada como fora a sua vida, não queria feri-la ainda mais. A tia nada sabia da razão pela qual ela odiava ser uma Douglas.

– Eu nunca imaginei que a sua estada na *cottage* de John Baker fosse lhe levar a conhecer o senhor de Alnwick Castle! Acho que a subestimei, criança. Peço o seu perdão.

– Não lhe compreendo, tia!

Há pessoas que nascem com o dom da presciência, aquela sensação terrível de que algo ruim está prestes a acontecer. É o caso de uma mãe amorosa que tem um presságio de que um desastre iminente vai acometer o seu filho. Um sentimento tão forte que lhe faz doer a alma. Há pessoas que sentem que está à espreita uma dor nunca sentida. Quase uma premonição.

Eliza vivia esse estado, já antevendo alguma coisa muito grave e insuportável, mais trágica do que ser uma Douglas, mais dolorida do que seus dois anos de cativoiro, e chorava. Levou o lenço vermelho da tia aos olhos, e esperou um desfecho, à mercê da espada de Dâmocles^[54].

Elizabeth também aguardava, como se arranjasse uma forma de revelar aquilo que era necessário. Instantes depois, ela falou:

– Conheci John Baker há alguns anos, pois ele era escudeiro do oitavo conde de Northumberland, o pai de lorde Edward. Quando adoeci, escrevi para Northumberland. O orgulho não leva a nada, minha criança, e na nossa profissão adoecer é muito comum. Ele mandou John Baker me buscar em Londres, levar-me aos melhores médicos, e depois eu fui para a *cottage*, em Alnwick, onde fiquei até me restabelecer. O conde nunca foi me ver, mas forneceu todos os meios para que eu me recuperasse. Nunca fui casada com John Baker, mas o escudeiro deixou que pensassem assim para evitar mexericos e para proteger seu senhor, pois a condessa, mãe de lorde Edward, ainda era viva. Depois, simplesmente ‘desapareci’. Era a história que ele contava. Por que John Baker se passou por seu tio? É muito simples, ele sabia de quem você era filha.

– A senhora sabe quem é meu pai? Sei que não sou filha de Leopold, pois a senhora disse em sua carta que eu era uma ‘bastarda’.

– Sim, eu sei quem é seu pai, criança. Sei que lhe trago más notícias, mas são necessárias.

– Deus! Este suspense está me matando, tia! Por favor, conte-me logo quem é o meu verdadeiro pai? Nada pode ser pior do que o que já me aconteceu em Leipzig, nada

pode ser pior do que ser uma...

A tia interrompeu-a:

– Minha criança, o seu noivo é seu irmão de sangue.
Você não pode se casar com ele.

– Edward?! Meu irmão?!

Se, naquele momento, alguém passasse a duzentos metros daquela remota igreja de Londres ouviria os profundos soluços de Eliza.

CAPÍTULO XX

Os irmãos Dahmann

“Quando uma terna afeição vai armazenando-se em nós, a ideia de que poderíamos aceitar qualquer troca parece ser um barateamento das nossas vidas...”^[55]

Último dia de novembro, Londres, 1830.

Ao abrir a porta de Prudhoe House, Mr. Oldenburg, além da lufada de vento frio, quase foi atropelado pelo conde Hotspur. Enquanto pensava como a residência estava estranhamente movimentada para um dia que deveria ser de arrumação, portanto, sem visitas — tendo em vista a festa de comemoração de um ano de casados de seus senhores na noite anterior —, e ia fechar a porta, foi o duque, seu patrão, que quase passou por cima dele, tão agitado quanto o primeiro. Atrás dele chegou lorde Robert. Calmo, parecia até que se divertia com toda aquela agitação. O mordomo teve que admitir que, dos três nobres, era deste último que tinha menos medo — pelo menos foi o que o cumprimentou decentemente.

– Mr. Oldenburg! – gritou o duque – Onde está a duquesa?

– Sua Graça saiu, meu senhor duque – respondeu o

mordomo.

– Saiu?! – perguntaram simultaneamente o conde e o duque. Mr. Oldenburg olhou de um para o outro confuso, mas se reportou ao último, hierarquicamente superior.

– Sim, Sua Graça. Ela saiu há um quarto de hora.

– Mas para onde ‘elas’ foram? – o conde questionou-o, visivelmente perturbado. Sua voz não era nem um pouco amistosa.

– Não disseram, Sua Senhoria.

– Ah, então é verdade. Miss Schumacher estava de fato aqui com a duquesa – disse o conde, deixando o mordomo ainda mais embaraçado.

– Sim, milorde, miss Schumacher está hospedada aqui em Prudhoe House, e saiu com Sua Graça.

– Não nos resta fazer nada a não ser esperar, Hotspur – disse o duque, encaminhando os irmãos Northumberland para sua sala privativa e pedindo ao mordomo que mandasse servir algo para beber.

– Mas, aonde a duquesa costuma ir a uma hora dessas, Pearl? Deve conhecer os hábitos de sua senhora – murmurou o conde, mal-humorado.

– Visita alguém, vai às compras, uma infinidade de coisas que as damas fazem, Hotspur. Não tenho o hábito de amarrar minha mulher a uma mesa – respondeu o duque.

– Pois devia! – respondeu Hotspur, ainda irritado.

– Não acredito que miss Schumacher estava em

condições de ir às compras naquela agitação toda. Ela chorava sem parar – provocou lorde Robert. Tanto o duque quanto o conde olharam-no com uma carranca de censura, numa silenciosa descompostura.

LEONORA nem sabia como conseguira arrastar Eliza daquela igreja e colocá-la dentro do coche. Eliza não fazia ideia do tempo que passara desde que ouvira a pior notícia de sua vida até aquele momento, quando se viu sendo sacudida fortemente pela amiga duquesa para que prestasse atenção ao que ela dizia. Mas, por mais que tentasse se concentrar, escutava apenas uma frase que ainda reverberava em seus ouvidos, como o badalar de um sino: *O seu noivo é seu irmão de sangue. Você não pode se casar com ele.*

– Eliza, Eliza! Você está bem? Tome, pegue o meu! Esse aí já está encharcado – disse-lhe carinhosamente Leonora, estendendo-lhe um lenço.

Para onde levar a estrangeira? A duquesa não sabia. Para Prudhoe House ela não devia, para Alnwick era impossível... Enviá-la de volta à Prússia, mesmo que não fosse para Leipzig, seria loucura, pois o país estava repleto de guerrilhas. Para o continente, talvez? Mas o que ela faria sozinha na França, sem acompanhante, atraente como era? Mesmo com aquelas roupas ridículas ela seria

‘alvo certo’ de algum homem. Podia acabar na rua ou numa vida semelhante à da tia. Colocá-la num hotel? Não podia! Haveria mexericos. Se a levasse para uma estalagem à beira da estrada ela não estaria segura...

– Lady Neville! – a duquesa quase gritou. Nesse momento, em meio ao torpor em que se encontrava, Eliza olhou para ela assustada.

– O que Sua Graça disse?... – sua voz era quase um chiado.

– Sim, é o único lugar seguro em toda a Inglaterra onde posso lhe deixar. Lorde Edward jamais a procuraria lá.

– Mas... – Eliza não conseguia contestar nada, pois seus argumentos não tinham mais importância. Que a deixassem na rua, em qualquer lugar, para ela era indiferente.

– Harriet Neville é uma pessoa boa, discreta e não fará perguntas. Direi apenas que você é uma estrangeira que precisa de uma casa que tenha moças da sua idade para conversar. Torço para que a baronesa viúva de Patchetts não esteja por lá.

– Baronesa de Patchetts?! – Eliza repetiu automaticamente.

– Sim, é a irmã da falecida mãe de lady Neville. É uma cobra mexeriqueira. A filha, lady Patchetts, prima de Harriet, também não é de confiança. Mas se, por infelicidade nossa, elas se encontrarem lá, mantenha-se calada. Talvez devêssemos dizer que não fala inglês.

Como Eliza não refutou, Leonora entendeu que ela concordava e indicou o caminho para o cocheiro. A casa de lady Neville não ficava longe de Northumberland House, mas era muito pouco provável que lorde Edward fizesse visitas de cortesias às primas. Lady Neville também não tinha comparecido ao jantar em Prudhoe House. Dessa forma, era quase certo que nunca ouvira falar da ‘estrangeira’.

Lady Neville sobressaltou-se novamente quando seu mordomo foi avisá-la que duas senhoras a aguardavam. A primeira coisa que lhe veio à mente foi mandar dizer que não estava em casa. Não queria ter de suportar novamente as condessas de Jersey e de Lieven.

– Milady, trata-se de duas senhoras de luto – respondeu o mordomo, como se soubesse o que se passava pela cabeça da jovem.

– De luto?! Mas quem?

– Uma delas eu reconheci, milady, mas não sei por que está de luto.

– Reconheceu? Não são as condessas de Jersey e de Lieven? Fala logo, homem! – disse Harriet, levantando-se e colocando o livro que lia sobre a mesa.

– Uma delas é a duquesa de Prudhoe.

ALGUM tempo depois Leonora voltava sozinha para

Prudhoe House. Tinha prometido a Eliza que, mais tarde, enviaria seu velho baú para a casa de lady Neville e que atenderia ao último pedido que lhe fizera:

Dentro do meu velho baú, no fundo dele, há um pacote de cartas enroladas em uma fita azul. Pode mandar entregar a lorde Edward para mim, juntamente com esta carta de adeus?

A duquesa havia hesitado, mas aquiescera, assegurando-lhe que daria um jeito de o conde receber as cartas em Northumberland House sem saber que tinham sido remetidas de Prudhoe House.

Assim que o velho coche parou em frente à mansão, três homens bem-vestidos saíram da porta para recepcioná-la. Eram o marido e os dois irmãos Percy Northumberland. O duque, com um semblante muito surpreso, quase horrorizado, ajudou-a a descer, enquanto lorde Edward, alheio à forma como estava vestida, e ao tipo de transporte que usara, aguardava impaciente à espera de uma segunda dama.

— Sua Graça, onde está miss Schumacher? — interrogou-a, assim que constatou que chegara sozinha.

— Não está comigo, Sua Senhoria.

— Como não?! — ele inquiriu, voltando-se para o duque. Prudhoe olhou para Leonora com olhos perscrutadores

— A miss estrangeira foi embora, lorde Edward — ela respondeu, com toda a calma que conseguiu dissimular.

– Embora?! Para onde, Sua Graça? Peço, em nome da antiga amizade que há entre nossas famílias, que seja franca para comigo.

– Miss Eliza embarcou para o continente, milorde. Disse-me para dar o seguinte recado a Sua Senhoria: em breve o conde receberá uma carta da parte dela, hoje ainda, talvez. Nela estarão as respostas às suas questões.

Hotspur ameaçou soltar uma imprecação, mas conteve-se em respeito à duquesa. Seus olhos, contudo, gritavam uma mistura de ódio e grandes suspeitas.

No anoitecer daquele mesmo dia, quando Mr. Mercer entrou com uma bandeja, lorde Edward já havia esvaziado o *decanter* de Northumberland House várias vezes, e seus olhos estavam tão turvos quanto uma lagoa em dia chuvoso. Na bandeja havia um pacote de cartas amarrado com uma fita azul e, junto dele, outro envelope endereçado a ele. A letra arredondada indicava ser de uma dama.

O conde, cuja mente, por mais entorpecida que estivesse, ainda estava bastante consciente, sobressaltou-se. Conhecia aquele pacote, pois já olhara para ele incontáveis vezes dias antes, perguntando-se por que fora educado para ser um cavalheiro. Todavia, mesmo sabendo da parte de quem tudo aquilo viera, quis certificar-se.

– O que é isso, Mercer?

– Mandaram entregar a Sua Senhoria, milorde.

– Quem a entregou, diabos?

- Um entregador no coche de aluguel, milorde.
- Não indagou ao desgraçado quem o contratou?

Mr. Mencer olhou para o conde curioso. Por mais impetuoso que fosse seu senhor, jamais o vira assim. *Tão preocupado e indignado com um mero entregador de cartas? Sim, considerando o embrulho, certamente são de uma dama.* Já vira cartas e coisas demais naquela família para estranhar qualquer coisa que fosse. Tampouco tinha o hábito de perguntar ou sentir curiosidade do que quer que fosse. Seu cargo pedia discrição e ele era discreto. A pergunta do conde, por isso mesmo, lhe causara grande surpresa.

– Maldição! – bradou lorde Edward, pegando a carta que acompanhava o pacote. Não possuía nenhum selo que indicasse de onde ela a escrevera, apenas o nome dele desenhado com uma letra perfeita, *tão perfeita quanto a pessoa que a desenhou.* Seus dedos ficavam trêmulos à medida que abria o envelope. De certa forma, sentia que não aprovaria seu conteúdo, que o que estava por vir lhe traria alguma perda... E sentimento de perda fora o que Hotspur sentira a tarde toda, desde que ouvira da duquesa que ‘sua’ Eliza partira. Embora não acreditasse numa só palavra, temia que o que acontecera a sua amada fosse algo pior do que o ostracismo no continente. Procurando se recompor, ele leu a carta.

Londres, último dia de novembro de 1830.

Sua Senhoria,

Como já deve ser do seu conhecimento, tive que partir. Mas, antes que me julgue uma mal-agradecida, escrevo-lhe como forma de agradecê-lo pelos cuidados que teve comigo desde que cheguei à sua cottage. Contudo, a sua proteção não é mais uma opção para mim.

Também, como forma de agradecimento, eu encaminho-lhe as cartas que lhe foram entregues por Mr. Staudt no dia de nossa partida para Londres, pois acredito que não devo deixar-lhe com tamanhas dúvidas. Eu mesma, hoje, sofro muito por segredos guardados por outros há tanto tempo.

De sua sempre agradecida

Eliza.

O conde de Northumberland lia e relia tentando entender o que Eliza queria dizer. Tudo lhe soava muito estranho e confuso. Entretanto, embora sua mente também estivesse bastante alterada, de uma coisa ele não teve dúvida: era uma carta de despedida.

– Maldita mulher! Que o inferno lhe carregue! – ele bradou. Amassou a folha de papel e jogou-a longe.

Uma ingrata, isso sim. “Tive que partir”. O que ela quis dizer com isso? Por acaso estava com medo que eu a deflorasse? Eu podia ter feito isso se quisesse, mas não o fiz por respeito. “Não me julgue uma mal-agradecida”. Como não? Tratei-a como uma pessoa da família, embora John Baker fosse apenas um velho rendeiro como tantos outros em Alnwick. Por que eu protegeria as sobrinhas de tais rendeiros? “Sua proteção não é mais uma opção para mim”. Que o diabo

a proteja então, estrangeira insensível! Ofereci-lhe a minha proteção, roupas decentes para que tirasse aqueles trapos, mas preferiu o ostracismo. Então, que vá, desapareça da minha vida para sempre!

Levantou-se meio trôpego, foi até onde tinha jogado a carta amassada, abriu-a e a leu novamente. “*Eu encaminho-lhe as cartas que lhe foram entregues por Mr. Staudt no dia de nossa partida para Londres*”. O trecho, dessa vez, chamou-lhe a atenção. Ele olhou para o pacote com a fita azul, mas, com a mente inebriada pelo vinho e pela raiva, não lhe deu importância. Na sequência da leitura, entretanto, teve um sobressalto ao reler o trecho final: “*Eu, mesma, hoje, sofro muito por segredos guardados por outros há tanto tempo*”. Foi como se tivesse acordado de um sonho nebuloso. Atabalhoadamente pegou o pacote e abriu-o, desamarrando rapidamente a fita. Havia dez envelopes e, como constatou, empilhados em sequência cronológica. Abriu o mais antigo e leu:

Dahmann Haus, Leipzig, 15 de outubro de 1828.

Querida tia,

Deve achar estranho receber uma carta de uma sobrinha que nunca conheceu. Sobretudo, uma carta tão estranha como esta, pois sei que é tremendamente peculiar. Embora a minha primeira intenção seja lhe informar da minha trágica perda, da minha grande perda, pois minha mãe morreu no dia 8 passado, também é para lhe informar do último pedido de minha mãe. Suas últimas palavras foram para que eu lhe

escrevesse a fim de pedir que me recebesse em sua casa na Inglaterra. Cumpro a palavra que dei à minha mãe. Entretanto, querida tia, informo-lhe que não precisa se preocupar comigo, pois estou bem, embora muito triste pela morte dela. Estou noiva de um capitão ex-aluno de meu pai. Seu nome é Joseph Dahmann. É um bom homem, tia. Sei que estarei segura com ele. Desde a morte de minha mãe estou hospedada na casa da família dele, em Dahmann Haus. Mrs. Mann, a fiel ama de minha mãe, está comigo.

Com ternura, Eliza.

A partir daí, lorde Edward foi lendo as cartas uma a uma, em ordem de data, sem parar:

Dahmann Haus, Leipzig, 30 de outubro de 1828.

Querida tia,

Acabei não enviando a primeira carta por uma série de motivos. Por isso anexo-a a essa. Ainda estou em Dahmann Haus. Joseph insiste em anteciparmos o casamento. Diz que em breve eclodirá uma guerra civil e ele deseja estar casado quando partir. Sinto saudades de minha mãe. Embora eu possa falar disso com Mrs. Mann, evito, pois ela sempre briga comigo quando me vê chorando. Diz que minha mãe desejava me ver feliz e que era para eu fazer de tudo para encontrar a felicidade. Mas creio que serei feliz com Joseph.

Com terno afeto,

Eliza.

Dahmann Haus, Leipzig, 2 de novembro de 1828.

Querida tia,

Mais uma vez não foi possível enviar a carta. Meu “cunhado”, Heinz, diz que não é mais seguro andar pelas ruas de Leipzig. Pediu que eu entregasse as cartas a ele, que ele as mandaria para a Inglaterra.

Joseph, contudo, disse que não tem problema se a carta se atrasar um dia a mais. Portanto, ouvi meu noivo e as mantive comigo. Agora seguem três cartas juntas. Deve observar as datas quando for lê-las, querida tia, senão se perderá. Esta carta é para informar que meu casamento será na próxima semana. Deseje-me felicidade, tia! Sinto muito pelo meu pai, que admirava tanto meu noivo, não estar presente à cerimônia. Sinto também enorme falta dele. Se não posso mencionar a Mrs. Mann a saudade que sinto de minha mãe, imagine de meu pai, então! Dele não posso nem fazer menção. Ela me diz coisas horríveis e sem sentido, como se minha mãe tivesse se rebaixado ao se casar com ele. Não a compreendo.

Com amor, Eliza.

Dahmann Haus, Leipzig, 5 de novembro de 1828.

Querida tia,

Temo que esteja acontecendo algo muito errado além de uma guerra iminente. Meu “cunhado” Heinz Dahmann, o coronel, como Joseph chama o irmão, é uma pessoa estranha. Sei que não devo falar assim, mas não gosto nem um pouco dele. Nunca gostei. Ele olha de uma forma estranha para mim. Talvez seja coisa da minha cabeça. Recentemente, através de Adhelle, a mulher dele, que é uma pessoa bastante pacata e discreta, eu descobri que os dois irmãos nunca se entenderam. Ela deixou escapar o fato quando passeávamos juntas no jardim e ouvimos o coronel Heinz gritando com Joseph. Ela me contou que eles são filhos únicos de um homem muito rico daqui, de família aristocrática, da nobreza daqui, um general já morto, e que sempre viveram nessa casa, na parte mais nobre de Leipzig. Aqui é muito diferente da parte que eu e minha mãe morávamos, do outro lado de Leipzig. Tudo aqui é muito rico, tem imensos casarões, com seus jardins bem cuidados e criados. Bem, voltando aos dois irmãos, eu fiquei assustada com os gritos de Heinz e perguntei o porquê daquilo. Depois de muita insistência, Adhelle me contou que devia ser por causa da guerra. Mas não vi muita convicção

em suas palavras. Notei certo embaraço nela, pois desviou o olhar quando a encarei. Mas como eu insisti, ela me disse que meu noivo é fiel ao rei Guilherme III, consequentemente fiel à Prússia, coisa que ele mesmo havia me contado recentemente; já o marido é fiel à Áustria, contra o rei, portanto. O próprio Joseph havia me dito que ele e o irmão tinham estado em lados opostos na Guerra da Silésia, uma região de solo muito rico e cidades prósperas, vital para a Prússia. O que me deixou bastante intrigada. Nunca imaginei desunião entre irmãos. Há bem pouco tempo eu fui entender como funciona o meu próprio país. Parece que sou uma pessoa ignorante, mas se isso serve como minha defesa, jamais uma mulher tomou conhecimento desse tipo de assunto aqui em Leipzig, tia. Embora eu seja uma pessoa bastante curiosa, ninguém nunca respondeu claramente às minhas perguntas. Mas perguntei a Joseph e ele me explicou com detalhes como meu país é dividido. Segundo ele, há um século, os referidos reinos guerreavam pela Silésia. Assim, a Confederação Germânica é como uma manta de retalhos com seus estados independentes e monárquicos, com a Prússia e a Áustria competindo por influência. São os dois estados mais poderosos dentro do Sacro Império Romano-Germânico. Agora, minha querida tia, envolvidos nessa briga pelo poder estão o capitão e o coronel Dahmann, porém como oponentes. Estou bastante assustada. Mrs. Mann disse que amanhã vai ao centro de Leipzig e vai enviar as minhas cartas e outra que ela própria vai enviar à Inglaterra. Então vai receber as minhas todas juntas.

Com amor, sua Eliza.

Dahmann Haus, Leipzig, 12 de novembro de 1828.

Querida tia,

Estou em prantos. Hoje seria a minha noite de núpcias. Enquanto isso apenas choro e tento entender o que aconteceu. Meu noivo, o capitão Dahmann, foi retirado do altar para ajudar a conter o motim de uma guerra que chamam de A Revolta de Neustadt. Não posso lhe afirmar se

estou casada ou solteira, pois fiquei tão assustada e em pânico que eu não sei dizer se houve casamento, tamanho o tumulto. Em meio às tropas uniformizadas que entraram na igreja, fui praticamente carregada para fora dela e levada a Dahmann Haus, e meu “cunhado” era quem me carregava. Tia, eu estou à mercê dele. Ele me disse que Joseph volta logo, mas já se passaram três dias e não tenho nenhuma informação. Heinz vem ao meu quarto de hora em hora a pretexto de saber como estou me sentindo. Não entendo por que ele se dá a esse trabalho, se não o recebo bem. Eu preferia que ele enviasse sua mulher, embora eu prefira mesmo ficar sozinha neste momento. Não vejo Mrs. Mann desde a véspera de meu casamento. Perguntei por ela e Heinz diz que ela também desapareceu. Temo que tenha sido pisoteada no tumulto. Ele me prometeu que trará notícias dela amanhã. Com isso, tia, as suas cartas estão todas ainda comigo. Receio que vá demorar ainda para que eu consiga enviá-las. Mas continuarei escrevendo, pois elas se tornaram vitais para mim. São a única ligação que tenho com o meu sangue e com a terra de minha querida mãe.

Triste, mas esperançosa, sua Eliza.

Dahmann Haus, Leipzig, 9 de dezembro de 1828.

Querida tia,

Faz um mês que Joseph foi levado e ainda não voltou. Eu estou cativa aqui em Dahmann Haus. Sou tratada como rainha, com os melhores vestidos e joias, mas coagida e ameaçada. Falei com Heinz que iria sair à procura de meu marido, ele gritou comigo e disse que não houve casamento; que eu era livre como um pássaro. Eu respondi que, já que era livre, eu sairia à procura de meu “noivo”. Ele, portanto, ameaçou-me. Disse que se eu colocasse o nariz para fora do portão, ele daria ordens aos seus soldados para atirar em mim. Parecia bêbado, o que me deixou apavorada. Faço todas as refeições em meu quarto. Heinz deu ordem aos criados para que não me deixem sair. Nunca mais encontrei a mulher dele. Temo que ele a tenha feito algum mal como

desconfio que fez ao próprio irmão e a Mrs. Mann. Temo que o antagonismo que havia entre os dois tenha vindo à tona no dia de meu casamento, quando eclodiu a Revolta de Neustadt. Temo e tremo por Joseph.

Triste e com medo, sua Eliza.

Dahmann Haus, Leipzig, 15 de fevereiro de 1829.

Querida tia,

Há mais de três meses estou presa, pois não há outro nome para isso. Passei a não dormir mais durante a noite, pois ouço os passos do meu “cunhado” em frente à minha porta. Tranco-a e ainda arrasto todos os móveis para fazer uma barreira. Minha tia, meu cunhado tentou me violentar, mas gritei tão alto que ele me soltou. Corri para a janela e ameacei jogar-me. O quarto da minha miséria fica no terceiro andar, portanto, uma queda deve ser fatal. Uma das criadas me disse que a mulher dele está de volta a Dahmann Haus. Então, ele não a fez desaparecer como eu temia. Talvez Joseph também reapareça. Estou quase contente que a mulher dele tenha voltado, pois na sua ausência esse maldito coronel dava-se a liberdades para comigo. Ele me visitava em meu quarto, com a desculpa de me trazer livros para eu ler, e tocava meu corpo, com suas mãos imundas, tentava me beijar, às vezes obtendo êxito, sempre com a desculpa de me consolar pela ausência do irmão. Ele é um falso. Não estou bem, tia. Ando-me bastante triste.

Sua Eliza.

Leipzig, 15 de agosto de 1829.

Querida tia,

Meu inferno já dura quase dois anos. Estou no meu limite. Meus nervos estão retesados, minha cabeça dói e meu coração está destruído. Aconteceu algo trágico demais para ser contado através de uma carta, mas vou tentar colocar aqui meus sentimentos mais profundos, e que, de

certa forma, encerrou, em parte, a minha tragédia particular. Nunca mais tive notícias de Joseph e não tenho mais esperanças de que esteja vivo. Querida tia, o que vou contar é muito triste: a mulher de Heinz se suicidou. Choro enquanto escrevo, pois, apesar de não ter nenhuma culpa, indiretamente eu a tenho. Ela se matou quando tomou conhecimento das atitudes do marido para comigo. Foi um escândalo. Fugi de Dahmann Haus, tia. Estou escondida num casebre no centro de Leipzig. Depois lhe explico como cheguei aqui. Estou muito abalada.

Leipzig, 16 de agosto de 1829.

Querida tia,

Acabo de receber um exemplar do principal jornal de Leipzig. A culpa pelo suicídio de Adhelle caiu sobre meus inocentes ombros. O jornal estampou na primeira página a notícia da morte e chamaram de crime planejado. Estou sendo acusada de ser a mandante da morte do capitão Joseph Dahmann, meu “noivo”, e de seduzir meu “cunhado”, o coronel Heinz Dahmann. Sou chamada de assassina. Como choro, minha querida tia.

Eliza.

Mosteiro de Barfussgasschen, 17 de agosto de 1829.

Querida tia,

Fui auxiliada por um monge inglês de nome Jacob. Estou refugiada no mosteiro de Barfussgasschen e creio que esta será a última carta que lhe escrevo antes de partir para a Inglaterra. Nesses quase dois anos, durante os quais eu vivi com a família Dahmann, escrevi dezenas de cartas, cujo destino eu pretendia que fosse o seu endereço aí na Inglaterra. Agora vou entregá-las todas de uma só vez. Minha mãe, em seus últimos dias de vida, querida tia, falou-me sobre Alnwick, o lugar onde a senhora vive. Desejo muito conhecê-lo. Sonhei inúmeras vezes com ele nesse triste período de minha existência e aqueles sonhos me

mantiveram viva. Sonhei com a liberdade, com os campos verdes, com a neve que se precipita durante o inverno, deixando tudo branco; com os olmos gigantes; e até com ovelhas pastando em pastos harmoniosos, cujo verde se misturava ao branco de suas pelagens, dando-me a sensação de um céu cheio de nuvens. Mas durante todos aqueles dias eu temi que essas cartas fossem interceptadas pelo coronel, por isso as guardava comigo. Quando reencontrei Mrs. Mann — graças a Deus ela não havia sido pisoteada nem desaparecera da cidade, ao contrário do me tinha dito o maldito coronel —, corri até ela com o desespero em meus olhos. Isso não passou despercebido à perspicaz mulher. Naquele dia, o coronel tinha permitido minha saída da mansão para acompanhar a sua esposa, coisa que muito me surpreendeu. Foi poucos dias antes de ela se matar. Como eu dizia, corri até Mrs. Mann e lhe entreguei aquele envelope que a senhora recebeu. Não sei o que estava escrito nele, pois peguei aleatoriamente um deles, entre tantos outros, e entreguei na mão de Miss Mann. Pedi que lhe enviasse com urgência. Mrs. Mann pareceu compreender, devido ao meu agitado estado, que eu sofria algum tipo de abuso, mas não me fez perguntas, pois Mrs. Dahmann logo se aproximou de nós. Quando a tragédia, miseravelmente, abateu-se sobre mim, eu já estava preparada para fugir. Mrs. Mann, com a ajuda de algum serviçal da mansão, tinha me levado a resposta do tio, John Baker, ocasião em que, sorrateiramente, infiltrada na casa, ficara sabendo de tudo o que se passava comigo. Depois desse encontro, todo o resto se sucedeu. Desde então, meus sonhos se tornaram mais constantes e esperançosos. Sonho acordada com a minha liberdade na Inglaterra, a terra de minha mãe. Aqui sempre estarei em perigo. Anseio esquecer tudo o que passei nesses dois últimos anos. Esquecer Joseph Dahmann, meu noivo, ou marido, um casamento que não se concretizou, embora ele também tenha sido vítima de seu irmão; desejo esquecer para sempre Heinz Dahmann, meu maldito “cunhado”, o demônio sob a fachada de um coronel do exército. Desejo uma nova vida, minha tia, uma vida sem medo, sem culpa e em paz.

Com esperança, sua Eliza.

O torpor causado pela bebida desaparecera completamente. Lorde Edward levantou-se e caminhou pela sala com a última carta nas mãos. Não sentia sono nem fome. Só a mais profunda indignação tomava conta de todo o seu corpo... e do seu inato espírito guerreiro. Um incontrollável desejo de vingança o manteria acordado a noite toda.

CAPÍTULO XXI

O passado

“O passado se esquece ante as felizes perspectivas do que virá a ocorrer.”^[56]

Londres, fim de dezembro de 1830.

Mrs. Blauth não gostou nem um pouco de ter que desmarcar seu chá com Mrs. Eisinger, ocasião em que pretendia passar para a sua mais nova ‘melhor amiga’ o que, em pessoa, presenciara na mansão dos Percy: uma traição entre irmãos, como imaginava, pois assim que ela entrara para o desjejum, miss Schumacher havia saído correndo, chorando, com lorde Robert atrás dela e, o pior, sem qualquer sinal do conde de Northumberland.

O que ocorreu foi que lorde Edward tinha-lhe comunicado, muito gentilmente, que não era mais necessário ela se sacrificar em Londres, longe de Mr. Blauth, pois miss Schumacher não estava mais hospedada lá e, sim, com a duquesa de Prudhoe. Dessa forma, Mrs. Blauth fora despachada para Alnwick, para alívio de lorde Robert e dos criados de Northumberland House.

A algumas poucas milhas dali, Eliza aos poucos se entendia com as irmãs Harriet e Alyssa Neville. A história

de que a ‘estrangeira’ não falava inglês, que lhes fora contada por Leonora, não se sustentou. Eliza logo percebera que Harriet era uma ótima pessoa e que já havia ouvido falar sobre a sua presença em Londres. Lady Neville contou-lhe da visita das condessas de Jersey e de Lieven. Eliza, ainda vivendo num torpor emocional, nada negou, pois não sabia o que exatamente as duas condessas haviam dito. No entanto, fez questão de explicar que a relação que tinha com o conde se devia apenas ao fato de o seu falecido tio ter sido rendeiro dele em Alnwick. Lady Neville, como Leonora previra, mantinha-se muito discreta. Mas desconfiava, intimamente, que algo muito grave, além do que lhe fora informado pela duquesa de Prudhoe, estava acontecendo.

Para satisfação de Eliza, Leonora não a abandonara. Além de mandar lhe entregar o velho baú, levou-lhe vestidos novos, adequados à estação, e alguns chapéus e luvas. Contudo, evitava falar sobre os últimos acontecimentos ou, mesmo, em lorde Edward, pois sabia que isso aumentaria o sofrimento da amiga.

Alguns dias depois, Eliza caminhava pelos extensos jardins entre as áleas quase congeladas na fria manhã do inverno londrino, em companhia de Harriet, quando, involuntariamente, um suspiro saiu-lhe do peito. Harriet olhou para ela com a curiosidade estampada nos olhos, mas Eliza nada falou. Não podia revelar a lady Neville sua necessidade de se esconder de lorde Edward. Não por

causa dele, isso não, mas por causa de si mesma.

Nesse tempo também não tinha saído da casa. Toda vez que Harriet a convidava para algum evento, mesmo um simples passeio pela cidade, dizia simplesmente que preferia ficar a sós. Temia encontrá-lo. Sentia um calor dentro de si sem saber a razão, mas lutava bravamente para não sucumbir àquela paixão condenada à dor. Entretanto, tinha uma quase necessidade de conversar com alguém, de expor seus sentimentos. Sentia-se tão sozinha como quando chegara a Alnwick, à casa do Lago Green, depois de dois anos sem ter com quem falar — uma solidão tal que, na ânsia de expor seu coração ferido à cura, a fizera conversar até com um cão. Mas, embora lady Neville estivesse sendo tão atenciosa, Eliza ainda não a via como uma aliada. Pelo contrário, por mais ingrata que se sentisse, ainda a enxergava como uma rival. Intimamente, esforçava-se para afugentar o ciúme latente em seu coração.

Quando tudo parecia se acomodar satisfatoriamente — ela tinha conseguido se esconder e havia ganhado amigos que a cobriam de afeto e proteção —, Eliza foi surpreendida pelo aparecimento da baronesa de Patchetts. A viúva, que chegara para uma visita às sobrinhas Harriet e Alyssa, mal fora apresentada intimava a primeira para uma conversa particular na biblioteca da casa, a portas fechadas. Estava evidente que o assunto era a presença, ali, da ‘estrangeira’. Depois de mais de uma hora, a porta

foi aberta. A borda da saia do seu escuro e brilhante vestido, tamanho o volume, chegou antes da baronesa. A mulher fulminou-a com um olhar tão duro que Eliza baixou a cabeça.

– Fico me perguntando – disse a baronesa, encarando-a – o que se passou na mente da duquesa de Prudhoe para, além de se misturar com pessoas de classes tão diferentes da dela, ainda impor a convivência dessas às minhas pobres sobrinhas. Isso é o que mais me espanta: submeter as minhas próprias sobrinhas a isso!

– Tia, sei que lhe devo respeito, mas miss Schumacher é minha convidada. Peço que se retire – disse Harriet.

– Isso é um absurdo, Harriet Neville! Vou escrever para seu pai hoje ainda. Já posso ver a reação do barão quando ele souber que você colocou dentro da sua própria casa a mulher que anda tendo um caso com o seu noivo.

– A baronesa está enganada – disse Elisa num fio de voz. – Não tenho qualquer tipo de relacionamento com lorde Edward.

– Não é o que se diz por toda Londres, mocinha! Pois arrume outro lugar para se hospedar ou volte de onde veio, porque não influenciará negativamente as minhas sobrinhas. A sua presença nessa casa jogará os nomes delas na lama. Lembre-se disso, Harriet Neville! Nenhum cavalheiro lhe proporá casamento se souber que anda com a amante de lorde Edward. O que a duquesa tem em mente, eu não sei, mas vou descobrir.

Assim que a baronesa saiu pisando firme, lady Neville correu até Eliza para consolá-la. Ela pediu papel para enviar um bilhete a Prudhoe House. A baronesa tinha razão, ali ela não poderia mais ficar.

Lady Patchetts era, de fato, perigosa, como havia mencionado Leonora. No mesmo dia, o nome da ‘estrangeira’ já circulava por toda a Londres com os piores predicados. Eliza estava sendo difamada de todas as formas. Ora era amante de lorde Edward, ora de lorde Robert.

Leonora foi ao encontro de Eliza assim que recebeu o bilhete. Entretanto, no percurso de Prudhoe House até a casa de lady Neville, fora parada na rua por algumas matronas que lhe contaram as novidades envolvendo a ‘estrangeira’. *Como as pessoas podem ser tão cruéis!* Precisava resgatá-la o mais rápido possível, pois lorde Edward logo ouviria a notícia e descobriria a verdade — Eliza não fugira para o continente e sempre estivera a algumas quadras de Northumberland House. Decerto, sairia correndo atrás dela. Sua reação era imprevisível.

— Preciso tirá-la daqui, Eliza. O que contou para lady Neville? — perguntou a duquesa, assim que entrou na casa.

— Nada, Leonora. Ela não me fez nenhuma pergunta pessoal.

— Eu sabia, Harriet é discreta, mas lady Patchetts é um demônio encarnado.

— Sinto muito lhe dar tanto trabalho, Leonora. Deixe-me em qualquer lugarejo, longe de Alnwick, que eu sobreviverei de uma forma ou de outra. — De forma alguma a abandonarei ao relento, minha amiga — disse Leonora, lembrando-se de que ela própria, no passado, dormira aconchegada a uma vaca —, pensei em enviá-la para Prudhoe Castle, mas fica no norte e as estradas estão congeladas, há barreiras enormes impedindo a passagem, e não vejo como chegar lá nessa época do ano. Mas, vamos, tem que sair daqui rápido! No caminho penso em alguma coisa.

Meia hora depois, Eliza e Leonora já estavam sentadas na luxuosa carruagem da duquesa. Lady Harriet ficara tão envergonhada pelo constrangimento a que a tia havia submetido a sua hóspede que não fez qualquer pergunta. Também não fez qualquer comentário sobre o que a tia havia-lhe falado na biblioteca.

À medida que a carruagem circulava pelas tumultuadas ruas de Londres, Eliza não conseguia evitar que seus pensamentos voltassem à Prússia e a Heinz Dahmann, que simbolizavam tudo o que ela conhecia de crueldade.

Tinha evitado pensar naqueles dois anos sob o despotismo de Heinz, sua sujeição e seu domínio cruel, pois se lembrar de Joseph, desaparecido, ainda doía. Mas agora ela podia olhar para trás, como se fosse uma estrangeira em relação àquela terra, onde os conflitos políticos estavam acima do amor filial, pelo menos no

caso da família Dahmann. Para o coronel Heinz, com certeza. Não para Joseph. Era terno e ela acreditava que ele jamais faria mal a alguém, muito menos do seu próprio sangue. Leonora trouxe-a de volta à realidade.

– Eliza, não vejo alternativa a não ser procurarmos a sua família e contar toda a verdade — disse a duquesa, repentinamente.

– Procurar o conde de Douglas?

– Sim, não poderá fugir para sempre. Você é uma Douglas, querendo ou não, gostando ou não, e temos sua tia Elizabeth Douglas para provar que isso é verdade.

– Sim, Leonora. Acho que você tem razão. Agora nada mais tem importância para mim. Ser ou não ser uma Douglas me é indiferente.

– Mas pelo menos você terá uma família nobre para lhe apoiar.

– Ou não! – respondeu Eliza.

– Sim, essa coisa da herança não sai de minha cabeça também. Já conversei com meu marido sobre isso. Aliás, tenho que lhe contar que Pearl está evitando lorde Edward a todo custo, pois não consegue mentir para o amigo.

– O que Sua Graça, o duque, pensa de tudo isso, Leonora? Ele acredita que o conde de Douglas me rejeitará?

– Ele fez mais, Eliza. Mandou fazer um levantamento das terras de seu avô. E eu tinha razão. Seu avô Hugh Douglas era o segundo filho do conde de Douglas, mas era

rico, dono de muitas propriedades. Todas estão anexadas às de lorde Davy Douglas, mas elas lhe pertencem de direito. Eu não lhe contei, pois já tem preocupação demais, mas o duque, a meu pedido, contratou um advogado para cuidar do caso.

– Ai meu Deus! Agora mesmo é que o conde de Douglas vai me odiar.

– Talvez sim, talvez não, pois ele teme o duque de Prudhoe.

– Eu não desejo herança alguma, Leonora. Sou grata a tudo que estão fazendo por mim, e até me envergonho do trabalho que estou lhes dando, mas devo dizer ao conde de Douglas que nada quero. Preciso apenas de um canto para ficar para não morrer de frio e de fome. Posso trabalhar, dar aula de música...

– Sim, minha cara. Eu sei que você não é interesseira. Temos que fazer com que lorde Davy e lady Leanah saibam disso. Não temo Leanah, ela é como nós, mas tenho receio do Davy.

A DUQUESA de Prudhoe orientou o cocheiro e a carruagem tomou outro caminho. Pouco tempo depois chegavam a Douglas House. A mansão da época Tudor trazia a imponência da arquitetura barroca. Construída no século dezesseis, era quadrada, com cerca de cento e

setenta pés ao norte e cento e noventa ao sul, e um grande pátio central. Na entrada, uma escadaria de pedras, pesadas e angulares, decorada com quatro torres, levava a um grande salão de tradição medieval, com vista para o pátio. O desenho da frente sul era tipicamente o de uma casa inglesa, com sótãos e telhado de quatro águas. A casa antiga fora passada de um herdeiro para outro, cada um tentando adaptá-la ao estilo de vida do seu tempo, mas sem alterar os fundamentos da sua arquitetura. Dessa forma, a disposição dos aposentos era cheia de irregularidades e os interiores apresentavam uma coleção de diferentes estilos. Em alguns cômodos eram identificáveis com um ou outro período, mas em quase todos os casos eles tinham sido alterados mais frequentemente do que se poderia supor à primeira vista. O então conde de Douglas, Davy, sensível à herança da família, deixara os quartos praticamente intocados, optando por fazer acréscimos em vez de alterar os espaços existentes na casa. Dessa forma, Douglas House transformara-se numa gigantesca construção peculiar de três andares.

Enquanto aguardava o mordomo anunciá-las a lady Leanah, Eliza já não tinha tanta certeza de que fizera a coisa certa. A duquesa tinha-lhe dito que deixasse seu baú e seus demais pertences na carruagem, pois se algo desse errado elas sairiam dali como se tudo não tivesse passado de uma visita de cortesia.

Com um vestido verde lindamente adornado com fitas e rendas e chapéu combinando, presente de Leonora, Eliza torcia nervosamente suas mãos sobre o colo. *Como Lady Leanah me receberá?* Elas não eram íntimas e, para ser franca consigo mesma, ainda sentia ciúmes daquela moça de excepcional beleza.

Lady Leanah não demorou a recebê-las e foi tão cordial que até mesmo a melindrada Eliza acreditou que, de fato, a moça estava genuinamente contente com a visita. Ela as levou por um extenso corredor, cujas laterais eram forradas e equipadas com um piso de mármore colorido, até chegar a uma sala de estar.

O corredor seguia em frente. Eliza notou que levava a uma escadaria lindamente adornada com um carpete vermelho e dourado. Nele estavam afixados os retratos do primeiro ao décimo conde de Douglas e de alguns de seus familiares. Percebendo o olhar de curiosidade da visitante, lady Leanah prontamente as levou para lá. Leonora parecia feliz pelo interesse que a amiga demonstrava pelos Douglas.

Eliza parou em frente a um retrato que prendera sua atenção. Olhava-o admirada.

– De quem é o retrato? – ela perguntou, após alguns minutos de contemplação, apontando para ele.

– É James Douglas, um conde medieval – respondeu lady Leanah. Encorajada pela solicitude da anfitriã, Eliza se mostrou à vontade para perguntar o nome de todos eles

até chegar a George Douglas e a Thomas Douglas, respectivamente o pai e o avô de Leanah. A duquesa sabia o que se passava pela mente de Eliza e por quem ela procurava.

– A família Douglas é pequena, lady Leanah? Nunca ouvi falar de outros além de lorde Davy e da senhorita — perguntou, em seu auxílio.

– Não somos muitos, tem razão, Sua Graça. Meu pai teve um único irmão, mas eu não o conheci. Mas, da parte de minha mãe temos tios, tias e muitos primos — respondeu Leanah, sorrindo com naturalidade.

– Qual o nome do irmão de seu pai? — perguntou-lhe Eliza. Sua voz transmitia ansiedade. Leonora estendeu a mão e tocou-lhe o braço de forma reconfortante.

– Sir Hugh Douglas. Aquele é o retrato dele — respondeu uma voz masculina. Eliza sobressaltou-se e olhou para trás. Lorde Davy sorria para ela. Ele a cumprimentou afavelmente, pegando sua mão e levando-a aos lábios. Fez o mesmo com a duquesa, sempre sorrindo.

– Isso é o que eu chamo de uma manhã maravilhosa, mesmo com todo esse frio — ele disse.

Com a chegada inesperada do conde de Douglas, Eliza acabou não vendo quem era Sir Hugh e não sabia como voltar ao assunto sem levantar suspeitas. Mas estava reconfortada, pois se o retrato de Sir Hugh estava ali na galeria em meio aos outros, certamente não devia ser execrado pela família, como temera. A duquesa,

entretanto, tinha uma ideia para ajudá-la.

– Sempre que vou à galeria de Prudhoe House e olho para aqueles retratos, fico imaginando que uma representação assim – tão belamente retratada por um artista – tem que ter outra função senão a de apenas atender a um capricho de pura vaidade. Penso, e talvez seja uma reflexão pueril, que deva ter outras funções muito mais nobres, embora eu não esteja criticando quem ouse posar para um retratista. Creio que a função mais importante de um retrato seja deixar registrado às futuras gerações as semelhanças físicas entre as pessoas retratadas. Bem, eu sempre procurei, entre todas aquelas pinturas, a herança do atual duque. Sei que isso é ingênuo, mas penso que, quando tivermos filho, os levarei lá para que procurem essas mesmas semelhanças que eu um dia encontrei em cada um daqueles retratos.

– Não acho pueril, Sua Graça. Muito pelo contrário. Só recentemente descobri o retrato do único irmão de meu pai, Sir Hugh, aquele por quem miss Schumacher perguntava – ele respondeu. Pausou por um momento e se voltou para Eliza. – Aliás, precisa me dizer, senhorita, qual o seu interesse em meu tio...

A cor desapareceu totalmente do rosto de Eliza. Leonora socorreu-a mais uma vez.

– Na verdade, lorde Davy, eu é que eu instiguei a curiosidade de minha adorável amiga.

– Bem, isso não importa, deixe-me concluir o que eu

estava dizendo – ele retrucou, apontando para um retrato um pouco distante de onde estavam. As três mulheres seguiram-no. Eliza ficou visivelmente surpresa ao ver o retrato ao qual ele se referia.

– Oh, mas é igualzinho ao senhor, milorde. Por um instante pensei mesmo que fosse Sua Senhoria, lorde Davy – disse ela. Seus olhos estavam embaçados pela emoção.

– Sim, eu também vi semelhanças, miss – repetiu o lorde. – Mas é Sir Hugh Douglas, meu tio.

– Hugh Douglas?

– Isso mesmo! Eu nunca o conheci. Ele e meu pai não se davam bem. Então, somente quando o conde meu pai morreu é que nossa mãe nos contou. Depois de alguns meses, resolvi procurar por ele para lhe contar da morte do seu único irmão e saber por que não se falavam. Afinal, ele era um Douglas. Mas o descobri morto. Foi uma grande decepção na época para mim, pois a condessa minha mãe falou da extrema semelhança que havia entre mim e ele. Daí, eu trouxe seu retrato para cá. Era o mínimo que eu podia fazer em sua memória.

Quando lorde Davy se virou para Eliza, notou que uma lágrima vertia pela face alva de sua interlocutora. Lady Leanah, que até aquele momento se mantivera em silêncio, mais por sua timidez do que por qualquer outra razão, acompanhou o olhar do irmão. Ambos ficaram surpresos e embaraçados. Eliza se perguntou se os ingleses nunca choravam tamanha a aflição com que os dois pareciam

reagir às lágrimas. Em seu país, embora as emoções fossem veladas e algumas até cerradas para bloquear qualquer sentimento, ela era a filha da exceção. O homem que enxergara a vida toda como pai fora um sensível músico e, muitas vezes, ela o vira chorando, embora jamais tenha visto uma lágrima da mãe, inglesa, a despeito da tristeza que sempre via em seus olhos.

Ela pediu desculpas e desconversou. Perguntou de quem era a biblioteca que ela via logo à frente. Lady Leanah parecia ansiosa para sair daquela passional situação e levou-a até lá.

— O conde, isto é, meu irmão transformou a originalmente longa galeria numa biblioteca. Ele é um grande amante dos livros — disse a moça, sorrindo lorde Davy, que, naquele instante, estava circunspecto. Percebendo que o irmão poderia estar mentalmente em qualquer lugar, menos ali prestando atenção na conversa, ela continuou falando da construção para preencher a lacuna causada pelo silêncio.

Eliza, temendo que o nome de Sir Hugh voltasse aos lábios do conde, pois ela teria que contar toda a verdade, visto que não existia outra forma de explicar seu interesse por ele, fez todas as perguntas possíveis sobre a casa.

A mansão possuía mais de cem quartos. Os principais ficavam no segundo andar de frente para o lado sul; a sala de jantar da família estava no canto sudeste. A casa possuía mais três salas de jantar, cada uma mais ricamente

decorada que a outra. Os dois irmãos, Davy e Leanah, usavam uma sala privativa no piso térreo, local no qual também faziam as refeições informais. Encaminharam-se para lá.

A sala de estar amarela ficava ao lado da sala de jantar, diretamente abaixo sala da sala de música, ao lado da sala de bilhar e de uma sala de desenho, que tinha acesso ao jardim através de uma escada externa.

Assim que se sentaram em frente à lareira, lorde Davy se aproximou de Eliza. A duquesa estivera calada a maior parte do tempo, pois percebera a angústia da amiga e, assim, deixava que ela falasse, que se expressasse, para ocupar o tempo e dissipar seu padecimento. O conde, porém, tinha percebido a aflição de Eliza e as tentativas de auxílio de Leonora.

– Miss, estou curioso para saber onde ouviu de Sir Hugh Douglas? – ele perguntou inopinadamente. A pergunta foi direta e não havia como Eliza fugir dela. Ela hesitou por longo tempo, olhou para as mãos sobre o colo, voltou a olhar para o rosto observador e vigilante à sua frente, percebeu que não teria como mentir, nem mesmo omitir, ou inventar qualquer história, pois o conde estava alerta. Finalmente suspirou e revelou:

– Sir Hugh Douglas era meu avô, milorde.

A resposta, imediata e objetiva, pegou todos de surpresa, incluindo ela mesma. Ainda perplexa com sua atitude, olhou para o conde e depois para lady Leanah.

Tentava entender suas reações. A revelação era grave demais e, dada repentinamente, requereu alguns segundos para ser armazenada e processada pelos cérebros Douglas que atingira.

Lady Leanah estava pálida e parecia ter perdido a voz. Lorde Davy foi quem primeiro se manifestou.

— Miss, está me dizendo que é uma Douglas?! Isso não pode ser verdade! Por que nos escondeu isso? — perguntou. Ato contínuo, encontrou uma explicação para desacreditá-la: — Ah, já sei, é uma armação do desgraçado do conde de Northumberland. Lorde Edward está usando você para me tirar alguma coisa. Por certo, aquele cretino está falido.

Acontecia o que a duquesa de Prudhoe tanto temera. O conde de Douglas, imediatamente, pensara na herança. Ela tinha que intervir e rápido.

— Está engando, lorde Davy. Somente recentemente Eliza tomou conhecimento desse fato — disse Leonora, taxativamente.

— É verdade, milorde. Eu soube através de uma carta. Uma bombástica carta de uma irmã de minha mãe, de quem um dia eu ouvi apenas falar quando ainda era criança — Eliza interveio, assustada com a expressão de terror estampada no rosto do conde e a nuvem estranha que notara em seu olhar.

— Quem é a sua mãe, senhorita? — perguntou o conde, com o semblante fechado.

– Chamava-se Izabele Douglas, Sua Senhoria. Ela morreu há pouco tempo.

– Então a tia que lhe contou isso é a outra... Como ela se chama mesmo, senhorita? – ele não completara a frase, mas tanto Eliza quanto Leonora sabiam o que ele queria dizer.

– Elizabeth Douglas, milorde. É assim que ela se chama – respondeu Eliza.

– Douglas, não! Douglas, não! – bradou o conde. Todas as três olharam para ele assustadas.

– É verdade, milorde. Ela, de fato, há muito tempo não usa mais o sobrenome da família – respondeu Eliza. Seus lábios tremiam.

Leonora não contara para Eliza, mas o duque, seu marido, descobrira que lorde Davy havia perdido toda a fortuna que recebera do pai e que mantinha sua pomposa vida de nobre aristocrata graças à herança de Sir Hugh Douglas.

– De todas as surpresas que essa vida me trouxe, nenhuma delas se aproxima dessa em encanto e alegria. Eu perdi um tio e ganhei a mais terna prima. A senhorita não faz ideia da satisfação que me traz. Agora faz parte da nossa família, é uma Douglas, e viverá sob minha proteção – ele declarou, surpreendentemente, de modo solene, e tomou-lhe as mãos, levou-as à boca e as beijou.

Eliza não emitia palavra. Suas emoções eram conflituosas, uma mistura de alegria e receio. Lady

Leanah, aproximou-se dela. E Eliza viu lágrimas nos olhos da prima quando ela lhe disse:

– Em toda a minha vida eu sonhei ter uma irmã. Às vezes, cheguei a inventá-la. Não pode imaginar a minha alegria, minha prima!

Leonora, entretanto, estava apavorada. Temia que tivesse levado Eliza à toca do lobo. Contudo, conteve suas suspeitas. Buscou na bolsa o seu lençinho de seda e levou-o ao rosto, no afã de esconder o medo que se irradiava do seu olhar. Já começava a se recriminar por se ter excedido em ousadia. Estava tremendamente preocupada com o que pudesse acontecer àquela ‘estrangeira’ que ela conhecera havia tão pouco tempo, mas que aprendera a amar, vendo nela, inclusive, um pouco de si mesma no passado.

– Virá morar conosco – afirmou lady Leanah, sorridente.

– Não pode mais ficar em Northumberland House – acrescentou lorde Davy.

– Eliza agora é minha hóspede, lorde Davy. Ela não está mais em Northumberland House – objetou Leonora.

Embora lorde Davy quisesse perguntar a razão dessa mudança de moradia, não o fez. Mas ressaltou para a duquesa que o mais justo era Eliza passar a morar com os parentes dela daí em diante.

Muitas perguntas foram feitas por parte dos irmãos Douglas à nova prima. Todas foram respondidas com

detalhes impactantes. Após algum tempo quase nada era segredo para eles. Entretanto, Eliza continuava temerosa, e olhava para Leonora com olhos suplicantes.

Sua bagagem foi levada para dentro da mansão. Eliza ganhara um quarto que lhe ofereceria todo conforto. As paredes eram em tons pastéis, e o papel que cobria toda a extensão do aposento possuía leves tons de verde-queimado, deixando o ambiente aconchegante e acolhedor.

Já instalada, ela foi até a janela e olhou para baixo. Inevitavelmente, um som escapou-lhe da garganta, um som angustiado. Leonora e Leanah se aproximaram dela rapidamente. Olhando para baixo, a duquesa entendeu o que acontecera. O quarto ficava no terceiro andar. Aproximou-se dela e, com apenas uma troca de olhar, mostrou-lhe que entendera o significado de tudo aquilo, do medo que via nos olhos azuis de Eliza quando uma das mais tristes passagens do passado voltara-lhe à mente.

– Oh, você tem medo de altura! – conjecturou lady Leanah. Eliza nada disse, e a prima lhe prometeu arranjar um quarto no andar inferior.

Depois da primeira refeição em Douglas House, da qual a duquesa também participou, após enviar uma nota particular ao duque, todos voltaram para uma sala privativa para tratar do futuro de Eliza.

Assim que lady Leanah afastou-se para dar uma ordem ao mordomo, e lorde Davy se servia de uma bebida, Leonora disse a Eliza, em particular, que queria que ela

voltasse com ela para Prudhoe House, pois ansiava contar para o duque a reação do conde de Douglas.

Entretanto, ela relutava em ir, pois sabia que lorde Edward, assim que tomasse conhecimento de todo o falatório sobre ela e de sua estada na casa de lady Neville, e de que a duquesa a havia buscado de volta, iria direto para Prudhoe House. Ela não podia mais, nunca mais, encontrá-lo. Ficar em Douglas House também era arriscado, mas ela não tinha escolha. Na verdade, o que mais ansiava era sair logo de Londres, ir para o continente, talvez, pois para Leipzig ela também não podia voltar.

Eliza pediu para falar com Leonora a sós. Lady Leanah atendeu gentilmente; o conde fez o mesmo, mas demonstrando certo melindre.

– O que farei, Leonora? Não posso voltar para Prudhoe House. Não posso correr o risco de vê-lo novamente. Não por causa dele, mas pela minha própria sanidade mental. Estou completamente apaixonado... – ela hesitou. Leonora a incentivou a continuar, segurando-lhe as duas mãos entre as suas. E ela continuou: – Embora eu saiba que ele é meu irmão, meu coração não aceita isso, muito menos meu corpo – desabafou, corando um pouco.

– Eliza, eu e você vimos a reação de lorde Davy. Eu não lhe contei, e peço perdão por isso. Mas ele está falido. A única coisa que os mantêm são os bens que você herdará.

– Mas eu não quero nada, Leonora! Direi isso a ele.

– Se disser, ele desconfiará que você sabe mais do que deveria. A imagem aqui nesta terra, minha querida amiga, vale mais do que a vida. Não posso deixá-la ficar com eles sem antes me aconselhar com meu marido.

– Como convencer meus primos de que preciso voltar para Prudhoe House sem que lorde Davy desconfie?

– Tem razão. Vou deixar você com o conde e lady Leanah e voltar sozinha para Prudhoe House. Na primeira oportunidade deve contar a eles a sua versão da história, minha querida. Dessa forma, uma suspeita de lorde Davy de que lorde Edward estaria tramando contra ele, usando você para tirar o que lhe resta, cairá por terra. Pode aproveitar e dizer que deseja apenas um lugar seguro para se esconder, alimentar-se e não morrer de frio.

LORDE Davy, que havia tomado conhecimento das encomendas dos vestidos feitos à honorável costureira londrina, Mrs. Sanderson, foi ao estabelecimento e comunicou-lhe que os vestidos e a conta de miss Schumacher deveriam ser enviados a Douglas House e não mais a Northumberland House, Isso levou a mulher a levantar um número sem fim de suspeitas e mexericos. Concluía, por fim, que a ‘estrangeira’ não era mais a ‘noiva’ de um Percy e, sim, de um Douglas. A maldosa

especulação, espalhada de boca em boca, ganhou ares de verdade. Em pouco tempo, sem que os três diretamente envolvidos na história se dessem conta, toda Londres sabia disso.

Lady Neville, que pouco depois fora ao estabelecimento com a tia baronesa e lady Patchetts, sua prima, encomendar um vestido, igualmente foi surpreendida, ao saber que seu prometido noivo tinha um compromisso com uma ‘estrangeira’ quase tão deslumbrante quanto lady Leanah, a mais bela de Londres. E mais: as duas beldades agora eram como irmãs, pois o conde de Northumberland havia tomado juízo e cancelado o precoce noivado, já que a tal estrangeira estava noiva, de fato, do conde de Douglas. Pura invencionice, como Harriet tinha certeza. De todo modo, a notícia deixou as damas Patchetts — mãe e filha — visivelmente satisfeitas.

— Jamais devia ter hospedado essa estrangeira, Harriet. Lorde Neville tem que tomar uma providência urgente — disse a baronesa.

— Mamãe! — exclamou lady Patchetts —, eu daria tudo para ver que moça é essa que está causando essa confusão entre estes dois cavalheiros — emendou a lady mais jovem, com indisfarçável ironia.

— Eles sempre estiveram em guerra, tia — ponderou lady Neville.

— Quem, criança?

— Os Percy e os Douglas, tia. Não me admiro que

disputem uma dama – respondeu Harriet.

– Não me parece infeliz com nada desses mexericos, Harriet – comentou lady Patchetts, com ironia.

– Por que deveria estar, prima? Não sou noiva nem de um nem de outro. Lorde Edward é livre para se casar com quem quiser e lorde Davy também. O que me aborrece são as pessoas acharem que têm que me contar todos os passos do conde, e também esse monte de invenções sobre uma criatura tão boa e honesta como miss Schumacher.

– Mas você é prometida a lorde Edward! – disse a prima, mais para ver a reação de Harriet do que por qualquer outra razão.

– Promessas se quebram e essa já foi longe demais.

ENQUANTO as damas de Londres se preparavam para a estação, encomendando seus vestidos e chapéus e toda a sorte de frivolidades, o assunto das conversas era sempre o mesmo: a ‘estrangeira’ e os dois condes — o de Northumberland e o de Douglas.

O baile que daria início à “Temporada de Londres” de 1831 foi marcado para uma quarta-feira, no Almack — como era a tradição da *ton*^[57] —, pelas condessas de Jersey e de Lieven. O convite chegou a Douglas House e nele havia um ‘vale’ para miss Schumacher. Isso deixou Eliza muito surpresa, pois acreditava que sua moradia

ainda fosse desconhecida da ‘sociedade’ londrina.

Eliza sabia também que o Almack era um clube exclusivo da nobreza e da aristocracia. Apesar de se saber uma Douglas, torcia para que aquele assunto ainda não fosse de domínio público.

Não mais encontrara lorde Edward ou qualquer outro da família Percy desde o mês anterior. O que ela sabia sobre o conde de Northumberland, conforme lhe havia contado Leonora, é que ele tinha voltado para Alnwick Castle um dia após ela ter ‘desaparecido’ de Londres rumo ao continente.

Os dias passados com os primos tinham sido bons para que ela conhecesse a história da família da mãe, mas a saudade que Eliza sentia de lorde Edward deixava-lhe tudo sombrio. Sonhava com seu sorriso enviesado, com sua inteligência vivaz, com seus beijos. *Oh, eu não posso mais sonhar com ele dessa forma! Meu Deus! Como fui subestimar esse homem*, ela pensou, então, deixando-se cair sobre um canapé de brocado cor de damasco.

Olhou para os painéis de madeira da sala de Douglas House, com seu teto de afrescos dourados, pintado por algum brilhante artista, mas sua mente vagava para Alnwick Castle, para a estrada circundada por majestosos olmos, da qual a natureza fora o artista — um talento que ninguém, por mais habilidoso que fosse, conseguiria sequer imitar. E era como se ela estivesse vendo a maior criação daquela terra, indo na sua direção, montado em

seu cavalo preto, tão imponente e abrasador. Tais pensamentos eram-lhe uma tortura. Mas Eliza não conseguia repeli-los, por mais que tentasse.

CAPÍTULO XXII

À procura de Eliza – Um conto de amor

“O coração humano tem tesouros ocultos, no segredo mantido, no silêncio selado... os pensamentos, as esperanças, os sonhos, os prazeres... cujo charme se romperia se revelado.”^[58]

Depois de ler todas as cartas, lorde Edward não se deu ao trabalho de subir e trocar a roupa amassada. Só notou que amanhecia quando os brilhantes raios do sol se infiltraram pela grande janela, ofuscando a tênue luz amarelada da vela sobre a mesa. Também não tomou o desjejum. Guardou o maço de cartas no bolso da casaca, chamou Mr. Mercer e pediu seu cavalo arreado. Instantes depois, ele rumava às pressas para Prudhoe House. Era óbvio, ele concluía agora, que a duquesa mentia quando lhe dissera que Eliza tinha ido para o continente. Entretanto, Pearl era seu amigo e ele que tratasse de fazer a esposa falar a verdade.

Quando Mr. Oldenburg abriu a porta, deu um passo para trás repentinamente. Nunca tinha visto lorde Edward daquele jeito. Havia muitos anos trabalhava para a família do duque e, por isso, conhecia o conde desde criança. Tinha por ele um misto de respeito e medo, Hotspur não

tinha aquele nome por acaso. Mas vê-lo desgrenhado, com a barba por fazer, e com o aspecto de várias noites sem dormir foi um choque até mesmo para o velho mordomo.

– Bom dia, Oldenburg! Avise Prudhoe que estou à espera dele na sala... Qual sala está com a lareira acesa? – perguntou enquanto entrava.

– Bom dia, Sua Senhoria! Todas as salas já estão com as lareiras acesas, milorde, mas Sua Graça ainda não desceu. Está dormindo.

– Como, dormindo?!

– São cinco horas da manhã, milorde.

Hotspur tirou o relógio do bolso e conferiu. Murmurou alguma imprecação indecifrável para Mr. Oldenburg e se jogou no sofá da sala amarela.

– Vou esperar aqui.

– Posso mandar servir seu desjejum, milorde? – perguntou Mr. Oldenburg. Intuiu que assim como não havia dormido, Hotspur também não deveria ter comido nada nas últimas horas. Lorde Edward ponderou que seria perda de tempo, e disse que apenas um chá seria bem-vindo.

O duque de Prudhoe, como se previsse uma visita do amigo logo cedo, não demorou a aparecer.

– Bom dia, Hotspur! Eu sabia que viria.

– Sabia?! Por quê? O que a duquesa contou para Sua Graça e que não revelou para mim?

– Ela me contou das cartas. O que continha nelas.

– E lhe disse onde Eliza está? No continente, eu sei que não. Não sou tão obtuso. Sei que nenhum navio saiu de Dover para Calais àquela hora e meu secretário colocou gente vigiando no porto, por lá ela não passou. Portanto, ou ela está escondida aqui, ou foi enviada para outro lugar, porém na Inglaterra – disse Hotspur, visivelmente zangado. Enfiou a mão no bolso, tirou o maço de cartas e a carta de Eliza, e entregou-os ao duque.

– Leia você mesmo!

O duque não respondeu. Afinal, havia prometido a Leonora não revelar o paradeiro da ‘estrangeira’. A duquesa também lhe havia falado sobre o parentesco de Eliza, o que o fizera perder o sono, tendo-se virado de um lado para outro na cama praticamente a noite toda.

Como contar aquilo para o amigo Hotspur? Era óbvio que Edward estava louco de paixão pela ‘estrangeira’. Um dia antes, ele mesmo o incentivara a... Ah, não queria nem pensar na sugestão que dera.

Abriu a carta de Eliza, leu-a. Depois, levantando os olhos sobre a borda do papel, encarou o amigo. Viu um homem feito, extremamente bonito — embora jamais lhe dissesse isso, reconhecia que lorde Edward era realmente muito bonito. Naquele instante, porém, enxergou também um homem nada atraente, com roupas amassadas, cabelos desgrehados... E o pior, com muito ódio nos olhos.

Prudhoe dobrou a carta sem dizer uma palavra e pegou a primeira do maço amarelado. Leu uma após outra. À

medida que lia, entendia o sentimento que vira momentos antes no olhar do amigo.

Algun tempo depois, após amarrar a fita e devolver o embrulho, limpou a garganta e perguntou:

– O que você pretende fazer, meu amigo?

Lorde Edward tinha os olhos fechados, a cabeça entre as mãos, parecia dormir.

– Encontrá-la primeiro. Depois, eu não sei... Talvez ir lá e matar esse miserável — ele finalmente respondeu.

– Deve estar louco – disse Prudhoe.

Precisava urgentemente levar aquela conversa para um rumo distante do cerne da questão. Hotspur achava que o único problema estava relacionado ao sofrido passado de Eliza. Mas Prudhoe sabia que o pior estava por vir.

– Ela deve acreditar que eu não a pediria em casamento por causa daquele maldito. Deve se achar impura, desonrada, sei lá — comentou o conde.

– Mas você não pode pedi-la em casamento. Você está comprometido, lembra-se?

Lorde Edward olhou surpreso para o amigo.

– Eu bebi várias garrafas ontem, mas parece que é você que está fora de si, Prudhoe. Ontem, mesmo, me disse para deixar dessa besteira de só casar com primos e... O que foi mesmo que você me disse? Ah, para deflorar a moça – respondeu. Ele era pura ironia, mas Prudhoe se calou. O que faria para tirar da mente de Edward a ideia de vingança, que, pelo visto, já se tornava

uma obsessão? Enfrentar um assassino, ainda mais num país em guerra, por causa de um amor impossível... Seria suicídio por uma ou por outra razão.

— Eu não vou permitir que viaje para lá. A Prússia e a Áustria estão em guerra. Será morto, se for.

— Impedir-me? Como?!

— Deve voltar para Alnwick Castle — disse o duque. Hotspur refletiu por alguns instantes. Depois, fitou o amigo.

— Ah, então é isso. Ela voltou para a casa de John Baker — retrucou Edward, satisfeito com sua conclusão.

Prudhoe ficou em dúvida se sustentava mais aquela mentira. Pensou por alguns instantes. E se o próprio Hotspur descobrisse a verdade? Mas como plantar a semente da dúvida em sua mente sem trair a confiança de Leonora? Mas, certamente, precisava prepará-lo. A descoberta tinha que ser gradativa. Descobrir a verdade sem estar preparado para enfrentá-la o destruiria. Conhecia bem Edward. Embaixo daquela casca de impetuosidade existia um coração terno, um coração que tinha saído à mãe, a condessa de Northumberland, embora jamais pudesse também dizer isso ao velho amigo.

— Leonora me disse que a miss está à procura de algumas verdades sobre o passado da mãe e da tia. Parece que a mãe dela é daquela região. Uma incrível coincidência, não acha? — ele confirmou, por fim.

Foi o bastante. O conde Hotspur levantou-se num salto.

Andou pela sala de uma ponta a outra. Levou uma mão aos cabelos e os desalinhou ainda mais. Prudhoe ficou pensando quantas vezes aquele mesmo gesto fora repetido durante a noite dado o total desalinho das escuras madeixas do amigo.

– Devia tomar um banho e trocar de roupa – disse-lhe o duque em seguida. Mas o conde não lhe deu ouvidos. Tentava se lembrar de cada palavra das cartas de John Baker e das de Izabele para Elizabeth. Parecia-lhe um verdadeiro quebra-cabeça. E mais: que notícia tinha sido aquela recebida por Eliza em Northumberland House, através de uma carta, que lhe causara tanto desespero? Tinha que ser algo muito grave, pois até então ela havia demonstrado que se entregaria a ele, se ele a quisesse. Lembrou-se dos momentos que passaram juntos, cheios de ardor. Sim, ela estivera à sua mercê. Sentira isso nas batidas de seu coração, no seu olhar, nos beijos, na forma como seu corpo se derretia... Então, o que a fizera fugir dele? Esconder-se, mandar aquela carta estúpida, desviar a sua atenção para seu passado... Mas alguma coisa começava a fazer sentido para ele.

Estou morrendo, mas preciso pedir que cuide dela. Nas cartas entenderá a razão pela qual lhe peço isso. Caso haja alguma dúvida, vá atrás das respostas. Em nome de Deus, não aja imprudentemente.

Izabele D... Elizabeth D...

Querida Beth,

Sei que é estranho começar uma carta pedindo perdão, mas é isso

que meu coração anseia. Eu não sabia! Acredite! Como eu poderia saber que você, que vocês... ai meus Deus! Que você, Beth, o amava? Quando descobri já era muito tarde. O que fiz com você, minha irmã! O que ele fez com nós senão desgraçar nossas vidas?! Estou grávida... sei que vai me criticar, mas casei com Leopold. O que eu podia fazer, Beth?

Sei que já se passaram muitos anos, nem ao menos sei se ainda está viva... Sofri tanto no passado... tenho uma filha, ela se chama Eliza. Se parece com você...

Encontrei aqui em Leipzig o padre Jacob... o nosso querido padre Jacob! Lembramos juntos e choramos a nossa história, pois a dele está ligada à nossa... foi envolvido nisso por aquele que nos destruiu. Não vou escrever o nome dele, pois jurei nunca mais fazê-lo, numa tentativa vã de esquecê-lo, embora eu precise lhe confessar, jamais consegui... destino cruel é esse que permitiu que duas irmãs, que se adoravam, amassem o mesmo homem...

Pedi a Mrs. Mann que a leve até você. Imploro-lhe, Beth, a receba na Inglaterra, conte a ela a nossa triste história, pois eu não tenho mais forças para falar...

– Hotspur, Edward! – o duque gritou, no afã de tirá-lo daquele devaneio. O conde olhava para ele, mas era como se não o visse.

– Preciso ir agora — disse, então, lorde Edward, decididamente.

– Ir para aonde? – Prudhoe gritou, novamente.

– Pare de berrar. Parece louco!

– Você me deixa louco, Hotspur. Para onde vai?

– Alnwick Castle. Foi você mesmo que me aconselhou,

Sua Graça.

ALGUNS dias depois, em Alnwick Castle, o conde Hotspur mergulhava no passado na tentativa de descobrir algum fato que pudesse elucidar o que se passava no presente.

Assim, ordenou a Mrs. Chapman, a governanta, que reunisse a criadagem, pois queria falar com todos. Houve um burburinho, pois ele nunca havia feito semelhante coisa, mal sabia os nomes de todos os servos. Mrs. Dornford, a cozinheira, perguntava-se o que havia de errado com seus pratos para o conde, pois ultimamente eles voltavam intactos. Miss Chapman, a antiga babá e irmã de Mrs. Chapman, nunca o vira daquela forma, apático e bebendo além do limite. Encontrara-o algumas vezes dormindo na sala, com a barba por fazer, e os cabelos desgrehados.

Mr. Dornford, o administrador, tinha-o procurado, pois algumas famílias estavam com problemas nos telhados das casas. Antes, o próprio conde teria ido conversar e até ajudar no conserto, coisa que seu antecessor jamais faria. Entretanto, dessa vez, Hotspur pediu que tratasse do assunto com seu secretário, pois estava indisposto. O administrador não suportava Mr. Kaufmann, *aquele inútil fazedor de discursos*.

Mr. Mercer havia ficado em Londres atendendo lorde Robert e Mr. Wilbur, que o conde tinha dispensado, pois mal trocava de roupa, estava em Hexhamshire, na casa da irmã. Ambos, assim, não participariam da inédita reunião geral. Os criados mais jovens também foram dispensados, já que o conde somente queria conversar com aqueles que tinham trabalhado para seu pai e com aqueles cujas famílias serviam aos Percy Northumberland havia gerações.

Quando o conde chegou, todos o olharam visivelmente temerosos. Cada um se perguntava o que poderia ter feito de errado. Sempre serviram àquela família com todo zelo. Gostavam do atual conde, pois era infinitamente melhor que o pai: mais atencioso e educado. E se errara alguma vez, tudo bem. *Qual jovem da nobreza já não errou?* — justificava-o a solteirona miss Chapman, que cuidara dele desde bebê e tinha por ele um carinho maternal. Desde criança ele fora um garoto inteligente, corajoso, porém terno. Jamais maltratava os animais e quando rapaz passara a detestar o “doze de agosto”^[59], o início da temporada de caça da perdiz vermelha, quando o oitavo conde de Northumberland enchia Alnwick Castle com seus amigos de Londres para beber, caçar e dormir com suas amantes bem embaixo do nariz da condessa.

Lorde Edward começou perguntando quem ali havia trabalhado para seus pais ou conhecia alguma história de sua família. Os criados olharam uns para os outros, pois

todos já tinham ouvido muitos comentários sobre os Percy. – Não quero saber de mexericos que vocês ouviram, mas gostaria de fazer algumas perguntas àqueles que sabem de algum fato – disse ele, de forma taxativa. Todos os olhinhos medrosos se voltaram para Mrs. Chapman. O conde acompanhou aqueles olhares silenciosos.

– Mrs. Chapman. É a mais antiga aqui, não é?

– Sim, milorde. Mr. Mercer, também. Nós dois somos da época da condessa e de Sua Senhoria, seu pai – respondeu a governanta.

– Então os demais estão dispensados – disse o conde.

Quando todos os criados tinham saído, lorde Edward convidou-a a se sentar em frente à lareira, pediu a ela que solicitasse um chá para eles.

– Há quanto tempo exatamente está em nossa família, Mrs. Chapman? — ele perguntou, logo depois, enquanto ela o servia.

– Sempre estive aqui, milorde. Minha mãe foi governanta e meu pai sempre trabalhou em Alnwick Castle. Comecei como leiteira, depois passei a ajudante de cozinha, depois à copeira, depois à ama de Sua Senhoria, a condessa de Northumberland, até chegar à governanta. A minha família sempre trabalhou para a sua, é um orgulho para nós servi-los – ela respondeu, sem bajulação, o que agradou lorde Edward.

– Então, se alguém aqui sabe de fatos antigos sobre a

minha família, essa pessoa deve ser a senhora. Portanto, quero que me conte tudo o que sabe. Consegue me compreender, Mrs. Chapman?

Os olhinhos pequenos e incrustados em grossa carne disseram que sim e ela estremeceu levemente. O conde percebeu que ela sabia algo que ele desconhecia. Mrs. Chapman pareceu buscar na memória alguma coisa, ou uma forma de dar início ao seu relato.

– O que deseja saber especificamente, milorde?

– Tudo. Conte-me tudo que já ouviu sobre os Percy Northumberland.

Dizem que se catando seixos podem-se fazer castelos. E foi assim que a governanta buscou na memória fragmentos de tudo o que ouvira durante toda a sua vida para formar uma história compreensível ao conde, seu senhor.

– Sua Senhoria já ouviu falar em Mr. Derrick e no conde de Douglas? – perguntou a governanta.

– No conde de Douglas, sim – respondeu ele, aborrecido. A simples menção do nome daquela família o incomodava demais.

– Talvez Sua Senhoria não goste do que eu vou dizer, mas os Percy Northumberland e os Douglas nem sempre estiveram em lados opostos. No século quinze guerrearam lado a lado contra o rei Henry. Eram aliados e não inimigos.

O conde não gostou de ouvir aquilo. Sabia daquela

rebelião contra o rei Henry IV, quando os Percy estavam descontentes com seu reinado, mas nunca ouvira que um Douglas lutara ao lado de sua família. O que ele sabia fora contado pela própria mãe numa versão romântica, pois a condessa tinha uma alma poética e ele a amava por isso. Ela lhe relatara que o conde Hotspur tinha-se tornado poderoso no norte da Inglaterra, que era respeitado e temido até pelo rei, que temia ter o trono usurpado, pois Sir Percy — que não temia nada nem ninguém — conseguia formar um exército muito maior do que o dele. Certa vez, mandara um recado direto a Henry IV dizendo que se ele não enviasse imediatamente o salário dos soldados que defendiam a fronteira com a Escócia iria buscá-lo pessoalmente. O rei prontamente atendera ao pedido.

A guerra se tornaria inevitável, pois era crescente o descontentamento do conde Hotspur de outrora com o soberano inglês. O estopim para a rebelião foi a exigência de que fossem enviados para Londres os prisioneiros escoceses então sob a proteção de Sir Percy. Estimulado por uma fúria que se apossara dele após a morte de sua condessa, no verão de 1403, o conde de Northumberland deflagraria o confronto contra o tirânico Henry IV. Entretanto, o próprio Hotspur seria morto na batalha. A lenda dava conta que ele fora atingido no rosto por uma flecha quando abrisse a viseira para olhar alguma coisa à sua frente. Seus escudeiros o ouviram gritar o nome da

condessa que havia morrido havia apenas alguns dias. E mais: o próprio rei teria chorado sobre seu corpo, pois, embora o temesse, respeitava o guerreiro corajoso que ele era.

Mrs. Chapman iniciou seu relato, trazendo-o de volta à realidade.

– Certa época, a condessa sua mãe queria descobrir alguma coisa sobre alguém chamado Mr. Derrick. Nós estávamos em *Border Peace Park*, em Hampshire. Lorde Robert tinha descoberto que a propriedade estava à venda e o conde seu pai havia autorizado a compra para trazê-la novamente para o patrimônio da família. Eu havia contado à sua mãe o que minha avó contava, isto é, que seu avô contou para ela. Era a história de que no passado, não se tinha como saber exatamente quando, Sir Percy e uma Douglas haviam morado próximo ao lago. Sua mãe, então, quis investigar o sótão de uma velha cabana há muito existente lá. A condessa era jovem e impetuosa, nada a segurava quando colocava uma coisa na cabeça. A tal casa estava abandonada havia tantos anos, como eu lhe disse, que estava caindo aos pedaços. O mato já havia tomado conta de tudo, mas sua mãe, mesmo assim, quis ir lá.

A governanta, vendo-o cada vez mais atento, continuou:

– Na realidade, a cabana estava meio escondida, não era caminho para ninguém e as pessoas acabaram esquecendo-se dela. Mas a condessa me disse: “Vou

arranjar um modo de subir até lá”. E logo ela mandou chamar o rapaz Mercer, que naquela época era lacaio. Ele arrumou uma escada e colocou-a próximo à pequena porta que dava acesso ao sótão. Subiu, a condessa ficou embaixo. “Está muito escuro aqui”, Mercer falou. “Temos que arranjar uma vela”, a condessa me pediu e eu fui buscar. No sótão tinha muita coisa estragada, era uma tralha só, mas havia também alguns móveis bem antigos, já quebrados, e dentro de uma espécie de criado-mudo ela encontrou algo muito especial: uma caixinha de madeira muito antiga, mas feita de madeira boa, daquelas que nunca se estragam. Lembro-me da condessa com essa caixinha nas mãos, tremendo. Ela colocou-a no chão e, com cuidado, remexeu no seu conteúdo. Não eram joias, nada disso, mas objetos pessoais de alguém, de inestimável valor, com certeza. A condessa me entregou essa caixa, sempre a guardei comigo, não sabia por que, mas agora sei. Posso ir buscá-la, milorde?

– Sim, Mrs. Chapman. Vá rápido, por favor!

O conde não demonstrava muito interesse naquela história, pois queria perguntar logo a Mrs. Chapman se ela sabia de algo sobre alguma Izabele, sobre duas irmãs que tinham vivido naquela região. Mas não podia interromper o fluxo das lembranças da velha governanta. Logo ela voltou com uma caixa de madeira, de cerca de vinte centímetros, e entregou-lhe como se tivesse lhe entregando uma relíquia. O conde abriu-a com muito cuidado,

lembrando-se de que havia muitos anos sua mãe fizera o mesmo. Dentro dela havia uma miniatura feita à mão de uma mulher adulta, porém linda, e uma minúscula pintura, na verdade um retrato a óleo de uns quinze centímetros, de uma moça belíssima.

Imediatamente, lorde Edward concluiu que se tratava de miss Evans. Sentou-se com a pintura nas mãos, olhando-a com reverência. A moça por quem Sir Percy Hotspur dera a vida... Como era linda! Seu olhar possuía um forte magnetismo. Era difícil tirar os olhos do retrato.

Mrs. Chapman pediu para que ele virasse a pintura e olhasse no verso, mas estranhamente ele relutava. Finalmente olhou. Numa letra redonda e minúscula, quase ilegível, viu escrito: “De Miss Evans para Sir Percy”. O conde olhou para a governanta, mas ela nada disse. Apenas pegou no fundo da caixa um velino^[60] e entregou-o a ele. O conde o desenrolou. Tinha algumas partes borradas, dando a impressão de que algum dia tinha sido molhado, talvez por lágrimas, pois eram pingos e as letras estavam quase ilegíveis.

“Para filha Miss Evans os objetos de sua mãe, a minha amada Mhairi. As alianças do seu casamento com Henry Howard. Quis te contar ... dia, mas tive medo... .. apenas uma criança. Depois... todos os anos que passei aqui ajudando Sir Percy com ... nunca tive... A vida tanto a fazer. ... doce Miss Evans, quando olho... .. vejo a... Mhairi. ... seu pai. Durante a minha vida toda ... que seu pai ... Henry Howard. ... vim para cá para... .. Larguei... .. Newcastle. ... com você percebi que... seu pai. Sempre amarei... .. Mhairi... .. e a você que é... filha... de

Henry Howard. Mhairi... sempre amou Henry Howard e não Sir Evans. Eu era um amigo... ela. Triste sem Henry Howard... casada com... Evans... se deitou... e você nasceu... ela morreu... parto.

Sempre seu, Mr. Derrick.”

Lorde Edward olhava para Mrs. Chapman com o pergaminho nas mãos sem entender nada.

– É do tal Mr. Derrick para miss Evans, a segunda condessa de Northumberland. Ela se casou com Sir Percy Hotspur. Minha mãe adorava contar essa história para mim, mas não entendi nada dessa mensagem — ele ponderou.

– Meu avô me contou que o povo dizia que Sir Percy e Miss Evans eram irmãos e, mesmo assim, eles se casaram — disse Mrs. Chapman, constrangida.

– Então eles eram irmãos mesmo? Isso não é uma lenda? — perguntou lorde Edward. Empalidecera repentinamente.

– Sim. Sua mãe concluiu que Mhairi, a mulher do desenho a lápis, deve ser a mãe de Miss Evans. Observe que elas são muito parecidas.

Lorde Edward analisou o antigo desenho e a pintura. Depois voltou sua atenção ao pergaminho.

– Que confuso isso aqui, Mrs. Chapman. Não dá para saber quem foi o pai de Miss Evans. Se o tal do Mr. Derrick ou Henry Howard. Henry Howard, na verdade, foi o primeiro conde de Northumberland. Há um retrato dele em nossa galeria, em Londres. Mas, pelo que diz a

nota, o pai dela é mesmo um Percy – ele concluiu. Sentou-se novamente, pensativo. Mas logo prosseguiu: – Aqui diz que miss Evans era filha de Henry Howard Percy. Então, o que o povo falava era verdade, eles eram irmãos, Mrs. Chapman! Esse Sir Percy Hotspur mereceu o nome que lhe deram.

– Sim, milorde, o chamavam de Hotspur como chamam Sua Senhoria – ela respondeu. Corou imediatamente.

– Mas eu jamais me casaria com uma irmã – advertiu-a lorde Edward, com visível desprezo por tal tipo de união.

– Sua Senhoria, acho que posso lhe chamar de meu filho, pois o vi crescer... Lembro-me de ter escutado da própria condessa sua mãe o que vou lhe dizer: “Às vezes, a vida nos aplica lições para nos ensinar a nunca dizer jamais. Ninguém conhece o que se passa na mente e no coração do outro, nem nós mesmos sabemos que reação teremos diante das insondáveis surpresas dessa vida. Não nos conhecemos, meu filho. Mudamos o tempo todo, a vida nos muda, por isso é impossível nos conhecermos por completo”. O conde de hoje não será o mesmo de amanhã, como foi diferente do de ontem. Tenho certeza que se Sir Percy pudesse escolher não teria se casado com sua irmã, se de fato miss Evans era sua irmã por parte de pai.

– Tem razão, Mrs. Chapman. Fui um imbecil, aliás, ultimamente, me desconheço completamente. Sinto falta da minha mãe. Ela foi uma mulher sábia, embora não se

preocupasse muito com o que pensavam delas. Estava certa. Ela acreditava mesmo que Sir Percy e miss Evans eram irmãos?

– Sim, ela acreditava. Mas, na verdade, o bilhete não diz isso claramente, milorde. Lembro-me de que a condessa passou horas tentando decifrá-lo também, pois, como Sua Senhoria pode ver, está muito borrado. No início ela acreditou que o pai de miss Evans fosse Mr. Derrick. Olha aqui no início da nota! Se milorde completar esses dois borrados aqui com “minha querida”, o tal Mr. Derrick fica sendo o pai: *“Para minha querida filha Miss Evans os objetos de sua mãe, a minha amada Mhairi”* – disse a governanta. Mas, sua mãe logo mudou de ideia, pois se Sua Senhoria completar estes dois últimos borrões aqui com “a” e “bastarda”, tem-se: *“Para a bastarda filha Miss Evans os objetos de sua mãe, a minha amada Mhairi”*. Nesse caso, o pai passa a ser Henry Howard.

– E era nisso que minha mãe acreditava...

– Sim, milorde. E era o que o povo dizia. Mas como a condessa concluiu, embora tendesse a acreditar na consanguinidade de Percy Hotspur e miss Evans, nunca saberemos a verdade. Tanto Mr. Derrick quanto Sua Senhoria, Henry Howard, o primeiro conde de Northumberland, podem ter sido o pai da moça.

– Mrs. Chapman, quem mais sabe dessa caixa?

– Mr. Mercer. Na verdade, a família de Mr. Mercer

está há mais tempo que a minha com os Percy Northumberland. Creio que ele pode saber de algum detalhe que lhe interesse, milorde. Sua mãe conversava muito com ele depois que ela achou essa caixa.

– Vou para Londres. Vou ficar com isso, Mrs. Chapman – disse ele para a governanta.

– Claro, milorde. Ela lhe pertence. Era de sua mãe.

– Mrs. Chapman, tenho outra pergunta a lhe fazer: a senhora conheceu duas irmãs que moraram nesta região? Seus nomes eram Izabele e Elizabeth.

Mrs. Chapman empalideceu e logo, como ele a olhava nos olhos, enrubesceu totalmente. O conde soube, naquele exato momento, que ela havia conhecido as duas e que, de alguma forma, Izabele e Elizabeth estavam ligadas à história de sua família. Ele estremeceu ao pensar nisso. Ela baixou o olhar e concordou com um gesto de cabeça.

– Preciso que me conte tudo o que sabe sobre elas, Mrs. Chapman – ele disse. A governanta sentiu um leve tremor na voz dele.

Mrs. Chapman hesitou, remexeu-se no seu assento desconfortavelmente, mas quando ergueu o olhar se deparou com um par de olhos verdes inquisidores, inteligentes. E entendeu que o conde Hotspur não permitiria que ela saísse dali sem lhe dar uma resposta.

– Lady Izabele e lady Elizabeth moravam na fronteira sul da Escócia. O conde, seu pai, bem... Ele e lady Izabele se gostavam. A irmã dela também gostava dele e fugiu de

casa por causa dele.

– Fugiu de casa por causa do conde? Meu pai? – ele questionou, perplexo. Tinha certeza de que a governanta estava tentando lhe esconder alguma coisa.

– Sim, o conde, seu pai, rejeitou-a, isto é, rejeitou lady Elizabeth e... – Mrs. Chapman começou uma tosse nervosa, mas lorde Edward não desistiu. Ofereceu-lhe chá e aguardou com relativa calma.

– E, então?!... – ele insistiu quando percebeu que ela já estava melhor.

– O conde estava ‘noivo’, isto é, tinha sido prometido anteriormente pelo pai dele, o seu avô, meu filho, à lady Neville. Mas, ele não queria se casar com ela. Na verdade, Margareth Neville, a sua mãe, era prima dele... — ela explicou, quase em pânico.

– Deixe-me ajudar a senhora, Mrs. Chapman. O conde amava uma das irmãs, Izabele ou Elizabeth, mas foi obrigado a cumprir a palavra de honra dada pelo pai e se casou com lady Neville. É isso?

A governanta ruborizou novamente até a raiz dos seus brancos cabelos.

– Dizem que Sua Senhoria, seu pai, amava lady Izabele Douglas.

– Douglas?! Douglas? Maldição! – ele gritou, pondo-se de pé num salto. Seu grito foi um urro de guerra. Mrs. Chapman tremia, pálida, e olhava para o homem à sua frente, também pálido.

– Maldito Prudhoe! Ele sabia, ele sabia! – praguejou. Chutou uma cadeira à sua frente com tanta força que ela voou sobre uma mesa, estilhaçando um antiquíssimo jarro que estava na família havia gerações. Mrs. Chapman estava horrorizada pela perda da relíquia, mas Hotspur pouco se importava. O que estava se quebrando era seu mundo.

A governanta não sabia como reagir, levantava e tornava a se sentar, e contorcia nervosamente as rechonchudas mãos sobre o colo. Por que teve que ser logo ela a pessoa a revelar aquela história para o ‘novo conde’, como ela passara chamar Edward após a morte de pai dele? Haviam-se passado tantos anos, ela ainda era uma mocinha na época, mas a história corria de boca em boca pelo condado. Todos sabiam do drama das duas mocinhas Douglas. Finalmente, depois de vários minutos, ele se acalmou e voltou a se sentar diante dela.

– A senhora sabe alguma coisa sobre uma filha bastarda de meu pai com essa lady Douglas, Mrs. Chapman?

A mulher negou veementemente com a cabeça.

– Nunca ouvi falar nada sobre isso, milorde — ela disse.

– Mrs. Chapman, a condessa minha mãe sabia de lady Izabele?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

– Alguma vez a senhora os ouviu conversando sobre

isso ou ela se queixando com alguém? Minha mãe foi feliz com o conde? Qualquer coisa que souber sobre isso, sobre ela, me interessa muito.

Mas Mrs. Chapman estava visivelmente constrangida. Ruborizou novamente, enquanto murmurava algumas palavras ininteligíveis. O conde entendeu que a condessa sua mãe sempre soubera de lady Izabele. Ninguém nunca a ouvira se queixando, mas parecia-lhe evidente que ela nunca fora feliz no casamento. Intuiu que devia haver alguma coisa a mais que Mrs. Chapman, por lealdade à antiga senhora, jamais contaria a ele.

Dispensou a aturdida governanta, que lhe dirigiu um olhar grato. Hotspur, apesar de todo o seu sofrimento pessoal e de toda raiva dirigida ao mundo, naquele instante sentiu pena da velha serviçal. Admirou a sua fidelidade à antiga condessa, sua mãe, o seu constrangimento em falar do antigo conde, seu pai. Quanto a este, sempre soubera que fora um perdulário e que nunca amara a esposa. Mas, nem por isso, se sentia no direito de julgá-lo.

ASSIM que a carruagem parou em frente à Northumberland House, Mr. Mercer foi receber o conde, apressadamente. Tinha de informá-lo que lorde Neville, o pai de sua 'noiva' Harriet, o estava aguardando.

– Mas como meu tio sabia da minha chegada? Não avisei a ninguém que estava voltando para Londres.

– Não sei, milorde. Sua Senhoria, o barão, acabou de chegar e está com lorde Robert na sala azul.

– Obrigado, Mr. Mercer. Vou receber lorde Neville e em seguida gostaria de conversar com o senhor.

O serviçal já ia saindo quando lorde Edward o chamou: – Mr. Mercer. Há quanto tempo trabalha para nós?

O mordomo levou um susto, olhou para o conde, e disse, hesitante:

– Fiz alguma coisa errada, milorde?

– Meu Deus! Não, Mr. Mercer. Quero apenas conversar sobre o passado.

– A vida toda, senhor. Minha família trabalha para a família Percy Northumberland desde a Idade Média.

– Muito bom! Então terá as respostas que procuro. Tem vergonha em falar de infidelidade, Mr. Mercer? Não vai ruborizar também – advertiu-o, rindo. Seu riso, contudo, era amargo.

– Infidelidade de quem, milorde?

– Minha é que não é, Mr. Mercer. Depois conversaremos – ele encerrou o assunto, encaminhando-se para a sala azul.

Uma hora mais tarde lorde Neville saía da sala azul acompanhado pelo conde. O barão não estava zangado, mas também não parecia nada satisfeito. O que tinham

conversado ficara restrito a eles, pois lorde Robert saíra da casa assim que o irmão entrara. Mr. Mercer acompanhou lorde Neville até a porta de saída. Entregou-lhe a capa e o chapéu e depois foi para escritório da mansão, onde o conde o aguardava.

Lorde Edward não fez qualquer preâmbulo.

– Conhece esta caixa, não é Mr. Mercer? – disse, secamente, enquanto a entregava e convidava o velho mordomo a se sentar com ele em frente à lareira. O serviçal hesitou, mas o conde ordenou que se sentasse. Mr. Mercer analisava a situação em silêncio, como se estivesse tomando alguma decisão muito importante.

– Mr. Mercer! – disse lorde Edward, educadamente. O mordomo o olhou, com afeto, pois o vira crescer e gostava dele, apesar de seus rompantes. Estavam sentados lado a lado como iguais. – O que o senhor sabe sobre essas pessoas?

– Meu Senhor! O que eu sei são apenas conversas passadas de boca em boca nos corredores pelos criados desta família, de uma geração para outra. Milorde sabe como são essas coisas, podem ser verdade, mas têm uma grande chance de não ser.

– Não tem importância, Mr. Mercer. É a história da minha família e eu quero saber o que se comenta nos corredores de Alnwick Castle.

O mordomo respirou fundo. Levantou-se e caminhou lentamente até a janela, olhou para os jardins de

Northumberland House, tão bem cuidados. Depois se sentou novamente. Suspirava profundamente como se com todo aquele ritual acordasse sua velha memória.

– A minha avó trabalhou para o seu tataravô, meu senhor, em Alnwick Castle. Era serva. Ela contava que uma antepassada dela fora ama de Sir Henry Percy, pois a mãe dele tinha morrido no parto. O conde, pai de Sir Percy, se chamava Henry Howard. Depois de muitos anos viúvo ele se casou novamente e veio lorde Ralph. A segunda esposa do conde era prima dele. Só que falavam que o conde nunca amara nenhuma delas, nem a primeira nem esta última. Ele amava, mesmo, era uma linda serva escocesa chamada Mhairi – contou Mr. Mercer. Nessa hora apontou para o desenho. E continuou: – Essa Mhairi havia sido ‘roubada’ na Escócia quando tinha 14 anos, pelo pai de Sir Evans. O velho a queria para si, mas a mulher dele vigiava a menina dia e noite. Acredita-se que o homem não conseguiu molestá-la. Quando a moça completou 16 anos, ela se apaixonou por Sir Henry Howard e ele por ela. Naquela época o lorde ainda não era conde. Ocorre que Sir Evans também gostava da moça e a tomou por esposa...

– Sir Evans! – repetiu lorde Edward.

– Sim. Sir Evans. Conta-se que essa Mhairi e Henry Howard, antes do casamento, encontraram-se numa gruta, perto de onde é hoje *Border Peace Park*, em Hampshire, no meio da mata e passaram dias por lá. Essa gruta hoje

está nas terras de lorde Robert. Minha mãe contava que Mhairi foi obrigada a se casar e a deitar-se com Sir Evans. Dizia que ele judiava dela e que ela o odiava. Talvez porque ela não mais fosse ‘pura’ quando se casou com ele. Lorde Edward escutava em silêncio. Tinha os braços cruzados sobre o peito e as longas pernas estendidas. Mr. Mercer, sentado na ponta de uma poltrona de espaldar alto, parecia precisar de grandes intervalos para recordar ou selecionar o que devia ou não contar para o conde. Separar o que era verdade, na opinião dele, do que era apenas mexerico.

O mordomo continuou:

– Logo depois que Mhairi se casou com Sir Evans, o conde Henry Howard também se casou novamente. Conta-se que Mhairi chegou a ficar doente. Por outro lado, Sir Evans estava cada vez mais violento. Para fugir do marido, ela ia para a mercearia do vilarejo, onde podia entrar sem levantar suspeita. O filho do dono dessa venda tinha bela aparência, era bondoso e educado. Adulto, passaria a ser chamado de Mr. Derrick.

– O Mr. Derrick que morou em Alnwick?... – Lorde Edward interrompeu-o, surpreso.

– Ele mesmo. O povo falava que ele e Mhairi dormiam juntos atrás da mercearia. O que se sabe é que esse Mr. Derrick amava Mhairi e nunca se casou por causa dela. O povo fala demais, milorde. Eu mesmo não acredito que ela se deitou com Mr. Derrick, pois ela amava de verdade

o conde Henry Howard. O que sei foi que Mhairi engravidou e teve uma filha. De quem, exatamente... E morreu durante o parto.

Lorde Edward suspirou. Mr. Mercer olhou para ele. O conde fez um sinal para que ele prosseguisse.

– Fala-se que a menina, miss Evans, foi criada por uma tia, irmã de Sir Evans, aqui em Londres. Que o pai não queria nem olhar para a criança. Quando ela completou 17 anos, a marquesa tia morreu e miss Evans voltou para o norte levada à força pelo pai. Parece que ela e a nova lady Evans não se davam bem. Sir Evans havia se casado com uma prima e estava forçando a filha a casar com outro primo, o conde de Douglas. James era o nome dele... – disse o mordomo. Ao ouvir tal nome, lorde Edward redobrou a atenção.

– Diziam que essa miss Evans era obstinada e terrível. Ela não queria o Douglas e, sim, Sir Henry Percy, o tal Hotspur, que conhecera assim que chegou a Alnwick. O que falavam de miss Evans era que era uma dama moderna para seu tempo. Que armou tudo e que se deitou com Sir Percy, mesmo sabendo que poderiam ser irmãos. A minha própria avó contou para minha mãe que Sir Percy não fazia ideia de que poderia ser irmão de miss Evans, senão ele jamais teria se deitado com ela. Mas eu tenho minhas dúvidas, a moça era danada de bonita... – ponderou Mr. Mercer. O conde riu da conclusão da fala. Ele também tinha suas dúvidas, pois miss Evans era, de

fato, uma perda. Ele olhou novamente para a pequena pintura.

— Mas, afinal, eles eram ou não eram irmãos, Mr. Mercer? O que o senhor acha? — perguntou.

Mas Mr. Mercer não respondeu e continuou:

— Da mesma forma como aconteceu com o conde Henry Howard e Mhairi, lorde Henry Percy levou miss Evans para a mesma gruta. Alguns anos depois, quando o primeiro conde de Northumberland morreu, houve um acordo entre a Escócia e a Inglaterra, e os Percy e os Douglas fizeram uma aliança de paz, que durou certo tempo. O novo conde até teria escondido um Douglas em suas terras. Miss Evans e o conde Hotspur — como Sir Henry Percy também era conhecido em toda a Europa — ficaram casados por vinte anos. Ela morreu e ele morreu em seguida naquela rebelião em que as duas famílias se uniram contra o rei — concluiu o mordomo.

Ante o olhar ainda inquisitivo de Edward, completou:

— Nas gerações passadas dos Percy, as mulheres tinham um único filho e morriam. Mas o povo falava que era uma maldição que caiu sobre a família quando um irmão se casou com outro. Mas nada nunca foi provado. Sir Henry Percy e miss Evans podem não ter sido irmãos. Essa nota comprova isso, não? — disse, apontando para a mensagem escrita que tirara da caixa. — Mr. Derrick pode ter sido realmente o pai de miss Evans, apesar de eu mesmo não acreditar nisso. Mas, essa é a opinião de um

simples e velho mordomo.

Houve um minuto de silêncio. Os dois refletiam sobre toda aquela história. Repentinamente, o conde fez-lhe também a pergunta que fizera à governanta em Alnwick.

– Mr. Mercer. O que o senhor sabe sobre lady Izabele Douglas?

– Lady Izabele era uma linda jovem. Ela me lembra muito essa ‘estrangeira’ que o senhor... – ele parou e olhou para o conde. – Quando vi essa moça pela primeira vez fiquei até assustado: os mesmos olhos azuis, a mesma forma de olhar... – olhou novamente para o patrão. Como Edward mantinha-se calado, ele continuou: – O conde, seu pai, amava lady Izabele. E ela o amava. Uma pena... Mas qual nobre se casa por amor, milorde?

– Mr. Mercer, o senhor sabe alguma coisa sobre o filho ou a filha que o conde teve com essa lady Izabele?

– O que sei foi que o conde de Douglas cortou relações com o filho, Sir Hugh Douglas, o pai das duas moças, quando uma delas virou cortesã. Fala-se que ela fez isso porque foi desonrada pelo pai de Sua senhoria.

– Qual delas, Mr. Mercer? Lady Izabele ou lady Elizabeth?

– As duas irmãs gostavam dele. O conde era um homem poderoso, as damas o queriam, mas ele amava a mais velha, lady Izabele. Mas lady Elizabeth, a mais nova, também era louca por ele. Era ordinária e o enganou.

– Enganou?! Como?!

– Ela interceptou uma nota de lady Izabele para o conde e mudou o lugar do encontro com ele. Vestiu as roupas da irmã, usou seu perfume, e foi no lugar dela. Estava escuro. O conde acabou descobrindo tudo... Só que já era tarde, ele já a tinha deflorado. Nessa vez ele não teve culpa — revelou o mordomo. — Apenas nessa vez — ele enfatizou. Lorde Edward, em meio à amargura que sentia, riu da observação.

– Como o senhor sabe disso, Mr. Mercer?

– Eu era o cocheiro dele, meu senhor. Os cocheiros sabem de quase tudo, milorde. Fingimo-nos de surdos, mas não somos. Eu levei o conde até o encontro. Fiquei esperando e ouvi tudo quando voltaram. Lady Elizabeth gritava e chorava, mas o conde disse que amava lady Izabele.

– Então, por que ele não se casou com lady Izabele? — perguntou o conde, rispidamente.

– Por dois simples motivos, milorde: os Percy Northumberland e os Douglas já eram novamente inimigos; e, depois, ele era noivo da prima Margareth Neville, a mãe de Sua Senhoria.

– Mr. Mercer, e a bastarda? O que o senhor sabe sobre isso?

– Não sei se foi bastardo ou bastarda, milorde. O que sei é que lady Izabele estava grávida, mas descobriu no dia do casamento do conde com lady Neville. Ela tentou falar com ele, mas lorde Neville fez de tudo e não deixou

que encontrasse o conde, o pai de Sua Senhora, até depois da cerimônia. Aí lady Izabele acabou se casando com o seu professor de música, um alemão-prussiano.

Mr. Mercer arregalou os olhos para lorde Edward, mas o conde virou o rosto para esconder sua expressão. O mordomo queria perguntar o que se passava com ele naquele instante, mas calou-se. Estava novamente diante do altivo conde de Northumberland, o temido conde Hotspur. Ele voltava a ser simplesmente o velho mordomo.

O olhar de lorde Edward era amargurado. Mr. Mercer notara que seu senhor estava abatido e envelhecido. Os sulcos ao redor da boca estavam mais proeminentes e as linhas ao redor dos olhos tinham ficado mais profundas.

O conde mantinha-se em silêncio olhando para a velha caixa de madeira. De repente, com furor, arremessou-a contra a parede. A caixa se espatifou. Mr. Mercer, já acostumado a rompantes como aquele, logo se pôs a recolher os cacos e o conteúdo da caixa.

Abruptamente, o mordomo parou. Segurava um pedaço de papel. O conde percebeu sua hesitação. E notou que o velho servo intencionava colocar algo no bolso, discretamente.

— O que tem aí, Mr. Mercer? O que o senhor está tentando esconder de mim? — ele perguntou na hora. Lorde Edward falava mansamente, mas o som da sua voz era imperioso. O mordomo levantou-se devagar e entregou o

papel, dobrado várias vezes, nas mãos do conde.

Lorde Edward tinha certeza de que não vira aquele papel quando examinara o conteúdo da caixa com sua governanta, mas, decerto, estivera ali o tempo todo. Ele o abriu e começou a ler. Logo, porém, sentou-se, visivelmente surpreso.

— O que é isso, Mr. Mercer? Quem é este lorde D---?

O mordomo sentou-se também, emitindo um longo suspiro de derrota.

— É um cavalheiro que se hospedou certa vez em Alnwick Castle, milorde.

— Mas é uma carta de amor para Margaret Neville, a condessa de Northumberland, minha mãe!

— É o que parece, milorde.

— O que sabe sobre esse cavalheiro que assina lorde D---? — perguntou-lhe. O mordomo contorceu as mãos nervosamente. O conde insistiu: — Deve-me a sua lealdade, Mr. Mercer. A condessa minha mãe já morreu. Seja o que for, por mais sujo, mais desonesto que possa ser, eu exijo saber. E agora!

Ouvia-se apenas respiração exasperada de lorde Edward.

— Responda apenas uma pergunta, Mr. Mercer. A que mais me intriga: este cavalheiro, que, como esta carta indica, teve um caso amoroso com minha mãe, era um maldito Douglas? Seria lorde Davy? — ele instigou o mordomo.

– Oh, não, milorde! Ele não é um Douglas. Mas também está vivo e ainda é jovem. Isso posso lhe dar a minha palavra. Mas eu jamais poderei revelar o seu nome. Posso lhe contar tudo o que sei sobre isso, mas não a identidade do cavalheiro. Isso jamais. Devo, sim, lealdade à condessa sua mãe, milorde, pois prometi a ela nunca revelar a ninguém o nome do rapaz por quem ela se apaixonou.

– Então a minha mãe teve um caso com um jovem lorde...

– Sim, milorde.

– Ele diz aqui que ela cuidou dele – disse o conde, olhando para a carta.

– Sim, a condessa tinha muitas habilidades, gostava dos livros e neles ela aprendeu a cuidar de doentes. Ela usava parte de seu tempo fazendo isso pelos rendeiros. Dava-lhes ervas, ensinava-lhes a fazer chás milagrosos, unguentos, essas coisas.

O conde pegou a carta e se pôs a ler, em voz alta:

“... A lady disse em sua carta que sente ter me decepcionado... que eu a condenei pelo seu ato por ser casada. Perdão, se lhe passei essa imagem. Disse ainda que necessitava de experiência, embora não tenha sido como a condessa esperava, pois, citando as suas próprias palavras: ‘Como toda mulher, necessito ser cortejada com palavras murmuradas, que enalteçam a minha beleza, embora eu reconheça as limitações que a idade trouxe ao meu corpo; necessito de sussurros de desejo, muitos deles... Ah se os homens soubessem que as palavras têm mais poder do que o toque! Toda fêmea precisa sentir-se desejada e a melhor forma de

saber disso é ouvindo. Embora os olhos também comuniquem tal fato, um olhar pode ser mal interpretado'. Sinto muito se não foi da forma como a lady esperava. Mas o que mais me intrigou foi esse trecho: 'No final, vi em seus olhos confusão, talvez culpa, ou algo mais, um olhar que eu preferia não ter captado'. Imploro-lhe, escreva-me, esclareça-me. Sabe onde me encontrar. Lorde D---".

— Como tudo aconteceu? — perguntou o conde depois. Mr. Mercer prontamente explicou:

— Ela nunca chegou a responder essa carta, pois morreu poucos dias depois que a recebeu. Sei que não, pois era a mim que ela confiava as suas correspondências. Depois de seu sepultamento, fui ao seu quarto, procurei entre os seus guardados, até encontrá-la. Tive receio de que o conde seu pai regressasse de sua viagem e a achasse antes de mim. Eu mesmo a escondi nessa caixa. Mas, infelizmente ele também morreu... Nem mesmo Mrs. Chapman sabia que esse papel estava escondido aí.

— Conte-me tudo o que sabe! — pediu o conde, com a voz embargada pela emoção. A morte da condessa ainda o afetava profundamente.

— Certa vez chegou a Alnwick um jovem pedindo socorro. Estava muito ferido, mas parecia um cavalheiro. Disse que seu nome era lorde D---. Ele estava também muito doente. Parecia que vinha de bem longe, e através do mar, pois a sua pele estava muito queimada pelo sol. Tinha um ferimento a bala mal cuidado e infeccionado, e outro grave ferimento a faca. Contou que sua comitiva

tinha sido assaltada, mas como ele reagira, fora ferido. A condessa, na ausência do conde seu pai, pediu que o levássemos para o quarto azul. Na época, milorde estava em *Border Peace Park* visitando lorde Robert. Dessa forma, a condessa estava sozinha com os servos. Ela mandou chamar o melhor médico do condado e depois cuidou do cavaleiro e... se afeiçãoou a ele. Ela sempre teve total confiança em mim e me pediu ajuda e discrição. Já tínhamos passado por um bocado de alegria e de sofrimento juntos. Ela me escalou para servir o cavaleiro — revelou o mordomo. E, sem ser interrompido, continuou:

– Certa vez, quando eu estava entrando nos aposentos que ela destinara ao cavaleiro, ouvi-a dizendo a ele algo assim: “*Seus olhos são os olhos mais lindos que eu já vi nessa minha vida. Sinto uma imensa vontade de mergulhar neles para ver o que eles revelam*”. Tratei de recuar e fazer um barulho para avisá-los da minha chegada. Mas era evidente que ela estava atraída pelo rapaz e, talvez, ele também estivesse por ela. A condessa, embora na casa dos 40, era ainda uma bela mulher. O cavaleiro era jovem, tinha cerca de 20 e poucos anos, estava no auge de sua beleza. Várias vezes eu presenciei a condessa limpando seus ferimentos. Ela elogiava a cor da sua pele queimada pelo sol, e dizia que perto dele ela se sentia ainda mais branca. E era verdade. “Chá preto com leite”, ouvi-a mencionar certa vez. Ele sorria sempre. Era

carismático, tinha um sorriso perfeito, e seu riso iluminou por um tempo aquela casa, que na época já andava um tanto lúgubre.

Mr. Mercer parou um instante. Diante do silêncio de lorde Edward, deu sequência à íntima revelação:

– Quando lorde D--- ficou curado, vi a tristeza nos olhos da condessa, pois ela sabia que ele iria partir. E esse dia chegou. Vi lágrimas nos olhos dela, mas não sei dizer o que se passava nos dele. Despediram-se normalmente. Ele mostrava-se muito grato pelos cuidados recebidos. Agradeceu também a todos os empregados e deu certa quantia a cada um. Passadas algumas horas de sua partida, a condessa mandou me chamar e ordenou que eu preparasse a carruagem, pois eu havia sido cocheiro e ainda sabia conduzir muito bem. Fiz o que ela me mandou fazer e partimos em direção ao mesmo local para onde lorde D--- dissera que iria. Peço ao conde para não revelar também o local.

O conde aquiesceu com um gesto de cabeça. E o mordomo concluiu a história:

– Alcançamos a carruagem de lorde D--- numa estalagem na qual ele pernoitaria. Vi que ele ficou surpreso quando a viu. Chamou-a de lady Margaret e tomou as mãos dela nas suas. A condessa pediu que eu a aguardasse, pois ela logo retornaria, e subiu, provavelmente para os aposentos do cavalheiro. Entretanto, esperei até tarde da noite e nada. Quando

percebi que ela não viria, soltei e alimentei os cavalos, e pedi um quarto para mim, pois eu estava muito cansado. Fiz bem, pois só voltei a ver a condessa no outro dia, bem depois que eu já havia feito o desjejum. Ela estava feliz. Seus olhos brilhavam. Creio que eu não preciso dizer mais nada...

– Quer dizer que a minha mãe também foi uma adúltera?

– Dê o nome que desejar, milorde. Mas nunca se esqueça de que o coração da mulher é impenetrável... que não escolhemos por quem nos apaixonamos... que cada alma possui as suas próprias necessidades. Nunca julguei a minha senhora, nem a chamei de adúltera, pois senti no fundo de minha alma que ela necessitava viver aquela experiência. Eu nunca mais soube se eles voltaram ou não a se encontrar, mas muitas vezes, depois desse fato, percebi um leve sorriso nos lábios dela. Era como se ela dissesse: “Eu também tenho o meu segredo” — respondeu o mordomo.

Os dois silenciaram. Instantes depois, o conde disse:

– Obrigado, Mr. Mercer. Não a julgarei mal. Quem sou eu para julgar alguém!

– Sábia atitude, meu senhor, sábia atitude. Como disse seu parente, William Shakespeare: “*Tarde demais o conheci, por fim; cedo demais, sem conhecê-lo, amei-o*”.

– Então lê Shakespeare, Mr. Mercer?

– Sua Senhoria, a condessa, sua mãe, presenteou-me

certa vez com um livro dele, milorde. E disse que ele também era da família Percy.

– Conhece este, então: “*Conservar algo que possa recordar-te seria admitir que eu pudesse esquecer-te*”.

– Sim, milorde – retrucou o mordomo. Sorria satisfeito.

– Bem, Mr. Mercer. Como eu já lhe disse eu não a julgarei. No lugar dela eu faria o mesmo. Somos uns passionais, Mr. Mercer. A herança genética de Sir Percy, e depois do próprio Shakespeare, nos fez assim.. Se benção ou maldição, o futuro nos dirá. Agora preciso dormir um pouco. Estou muito cansado. Preciso pensar também. Tenho muita coisa para refletir. Peça para preparar-me um banho, mande levar uma ceia ao meu quarto. Não vou descer mais hoje e não receberei ninguém.

LORDE Edward não tinha nenhuma dúvida sobre o paradeiro de Eliza. Entretanto, dirigiu-se para Prudhoe House. Mal Mr. Oldenburg abriu a porta, ele entrou tão rápido que o mordomo mal teve tempo de observar a cor da camisa que vestia sob a grossa capa.

O conde encontrou o duque em seu escritório analisando algumas contas com o secretário. Assim que o amigo entrou, sem bater, Prudhoe pediu que fossem deixados a sós.

– Desde quando Sua Graça sabia de tudo e me escondeu? — interpelou-o o conde, visivelmente chateado com o amigo.

– Desde uma noite antes de você partir para Alnwick Castle.

– Por isso é que me mandou voltar para Alnwick.

– Eu queria que descobrisse sozinho. Confesso que não tive coragem de contar ao amigo.

– Sua Graça está se tornando muito vulnerável – replicou o conde. Sua voz parecia irônica, mas Prudhoe sabia que o amigo estava se escondendo atrás do cinismo para encobrir o quanto tudo o atingira emocionalmente.

– Preciso falar com ela. Sei que está com os Douglas, mas não colocarei meus pés naquele inferno.

– É justo. Vocês devem conversar, afinal, são... – o duque parou abruptamente movido por uma desconfiança.

– Somos o quê? Inimigos ancestrais?

Prudhoe não respondeu. Disse que ia pedir a Leonora que fosse buscar Eliza e que a preparasse para o encontro. Em sua mente uma questão continuava: tinha Hotspur descoberto toda a verdade ou apenas parte dela?

A cerca de vinte milhas dali, apesar da tênue alegria que sentia pelo acolhimento na casa dos primos Douglas, Eliza não podia disfarçar certa tristeza pela ruptura com seu recente passado. Sentia saudade da simples *cottage* à beira do lago musgo; sentia saudade do cão ao qual dera outro nome, mas que se chamava Hotspur tal como seu

dono, outrora seu protetor e, como agora sabia, inimigo mortal de sua família.

Recordou as aflições que vivera havia tão pouco tempo em Leipzig, a travessia difícil até chegar à Inglaterra, as necessidades e privações... E aquilo tudo parecia outra vida e não a que conhecera até então. Como podia a realidade ultrapassar a fronteira dos sonhos, se perguntava constantemente. Nenhum sonho seu chegara nem próximo daquilo, pois não se pode conceber aquilo do qual não se tem conhecimento. Como podia uma pobre prussiana, de uma simples vila costeira, um dia sonhar com a nobreza inglesa?

Quando foi comunicada de que a duquesa de Prudhoe estava à sua espera, ela estremeceu. Não via Leonora havia dias e a simples menção de que ela estava procurando por ela a apavorava. De alguma forma intuía que chegara a hora do confronto. Logo comprovaria isso. Teria que ir, não tinha como escapar.

— Não pode se esconder para sempre, Eliza. De alguma forma ele descobriu que está hospedada aqui. Se não for comigo agora, ele virá e será muito pior — advertiu-a Leonora, de forma enfática e incontestável.

Eliza sabia que seria difícil olhar Edward sem denunciar toda a sua paixão. Mas Leonora estava certa. Já vivera reclusa demais, encarcerada, e desejava ser livre. Aquele não era o sonho que tinha quando vivia em Leipzig? Ser livre na terra de sua mãe, ser livre na

Inglaterra?

– Tem razão, Leonora. Eu irei com você.

Ela ouvia o atrito das rodas da carruagem e era como se estivesse num turbilhão de emoções. À sua frente, lorde e lady Douglas sorriam-lhe. Não conseguira dissuadir o primo de ir junto, e a prima não tivera alternativa senão acompanhá-lo. Ao seu lado, Leonora segurava-lhe a gélida mão tentando lhe dar um pouco de sua grande força, mas as duas sabiam que ao chegar a Prudhoe House novas emoções surgiriam.

Assim que, acompanhada da duquesa de Prudhoe e dos primos Douglas, Eliza adentrou a sala, três homens puseram-se imediatamente de pé, simultaneamente: o conde de Northumberland estava lívido e seus olhos foram tomados de uma mescla de preocupação e raiva ao ver o conde de Douglas; o duque mostrava-se desassossegado; e lorde Robert, que tinha chegado pouco antes, carregava no rosto uma expressão indecifrável.

– Quero falar com ela a sós – bradou Hotspur imperiosamente, já se adiantando para Eliza como se ela fosse sua propriedade.

– Ela não vai falar a sós com Sua Senhoria – retrucou lorde Davy. Nas palavras que rugira havia raiva, mas também um inequívoco sentimento de vitória sobre o inimigo.

– Alguém pode me explicar o que esse imbecil do Douglas está fazendo aqui se metendo num assunto que

não lhe compete? – vociferou lorde Edward, voltando-se para os demais.

– Este ‘imbecil’ Douglas é o primo e o protetor dessa moça de agora em diante. Portanto, ela se reporta a mim e não ao conde – respondeu o próprio lorde Davy. Quando viu o ódio estampado nos olhos de lorde Edward, os seus sorriram de contentamento. Em toda a sua vida tinha esperado por algo que subjugassem o grande Hotspur, o impetuoso, valente e atraente Northumberland que sempre lhe deixava para trás em todas as disputas, fossem elas de qualquer categoria. A revelação também deixara lorde Robert pálido e boquiaberto.

– Prudhoe, o que tinha naquela coisa que eu tomei? Estou delirando como um lunático – ironizou lorde Edward. Embora já soubesse que Izabele era uma Douglas, o que, consequentemente, também fazia de Eliza uma Douglas, ao ouvi-la ali, confirmada pela boca de lorde Davy, tal verdade doía-lhe ainda mais profundamente. Recusava-se a admiti-la diante do eterno rival.

Os dois fitavam-se desafiadoramente. Eliza, então, se manifestou repentinamente.

– Ele não falou nenhuma estultice, milorde. Eu sou uma Douglas, sim. Soube apenas há poucos dias, quando recebi aquela carta em Northumberland House – ela disse, hesitante, sem ousar olhar para ele.

– Carta de quem? Do diabo? Pois só ele poderia

inventar tamanha desgraça – protestou Hotspur. Reagia como se não soubesse, ou não aceitasse um fato já consumado. O duque se perguntava se seu fiel amigo estava enlouquecendo. *O que ele descobriu então em Alnwick?* Com uma voz amargurada, quase sussurrando, embora forte como um trovão, o conde de Northumberland continuava soltando uma imprecisão atrás da outra, alheio à presença de damas na sala.

– Soube através de uma tia inglesa que eu não conhecia, milorde. Irmã de minha mãe...

– De que inferno saiu essa desgraçada? – gritou Hotspur. Ele estava tão alterado que o duque e lorde Robert se levantaram e se puseram ao seu lado para detê-lo.

– Entregue a carta a ele, lady Douglas! – disse lorde Davy, frisando o 'lady Douglas' e olhando para o conde de Northumberland. O duque e a duquesa olharam-no com reprovação, mas o conde de Douglas mantinha o aviltamento no olhar.

Instigada, Eliza teve de se manifestar. Suas mãos tremiam sem parar.

– A carta não está aqui – ela mentiu. – Mas sou uma Douglas, disso não há dúvida. Minha mãe era filha de Sir Hugh Douglas, irmão de Thomas Douglas, o pai do conde de Douglas — sentenciou, nessa hora erguendo o olhar para lorde Davy.

Mil pensamentos invadiam a mente de lorde Edward.

Tentava se recordar novamente das palavras enigmáticas de John Baker, tentava preencher as reticências e entender as entrelinhas das cartas de Izabele para Elizabeth, pois alguma coisa ainda não fazia sentido. Compreendera por que ela assinara Izabele D. O maldito “D” dos Douglass. Como fora estúpido não ligando os pontos desde a primeira vez em que lera!

Mas a maldita frase de Baker, aquela que não saía de sua cabeça, ainda era uma interrogação: *“Em nome de Deus, não aja imprudentemente”*. Seria por causa disso? Mas Baker nunca aprovara aquela guerra entre as duas famílias! Então, por qual razão escreveria aquilo? *“Estou morrendo, mas preciso pedir que cuide dela. Nas cartas entenderá a razão pela qual lhe peço isso”*.

Cuidar dela como? Ela era uma Douglas, não havia nenhuma necessidade de ser protegida por ele se a família Douglas estava ali para fazê-lo. Nada fazia sentido para ele. *“Caso haja alguma dúvida, vá atrás das respostas”*. Ir aonde atrás das respostas? A Leipzig? Ele levantou o olhar para Eliza. Nada fazia sentido para ele. *“Em nome de Deus, não aja imprudentemente”*.

Enquanto seu olhar se alternava entre os olhos de Eliza e do conde inimigo, sua expressão transmutava-se. De indignada tornara-se pétrea. Poder-se-ia dizer que aquela face fora esculpida no mais branco mármore. Quando, finalmente, seus olhos pousaram sobre ela, não havia mais raiva, e sim desprezo.

O conde de Douglas, nessa hora, retomou a conversa, em tom mais apaziguador.

– Recentemente, milorde, eu disse aqui nesta mesma casa que a única forma de acabar com a batalha ancestral entre nossas famílias era uma união entre uma Douglas e um Northumberland pela aliança do casamento. Lembrou-me bem das palavras ditas por Sua Senhoria: “*Nunca, jamais um Northumberland se casará com uma Douglas*”. Portanto, milorde, vou perguntar pela última vez, pois não terá mais nenhuma outra oportunidade. Reflita bem antes de responder-me. Segure a sua impetuosidade ou se arrependerá pelo resto de sua medíocre vida gelada no norte – disse ele, voltando-se para o conde de Northumberland.

Seguiu-se uma pequena pausa. Todos olhavam para ele. A respiração de Hotspur estava tão alterada e ruidosa como se ele tivesse corrido muitas milhas sem parar.

Davy Douglas então concluiu sua fala, desafiadoramente:

– Vamos acabar com essa guerra! Pessoas foram e estão infelizes por causa dela. Dê o seu consentimento para o casamento de lorde Robert Percy Northumberland com lady Leanah Douglas.

Lady Leanah baixou a cabeça. Igualmente surpreso, lorde Robert buscava, sem sucesso, o olhar da constrangida jovem, tão cabisbaixa e humilhada que o rosto quase alcançava seu colo. Os olhos de Hotspur,

contudo, continuavam frios como duas pedras cinzentas.

– Um Percy Northumberland vai para o túmulo, mas nunca volta atrás em sua palavra, Douglas – bradou ele. Sua voz reverberou nas paredes de Prudhoe House.

O duque e a duquesa de Prudhoe baixaram suas cabeças entristecidos. Eliza, que olhava para lorde Edward, estremeceu. Lorde Robert olhou do irmão para lady Leanah, mas os olhos dela continuavam em suas mãos sobre o colo. Apenas o conde de Douglas encarava o conde de Northumberland com um olhar de vitória.

– Fez a escolha que eu imaginava, milorde. Eu não esperava outra resposta. O puro sangue inglês soberbo de um Northumberland jamais se misturaria ao sangue escocês de um Douglas.

– Jamais nosso sangue se misturará, Douglas. Jamais! – gritou Hotspur, tão alto que da cozinha da mansão se pôde ouvir.

Toda aquela arrogância, aversão e convencionalismo de lorde Edward... As guerras raciais e o partidarismo de seu próprio país, que haviam motivado tanta desgraça... Aquela desavença entre duas famílias que já tinha ido longe demais, matado centenas e centenas de pessoas em guerras imbecis que chegaram às raias da loucura. Revoltada e cansada de tudo isso, Eliza não conseguiu se conter mais.

– Esse sangue já se misturou, milorde. Eu sou a prova viva dessa mistura.

Todos os olhares se voltaram para ela. A duquesa estava surpresa; os demais, estupefatos. “Oh, fragilidade do coração humano, por que hás de ser agrilhoadada por palavras de ferro que não se podem partir?! Depois de proferidas cortam como adagas jogadas ao vento, ferem como pragas, matam como a insana guerra”.^[61]

Ninguém falava nada. O coração de lorde Edward não podia acreditar em tal mancha, em tal desgraça, em tal... Então tudo fez sentido: “*Em nome de Deus, não aja imprudentemente*”. Ele se deixou cair sentado no sofá. Sua mente compreendeu, por fim, aquilo que vinha tentando negar a si mesmo. Eliza, então, verbalizou a verdade:

– Eu sou a filha de Izabele Douglas com o oitavo conde de Northumberland. Sim, o seu pai, milorde. O nosso pai, aliás. Portanto, eu sou uma mistura entre seu nobre sangue e o...

Sua fala foi interrompida por um grito de espanto de lorde Robert. Atônito, sentou-se ao lado do irmão. Os Northumberland estavam lívidos, mas apenas o duque de Prudhoe viu o que perpassava os olhos de Hotspur.

Seguiram-se alguns minutos de profundo silêncio. Ouviam-se apenas os soluços de Eliza e o sutil barulho dos lenços de lady Leanah e da duquesa Leonora.

Abruptamente, lorde Edward levantou-se, tomou a mão de Eliza e pediu aos demais:

– Deixe-me sozinho com ela, por favor!

Lorde Davy ia protestar, mas o duque, usando o poder da hierarquia nobiliárquica, ordenou que saísse juntamente com os demais.

Já os dois a sós, o conde Hotspur mantinha-se calado. Apenas olhava para Eliza de forma inescrutável. Passados alguns minutos, virou-lhe as costas e foi para a janela, ali permanecendo como se contemplasse a paisagem. Quando ela suspirou, ele voltou para junto dela.

– Diga-me que nada disso é verdade! Que aquela moça que eu pensei ter visto atravessando a rua em Alnwick, entrando na mercearia com o meu cão atrás de si, era um espectro da minha imaginação, de uma maldita noite mal dormida. Diga-me, por favor, que estou sonhando desde aquele dia! Que nada é real, que a senhorita não existe, que se eu estender a mão em sua direção agora vai se esfacelar como uma miragem, pois se, de fato, a senhorita existir, e o que acabou de me dizer for verdade, transformou a minha vida num inferno – ele desabafou. Seus olhos brilhavam rasos de lágrimas.

Eliza olhou para aqueles olhos que tanto amava e nos quais desejava mergulhar para sempre e, vendo as lágrimas escorrendo pela sua face, cheia de paixão, respondeu:

– Oh, não tente tirar de mim a melhor parte de minha vida, senhor! Mesmo que nunca mais eu venha a sorrir.

Não pretendia ter dito nada daquilo, mas temerosa de que ele, de fato, iria esfacelá-la como uma névoa, não se

contivera. Todavia, assim que disse, percebeu seu erro.

Edward olhou-a fixamente e seus olhos transmitiam paixão. Num instante tomou-a nos braços, sua boca ávida cobriu a dela... Naquele momento, Eliza esqueceu-se de Sir Hugh Douglas e de todo o resto. Entregou-se com toda a sede de sua alma apaixonada, sedenta e cheia de saudade. Perdera a noção de tempo, com seus corpos colados, beijando-se e sentindo um ao outro, mas quando ele a afastou de si – sempre ele – ela estremeceu, pois sabia que podia ser para sempre e não suportaria mais pensar na vida sem aquele homem. Mas novamente John Baker, sempre ele e a ‘maldita’ frase, o fez soltá-la.

– Tem noção do que podíamos ter feito? – ele perguntou. Ela mordeu seu lábio inferior, olhou para ele e balançou a cabeça, corando.

– Largá-la lá naquela noite me custou mais do que qualquer coisa que eu tive que abrir mão nesta vida, eu... – ele parou, como se lembrasse de cada detalhe da cena em Prudhoe House: o vestido dela levantado até a cintura, os seios volumosos e rosados à mostra, as pernas sobre a mesa, os olhos implorando por ele, a boca rosada esperando para ser beijada... Gemeu e praguejou: – Maldição! Por que parei?

– Eu devia ter lhe implorado – disse ela. Ele olhou-a surpreso.

– Não teria implorado duas vezes — ele respondeu.

– Eu me arrependo de não ter mendigado por isso, quis

muito fazê-lo. Se eu pudesse antever o que estava por descobrir, eu teria feito, pois agora nunca mais... Seria insano.

Quando ela terminou de falar, o conde Hotspur tomou-a para si com uma ânsia insatisfeita, como um homem que não se alimentava havia dias diante de um banquete... Beijou-a, tocou-a, deitou-a sobre o sofá e cobriu-lhe o corpo com o seu. Cada parte de seus corpos estavam unidas. Ela o sentia sobre si e se entregava as carícias dele sem hesitar, erguendo seu quadril, sem colocar qualquer resistência à pressão que ele fazia. Suas mentes estavam totalmente entorpecidas pelas emoções. Deixavam-se guiar apenas pela força de um desejo incontrolável.

– Oh, Edward, não podemos, não podemos, precisa parar, pare! – ela gritou, então, ofegante. Com os dedos das mãos entre os espessos cabelos negros do conde, continuou: – Não há futuro para nós, você sabe disso.

Quando ele abriu-lhe as pernas e se posicionou entre elas, Eliza suplicou, com um resquício de sensatez: — Não me desonre, eu lhe imploro agora...

– Eu jamais faria isso se acreditasse que fosse minha meia-irmã. Mas eu não acredito nisso – ele respondeu, beijando-a loucamente, tomado pelo desejo imperioso que exigia ser satisfeito.

– Mas eu sou uma Douglas, desonrar-me-á, e não se casará comigo como seu pai fez com minha mãe,

desgraçando sua vida para sempre.

As últimas palavras caíram sobre ele como água fria. Afastou-se dela lentamente. Sentou-se ao seu lado com a cabeça entre as mãos. Ficou nessa posição alguns minutos, como se, em meio ao desespero de tudo aquilo, não pudesse encontrar uma saída lógica. Quando voltou a olhar para ela, seus olhos já não mais possuíam a paixão de instantes antes. Estavam indecifráveis. Levantou-se, arrumou suas roupas desalinhadas, olhou para ela e saiu.

O mundo de Eliza desabou. Uma dor tão grande, que jamais pensou existir, tomou conta dela. Lembrou-se da mãe Izabele, daqueles olhos opacos e tristes de toda uma vida... Teria ela vislumbrado nos olhos do conde de Northumberland que a renegara aquele mesmo desprezo que acabara de ver nos olhos do conde Hotspur? Aquele olhar era capaz de secar a alegria de qualquer alma.

Nunca imaginara que um ser humano pudesse cultivar tanto ódio dentro de si. Um sentimento que se perpetuava havia gerações, incentivado por gracejo, jocosidade e até por irrelevantes provocações de outros alheios às dores das pessoas. Lembrou-se do próprio lorde Robert. Estava certa, agora, de que esse Percy Northumberland realmente amava Lady Leanah Douglas, uma linda e doce jovem que se guardara para ele, mesmo sabendo que não poderia tê-lo por causa de uma ‘guerra familiar’ que não fazia mais sentido. E, então, pensou nela própria, uma mulher que pertencia por laços sanguíneos a ambas, mas que não

podia, de fato, fazer parte de nenhuma das famílias.

No hall de entrada de Prudhoe House, lorde Edward cruzou com o irmão. Lorde Robert, no afã de descontraí-lo, perguntou-lhe se iria ao Almack.

– Sim, com lady Neville! – respondeu o conde de Northumberland.

CAPÍTULO XXIII

Início da temporada de Londres

“De uma vez por todas: eu sabia cada vez mais, se não sempre, para minha tristeza, que eu amara contra toda razão, toda promessa, toda paz, toda esperança, toda felicidade, todo desestímulo porventura existente. De uma vez por todas: amei-o apesar de tudo, porque sabia disso tudo...”[\[62\]](#)

Londres, uma quarta-feira de fevereiro de 1831.

Lorde Edward odiava o Almack e a ‘ton’, mas tinha prometido a lorde Neville acompanhar Harriet e a irmã Alyssa – debutante à procura de casamento – ao baile daquela noite. O barão argumentara que se ele e lorde Robert dançassem com a prima mais nova, isso atrairia bons candidatos à sua mão. Não teve como negar, afinal sentia certa culpa em relação a Harriet. Mas ele sabia que a intenção do tio, na verdade, era aproximá-lo da sua prometida ‘noiva’ e adiantar aquela união já tão adiada. Indiretamente, estava chamando-o à responsabilidade de gerar o próximo conde de Northumberland, tendo como mãe uma prima Neville, no caso a sua filha mais velha — como vinha acontecendo geração após geração.

Particularmente, não achava lady Neville feia e, de fato, ela não era. Mas a prima não o atraía, por não lhe representar qualquer desafio. Harriet, com certeza absoluta, lhe seria totalmente submissa. Ele sempre fora o tipo de homem que não gostava de montar cavalo manso. Gostava, mesmo, era da energia dos animais imperiosos, que eram muito mais velozes e, conseqüentemente, exigiam muito mais dele. A prima, na verdade, era doce demais, meiga demais, bonitinha demais, enfeitadinha demais... e nada mais. A vida ao seu lado lhe seria enfadonha e aborrecida.

Ao pensar nisso, sua mente, que lutava bravamente para esquecer a irmã bastarda, a trouxe de volta com toda força. Eliza era impulsiva. Sua aparência meiga enganava alguns, mas não a ele, que sempre enxergara dentro de seus olhos a mulher ardente e apaixonada que ela podia se tornar. Ele não conseguia imaginar lady Neville inebriada pela paixão, mas já a outra... Céus! Ele precisava esquecê-la! Marcaria aquele casamento com a prima na primeira oportunidade e seguiria sua vida uniforme e tediosa.

Já passava das nove horas quando ele e lorde Robert saíram de Northumberland House na carruagem do conde. Tinha combinado com o barão que entrariam juntos, ele com Harriet, e o irmão com Alyssa, de 17 anos. Lorde Robert demonstrava todo o seu aborrecimento com tal acordo.

— Já não basta lady Charlotte Mortimer, que com certeza estará lá com o pai e os irmãos para me lembrar do maldito acordo feito por nosso pai? — bradou, destemperado.

— Um acordo que o senhor vem descumprindo — respondeu o conde.

— E você, Edward, cumpriu o seu? Lady Neville está passando da idade de se casar. E você? O que faz? Esconde-se em Alnwick Castle a milhas e milhas de Londres para não sofrer pressão — retrucou lorde Robert. Seu desabafo era acompanhado da pulsação forte de uma veia do pescoço.

O conde de Northumberland resmungou alguma coisa e desconversou, pois sabia que o irmão estava coberto de razão. Um dos motivos para fugir de Londres era a pressão que o barão Neville e a tia baronesa de Harriet faziam sobre ele. Por se tratar do irmão de sua mãe, lorde Edward tinha a obrigação de ser cortês. Não fosse isso, já teria desfeito aquele acordo há muito tempo. Afinal, seu pai não fora tão honrado assim para que a palavra dada por ele tivesse que ser cumprida a qualquer preço.

O Almack, como imaginara, estava uma chatice, repleto de jovens recém-saídas da escola, com espinhas no rosto e gordura adolescente na cintura, com suas ávidas mães à procura dos melhores partidos da Inglaterra para as filhas. Ele olhava por cima da cabeça de lady Neville —

que, por sinal, estava falando e tinha trocado uma meia dúzia de palavras – à procura de algum amigo para buscar, às escondidas, mesas de faraó^[63] para passar a noite, uma vez que nem bebida decente aquele *clube de moça* oferecia. Dançaria uma vez com cada prima e iria embora. Estava cansado da viagem, o barão que o perdoasse, mas já fora sacrifício demais comparecer ao Almack.

“O Honorável conde de Douglas, lady Douglas e lady Schumacher!”

Lorde Edward levou um susto e voltou o olhar instintivamente para a entrada quando ouviu o anúncio da chegada da comitiva dos Douglas. Ele jamais imaginara que Eliza poderia estar ali naquela noite. Como a ‘ton’ era muito rigorosa, logo concluiu que a notícia de que ela era uma Douglas já se havia tornado pública. O ‘desgraçado’ do lorde Davy certamente estava por trás daquilo.

Eliza estava linda. Seu vestido era da cor de seus olhos e ela conseguia ofuscar até lady Leanah. Seus dedos estavam pousados na manga do casaco do conde de Douglas. Lorde Edward seria capaz de matá-lo por aquela ousadia. Ficou tão absorto na figura de Eliza, mergulhando naqueles olhos — pois ela também o vira e olhava para ele —, que não se deu conta da aproximação do duque e da duquesa de Prudhoe.

– Hotspur! Estou surpreso em vê-lo por aqui – disse o duque, cumprimentando primeiramente lady Neville, que,

acanhada, mantinha-se calada ao lado do primo, como uma tênue e bela sombra.

— Sua Graça! — ele respondeu, cumprimentando a duquesa, gentilmente. Leonora seguiu seu olhar e vislumbrou Eliza.

Ela e o atraente primo Davy eram a sensação da noite. Todos os olhares estavam voltados para o casal. Embora estivesse surpresa em encontrar o conde de Northumberland ali, sabia que a ‘ton’ estava ansiosa para conhecer a ‘estrangeira’ que tinha ficado noiva seguidamente de dois expoentes das famílias mais lendárias da Inglaterra e que fora disputada, como corria de boca em boca, até por lorde Robert — esta, aliás, outra grande inverdade, como ela sabia e comprovava mais uma vez, pois este não tirava os olhos de lady Leanah.

Eliza, contudo, estava em total pânico. Os primos tinham insistido que ela fosse ao baile, inclusive possibilitando-lhe aulas com um professor de dança. Mas ela não imaginava encontrar lorde Edward ali e com Harriet Neville, sua ‘noiva’, como lorde Davy tinha-lhe falado. O calor e a intensidade dos olhos do conde eram desconcertantes. Seus joelhos estavam fracos e seu coração acelerado. Logo que o viu sentira um frio intenso na boca do estômago. Só tinha olhos para ele, como se o enorme salão estivesse vazio. A certa altura, ao olhar em volta, ela finalmente se deu conta de que todos olhavam para ela, para seus primos e para o conde de

Northumberland, como se esperassem um escândalo.

A atenção geral, por um instante, voltou-se para a entrada, quando foi anunciada a chegada do duque de Belvoir. Eliza e Lady Leanah acompanharam os olhos da multidão. O duque, de fato, era muito imponente. Tão alto e tão belo quanto lorde Edward. Para surpresa dela, os olhos cinza e zombeteiros do duque sorriram e ele foi em direção à comitiva do conde de Northumberland. Pela forma como este e o duque de Prudhoe o receberam, Eliza concluiu que se tratava de amigos de longa data. Não pôde deixar de perceber, nessa hora, que o recém-chegado olhava insistentemente para Harriet Neville e que essa também não tirava os olhos dele.

Vários cavalheiros tinham-se aproximado da pequena comitiva dos Douglas, de forma que o grupo logo cresceu. Todos pediam para ser apresentados a ela, cumprimentavam lady Leanah com interesse e solicitavam seus nomes nos cartões de dança das damas. O duque de Belvoir também se aproximou. Nesse momento, os demais se afastaram um pouco, ofuscados pela presença grave e suntuosa do duque. Lorde Belvoir cumprimentou-as elegante e educadamente, com uma leve inclinação, e abraçou o conde de Douglas, que fez as devidas apresentações.

Eliza ficou sabendo, então, que os dois haviam estudado juntos em Oxford, na mesma turma de lorde Edward e do duque de Prudhoe, e que o duque de Belvoir

estava havia bastante tempo fora da Inglaterra. Ele logo tirou lady Leanah para dançar; lorde Davy fez o mesmo com Eliza. Ela sabia que isso iria acontecer, tinha treinado, mas estava aterrorizada com o minueto. Não ousou olhar para lorde Edward, pois sentia seu olhar sobre ela. Mas seus olhos se encontrariam durante a dança, pois ele dançava com lady Neville. Ela notou que a moça era bonita e tão delicada quanto uma pétala de rosa. Cabelos eram loiros, tez rosada, lábios finos, ela era tipicamente uma inglesa nobre e convencional. Ele não lhe sorriu. Seus olhos estavam frios como duas safiras sob um túmulo egípcio.

A dança não lhe deu prazer, sempre preocupada em não errar os passos, ciente do olhar penetrante de lorde Edward sobre ela e descontente com a parcialidade que lorde Davy lhe dispensava, fazendo com que todos imaginassem que estavam comprometidos. Contudo, teve que dançar várias vezes, duas com o primo, uma com o duque de Belvoir e outras com cavalheiros diversos.

Ao entrar na sala de repouso com lady Leanah, a certa altura do baile, ouviu inesperadamente alguns comentários a seu respeito:

“Essa estrangeira é uma audaciosa. Acha que aqui é seu país, onde dançam valsa!”

“Primeiro se entrega para lorde Edward, que teve o bom senso e a discrição de lhe dispensar sem alardes. Não sem antes causar contenda entre o conde e lorde

Robert, pois este também caiu em suas artimanhas”.

“Contaram-me que ela saiu chorando e escorraçada de Northumberland House”.

“Agora prendeu o belo conde de Douglas e já se instalou em Douglas House, pois lady Leanah é ingênua demais para perceber a cilada da estrangeira”.

“Viú como ela está jogando suas redes em cima do duque de Belvoir? Quem ela pensa que é? Não duvido que seja uma cortesã para saber a arte de enlaçar os homens”.

Horrorizada, Eliza saiu às pressas da sala, enquanto lady Leanah era contida pela condessa de Jersey, uma das mexeriqueiras. Nessa fuga ela não percebeu para onde corria. Queria apenas se distanciar o máximo possível daquela gente mesquinha, que distorcia tudo. Só então entendia por que todas as mulheres presentes olhavam para ela com curiosidade e hostilidade. Lágrimas de humilhação escorriam por seu rosto quando entrou apressadamente num corredor lateral.

Assustada, soltou um pequeno grito quando alguém a puxou com vigor para dentro de um cômodo. Era escuro e não conseguia ver seu rosto. Mas a voz lhe era muito conhecida.

– O que fizeram com você? – perguntou lorde Edward. Sua voz soava como aço.

– Nada – ela respondeu, ainda trêmula.

– Nada?! E agora você chora por nada? Não! Alguém lhe feriu e eu exijo saber quem foi – ele bradou, segurando-a pela cintura. Seus olhos tinham se adaptado à escuridão e ela via o contorno másculo de seu rosto, os lábios sensuais e o brilho daqueles olhos. Ele esboçou um sorriso enviesado e ela estremeceu.

– Quero que volte e dance a valsa comigo.

– Valsa? Não posso. Eu a prometi a lorde Davy.

– Vai dançar a valsa comigo ou com ninguém. Sou seu irmão e tenho autoridade sobre a senhorita, muito mais direito do que um sórdido e desgraçado primo.

– Não o quero como irmão.

– Nem eu! Nunca quis uma irmã. Ainda mais uma bastarda.

Quando ela se deu conta já tinha levantado a mão para esbofeteá-lo no rosto, mas ele foi mais rápido, segurou-lhe a mão e a trouxe para junto de si. O beijo dele foi uma explosão de sensações para Eliza, uma exploração de sua boca que roubava seu chão. Ela sentia as sucessivas acometidas dele em sua virilha, e a pulsação entre suas coxas a fazia tremer de desejo. Havia uma dor latente e ardente naquela carne intumescida.

– Oh, não podemos, Edward! Sabe que não podemos, é profano – ela ponderou sob a forte comoção da saudade que tinha sentido dele. Amava-o de todo o seu coração e o desejava como a própria vida.

Ele afastou sua boca dos lábios dela, mas manteve-a

colada ao seu corpo.

— Preciso ler a tal carta e encontrar lady Elizabeth. Não quero e não serei seu irmão. Está me entendendo, Eliza?! — ele declarou, voltando a beijá-la ardentemente. E continuou: — Não a sinto como minha irmã. Quero encontrá-la amanhã, nós dois sozinhos, sem nenhum Douglas por perto. Tenho muito a lhe dizer. Vá a Prudhoe House à noite e eu a encontrarei lá. Envie-me para Northumberland House uma ‘nota’ com a carta que recebeu da sua tia. Vasculharei a Inglaterra, mas acharei essa Elizabeth Douglas. Descobrirei a verdade e à noite já terei tomado uma resolução.

Eliza não tinha forças para negar nada. Embora soubesse que nada daquilo adiantaria, queria vê-lo e ouvir o que ele tinha a lhe dizer.

— Agora precisamos voltar, pois se nos encontrarem aqui, aí sim, seu nome estará na lama — disse o conde.

— Meu nome já está na lama de Londres. Ouvi coisas horríveis a meu respeito. Chamam-me de ‘cortesã estrangeira’. Disseram que me entreguei ao conde e que Sua Senhoria me usou e me dispensou; que causei contenda em Northumberland House entre os irmãos e que fui expulsa de lá...

— Maldita ‘ton’, por isso a convidaram. Pois comigo ao seu lado, nunca ninguém ousará falar nada.

Ofereceu-lhe o braço, ela pousou seus dedos trêmulos na dobra de seu casaco, e entraram no salão. Todos os

olhares se voltaram para os dois, pois iniciava a valsa, e ele a conduziu para o salão. Colocou a mão em sua cintura e lhe disse: “Não olhe para ninguém, olhe nos meus olhos, e dance para mim”.

Ela fez o que ele ordenou. Dançou com ele e para ele. Lorde Edward era um exímio dançarino e a levava facilmente. Mergulhada naqueles olhos, que mais pareciam uma densa floresta tropical, ela encontrou o prazer da dança. Ele sorriu para ela e ela para ele. *O que eu vejo em seus olhos? Céus! Não pode ser.* Ela não ousava acreditar. *Certamente sou apenas mais um desafio para o conde Hotspur, o senhor de Alnwick Castle, o poderoso conde do norte, de toda Newcastle, Berwick, Tynedale, Tynemouth, Redesdale e Hexhamshire...* Aquele que nunca achara ninguém que o desafiasse, nada que lhe fosse proibido. *Certamente, eu lhe sou um desafio, eu sou proibida a ele.*

Ao terminar a valsa, ela olhou para o lado e viu lady Leanah dançando com lorde Robert. Ele lhe sorriu e ela retribuiu o sorriso. O olhar de lorde Edward acompanhou o dele. Aquela visão do irmão com a Douglas o trouxe de volta à realidade. Imediatamente, a expressão de seu rosto mudou. Quando estava se separando de Eliza, ele, ainda de cara fechada, murmurou: “Vou esperar pela carta. Saberei o que fazer”.

Na volta para casa, na carruagem dos Douglas, Eliza pensava como faria para enviar o bilhete para

Northumberland House sem que lorde Douglas o interceptasse, o que ele faria, certamente, se soubesse de sua intenção. Tinha que contar com o apoio de lady Leanah. Já em Douglas House, enquanto subia para seus aposentos, ela abordou discretamente a prima.

— Leanah, posso lhe falar em particular em meu quarto?
— chamou.

A jovem enrubesceu, sempre enrubescia por qualquer pequena coisa, mas a acompanhou.

— O que houve, Eliza? Não está chateada com aquilo que as damas falavam, não é? Não fique! Falei com Mrs. Mortimer, com a condessa de Jersey e com Mrs. Eisinger que nada daquilo que estavam falando sobre você era verdade. Tive que contar que é uma Douglas para ter a proteção do nosso nome. Espero que me perdoe. Também disse que nunca foi noiva do conde de Northumberland, que não está noiva de meu irmão, seu primo, e que lorde Robert nunca a amou — ela revelou, enrubescendo ainda mais quando fez essa última menção.

No Almack, Eliza vira os dois juntos depois que Leanah dançara com o duque de Belvoir. O que ela lera nos olhos de lorde Robert a assustara, pois era o mesmo ímpeto que havia visto nos olhos de lorde Edward, um furor imperioso. Percebeu que Robert, ainda que mais terno que o irmão, também se inflamava. Eliza o tinha visto arrastar a prima pelo braço exatamente como o conde já fizera com ela outras vezes. Talvez até tivesse

levado Leanah para o mesmo lugar que Edward a levará.

– Obrigada, querida Leanah. Não estou chateada com você. Tem sido uma verdadeira irmã para mim. É que eu preciso enviar uma ‘nota’ para Northumberland House ainda pela manhã, e não gostaria que lorde Davy a interceptasse.

– É para lorde Edward?

– Sim – Eliza confirmou. Era ela quem agora enrubescia.

– Confiaria a ‘nota’ a mim? Eu a entregarei a um laçao para que a entregue.

Eliza foi até uma gaveta, pegou a carta da tia, colocou num envelope, lacrou e entregou para lady Leanah. A prima sorriu e saiu às pressas para cumprir sua promessa.

Enquanto isso, em Northumberland House, o conde Hotspur trocava sua roupa de gala, tirava o sapato de dança e o substituíra por uma bota que ia até o joelho e vestia um traje mais adequado para a tarefa que se propunha a fazer. Desceu e aguardou na sala azul. A lareira já estava acesa, atestando que os criados já estavam de pé.

Sentado numa poltrona de *chippendale*, ele lembrava a noite. Lembrou-se de que lorde Robert havia dançado uma vez com cada uma das primas Neville, uma vez com lady Mortimer, uma com Eliza e duas com lady Leanah. Isso era preocupante, pois mostrava o interesse do irmão pela Douglas.

Lembrou-se, depois, de que seu amigo, o duque de Belvoir, fizera uma ou duas perguntas pessoais sobre lady Neville, sua ‘prometida’ — odiava essa palavra. Percebera que a prima tinha ficado muito agitada quando o duque entrara no Almack. Ele os havia apresentado mais tarde, mas alguma coisa lhe dizia que já se conheciam. Como o duque estava no continente e Harriet tinha passado uma temporada lá, talvez não fossem desconhecidos. Também notara que os dois dançaram a última valsa juntos. Estaria imaginando coisas? Talvez, mas o tio não lhe parecera insatisfeito com o saldo final do baile.

Tudo bem que lady Alyssa tinha dançado apenas com lorde Robert e com ele, mas a prima, em sua opinião, não deveria nem ter debutado naquele ano, pois ainda tinha rosto de colegial. Sem falar que naquele vestido branco que usava ela parecia mais um gigante canapé de seda com brocados vermelhos. *Estou sendo maldoso com Alyssa*, pensou ele, mas entendia que o barão tinha errado feio em submeter a menina àquele vexame. Tinham rido dela e ele dançara duas vezes com ela, para que a desajeitada prima não ficasse muito tempo sentada sozinha. Duas danças eram o máximo permitido para cada cavalheiro com a mesma dama, sem que suspeitas graves fossem levantadas. *A noite foi longa para ela. Coitada!* Não que ele se preocupasse com essas convenções, mas a prima tinha que zelar por sua reputação. Ele riu, sozinho,

da ideia de eventuais comentários sobre ele e Alyssa. Duvidava que falassem alguma coisa. No máximo, diriam que estava com pena dela, o que era verdade.

Além da dança com as três primas, ele havia dançado com lady Leanah, com a duquesa de Prudhoe e com a ‘estrangeira’. *Como ela estava linda!* Havia mergulhado seus olhos azuis nos dele e deixado que ele a conduzisse na valsa. Tivera de se controlar para não beijá-la na frente de todo mundo. Perguntava-se o que estava acontecendo com ele. Que poder ‘ela’ exercia sobre seus sentidos! Nunca nenhuma mulher chegara nem perto de ter um controle assim sobre ele.

Procurava lembrar-se com quem Eliza tinha dançado além dele. Com o *desgraçado* do lorde Davy, com o duque de Prudhoe, com lorde Robert, com lorde Mortimer e... com o duque de Belvoir. Não gostara nem um pouco de vê-la dançando com o *libertino* do Belvoir. Os tempos de farra com o amigo já se haviam passado, ele que ficasse longe de sua... *Céus! O que eu estou pensando? Não a vejo e nem a quero como irmã.* Irmãs, para ele, eram as duas ladies Neville e até lady Mortimer, suas primas, pois fora criado com elas. *O que meu pai estava pensando? Criou-me como irmão delas e agora todos querem que eu as deflore?* Só de pensar nisso sentia-se mal. Mas Eliza, não. Edward não tinha nenhum sentimento de irmão para com ela. E estava certo de que a recíproca era verdadeira. Ele fervia quando ela estava por perto, e

ele sentia, quando a tocava, que ela pulsava e se derretia toda ansiando por ele. Ele a queria, não como irmã, mas como... *Como o quê? Amante?* Mas não queria vê-la sofrendo, sendo desprezada pela sociedade, isso não! Sentia por ela, além de um descomunal desejo, um terno sentimento, sobretudo uma vontade de protegê-la. Mas, como poderia oferecer a ela essa proteção?

Não! Não posso me casar com ela, isso não. Casamento, não! E se ela for... Céus! Mas, se for como Mr. Mercer me contou, não seria a primeira vez... Sir Percy pode ter sido irmão de miss Evans, mas a deflorou, amou-a a vida toda, e morreu por ela. Miss Evans sabia do parentesco e, mesmo assim, implorou para que ele a fizesse sua. Eles deviam ser mesmo Northumberland para ter tanta determinação assim.

Ele iria querê-la, e a teria, mas não uma única vez, isso não bastaria. Teriam que ser muitas vezes, uma infinidade de vezes, talvez a vida toda não fosse suficiente para acabar com aquele vultoso desejo. A sua fome de Eliza era desmedida. Privar-se dela o estava deixando louco. Mas, havia quanto tempo estava em total abstinência sexual? Desde que a vira atravessando aquela rua de Alnwick e entrando na mercearia. *Aquele andar!* Será que ela tinha noção do que seu andar causava nele? Ele queria seu rígido corpo em sua carne macia, sonhava se derramar dentro dela. Gemeu. Quantas vezes já imaginara isso e não se saciara! A fome e o desejo persistiam, causando-lhe

dor nas entranhas. Estava sempre rígido, tenso e insatisfeito.

Quando Mr. Mercer entrou, com uma bandeja de prata nas mãos, encontrou o conde de Northumberland com a cabeça baixa, desoladamente prostrada nas suas duas mãos. O mordomo notou agonia em sua expressão quando lord Edward finalmente se deu conta de sua presença e ergueu o rosto.

- Sua Senhoria, algum problema?
- Não, Mr. Mercer. Algo para mim?
- Sim, milorde, uma carta.

CAPÍTULO XXIV

À procura da verdade

"Nunca havia visto tão perfeita beleza. Passei uma noite que muitos teriam dado milhares de libras para estar em meu lugar. Eu, porém, naquela noite, experimentei a verdade – que ela era fria como gelo, aparentemente totalmente desprovida de sentimento. Levantei-me convencido de que ela não tinha paixão pelo sexo masculino."[\[64\]](#)

Londres, fevereiro de 1831.

Lorde Edward leu e releu a carta mais de dez vezes enquanto pensava por onde começaria a sua procura por lady Elizabeth. Sabia bem que localizar uma cortesã numa cidade cheia de Mães Needhams[\[65\]](#) não seria coisa fácil. “Não há lugar no mundo que pode ser comparado com Londres por sua libertinagem”, alguém sabiamente já escrevera.

As prostitutas eram incontáveis e divididas em classes, a começar por aquelas do fundo do poço, que trocavam seus corpos por um litro de vinho e um shilling nos becos escuros, geralmente anestesiadas pela bebida. Seguiam-se as que trabalhavam em modestos bordéis e cobravam ou

pelo ato ou por hora. Depois vinham as dos bordéis de luxo, modelados à moda parisiense para a classe alta. Por fim, havia aquelas que atendiam aos aristocratas e aos nobres em casas de alto luxo. Na devassa Londres havia também as prostitutas sofisticadas, mas essa categoria não lhe interessava, pois eram mulheres que viviam exclusivamente sob a proteção de amantes, ricos e poderosos, em casa própria. Era, portanto, numa das casas de alto luxo da cidade que lorde Edward acreditava poder encontrar lady Elizabeth, com seu time de cortesãs a serviço dos escalões superiores da ‘sociedade’ londrina.

Lady Elizabeth talvez fosse uma Charlotte Hayes ou uma Sally Salisbury[66] que teve a sorte de não ter morrido cedo por alguma doença, como ela mesma descrevera na sua carta para Eliza. O próprio conde de Northumberland, à época, cuidara para que seu tratamento fosse pago e havia colocado o fiel John Baker para cuidar dela. Lorde Edward entendia, assim, a dívida do pai para com o antigo escudeiro.

Enquanto tomava o seu desjejum, depois de uma noite insone, pois não havia pregado os olhos após chegar do Almack, o conde tomou uma resolução. Mandou chamar Mr. Kaufmann, o seu secretário.

– Preciso encontrar uma dama. Bem, talvez o termo ‘dama’ não seja o mais adequado, pois ela é uma cortesã.

– Sua Senhoria deseja a companhia de determinada cortesã e quer que eu a encontre?

– Acho que não me fiz entender, Kaufmann. Preciso encontrar uma cortesã que nasceu lady Elizabeth Douglas. Hoje eu não sei que nome ela usa, mas certamente não é esse sobrenome e, talvez, nem o nome. Deve ter entre 45 e 50 e poucos anos. Portanto, ela não deve atuar mais como cortesã, mas pode ser a dona de algum estabelecimento em Covent Garden ou em qualquer parte de Londres.

O secretário estava cada vez mais confuso. Por que o conde, jovem como era, com excelente aparência, tendo todas as damas de ‘boa família’ de Londres loucas atrás dele, as casadas também, por que razão ele queria uma cortesã e ainda por cima velha?

– Não estou enlouquecendo, Kaufmann. Não quero ‘dormir’ com a mulher. Tenho um assunto muito antigo para tratar com ela, um assunto pessoal. Quero que faça uma lista dos mais importantes bordéis de Londres, pois vamos dividi-los nessa busca, eu e você. Cada um vai visitar a metade. Se você a encontrar, traga a ‘dama’ para cá nem que tenha que usar a força, pois eu preciso conversar com ela.

– Mas eu não frequento bordéis, milorde – respondeu o secretário. Às vezes, era bem abusado. Lorde Edward olhou-o e disse rispidamente:

– E eu tenho cara de quem frequenta bordel, Kaufmann? Contudo, sei onde eles ficam, pois basta enxergar, escutar, para saber que eles existem aos montes. Pergunte a alguém, mas faça a sua lista. Eu vou fazer a

minha.

Meia hora mais tarde, Mr. Kaufmann chegou com a lista. Vários bordéis na Covent Garden; outros mais distantes, e o Palácio das Fadas, na Soho Square.

— Para quem não frequenta bordel está muito bem informado, Kaufmann — zombou o conde. O secretário enrubesceu fortemente enquanto lorde Edward ria. Dividiram os endereços entre eles e saíram cada um para um lado da cidade.

LORDE Edward voltou apressado para Northumberland House na esperança de que Mr. Kaufmann tivesse tido mais sorte do que ele. Entre inúmeras casas que visitara, algumas o haviam impressionado bastante.

A famosa *Molley House*, que ficava na *Covent Garden*, tinha o cheiro adocicado de mirtilos. Sempre que comesse alguma coisa com essa fruta se lembraria de *Molley House*. *Será inevitável*. Assim que ele entrara, várias mulheres se aproximaram dele, cada uma mais corada que a outra. Suas bocas eram rosadas e vestiam muito pouca roupa para um dia tão inclemente como aquele. Reconhecera ali vários cavalheiros da sociedade, alguns solteiros, mas muitos casados. Olharam curiosos para ele, mas lorde Edward pouco estava se importando com a sua

reputação naquele momento.

A Mansion de Elizabeth, que lhe atraiu pelo nome, era extremamente luxuosa e tinha um cheiro peculiar, uma mistura de suor com framboesas. Lá também fora assediado e quase levado à força para um dos enormes quartos. Fora até a porta de um deles à procura, mas a Elizabeth que localizara ali era jovem demais e estava muito ‘ocupada’ em um aposento com cortinas vermelhas. O perfume da *Mansion de Elizabeth* era tão intenso que saíra de lá com o cheiro impregnado em suas roupas.

A Belle Brezing também era uma casa luxuosa e à moda francesa. O lugar tinha cheiro de amora e madeira. Também não tivera sorte de encontrar Elizabeth. Mas encontrara vários de seus pares, alguns ridicularmente com pouca roupa circulando pelos corredores.

Na saída dessa casa, um beco exalava o fedor de Londres que, às vezes, tornava-se insuportável. O conde associou o mau cheiro à hipocrisia dos cavalheiros londrinos que se encontravam ali. Nas festas e bailes da ‘sociedade’, os ‘honestos’ pais de família, que exigiam que o cavalheiro que se propusesse a casar com suas filhas tivesse a reputação ilibada, embora o bolso cheio fosse mais importante, estavam sempre bem-vestidos. Nos bordéis, contudo, circulavam seminus de um aposento a outro, experimentando o que a casa oferecia de mais atraente.

Decepcionado, e um pouco enojado, ao voltar a

Northumberland House concluiu que as visitas do secretário tinham sido tão infrutíferas quanto as suas. Mas, por mais que indagasse, Mr. Kaufmann não quis relatar com detalhes nenhuma de suas tantas experiências.

– Nenhuma Lady Elizabeth? Nenhuma, mesmo? – perguntou-lhe o conde, resignado.

– Nenhuma, milorde. Nenhuma com o perfil que Sua Senhoria me passou.

O conde suspirou impacientemente e ordenou ao secretário que fizesse uma nova lista de bordéis, mesmo aqueles mais distantes. Mr. Mercer pediu licença e entrou no escritório para dizer ao conde que o duque de Prudhoe tinha passado mais cedo à sua procura. Pensativo, lorde Edward saiu para Prudhoe House. Quem sabe o duque pudesse ajudá-lo naquela busca.

Assim que Oldenburg o anunciou, foi recebido pelo duque.

– Estive em Northumberland House mais cedo e Mr. Mercer me disse que você nem havia dormido. Está com uma cara péssima. Aliás, achei que emagreceu demais nestes dois últimos meses. O que está acontecendo, Hotspur? De onde está vindo vestido assim desse jeito? Parece um fazendeiro e não um conde.

– O que ‘Meu Senhor Duque’ quer saber primeiro? – respondeu lorde Edward. O uso irônico do tratamento formal com o amigo atestava todo o seu mau humor.

– Onde esteve assim?

– Visitando bordéis – respondeu secamente.

– Hotspur! – exclamou o duque. – Então é pior do que imaginei. Cadê a sua amante? Aquela atriz dos peitos enormes que, a despeito de todos a quererem, escolheu você?

– Não é isso que está pensando, e não tenho mais nenhuma amante.

– Então, está explicado todo esse maldito mau humor. Há quanto tempo?

– Prudhoe, não estou aqui para falar disso e não quero mulher nenhuma, quero dizer... Ah! Sua Graça entendeu – disse, gesticulando e se jogando numa poltrona em frente à lareira.

– Sim, entendi. Sei exatamente quem Sua Senhoria deseja.

O conde entregou a carta ao duque.

– Leia isso!

Prudhoe leu. Como a duquesa já lhe havia contado alguns fatos, não precisou de mais explicações.

– Está à procura da tal Elizabeth e, pelo jeito, não a encontrou – disse o duque.

– Nem sinal da velha cortesã. Eu e Kaufmann batemos em quase todos os bordéis da moda em Londres.

– Colocou seu secretário para visitar os bordéis?

– Sim, queria que eu chamasse Sua Graça para me ajudar?

– Sim. Eu teria ido. Onde foram?

- Em todos da *Covent Garden* e *Soho Square*.
 - Foram nos da *Mayfair*, *Cadogan*, *Devonshire*, *Grosvenor* e *Landsdowne*?
 - Como sabe de todos esses bordéis?
 - Moro em Londres e não me escondo na fronteira da Escócia, e frequento um clube de depravados. Vamos comer alguma coisa e depois eu irei com você em cada um deles.
 - Não estou com fome.
 - Quando foi a última vez que comeu?
 - No desjejum – respondeu ele, mal-humorado.
 - Pois vai comer ou vou desafiá-lo para um duelo. Como sei que não deseja me matar, pois, como já me disse, sou um péssimo esgrimista e um mau atirador... E, no mais, não vai deixar um filho sem um pai...
 - Filho sem pai?
 - Isso, meu caro. Serei pai em breve. Leonora está esperando o próximo duque de Prudhoe – revelou, sorrindo. O conde o parabenizou e perguntou pela duquesa.
 - Saiu. E dessa vez eu sei onde ela está.
- Não foi necessário que o duque dissesse quem ela tinha ido visitar. Eles se conheciam com um só olhar. Calados, encaminharam-se para a sala de jantar. Assim que se sentaram e o vinho foi servido, o duque disse:
- Temos a mesma idade, 30 e poucos anos. Deixa pra lá... Você leu no *Times* hoje?

Como Edward dissesse que não, ele continuou:

– Com a expectativa de vida em Londres tão baixa é melhor não falar em idade, quem sabe enganamos a morte – brincou. – Mas está mais do que na hora de você encomendar o herdeiro de seu título, Hotspur.

– Nem mais uma palavra sobre isso, senão levanto e vou-me embora nesse instante! – disse o conde. O duque deu uma sonora gargalhada.

– Fique sentado aí. Apenas uma perguntinha. Vi o barão seu tio no Almack cercado-o com lady Neville ao lado. Ele o está pressionando?

– Diabos, se não está! Não só ele, mas lorde Mortimer para que lorde Robert faça seu pedido.

– E o que pretendem fazer?

– Eu? Nada, por enquanto.

– Hotspur, conhecemo-nos desde criança, sei que não pretende se casar com essa Neville. Por que não diz logo isso para ela? Deixe a moça seguir seu caminho. Notei um interesse de Belvoir por ela.

– Eu também notei algo. Mesmo achando que minha mente pregava-me alguma peça. Ele fez alguma pergunta para você?

– Fez. Perguntou se você pretendia honrar o acordo do conde seu pai com o pai dela.

– E o que respondeu?

– Que eu achava que não.

– E Belvoir? – perguntou lorde Edward interessado.

– Vai saber o que se passa pela cabeça de Belvoir, mas já é alguma coisa. Para um depravado como ele perguntar sobre uma dama já é um progresso e tanto.

– Vou resolver isso logo, ou me casarei com ela no próximo mês.

– Ela quem? – perguntou o duque.

O conde não respondeu, apenas o olhou com indisfarçável aborrecimento.

– Olha, andei pensando, e não vai acreditar no que vou lhe dizer, meu amigo. Vai até me achar volúvel. Mas, eu nunca fui de fazer aquilo que esperavam de mim! Basta olhar com quem me casei, embora o seu problema seja maior que o meu. Lembra-se que passei por algo semelhante com Leonora? Sei o que você está sentindo, se sei. Contudo, se eu fosse você me casava logo com essa ‘estrangeira’ e pronto. Que se dane todo o resto. É o que quer, isso é óbvio — aconselhou Prudhoe.

– Casar com minha própria irmã. Está louco?

– Isso é tradição entre os Percy Northumberland, pelo que meu pai me contou.

– Seu pai, o duque? O que ele sabia sobre isso?

– Todo mundo sabe uma coisinha ou outra sobre vocês. Não é segredo que Sir Henry Percy Hotspur, o segundo conde de Northumberland, se casou com sua meia-irmã. Você, Edward Percy, é igual a ele em tudo. Portanto, estaria apenas repetindo uma tradição. Case-se com ela, volte para Alnwick Castle e seja feliz. Tire-a de Londres

antes que essas pessoas mesquinhas a firam. Ela é uma ótima dama, gosto dela e a duquesa também.

Lorde Edward não disse nada, pois o amigo apenas tinha expressado por palavras o que já se passara centenas de vezes por sua mente. Mas temia que ela não o aceitasse. Fora diferente com Sir Percy. Miss Evans sabia e o quisera. Implorara para que ele a fizesse dele. Como ele queria que Eliza, agora, fizesse o mesmo com ele! Não resistiria e, então, estaria obrigado a se casar com ela para lhe dar a proteção do seu nome.

CAPÍTULO XXV

Verdades

“(...) Não existe felicidade nem infelicidade neste mundo, existe apenas a comparação de um estado com o outro e nada mais. Só aquele que experimentou o extremo infortúnio se encontra apto a experimentar a extrema felicidade. É necessário ter querido morrer para saber como é bom viver.”[\[67\]](#)

Londres, meados de fevereiro de 1831.

Quando a mulher caminhou na direção deles, lorde Edward soube que havia encontrado Elizabeth Douglas. Eliza havia herdado o andar e os olhos da tia cortesã. Ela ainda era bela, devia ter sido uma beldade quando jovem. No momento em que ela pousou os olhos nele, também soube de quem se tratava, pois seus olhos ficaram marejados. Vestida de forma decente, usando joias caras, ela era, sem dúvida, a dona do ‘respeitável’ estabelecimento. Era o último que visitavam. O conde de Northumberland já estava quase achando que a tal ‘dama’ não passasse de uma lenda e que tudo havia sido tramado pelo *miserável* conde de Douglas.

– Lady Douglas! Sinto-me contente em conhecê-la,

finalmente – disse lorde Edward, beijando-lhe a mão que lhe era estendida. O duque de Prudhoe também a cumprimentou, respeitosamente.

– Os Percy Northumberland são todos iguais: belos, educados e apaixonantes. Não me admiro que minha sobrinha esteja apaixonada – respondeu Elizabeth. Mas não sorriu.

– E ela está? – perguntou o conde, sorrindo. Ele queria acreditar naquilo e não discutia a idoneidade do mensageiro que lhe desse as boas-novas.

– Eu estaria – respondeu Elizabeth. Dessa vez, contagiada pelo sorriso do cavalheiro à sua frente, também sorriu.

– Deveria conhecer sua sobrinha, pois são muito parecidas – disse ele. O duque, nesse instante, deu-lhe uma olhada de reprovação.

– Sua Graça tem razão, e eu a conheço. É melhor que eu fique longe dela para seu próprio bem – respondeu Elizabeth, o que deixou o duque embaraçado. Ela era inteligente e perspicaz. Prudhoe aproveitou a deixa para sair e deixá-los a sós.

– Volto em uma hora – ele disse, informando que iria resolver alguma coisa ali por perto para deixá-los à vontade.

Quando o duque saiu, lorde Edward iniciou o interrogatório.

– Sabe a razão da minha visita, não sabe?

– Sim, sei – ela respondeu, enquanto o analisava milimetricamente.

– É muito parecido com seu pai. Embora seja um pouco mais alto. Sim, eu sei por que está aqui.

– Eu já estava achando que a senhora fosse uma lenda, pois não se encontrava em parte alguma.

– Procurou por mim em todas as ‘casas’ de Londres?

– As melhores. Esta era a última e eu já estava desistindo. Achei que a carta fosse uma conspiração do conde de Douglas.

– Ainda são inimigos?! Que tragédia essa desavença. Acabou com centenas de vidas, inclusive a de minha irmã...

– E a sua... – o conde completou.

– Não, a minha, não! Eu sabia que ele a amava, mas tinha esperança de que gostasse de mim. Eu era mais bela que ela, mas, por alguma razão, preferiu-a, nunca saberei qual... – ela respondeu. Ele a olhou e sentiu pena dela. – Não sinta pena de mim, Sua Senhoria. E diga de uma vez o que deseja?

– A verdade – ele respondeu.

– Conte tudo para minha sobrinha em nosso encontro. Eles ficaram juntos muitas vezes, mas o conde foi obrigado a se casar com outra. Izabele estava grávida, casou-se com Leopold e partiu. Nunca mais a vi. No início ela me escreveu, mas depois as cartas cessaram de vez.

– Eu a amo.

Lorde Edward nem acreditou que havia dito a frase, pois até aquele instante acreditava que apenas desejava Eliza loucamente. Mas diante daquela verdade e daquela mulher que tinha amado e sido rejeitada, ele não tinha nada a perder.

– Eu sei – respondeu Elizabeth.

– O que eu faço?

– O grande conde de Northumberland pedindo conselhos a uma velha cortesã? A uma prostituta que destruiu sua família e levou seus pais prematuramente para a cova?

– Não. Estou perguntando a alguém que conheceu o amor e sabe como dói não poder vivê-lo. A senhora amou e teve esse amor, nem que tenha sido por uma única vez... Estou perguntando também à tia dela.

Ele percebeu que a atingira. Seus olhos encheram de lágrimas e ela abaixou sua tez, branca e pálida, para que ele não lesse o sofrimento de seus límpidos olhos azuis.

– Não será a primeira vez que um Northumberland se casa com uma Douglas e, ainda por cima, meia-irmã. Aliás, isso já aconteceu duas vezes.

– Duas vezes? Sei de Sir Percy Hotspur e miss Evans.

– Sim. Há muitos séculos houve uma época de paz entre as duas famílias por causa de um casamento. Um lorde chamado Sir Ralph, meio-irmão de Sir Percy, se apaixonou também por uma Douglas. Northumberland e

Douglas lutaram lado a lado contra o rei da Inglaterra. O amor não conhece porteira de clã, meu senhor. É apenas um volátil sentimento, mas está acima de todas as contendas e ódios.

– Como eu nunca soube desse casamento de lorde Ralph com uma Douglas?

– Talvez porque não quiseram que soubesse. Quando você nasceu as duas famílias já tinham voltado à animosidade ancestral. Uma pena...

– A senhora disse que não seria a primeira vez que um Northumberland se casava com uma irmã. O que sabe disso e quem lhe contou?

– Toda a Inglaterra sabe disso, Sua Senhoria. Sir Percy Hotspur era irmão por parte de pai da condessa de Northumberland. Quando miss Evans morreu no parto ele se culpou, pois achava que Deus o estivesse punindo. Morreu poucos dias depois naquela estúpida guerra que ele arranjou como pretexto para ir ao encontro dela.

– Como sabe de todas essas coisas?... – ele estava nervoso.

– Porque amei um Percy Northumberland e sou uma Douglas. Esses dois motivos já bastariam para aguçar meu interesse, mas eu era uma cortesã e havia me deitado com um... – ela hesitou, olhou-o e voltou a falar: ...com um Northumberland, com este último por amor. Depois com os nobres mais influentes da minha época. Fui uma beldade, milorde. Todos queriam compartilhar da minha

cama, nem que fosse para conhecer a dama que havia se tornado uma prostituta de luxo. Eu escutava o que me contavam. Por isso eu sei.

– Acha que Eliza é mesmo minha irmã? – perguntou lord Edward. Sua voz saiu como um fio.

– Percebo que é um nobre cavalheiro, milorde, e que ama de verdade. Outro no seu lugar já a teria deflorado. Não fez isso, não é?

– Não. Ainda não.

– Sei que não. Vejo o desejo insatisfeito em seus olhos. Conheço esses olhos. O conde seu pai passou a vida toda com esse mesmo olhar.

– O que está querendo me dizer?

– Que ele desejou Izabele a vida inteira. Ele a amava e foi um fraco. Ele podia ter se casado com minha irmã. Diferentemente de milorde que ama seu sangue, ele não tinha parentesco com Izabele. O ódio das nossas famílias foi que os separou.

– Eu não sinto que ela seja minha irmã! Diabo! – ele praguejou, levantando-se abruptamente, enlouquecido.

– Mas há vinte e três anos, Sua Senhoria possui uma irmã, mesmo que não a considere como tal.

– Vinte e três anos? A senhora disse vinte e três?

– Sim, minha sobrinha tem 23 anos.

– Não, ela não tem essa idade!

BEM distante dali, em *Douglas House*, Eliza padecia com uma estranha enfermidade. Não mais comia, não mais sorria e falava muito pouco.

Lorde Davy, assim que tivera certeza de que não havia nenhuma trama entre a prima e lorde Edward para lhe tirar a herança de Hugh Douglas — que por lei era dela, mas havia muito ele herdara —, relaxou quanto a tal situação. Igualmente havia comemorado a descoberta de que Eliza Douglas era irmã bastarda de lorde Edward Percy Northumberland. Afinal, um casamento entre eles poderia lhe trazer sérios problemas, o marido certamente iria requerer a herança da esposa... A prima também lhe garantira que nada queria do que, no passado, pertencera a seu avô. Lorde Davy, embora surpreso, não insistira no assunto. Se Eliza algum dia mudasse de ideia, teria de tomar alguma atitude. Poderia até mesmo se casar com ela, o que não seria nenhum sacrifício, ou... Achara melhor nem pensar nessa última hipótese.

Lady Leanah encontrou Eliza encolhida num canto do jardim.

– Prima, o que faz aqui? Vai adoecer. Hoje não é dia para passeio no jardim — disse, visivelmente preocupada.

Olhando-a fixamente, percebeu a aflição em seu rosto. Aproximou-se e a abraçou. Sabia que Eliza estava sofrendo, pois vira angústia em seus olhos naqueles dois

meses passados juntas. Mesmo quando ela tentava relaxar e aprender a dançar, a melancolia estava lá, uma tristeza escondida atrás de lindos olhos azuis, quase translúcidos. Mas não sabia o que fazer para ajudá-la.

Eliza levantou-se e caminharam juntas para uma sala, cuja lareira estava incandescente e acolhedora. A prima ainda a olhava e parecia muito preocupada. Eliza pôs-se a analisar se não encontraria em lady Leanah a amiga e confidente de que tanto precisava. Tinha muita vontade de conhecer sua alma, de saber se os sentimentos dela por lorde Robert eram tão intensos quanto os seus por lorde Edward. Mas a prima era tão fechada... Entretanto, se queria mesmo ser sua confidente, tinha que lhe contar seu passado, aquele que ela lutava para esquecer, pois temia descobrir nele alguma culpa, mesmo que dela não tivesse consciência. Lady Leanah lhe deu a abertura da qual precisava.

– Eliza, deseja conversar sobre o que lhe incomoda?

– Sim, gostaria de conversar... – ela concordou. Mordeu os lábios sem saber por onde iniciar. Lady Leanah se aproximou e segurou uma de suas mãos entre as suas e a olhou com olhos compreensivos. Eliza continuou: – Eu já lhe contei sobre minha mãe e meu pai, mas não contei o que motivou minha vinda para a Inglaterra.

– Pensei que fosse porque sua mãe era inglesa.

– Sim, isso também...

Seus olhos olhavam para o fogo, mas ela já não estava

mais ali, tinha-se transportado para Leipzig.

– Quando meu pai morreu ficamos sem ter como viver. Minha mãe vendeu as joias que tinha, mas recebeu muito pouco por elas, e eu via a angústia em seus profundos e baços olhos azuis toda vez que ela pegava a lata na qual guardava o dinheiro e o contava. Havia uma antiga ama que morava conosco. Pelo que entendi há dois meses, essa ama deve ter sido a mesma de minha mãe aqui na Inglaterra, pois ela era inglesa. Foi essa mulher que me deu proteção quando precisei, antes de fugir...

– Fugir?

– Sim, prima, saí de Leipzig como uma fugitiva. Mrs. Mann, pois ela se casou lá, se chamava Jessie, e me acobertou correndo o risco de ser morta.

– Morta?! Meu Deus! O que você fez lá, prima?... – Lady Leanah, embora não lhe soltasse as mãos, estava visivelmente assustada.

– Caí na mão de um tirano coronel. Vou lhe contar tudo. Embora isso me faça sofrer, preciso voltar a falar sobre isso.

Lady Leanah incentivou-a e Eliza prosseguiu:

– Joseph era capitão e aluno de meu pai já havia alguns anos. Acho que ele me viu passar da adolescência para a juventude. O que sei dizer é que ele sempre me olhava com carinho e eu gostava dele, pois era doce e tinha o sorriso mais atraente do mundo. Quando meu pai morreu, ele continuou nos visitando. Toda semana ele passava,

perguntava se precisávamos de alguma coisa. Como minha mãe sempre dizia que não, ele nada podia fazer, pois não queria ofender sua suscetibilidade. Contudo, Joseph sabia que não tínhamos dinheiro e começou a nos levar algo para comer. Dizia que tinha passado, visto e comprado para o jantar. Sei que foi natural que me pedisse em casamento. Eu não conhecia a paixão, mas confiava nele, portanto, aceitei. Não havia o que se fazer. Eu estava sozinha numa terra cheia de facções. Trabalho era muito difícil e minha mãe tinha me ensinado a ser uma dama como ela, e naquela vila costeira, cheia de marujos e mulheres da vida, eu corria um grande risco sem a proteção de um homem. A cerimônia foi marcada logo após a morte de minha mãe por insistência de Joseph. Contando assim, pode parecer que meu noivo era um insensível em desrespeitar o luto, mas ele era bom. Antes de minha mãe morrer, ele fez de tudo que estava ao seu alcance para curá-la. Levou até ela vários cirurgiões, mas a doença apenas progredia. Se ele sabia o que ela tinha, escondeu de mim, pois eu nunca soube o nome da doença dela, embora, às vezes, eu ache que se chamava tristeza... – uma lágrima caiu sobre a mão de lady Leanah e Eliza se desculpou.

– Oh, minha querida, continue! – disse lady Leanah.

– Um dia Mrs. Mann foi me chamar e disse que minha mãe queria falar comigo. Notei que a ama chorava, e me apavorei. Ela disse que não era nada, que ela era apenas

uma chorona, mas eu não acreditei. Encontrei minha mãe aflita. Ela tentava me dizer algo, mas não sabia como. Sabendo o que sei hoje, imagino que ela quisesse me contar a sua história com o conde de Northumberland... — Eliza levantou o rosto, timidamente, e pela primeira vez desde que começara sua narrativa, seus olhos encontraram os da prima, vidrados, e, logo abaixo deles, sua boca entreaberta, numa expressão de incredulidade. — ...Mas ela nunca me falou desse nome, embora tenha me dito que tinha uma irmã na Inglaterra e tenha me entregado o endereço de John Baker, em Alnwick. Entendi que se tratava do marido de minha tia Elizabeth. Ela falou do dinheiro inglês, disse onde o guardava, dentro daquele velho baú, aquele que trago comigo. Na época eu não entendi o que eu faria com ele, mas a minha mãe sentia que ele salvaria a minha vida.

Recordar o passado fazia todo seu corpo tremer. Lady Leanah sugeriu um chá e ela aceitou, pois sentia muito frio. Esperaram por ele em silêncio, pois Eliza não queria que nenhum criado a visse chorando e ela sabia que choraria se continuasse. Quando o chá chegou, a prima lhe serviu, e ela continuou, como se protegida pelo benéfico calor do líquido e ancorada à xícara de chá:

— Meu noivo, Joseph, tinha um irmão. Eu o conheci algum tempo antes do meu casamento, pois era seu único parente, e o capitão quis que eu o conhecesse, juntamente com sua cunhada. Esse irmão, coronel Heinz Dahmann,

era casado havia dois anos com uma bela mulher. O nome dela era Adhelle, era linda, porém ela era fraca. No meu país havia facções a favor e contra o rei. Meu noivo era fiel ao rei e o coronel era contra. Mas eram irmãos e, apesar de estarem em lados opostos, eram jovens cultos, que conheciam arte e pareciam separar política da família. Eu notei que durante o jantar na casa de meu noivo, seu irmão me olhava de forma estranha. Mas que experiência eu tinha para saber do que se tratava aquele olhar? Nos poucos meses que antecederam meu casamento, o coronel também passou a frequentar a nossa casa. Levava sempre algum agrado para minha mãe e eu não via mal naquilo, embora quando eu contei para meu noivo, ele pareceu não gostar. Então passei a esconder as visitas dele de Joseph e este foi o meu pior erro. Não sei a razão pela qual passei a não contar, talvez porque não quisesse que Joseph ficasse triste, de fato eu não sei, fui tão ingênua... – Eliza fez uma longa pausa e lady Leanah não quis interrompê-la.

– Agora percebo que minha mãe não gostava do coronel, ficava agitada quando ele chegava. Um dia Heinz pediu para ficar a sós com ela, estranhei, mas achei que ele fosse oferecer algum dinheiro; estávamos sem nada para comer naquele dia. Fui egoísta, confesso, a fome faz isso com as pessoas, Leanah. Logo ele se foi. Minha mãe não falou em dinheiro, não falou nada. Tampouco eu perguntei, pois ela parecia extenuada. Logo Joseph chegou

e, vendo que não havia o que comer, deu dinheiro para que Mrs. Mann providenciasse tudo o que faltava. Desse dia em diante nada mais faltou. O próprio Joseph combinava com Mrs. Mann e abastecia a despensa e eu lhe era grata por isso, por não humilhar minha mãe, pois ela era muito sensível a essas coisas. Hoje penso que, talvez, o coronel estivesse chantageando a minha mãe. Olhando as coisas agora friamente, sem o peso do medo, é bem provável que ele soubesse de algo sobre ela, sobre seu passado aqui na Inglaterra, sobre a minha tia cortesã. Ele era um homem viajado, já tinha vindo à Inglaterra muitas vezes. Certa vez minha mãe me chamou e perguntou se eu queria mesmo me casar com Joseph. Achei aquilo estranho, pois meu noivo era um homem muito bom. Ela me disse algo assim: *“Liz, a Jessie, agora que ficou viúva, vai voltar para a Inglaterra. Ela tem família lá, em Newcastle, no norte. Pensei que talvez quisesse conhecer a terra de sua mãe. Tenho dinheiro para as passagens”*. E essas palavras, eu creio, foram ouvidas pelo capitão Heinz, que a interrompeu e a deixou muito agitada e perturbada. Agora eu entendo que ela queria que eu fugisse antes do casamento com Joseph, que saísse de Leipzig e viesse logo para cá com Mrs. Mann. Talvez já tivesse combinado isso com a ama. Contudo, morreu horas depois. Depois, como já te contei, eu me casei com Joseph.

– Casamento? – perguntou lady Leanah. Estava lívida.

– Sim e não, prima. No dia do meu casamento, durante a cerimônia, não me recordo se eu já havia dito o ‘sim’, só sei que a igreja foi invadida por soldados, muitos deles, e Joseph foi praticamente arrastado do altar.

– Mas que barbárie? Por quê?

– O que me disseram no dia foi que o rei havia mandado buscá-lo, pois uma guerra havia eclodido e precisavam dele. Nunca mais o vi. Fui levada, arrasada, para a casa do coronel, meu cunhado, sem saber se eu havia me casado ou não. Provavelmente não, pois não me deram nenhum documento e nem chegamos a assinar os papéis. Ali se deu início a minha decadência, prima. Heinz me aturdiu dia e noite. Eu vivia apavorada com receio de que Adhelle percebesse a louca obsessão de seu marido por mim, pois nesse tempo eu já tinha certeza de que Heinz estava por trás do desaparecimento de Joseph. Ele não escondia mais o seu desejo por mim. Eu vivia apavorada. Não dormia mais à noite com medo de que ele invadisse o meu quarto e me violentasse. Eu passava o ferrolho na porta, colocava todos os móveis que eu conseguia arrastar atrás dela, e me encolhia num canto. Dormia de dia enquanto Adhelle fazia seu trabalho de costura na sala de estar, sempre encostada em seu ombro, pois eu achava que do lado da mulher dele eu estaria segura. Adhelle comentava que eu estava doente, mas eu não ligava, e gostava muito dela; sentia pena, pois ela amava aquele seu cruel marido. Houve uma época em que

Adhelle simplesmente desapareceu da casa. Nenhum criado sabia de seu paradeiro. Cheguei a suspeitar que Heinz tivesse feito algum mal a ela. Depois retornou e disse que tinha ido passar uma temporada com a mãe, aconselhada por seu marido, devido à guerra iminente. Disse que havia me deixado uma carta, mas eu nunca recebi carta nenhuma da parte dela. Eu disse que não havia recebido a carta e notei uma sombra no olhar de Adhelle, talvez a semente da desconfiança. Nesse período na ausência de Adhelle, Heinz tinha intensificado os seus ataques à minha inocência e chegado a me manter presa no quarto. Quando sua esposa retornou, a porta do cativo foi aberta, mas eu não ousava contar para Adhelle. Tinha medo de que ela me culpasse. Também quando eu, em companhia dela, ousava sair de casa, sempre tinha um ou mais soldados de Heinz vigiando-me. Eu queria procurar por Mrs. Mann para tentar fugir, mas temia que Heinz tivesse feito com ela o mesmo que havia feito com o irmão e, se por acaso não estivesse morta, como Heinz afirmava, que ele tratasse de fazer aquilo. Então nunca a procurava. Até que as investidas dele aumentaram demais. Ele passou a esmurrar a grossa porta do meu quarto para que eu a abrisse, mas eu dizia que pularia da janela se ele entrasse e me mataria. Um dia ele me encontrou sozinha no corredor, Adhelle estava no jardim, agarrou-me, beijou-me, tocou em meu corpo e estava me levando para um quarto para me violentar... Eu não sei de onde veio a

minha força, mas eu o mordi e gritei tão alto e desesperada que os criados ouviram. Acredito que toda Leipzig ouviu. Eu não suportava mais aquela vida, aquelas sujas mãos em meu corpo e estava com os nervos à flor da pele. Gritei, chamei-o de assassino, gritei que ele estava me violando, desrespeitando-me, empurrei-o e fugi alucinada pelas ruas de Leipzig. Nem olhei para trás, parei apenas quando entrei, em frangalhos, na humilde casa de Mrs. Mann. Ah, antes desse dia eu já havia me encontrado com ela numa daquelas excursões à cidade na companhia de Adhelle. Jessie, a Mrs. Mann, pareceu entender tudo sem que eu precisasse lhe contar nada. Pois bem, naquele dia, Heinz deve ter ficado tão assustado com a minha reação, antes tão passiva, que ficou sem ação. Ele podia ter me matado ali e era capaz de fazê-lo, vi isso em seus olhos. Mas eu estava possuída por uma fúria que não sabia que era capaz de sentir. Por Joseph eu queria matá-lo, queria que todos soubessem que ele havia planejado a morte de seu próprio irmão para ter-me como amante. E gritei essa verdade para quem quisesse ouvir. Adhelle deve ter escutado e compreendido todos os meus sons durante o dia, e o meu tormento para estar sempre com ela ao meu lado e nunca sozinha. Ela se matou logo depois e eu fui acusada de ser a responsável. Heinz inverteu tudo, e eu, de vítima passei a ser uma procurada, caçada como uma criminosa. Eu sabia que se me encontrasse ele me mataria, mas antes me violentaria. Com a ajuda dos

monges, pois um deles era inglês e conhecia Mrs. Mann e, com certeza, minha mãe, talvez conhecesse sua história, a história que eu somente agora conheço – ainda que fragmentada –, saí de Leipzig usando os vestidos de minha mãe de vinte anos atrás e me fazendo passar por uma viúva. Lembro-me do meu disfarce, da touca velha de viúva, dos monges me escondendo na sua carroça, levando-me ao porto e me orientando para que eu me juntasse a alguma família de emigrantes fingindo fazer parte dela. Somente em Dublin eu pude respirar aliviada. Até chegar lá eu via Heinz em todo o lugar e ficava apavorada. Bem, é isso, cheguei à Inglaterra quase sem dinheiro e me alimentando dos pães velhos que os monges me deram. Foi assim que acabei na cabana de John Baker, que eu achava que fosse marido de minha tia. Minha mãe não tinha sido clara e ele, por alguma razão, deixou se passar por meu tio em sua carta. Acredito que John Baker sempre soube quem eu era.

Eliza suspirou. Sentia-se melhor. Os olhos cinza de lady Leanah estavam cheios de lágrimas e ela ainda segurava as mãos da prima.

– Eu não sei o que dizer, Eliza. Estou tão chocada...

– Não precisa dizer nada, prima. Seus olhos já me disseram o que eu precisava ouvir – respondeu Eliza. Com um lânguido sorriso, levou a mão aos olhos e os secou.

CAPÍTULO XXVI

Forjando uma Mentira

Jamais subestime o desejo, ele pode fazer o mais leal dos homens sucumbir; a mais honesta das mulheres render-se à fraqueza, é sentimento tão poderoso quanto o amor ou o ódio, cujo antídoto para este é o perdão.

Londres, meados de fevereiro de 1831.

Se algum transeunte passasse por Landsdowne no instante em que lorde Edward saía do bordel de Elizabeth Douglas veria um homem de traços nobres, vestido rusticamente, porém insatisfeito. Ele caminhava cabisbaixo e não escondia o seu descontentamento chutando, com raiva, alguns pedregulhos no caminho. Tal testemunha deduziria que ele não gostara da experiência, o que seria uma péssima referência para o estabelecimento em questão. Entretanto, o que um passante comum não enxergava, o próprio conde passara a enxergar: uma luz em meio à escuridão.

O duque amigo o aguardava na carruagem. Já havia passado mais de uma hora e lorde Edward o tinha esquecido fazia muito tempo.

– Hotspur! – o duque gritou.

– Prudhoe! O que ainda está fazendo aqui? Amanhã todas as fofoqueiras de Londres vão dizer que a carruagem do duque esteve parada em frente ao bordel da Landsdowne. Devia ter ido embora, imbecil!

– E deixá-lo sozinho nesse antro cheio de vagabundos e prostitutas? Como faria para voltar?

– Iria andando. Melhor isso do que a duquesa achar que já está buscando fora...

– Ela confia em mim e você já fez mais por mim do que esperar uma horinha embaixo de um pardieiro.

– Não é um pardieiro. Você mesmo viu. E ela é a dona do lugar. E se lady Elizabeth Douglas quiser, vou estabelecê-la em uma casa respeitável.

– Já está agindo como padre. Vai querer virar santo e tirar todas as prostitutas das ruas de Londres?

– Todas, impossível. Enquanto houver homem que as procure haverá prostitutas. Mas tirarei essa, se ela desejar.

– Por quê? – o duque perguntou. O que ele queria era que lorde Edward lhe confessasse sua paixão pela ‘estrangeira’. A carruagem já se movimentava pelas ruas tumultuadas. O conde olhava pela janela, indiferente às pessoas que por ali andavam e olhavam o símbolo ducal na portinhola. Seus pensamentos estavam em Eliza e no pequeno detalhe relativo à sua idade. Isso o mantinha cheio de esperança. Refletia ainda no que havia confirmado sobre um tempo de paz entre os Douglas e sua

família. Voltou a pensar no que ouvira de Elizabeth. *Estou fantasiando?* Queria tanto aquela mulher que estava se apegando a qualquer esperança. A tia podia ter-se enganado sobre a idade da sobrinha. Certamente não sentia Eliza como irmã. Sobretudo, não a queria como tal. *Eu a terei, nem que para isso tenha que lhe esconder a verdade.*

– Por que quer dar outra vida a essa cortesã? Foi ela quem escolheu esse caminho – insistiu o duque.

– Porque... porque eu pretendo me casar com ela.

– Com ela, quem? Com lady Neville?... – o duque brincava.

– Sabe que não.

– Então, diga-me com todas as letras, imbecil!

Lorde Edward olhou para o amigo e sorriu, embora o sorriso tivesse um quê de dúvida e tristeza.

– Duvido que faça isso, Hotspur.

– Por que não? Sir Percy já fez o mesmo e parece que isso também é tradição de família. Sua Graça mesmo me disse, não se lembra?

– É. Eu disse, mas eu não sei, Hotspur! Somos pessoas diferentes, embora em muita coisa sejamos semelhantes. Eu teria me casado com Leonora mesmo que tivesse a certeza de que ela fosse minha meia-irmã. Mas, você eu não sei, acredito que veria isso como quase um incesto.

– O que está querendo dizer? Que tenho escrúpulos e Sua Graça, não?

– Isso não importa. Descobriu alguma coisa nova? O que a cortesã lhe disse? Eliza é ou não é a sua irmã bastarda?

Lorde Edward não respondeu. Parecia se recordar da conversa que tivera havia pouco. Passaram-se vários minutos. Prudhoe mantinha-se expectante.

– Ela afirma que somos irmãos, sim – Lorde Edward respondeu, por fim. O duque soltou uma imprecação.

– Ela afirmou isso com toda certeza?

– Infelizmente, sim – confirmou o conde, virando o rosto para que Prudhoe não lesse nele o que se passava em sua mente.

Quando a carruagem de Prudhoe parou em frente à mansão Northumberland House já era noite. Ele desceu e disse para o duque.

– Diga a ela, por favor, que em uma hora estarei lá!

– Dizer para quem?

– Para Eliza, claro. Ela já deve estar em Prudhoe House esperando por mim. Diga que passei em casa para me lavar e trocar essa roupa.

– Hotspur! Marcou encontro com uma mulher em minha casa?

– Sim. Eu salvei a sua vida e agora Sua Graça salvará a minha – disse ele, virando as costas, apressadamente.

– Eu sabia que um dia me cobraria aquilo que fez por mim em Waterloo, imbecil – gritou o duque, com um sorriso.

NO MOMENTO em que Mr. Wilbur, o camareiro, viu os trajes que o conde usava ficou perplexo. Ele mais parecia um rústico fazendeiro em época de colheita de feno.

– Não estava em Hexhamshire, Wilbur? Por que essa cara?

– Seus trajes, Sua Senhoria. E sua aparência total.

– Ah, isso. Meu *valete* estava fora e eu estava rodando por todos os bordéis de Londres. Não queria que eu chegasse inteiro em casa, não é?

– Depois não reclama da fama de conde Hotspur... – interveio lorde Robert, que havia acabado de entrar.

– Não é isso que estão pensando – explicou o conde.

Mr. Kaufmann, que saía do escritório nesse momento, perguntou:

– Encontrou a cortesã, milorde?

Todos olharam atônitos do conde para o seu secretário.

– Encontrei sim, Kaufmann, aliás, encontramos. Prudhoe estava comigo.

– Mas o que há com vocês dois? Perderam o juízo? É só esse desregrado do Belvoir aparecer e vocês voltam a ter vinte anos de idade — criticou lorde Robert.

– Para que tanta hostilidade com Belvoir, Robert? – o conde perguntou. Sabia exatamente porque o irmão estava

agindo daquela forma. O outro desconversou, mas o conde disse: – Belvoir está interessado em lady Neville e não em lady Leanah. E se quiser pedir a mão de lady Leanah em casamento terá a minha benção.

– O quê?! Mas o que há com você? Aliás, qual o nome dessa cortesã? Ela lhe fez muito bem!

Lorde Edward olhou de forma reprovadora para o irmão e se retirou chamando seu *valete*.

Antes que os ponteiros do relógio marcassem uma nova hora ele já estava em frente aos portões de Prudhoe House, tão aceso como se tivesse dormido dois dias seguidos. Cumprimentou Oldenburg educadamente, quase sereno, de tal forma que o mordomo se assustou. *Será mesmo o conde de Northumberland?* Era o que se perguntava enquanto conduzia o conde Hotspur à sala privativa da duquesa.

Como ele esperava, Eliza estava lá. Quando ele entrou, elegantemente vestido de azul-escuro, dada sua preferência pelas cores sóbrias, com o laço da gravata primorosamente dado e a alva camisa de prega reluzindo seu rosto, o coração dela disparou. Ruborizara tanto que sentia a face queimar.

Eliza estava deslumbrante em um vestido cor-de-âmbar, de um tecido fluido, que ele imediatamente teve vontade de abraçá-la e beijá-la, mas se conteve. Cumprimentou a duquesa, felicitou-a pelo herdeiro. Ouviu os gracejos do duque sobre sua anterior aparência e a

atual. Depois foi ao encontro de Eliza. Pegou-lhe a mão, levou-a aos lábios, tocou demoradamente as pontas de seus dedos com eles, e olhou-a fixamente nos olhos. Ela novamente enrubesceu. Com a desculpa de uma ópera italiana imperdível, Prudhoe e Leonora despediram-se deles, deixando-os totalmente a sós.

Entretanto, o duque inesperadamente retornou. Pediu licença a Eliza para falar em particular com o conde e levou-o para a antessala. Lorde Edward, sem entender, reclamou:

– O que há agora, Prudhoe? Está agindo como um pai protetor.

– Hotspur! Eu vi como você olhou para ela quando chegou. E vi também como beijou seus dedos demoradamente. Edward, meu amigo, o que tem em mente? Ela é uma dama virgem. Jamais se esqueça disso! Não estamos na Idade Média, e você não é Sir Percy.

– Seu miserável! Prudhoe, como conselheiro Sua Graça é uma desgraça. Em um dia me manda deflorar a moça; no outro me manda ter cautela e fugir dela; no outro me aconselha a me casar com ela, mesmo sabendo que podemos ser irmãos; e no outro volta a ser o escrupuloso duque. Raios! Nunca vi semelhante coisa! Muda de opinião como as marés!

– Tem razão, Hotspur, e me envergonho. Mas, a duquesa me fez voltar do vestibulo e falar isso. Tive que fazê-lo. Afinal, dei a minha palavra a ela. Para ser bem

franco, bem... É melhor eu não falar o que penso. De fato... Ah, Leonora pediu para lembrá-lo da carta do velho Baker. Ela mandou dizer a seguinte frase: “*Por favor, aja com a cabeça e não com o coração*”. Deve estar me achando um idiota – disse o duque.

Lorde Edward não respondeu, não era necessário. Apenas se encararam por alguns segundos. Os olhos de Prudhoe estavam amáveis; os de Hotspur, enfurecidos. Deram-se as costas e saíram. O duque foi se encontrar com Leonora que o esperava em pé no *hall*, e o conde voltou para a sala privativa da duquesa. Mas não entrou.

Estático em frente à porta, lorde Edward perdia-se em reflexões. Seu imenso desassossego era perceptível pela forma como se portava. Por várias vezes levou a mão como se fosse abrir a porta, mas retrocedeu. Continuava ali, parado, ponderando intimamente alguma coisa. Muitos minutos depois, finalmente ele se decidiu.

A sós novamente, Edward e Eliza mantinham-se calados. Apenas se olhavam, certamente temendo quebrar o indelével encanto daquele momento em que ambos, numa acolhedora salinha aquecida pela lareira, sentiam o cheiro, a presença ansiada um do outro e quase o gosto. O conde quebrou o silêncio.

– Nem por um segundo nessa vida eu acredito que sejamos irmãos. Quero que saiba disso – ele disse. Sua voz, embora grave e profunda, tremeu um pouco. Ela nem atentou para isso, tão alegre ficou ao ouvir aquilo

ser dito com tanta convicção. Mas na verdade, embora Hotspur tivesse afirmado com segurança, ele mesmo tinha suas incertezas. Não a sentia como irmã, mas não havia infalibilidade. Enquanto descia as escadas do bordel de Elizabeth, ele tinha tomado uma resolução que se desdobrava em dois planos: um deles ali começava a colocar em prática.

Para o inferno com a ética, as leis, as convenções, mas não viverei infeliz como meu pai. Se ela for minha irmã, não será a primeira vez que isso ocorrerá em minha família e, ademais, não é nenhum incesto como Prudhoe me disse. Se até na Bíblia houve incesto^[68], por que eu não posso me casar com uma meia-irmã? Afinal, ela é apenas metade irmã. E não uma irmã como Robert, filho do mesmo pai e da mesma mãe. Farei com que ela acredite que não somos irmãos e agirei como miss Evans agiu no passado.

Ante o olhar de expectativa de Eliza, ele prosseguiu.

– Hoje conheci alguém que tem seus olhos – disse ele. Sorria, mas era um riso amargo.

– Então, suponho que milorde a conheceu – ela retrucou, surpresa. Ele confirmou com um sutil balançar de cabeça.

– Sabia que vocês duas se parecem muito?

– Eu estive com ela.

Ela me disse, mas eu tive que visitar todos os bordéis de Londres para encontrá-la.

– Ela me encontrou. Eu não poderia ajudá-lo nessa busca, de qualquer maneira. Ela me proibiu de procurá-la e de ter qualquer tipo de relacionamento com ela – respondeu Eliza, visivelmente entristecida.

– Eu sinto muito pela sua decepção. Li as cartas, agradeço pela confiança, e sei o quanto queria encontrá-la. Gostaria de conversar sobre o seu passado? – ele perguntou, então. Ela se inquietou, no seu olhar havia medo.

– Não, milorde. Tudo aquilo ficou no passado. Deixe-o enterrado.

Ele se aproximou mais dela e perguntou:

– E sobre Elizabeth, podemos falar da semelhança que há entre as duas? Se eu a encontrasse pelas ruas de Londres, decerto desconfiaria que se tratava de alguém muito próximo à senhorita, sua mãe talvez.

– Sim. Minha mãe me falava, mas é difícil a própria pessoa perceber semelhanças físicas, embora eu ache que temos muito em comum em... – ela hesitou, ruborizando. Ele não disse nada, parecendo esperar que ela concluísse. – ...Minha mãe apenas falou de tia Elizabeth quando estava morrendo – ela desconversou e baixou a cabeça.

– Tem o andar dela, o formato do rosto, os olhos. Parecia que eu estava olhando para você no futuro.

– E esse futuro? É feio? – ela perguntou, com certa provocação.

– Não, nem um pouco. Eu achei que ela continua muito

bela. Não achou?

– Sim, achei-a extremamente bela, embora parecesse triste. Vi isso em seus olhos. Eu que imaginava que as cortesãs fossem felizes, pois elas são livres para... – sua empolgação assustou o conde.

– Acha que uma cortesã pode ser feliz?– ele perguntou, encarando-a. Ela hesitou, enrubesceu, e baixou os olhos. Ele insistiu, parecendo enciumado: – Responda-me, Eliza! Acha que uma mulher que se deita com todos os homens pode ser feliz?

– Eu não sei. Talvez sim.

– Talvez? Gostaria de se deitar com muitos homens? – ele questionou-a, já quase gritando.

– Não! Apenas achei que se ela se deitasse com quem...

– Com quem...

Ela hesitou, torceu as mãos no colo e murmurou:

– Com quem se ama.

– E acha que uma cortesã escolhe com quem vai se deitar, Eliza?

– Não?! – ela exclamou. Seus olhos pareciam decepcionados.

– Como é ingênua, minha querida! Em que mundo vive? Uma cortesã tem que se deitar com qualquer um que pague pelos seus serviços, pelo seu corpo, pelo...

– Pelo... – ela balbuciou, interrogativamente.

– Não sei explicar, mas sei lhe mostrar.

O conde esqueceu-se da recente advertência da duquesa através de Prudhoe e da carta de John Baker, na qual o rendeiro lhe pedia que cuidasse dela, que agisse prudentemente... Agiria conforme tinha planejado mais cedo. Afinal, não era esforço algum, pois a visão daquela mulher lhe entorpecia os sentidos de uma forma que ele não mais pensava, apenas agia com uma explosão de desejo, que lhe cegava todo discernimento.

Aproximou-se dela com um único passo e a abraçou. Tudo foi tão rápido que quando ela deu por si seu corpo macio estava colado ao dele. Ele estremeceu. Quando sua boca apoderou-se da dela ela gemeu, derretendo-se para ele. Ele a puxou e a trouxe mais para junto de si, diminuindo qualquer espaço entre eles. Ela se deixou ficar, inebriada pela paixão. Ele se sentou no sofá e a levou para seu colo, explorando sua boca com a língua e seu corpo com as mãos. Abaixou seu decote e tomou seu seio. Ela gemeu. Incentivado, Hotspur abaixou a cabeça e sugou o túrgido mamilo. Eliza se agarrou à cabeça dele como se sua vida dependesse daquilo. Tomada pelo desejo, contorcia-se, o deixando louco de paixão. Ansiando dar fim àquela fome que lhe causava dor entre as coxas, ela empurrou a boca dele para baixo. Ele a olhou para saber se era aquela a sua intenção, pois não conseguiria parar se fosse até lá. Resistira uma vez, mas não resistiria outra. Ele sabia disso. Ela enrubescceu drasticamente quando os olhos dele perscrutaram os dela.

– Não lhe disse que puxei a ela. Eu não lhe disse? – Eliza falou, levantando-se abruptamente do colo dele e ajeitando o vestido, completamente envergonhada.

– Acha que parece uma cortesã porque sente isso? – ele perguntou.

Ela balançou a cabeça afirmativamente. Ele sorriu e a abraçou, beijou-a delicadamente. Seu gesto demonstrava carinho e extrema afeição.

– Minha querida, as cortesãs não sentem isso que você está sentindo agora. Precisa de muito mais do que um macho para despertar esse sentimento, essa entrega...

– Não sentem?! Mas...

– O que sente por mim, Eliza? Descreva!

– Oh, não! Não posso...

– Pode, sim. Tente.

Ela novamente contorcia as mãos de tão agitada que estava, vermelha, profundamente encabulada. Ele sentiu pena.

– Venha aqui. Sente-se do meu lado! Quero lhe contar o que descobri hoje — disse o conde.

Eliza se sentou, mas um pouco distante. Ele queria ir lá e a tomar em seus braços e acabar com aquela enorme vontade não satisfeita, mas não podia. Sabia que se comesçasse de novo não conteria aquele desejo e queria saber a verdade antes de torná-la sua.

– Quero que me responda uma coisa, querida. Quantos anos exatamente você tem?

Ela o olhou, surpresa, pois ele nunca a chamara daquela forma.

– Quase 21 – ela respondeu.

– Tem certeza de que não tem 23?

– Sim, milorde. Por que me pergunta a minha idade?

– Elizabeth Douglas me contou que o fruto da união de Izabele com o conde meu pai teria hoje vinte e três anos. Sabe se sua mãe perdeu algum filho?

Eliza hesitou.

– Eu nunca ouvi falar que ela tivesse perdido alguma criança. Ela era tão calada... – uma grossa lágrima rolou de seus límpidos olhos, encabulando-a. Ele a secou e a beijou ternamente.

– Preciso lhe dizer uma coisa. Partirei amanhã mesmo para a sua terra. Irei atrás de toda a verdade. Não posso viver com essa dúvida.

– Não!!! – ela gritou tão alto que ele se sobressaltou. Ela tremia, seu corpo todo sacudia com soluços tão profundos que ele a tomou no colo e a abraçou muito preocupado. Aquele país a apavorava. Ele, contudo, sabia a razão: o maldito coronel. *Eu ainda o matarei*. Eliza estremeceu novamente. Lorde Edward viu que ela continuava chorando desesperadamente. Isso o levava a uma única e desesperadora conclusão.

– Eliza, o que está escondendo de mim? O maldito coronel a violentou, não foi? — ele interpelou-a, firmemente.

Por um longo tempo ela ainda apenas chorou. Depois, levantou-se, encaminhou-se para uma poltrona próxima a uma mesa de canto, prostrou-se atrás dela como se para se proteger de alguma coisa ou de alguém, e disse, erguendo desafiadoramente seus olhos para ele:

– Fui uma cortesã prussiana.

A gargalhada que ele deu foi ouvida longe por Oldenburg. Ela o desafiava encarando-o, rubra de raiva. *Como ele ousa rir de uma coisa tão grave como essa?*

– Uma cortesã prussiana! Então venha aqui e me mostre o que sabe dessa profissão – ele ironizou. Nem por um segundo ele acreditou no que ela dissera. Sabia bem qual era a razão para que ela preferisse se passar por uma prostituta. Na verdade, o medo ainda a assolava, a atormentava, pois ela achava que ele seria morto pelo coronel. Mas o conde se jogou de cabeça naquela mentira que lhe dava algum tempo de trégua e aliviava a sua enorme necessidade dela. Era como um condenado que, sabendo da morte iminente, tinha seu último desejo satisfeito. Ela também temia pelo pior e se negava a ouvir a sua consciência.

– Eu era uma cortesã em meu país... Na Inglaterra eu não sou mais.

– Pretendia se casar com um nobre inglês, então... – os olhos dele brilhavam de desejo.

– Não, milorde. Vim para cá para mudar de vida.

– Bem, se era uma cortesã prussiana... – ele frisou a

nacionalidade de propósito, — ...não poderá ser a condessa de Northumberland, mas pode ser a amante do conde. Terá tudo que precisa para viver, casa, carruagem e joias e muito mais. Mas terá que começar a mostrar seu talento da ‘terra da valsa’ neste exato momento. E foi ao encontro dela.

A poltrona não a protegeu. Pelo contrário. Ele pegou-a no colo, mesmo ela lutando bravamente para se soltar, deitou-a sobre a poltrona e deitou-se sobre ela. Beijava-a como nunca a havia beijado, como se fosse uma despedida. Puxou seu vestido para baixo e tomou seus seios com a boca. Sugou-os com força e ela gritou, de dor ou prazer, ou as duas coisas ao mesmo tempo, mas continuava apavorada. Percebia que tinha ido longe demais e que não havia volta. A mão dele levantou seu vestido, a rija coxa dele comprimia a dela, forçando-a a se abrir para ele. Os dedos dele alcançaram a sua umidade e ele a tocou, fazendo-a gritar. Depois desceu a boca e a beijou ali com uma paixão que nunca imaginara sentir. Seu membro estava tão rígido que ele sentia dor e, com certeza, a machucaria se a possuísse naquele momento, tomado que estava pela imperiosa força que o levara a ser chamado de Hotspur. Quando ele se posicionou para estocá-la, ela gritou:

— Sou casada.

Nada podia tê-lo atingido com mais força. Nem mesmo a consanguinidade o afetara tanto. Ele se deixou cair no

chão ao lado da poltrona, como se uma adaga tivesse atingido seu peito. A respiração dela estava ofegante, mas ela conseguiu dizer:

— Casei-me com o capitão Joseph Dahmann. O casamento foi consumado. Tive vergonha de revelar isso nas cartas que escrevi à minha tia. Os olhos que a encaravam agora não tinham nenhum brilho. Eram frios, indiferentes. A paixão tinha cessado, a boca estava contorcida com um quê de amargura e desprezo. Ele não disse uma só palavra. Sua face marmórea não insinuou nenhuma acusação, senão aviltamento, rejeição... Levantou-se, ajeitou a camisa e o lenço, e saiu da sala.

MR. WILBUR, de volta a sua função de criado de quarto, tinha esperado por ele para auxiliá-lo, mas ele não apareceu em seus aposentos em Northumberland House. Mr. Mercer, que o recebera quando ele voltara para casa na noite anterior e servira a bebida que ele pedira na sala de estar, intuiu que ele tinha dormido lá mesmo. O *valete* foi verificar e, de fato, encontrou lorde Edward deitado numa das poltronas. Sua aparência era a pior possível. Sem coragem de chamá-lo, sugeriu que o mordomo o fizesse, mas Mr. Mercer também se negou. Chamaram Mr. Kaufmann, mas o secretário igualmente se recusou, alegando que aquela não era sua função, e sugeriu que

miss Chapman a antiga babá, talvez fosse a pessoa mais indicada para tanto, pois o conhecia desde bebê e com ela ele talvez não brigasse. Estavam os três andando de um lado para outro quando o pêndulo da porta bateu. Mr. Mercer foi atender.

— Onde está Hotspur? Mande chamá-lo! Vou esperar na sala onde a lareira deve estar acesa. Que frio dos infernos! Mande-me servir qualquer coisa para esquentar, Mercer! — ordenou o duque de Prudhoe, já entrando na mansão, como era seu hábito. O mordomo, que vira os dois crescer, não estranhava a falta de cerimônia do duque.

— Mais que diabo é isso? — gritou Prudhoe instantes depois. Os três criados, que olhavam da porta, deram um passo para trás. Lorde Edward, acordado daquela forma, não foi nem um pouco cordial.

— Que diabo Sua Graça está fazendo aqui? Maldito o dia em que matei aquele francês! Devia tê-lo deixado rachar essa sua cabeça — retrucou, visivelmente irritado.

— Cale a sua boca e vai fazer a sua *toalete*, ‘moleque’. Salvou a minha vida e eu vou salvar a sua. Quero lhe falar, mas lhe quero sóbrio.

Em seguida o duque voltou-se para os criados.

— Wilbur, prepare o banho de Sua Senhoria! Miss Chapman, traga um chá aqui, agora, para o conde! Mercer, para mim uma bebida bem forte! — ordenou quase ao mesmo tempo.

Assim que o chá chegou, Prudhoe obrigou lorde Edward a tomá-lo. Em seguida, acompanhou-o até seus aposentos e o colocou para dentro, dizendo que o estaria esperando na sala de estar em meia hora.

Lorde Edward desceu no tempo estipulado pelo amigo, mas seu semblante sombrio não agradou ao duque. Ainda por imposição de Prudhoe, ele tomou seu desjejum. Depois voltaram para a sala, quase em silêncio.

Já acomodados, o duque limpou a garganta como se preparando para um discurso. Mas lorde Edward se antecipou.

– Se veio dar uma de alcoviteiro, rufião, desista, ela é casada.

– Não vim fazer nada disso, mas ela não é casada – bradou o duque.

– Ela me disse. Ela até pode ter mentido sobre o casamento, pois eu li todas as cartas, mas pode ter sido amante de Heinz Dahmann e pode ter mentido sobre a morte da tal Adhelle. Como eu me desprezo! Por isso ela sentia tanta culpa. Nunca me rebaixei tanto. Sempre desprezei os fracos e me declarei feito uma moça...

– Ela mentiu – rebateu o duque. E amar não é fraqueza, muito pelo contrário. Lembre-se de Sir Percy Hotspur. Um dos guerreiros mais valentes da Inglaterra, senão o mais corajoso. Amou tanto que negociou seus laços de sangue e morreu pela amada. Um homem que encarou o rei de frente e o fez tremer. Esse homem amou com tanto ímpeto

como guerreou.

— Virou poeta agora, Sua Graça? — disse o conde, irônico.

— Ela mentiu. Sei a verdade. Ela contou tudo para Leonora.

— Então estamos na mesma, pois eu também menti para ela. Eu lhe disse que de forma alguma eu acreditava que fôssemos irmãos. E fiz isso para acabar logo com essa história. Eu iria deflorá-la e ela seria obrigada a se casar comigo.

— Hotspur, ela mentiu para lhe proteger. Ela contou toda a verdade para Leonora.

Os olhos do conde estavam atentos. O duque, enfim, tinha toda a sua atenção.

— Ela é minha irmã? — lorde Edward perguntou.

— Isso eu não sei, meu amigo, mas descobriremos. O que sei é que ela não se casou e nem foi amante de ninguém. É óbvio que o tal coronel deve ter ‘armado’ para o outro, o pobre coitado do irmão. Tudo leva a crer que esse coronel, o vilão que a manteve presa por dois anos, assediando-a, antes chantageava a mãe dela, Izabele, por algo que ele descobriu aqui nos bordéis da Inglaterra. Não é difícil imaginar o quê. Ele tentou violentar a suposta cunhada, mas a nossa Eliza rugiu com a força de uma Douglas, gritou tão alto que toda a criadagem, e a própria esposa, descobriram tudo. Ela é honrada, foi uma vítima, mas mentiu para lhe proteger. Ela o ama! Esse

coronel lidera uma das mais terríveis e desonrosas facções da Confederação Germânica. Ela teme que vá a Leipzig, pois seria descoberto e morto por vingança a ela. E ela tem total razão.

Por um longo tempo, lorde Edward ficou pensando em tudo o que ouvira. Tinha medo de acreditar e, mais uma vez, descer do céu ao inferno.

- Eu irei a Leipzig — ele anunciou por fim, resolutos.
- Eu sabia que nada o faria desistir, seu imbecil.

CAPÍTULO XXVII

O Duque de Belvoir

“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvi-lo, vale a pena ter nascido.”^[69]

Londres, final de fevereiro de 1831.

– Belvoir aqui?

– Sim, milorde – respondeu Mr. Mercer.

– Que raios Belvoir está fazendo aqui a essa hora da manhã? Resolveram os dois me infernizar? – bradou lorde Edward, virando-se para o duque de Prudhoe.

– Eu tenho um palpite, mas vou deixar vocês conversarem sozinhos – disse o duque, levantando-se prontamente.

– O que eu faço? – perguntou o conde.

– Receba Belvoir, imbecil!

– Não, seu medíocre, com relação a...

– Ah, espere notícias! Não faça nada por enquanto.

– Vou enlouquecer se não fizer nada.

– Então faça o que quiser, mas na Inglaterra – bradou o duque, saindo e batendo a porta. Lorde Edward levantou-se instantes depois e foi atender ao duque de Belvoir, já instalado por Mr. Mercer na sala de visitas.

O belo duque estava em pé conversando com Prudhoe quando ele entrou na sala. Por alguns instantes se trataram como antigos colegas de Oxford. Riram e brincaram uns com os outros.

Quando Prudhoe se retirou, o conde de Northumberland notou que o inesperado visitante parecia muito embaraçado.

– Posso saber o que lhe trouxe à Inglaterra antes e agora à minha casa assim tão cedo, Belvoir?

– Sim, lógico, mas eu não sei como iniciar essa conversa.

– Hum... Acho que ela tem um nome. Seria lady Neville?

– Como sabe?! – o duque parecia surpreso.

– Digamos que vocês não foram nada discretos.

– Nos viu juntos?

– Sim.

– Onde? Em Paris?

– Ah, então eu estava certo. Estiveram juntos em Paris – ironizou lorde Edward, rindo.

– Não vai me desafiar para um duelo?

– Por que deveria? Deflorou minha prima e não vai se casar com ela. É isso?

– Não... Quero dizer, vim para lhe perguntar se pretende cumprir a promessa de seu pai. Na verdade, eu, bem, não sei o que dizer...

– Nossa! Um cafajeste quando resolve se acertar não

sabe nem como começar.

– Não sou um cafajeste. Aliás, não mais do que você e o Prudhoe. E se este se acertou ao lado da duquesa qualquer um pode se sossegar.

– Aquele desgraçado foi enlaçado e virou um poeta romântico. Agora vai ser pai.

– Ele me disse.

Um olhava para o outro sem dizer uma só palavra.

– Raios, Belvoir! O que quer saber? Se eu pretendo me casar com a Harriet? — perguntou o conde Hotspur, depois de alguns instantes.

– E pretende?

– Depende.

– Depende de quê, Edward?

– De quem ela vai querer. Você ou eu.

– Está brincando?

– Não. E vamos lá agora mesmo perguntar para ela.

– Deve estar louco.

– Não, apenas entediado. Quero ouvir da boca de lady Neville com quem ela deseja se casar, se com você ou comigo. Se ela escolher você, o acordo estará quebrado e meu tio me deixará em paz.

– Ela vai me escolher — respondeu Belvoir.

– Vai? Por quê? Parece bastante seguro disso.

– Porque ela me ama.

– E você, Belvoir?

– Se eu não quisesse me casar com ela estaria aqui

nessa conversa ridícula com você, Edward? Conhecemos em Paris. Eu não sabia no início que se tratava de sua ‘prometida’. Eu também não disse quem eu era, mas essa é outra história. O que preciso saber é se eu investir em lady Neville não estarei desonrando você.

– Nunca pretendi me casar com lady Neville. Aliás, nunca me vi casado com ela. É como uma irmã para mim.

– Isso quer dizer que a libera?

– Não posso liberar aquilo que nunca tive, mas vou conversar hoje mesmo com meu tio e dizer que não me casarei com ela. O resto é com você. Ela merece ser feliz, é uma ótima pessoa. Só estou em dúvida se você a merece.

– Deixe que ela decida isso, Edward.

– Acho que ela já decidiu... – ele riu e o duque Belvoir também.

– Um dia precisa me contar essa história.

– Qual história?

– A de vocês em Paris – disse lorde Edward.

– Ah, a história de um simples cocheiro parisiense e uma dama! Sim, será contada, um dia!

CAPÍTULO XXVIII

A caminho de Leipzig

“Tanto os homens como as mulheres nunca combatem mais rijamente do que quando lutam sozinhos, sem testemunhas, sem conselheiros, sem confidentes, sem terem ninguém para encorajá-los, dar-lhes conselhos ou lamentar por eles.”[\[70\]](#)

Londres, 3 de março de 1831.

O conde de Northumberland tinha tomado a decisão e ninguém o impediria de partir. Mas antes voltaria ao bordel para falar com Elizabeth Douglas. Havia saído destruído daquele encontro, mas algo o intrigava: se Eliza dizia que estava chegando aos 21 anos e sua tia afirmava que a filha de Izabele com o conde nascera havia 23 anos, alguém estava escondendo alguma coisa. Por quê? Ele tinha dito a Eliza que não eram irmãos com uma convicção que, de fato, não possuía. Fingira apenas para atender à sua fraqueza de macho. Mesmo que sua intenção fosse desposá-la depois, sentia-se um canalha por isso.

Queria falar com Eliza antes de partir, dizer que tomaria todo o cuidado para se manter vivo, mas não

podia ir a Douglas House e, muito menos, envolver a duquesa de Prudhoe outra vez na história. Ela estava esperando o herdeiro do ducado. Se perdesse aquela criança, o duque seu amigo jamais o perdoaria. *Tenho que deixar a duquesa fora disso.* E, certamente, quando soubesse que ele estava de partida, Eliza inventaria outra mentira para dissuadi-lo disso. Ele ficou imaginando qual seria a invenção dessa vez. Como fora tolo em acreditar que ela, de fato, casara-se com o capitão! *A paixão faz do mais forte guerreiro um fraco, isso sim,* ele tinha certeza. A história de Sir Percy Hotspur estava viva em sua memória para lhe servir de exemplo.

Elizabeth ficou muito surpresa quando o encontrou à sua espera na antessala. Mas, se ficou chateada, dissimulou, e foi bastante educada, embora irônica.

— Certamente o motivo de sua nobre visita, milorde, é uma de minhas lindas garotas! Afirmo-lhe que não se arrependerá se desafogar toda essa tensão passando uma ou duas horas em uma de nossas ‘mansões’. Hoje, mesmo, chegou uma linda jovem, de olhos azuis como o céu, que ainda nem foi experimentada. É virgem, coisa rara em qualquer bordel — disse a cortesã.

— E quanto pagou por ela, senhora? Certamente alguém a vendeu!

Elizabeth enrubesceu.

— Não compro garotas, milorde. Ela veio porque quis. Sua família é muito pobre e lá, como camponesa, não teria

nenhum futuro.

– Fico curioso, senhora, em saber qual futuro lhe aguarda a prostituição. Talvez possa esclarecer-me.

– Bem, vejo que não veio à procura de prazer. O que quer aqui então, milorde?

– Busco respostas coerentes. A senhora me disse que o fruto da união de sua irmã com o meu pai teria vinte e três anos hoje, se estivesse vivo, e sua sobrinha afirma que está para fazer vinte e um. Quem está mentindo para mim?

– Da minha parte não há qualquer mentira, milorde. O lorde me ofende – respondeu ela. Ele se desculpou e ela continuou: – Eu jamais esqueci os anos de 1806 e 1807. Embora em algum momento eu tenha obtido certo prazer, foram anos terríveis, pois, por fim, Izabele engravidou do homem que eu amava.

– Mas Eliza garante que não tem vinte e três anos. Diz que fará vinte e um, ainda.

– Impossível! – bradou a mulher. Se Izabele tivesse perdido a criança gerada pelo conde, seu pai, ela teria me contado na carta que me enviou. Nela não há sequer menção disso.

– Lady Elizabeth, por favor, não me roube a esperança. Existe alguém que pode conhecer plenamente toda essa história? Alguém com quem lady Izabele tenha se confidenciado? Diga-me e lhe serei eternamente grato.

– É possível que a ama inglesa que foi junto com ela para Leipzig saiba alguma coisa que nós desconhecemos.

Se ela ainda estiver viva, pode, sim, saber toda a verdade. E o padre Jacob...

– Padre Jacob?! Já ouvi esse nome antes. E como se chama a tal ama inglesa?

– Jessie Baker – ela respondeu.

– Baker?! – ele bradou. Estava enlouquecendo. – Baker, de John Baker?

– Sim, a filha dele. O conde, pai de Sua Senhoria, infiltrou a menina Baker na casa dos Douglas para que facilitasse os encontros dele com Izabele.

Agora ele entendia muita coisa. Os pontos, finalmente, estavam se ligando. A relação de seu pai com John Baker era muito mais forte do que ele pensava.

– Jessie Baker! – ele repetiu. – Tem o endereço de onde sua irmã morava em Leipzig?

– Sim, mas Izabele não existe mais.

– Eu sei, mas é uma pista por onde começar minha procura. Vou atrás de Jessie Baker, aliás, irei atrás da verdade onde ela estiver.

– Faça como quiser, milorde. Desejo-lhe sorte, pois vai precisar. O país lá está em guerra, mas já deve saber disso.

– Nada me impedirá. Um Percy não teme guerras, milady.

– Não sou mais uma lady, milorde. Por que insiste em me humilhar?

– A minha intenção é justamente o contrário. Estou

enaltecendo-a, lembrando-a de que nasceu numa família de nobres e nada mudará isso.

A tia de Eliza não refutou, apenas baixou a cabeça. Ele se despediu, já ia saindo, mas retornou. Colocou a mão no bolso e tirou um maço de cartas.

– Esqueci-me de entregá-las na primeira vez em que estive aqui. Elas lhe pertencem.

A mulher olhou para seu nome escrito no envelope que vinha por cima dos demais e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Muito obrigada.

– Lady Douglas, gostaria de lhe fazer uma pergunta.

– Sim, milorde.

– Se eu lhe oferecer condições financeiras, a senhora largaria isso aqui?

Os olhos da dama novamente ficaram marejados.

– Por que faria isso, Sua Senhoria? Seu pai podia ter feito e não o fez.

– Não sou meu pai, sou Edward Percy, tenho minha própria forma de pensar e autonomia para dar à senhora um futuro sossegado sem precisar trabalhar.

– Sim. Sei que não é seu pai, sei que é um dos homens mais nobres da Inglaterra. Sei também que não está fazendo essa proposta por causa dos meus olhos azuis. Por quê?

– Por causa da sua sobrinha. Sei que ela ficaria feliz em vê-la feliz.

Elizabeth ficou em silêncio, apenas o olhava de forma curiosa. Depois se virou, foi até um aparador, pegou papel e pena, fez algumas anotações, e entregou-lhe a folha.

– Obrigado. Espero que ela não seja minha irmã, não desejo uma, e a senhora me deu uma pista.

– Por que tanto interesse em minha sobrinha, milorde? Ela é uma Douglas.

Ele não respondeu de imediato. Olhou-a por alguns instantes, e depois disse:

– Recebi uma carta de Baker, a última que provavelmente escreveu. Nela ele me pedia que cuidasse dela. Preciso descobrir por quê. O fato de ela ser uma Douglas não me tira a responsabilidade. E essa guerra já durou tempo demais e só trouxe tragédias. Quanto à minha proposta, a senhora pode pensar com calma. Quando tomar a sua decisão, envie uma ‘nota’ para Northumberland House dizendo apenas “sim”, eu entenderei que deseja a minha proteção e ela será concedida.

LORDE Robert entrou no escritório do irmão mais velho e logo viu a bagagem sobre uma cadeira.

– Eu não sabia que iria viajar.

– Eu sei. Mandeí chamá-lo para lhe comunicar que ficarei ausente por alguns meses e, na minha ausência,

você será responsável por tudo. Já falei com Kaufmann e ele se reportará a você.

– Mas para onde vai? Para o continente? Vai fazer como seu amigo Belvoir e passar uma temporada em Paris? – perguntou lorde Robert. Como lhe era peculiar, desdobrava-se em ironias.

– Não, Robert. Não irei para Paris. Irei para um lugar chamado Leipzig.

– Mas Leipzig não é onde morava a nossa meia-irmã? Você é louco! Lá está cheio de guerrilhas... Ontem mesmo alguém comentou no clube que a Áustria tomou várias cidades e que o povo está se debandando para todos os lugares, inclusive para as nossas colônias, aceitando qualquer tipo de trabalho para sobreviver. E você vai para lá, para quê? Para ser morto?

– Por isso lhe chamei aqui. Se algo me acontecer, você será o décimo conde de Northumberland. Nesses documentos... – apontou para uma pilha de papéis – ...estão todas as informações das quais precisará. Tudo sobre as nossas propriedades e as suas atribuições e responsabilidades.

– Você deve estar brincando comigo, Edward! Só pode. É mais uma piada sua, do maldito Belvoir e de Prudhoe. Eu não desejo ser conde e não quero atribuição nenhuma.

– Imagino que não. Mas que bom que falou em Prudhoe. Estava me esquecendo. Mande levar esse bilhete

a Prudhoe House amanhã cedo! Hoje não, pois ele pode querer atrapalhar o meu embarque.

– Quantos homens levará com você?

– Nenhum – respondeu o conde. Sua voz estava serena.

– Por nossos pais, Edward! Isso é suicídio. Nossa pátria não está em guerra e nada o obriga a enfrentar uma, ainda por cima sozinho.

– Sei dos riscos que corro, Robert. Portanto, não vou submeter nenhum de nossos fiéis servos a isso. Contratarei homens em Dublin.

– Você e Sir Percy! Não vê que está indo pelo mesmo caminho dele? Isso só pode ser uma maldição!

– Maldição ou não, se estiver escrito, nada poderei fazer. Eu nunca temi a guerra, Robert. Um Percy Northumberland nunca foi covarde. E eu não serei o primeiro.

– TEM certeza de que é lorde Robert, Oldenburg? – perguntou o duque de Prudhoe, olhando surpreso para a duquesa.

– Certeza absoluta, Sua Graça. Está à espera de Meu Senhor Duque na sala amarela – respondeu o mordomo, com toda pompa.

– Deve ser algo muito importante para ele aparecer a essa hora da manhã, pois... – Prudhoe levantou-se

abruptamente. — ...Edward! Tenho certeza absoluta que ele está encrencado!

— O que está querendo dizer com isso, querido? — Leonora interveio, preocupada.

— Eu não acreditei que ele tivesse coragem de ir, mas ele foi, eu tenho certeza — disse o duque. Saiu apressado e Leonora foi atrás. Encontraram lorde Robert em pé, andando agitado de um lado para outro.

— Sua Graça! Peço perdão pela hora imprópria, mas como não dormi...

— Ele foi, não foi? — Prudhoe o interrompeu.

— Sim. Partiu ontem.

— Não me diga que seu irmão foi para onde eu estou pensando! — interveio a duquesa de Prudhoe, jogando-se, sem cor, sobre uma poltrona de brocado azul.

— Maldito, desgraçado conde Hotspur! Foi morrer como seu antepassado — vociferou o duque. Mas, preocupado com o estado de Leonora, contemporizou imediatamente: — Não se preocupe, lorde Robert, ele voltará. Conheço-o. Sei como ele reage a uma guerra.

— Oh, pobre Eliza! — exclamou Leonora.

Por falar nela, ele deixou duas cartas, uma para Sua Graça — disse lorde Robert, entregando ao duque um envelope com o selo de Northumberland e logo emendando: — E uma para chegar às mãos de Eliza. Eu não vou a *Douglas House*. Pensei em deixá-la aqui para quando ela aparecer para uma visita.

– Dê-me a carta! – disse a duquesa, rapidamente. – Eu a levarei à mansão dos Douglas ainda hoje.

Cerca de uma hora mais tarde a carruagem com o emblema do ducado de Prudhoe cortava velozmente as ruas de Londres. Dentro dela uma duquesa aflita, pois temia a reação de Eliza quando recebesse a carta.

Lady Leanah foi informada de que tinha visita e de que se tratava da duquesa de Prudhoe. Imediatamente ordenou que Eliza, que passeava no jardim com lorde Davy, fosse chamada. Ela sentiu-se aliviada quando o mordomo interrompeu o que o primo estava-lhe dizendo. Ficava cada vez mais difícil se esquivar dele. Ele vinha insistindo, ultimamente, em lhe fazer a corte e, naquele momento, estava prestes a se declarar para ela. Eliza, assim, suspirou aliviada.

Tão logo entrou na sala e olhou para Leonora, ela entendeu que algo de errado havia acontecido.

– Lady Leanah, será que eu posso falar com Eliza em algum lugar reservado? – pediu a duquesa, pois o conde de Douglas a acompanhava e havia dias a amiga tinha-lhe contado das investidas do primo. Chegara a lhe falar em casamento, mas ambas sabiam da motivação de tal proposta.

Eliza e Leonora foram encaminhadas para uma sala pequena, ao lado da sala de jogos. Assim que se sentaram, a duquesa tomou-lhe a mão entre as suas.

– Tem que ser forte, minha amiga.

– Oh, Deus! Ele foi para Leipzig! – Eliza quase gritou. Começou a soluçar e seus soluços eram ouvidos por Davy e Leanah. A prima, solidária a Eliza, propôs irem dar uma volta no jardim. Reticente, o irmão concordou.

– Ele lhe deixou uma carta – disse a duquesa, tirando da bolsa o pequeno envelope. Eliza reconheceu o selo dele imediatamente. Com mãos trêmulas, ela o pegou e abriu. Lágrimas, contudo, embaçavam sua visão. Entregou a carta a Leonora e pediu que a lesse em voz alta.

Cara Eliza,

Sei que me chamará de tolo. Mas parti em busca de respostas. Aquelas mencionadas por John Baker em sua última carta. Quando ler este bilhete já estarei muito longe. Lady Elizabeth me falou da antiga ama de sua mãe, Jessie Baker. Irei à sua procura. Tenho o endereço de onde a sua família morou em Leipzig. Ela deve ser Mrs. Mann, a ama que cuidava de sua mãe. Deve estar surpresa, pois eu também fiquei quando descobri que Jessie Baker, filha de John Baker, foi colocada na casa do Douglas, seu avô, pelo conde de Northumberland a fim de facilitar seus encontros com a filha dele. Também tenho outra pista, o monge inglês e o mosteiro de Barfussgasschen. Não se preocupe comigo, saberei me cuidar.

Seu...

Edward Percy.

– Oh, Leonora! Heinz o matará! Nunca mais o verei. Por que ele foi tão tolo? Por quê? Eu me casaria com ele mesmo na dúvida de que se somos ou não irmãos. Isso já foi feito uma vez. Miss Evans se casou com seu irmão... – o choro de Eliza era sofrido e Leonora não sabia mais o

que dizer para consolá-la, quando veio à sua mente o sangue guerreiro dos descendentes Percy.

– Minha querida, já ouvi histórias demais sobre essa família e ela nunca perdeu uma guerra. Venceram a batalha de Otterbourne e centenas de outras. Lorde Edward é um guerreiro poderoso. Herdou isso de seus antepassados. Não o chamam de conde Hotspur à toa. Ele lutou bravamente em Waterloo, e se hoje eu tenho um filho em meu ventre, do único homem que amei nesta minha vida, devo isso à coragem do conde de Northumberland. Ele salvou meu marido da morte. Lutou por dez homens e lutaria com um exército inteiro, se fosse necessário. Prudhoe me falou da sua valentia. Nenhum homem conseguia alcançá-lo, nenhum cavalo era mais veloz que o dele. Segurando Prudhoe ferido, em cima de suas pernas, atravessado no dorso de seu animal, ele cortava à espada aquele que ousava atravessar o seu caminho.

ALGUMAS horas depois, em Prudhoe House, uma comitiva se reunia para partir. O duque não permitiu que lorde Robert fizesse parte dela. O irmão do conde Hotspur argumentava que Prudhoe tinha uma esposa grávida e que ele, ao contrário, não tinha ninguém esperando por ele.

– Não! De jeito nenhum! Você é o herdeiro do condado

de Northumberland. O herdeiro do ducado de Prudhoe está vindo aí. Se não fosse por seu *maldito* irmão não existiria herdeiro dos Prudhoe, pois devo à sua valentia a minha vida. Está na hora de eu retribuir. Já agi. Tenho ordens do próprio rei^[71] para partir imediatamente em busca de lorde Edward e levar quantos homens for preciso, os melhores e mais valentes soldados. Já foi enviado pelo nosso próprio rei um espião com uma carta ao rei da Prússia, sorte sermos aliados, avisando da nossa chegada e da presença do conde de Northumberland em solo prussiano. O rei disponibilizou também o HMS Beagle, da Marinha Real, e zarparemos ainda hoje. Neste momento meus homens já estão preparando o armamento — disse o duque. E, sem esperar mais contestações, concluiu:

– Agora a pouco Leonora chegou com Eliza de Douglas House em um estado catatônico. A duquesa a levou para o quarto e ela lhe contou onde morava a ama, o monge inglês que possivelmente conheceu Izabele, e o mosteiro de Barfussgasschen. Essas são as nossas pistas. Encontraremos lorde Edward, aquele maldito que puxou o ancestral de vocês, o guerreiro Sir Percy, o Hotspur medieval, e o traremos vivo. Ele não salvou a minha vida na Bélgica à toa. Devo-lhe isso.

– Quando vai esquecer essa batalha, Sua Graça? Não lhe deve nada. Edward sempre lhe disse isso, mas passou a vida protegendo meu irmão como se tentasse pagar uma

dívida – tentou ponderar lorde Robert.

– O que ele fez não tem como ser pago, meu amigo. Nunca vou me esquecer daquele dia – retrucou Prudhoe, baixou a cabeça como se estivesse emocionado. –

Parece que estou ouvindo a voz de meu irmão dizendo: *“Chora não, Sua Graça. Está muito sentimental”*, – completou. Lorde Robert sorriu para descontrair, mas, intimamente, estava muito preocupado com tudo aquilo.

O duque prosseguiu:

– Bem, serei pai, deve ser isso. Mas, quando tiver um amigo que, no meio de milhares de soldados franceses, salta de seu cavalo para tirar o outro ferido preso embaixo de um animal que o massacrava e o levaria à morte, vai entender a minha gratidão, lorde Robert.

– Sua Graça já era duque, ele cumpriu o seu dever hierárquico.

– Foi muito mais do que um dever hierárquico. Seu irmão praticamente deu sua vida pela minha. Se aquele exército prussiano não chegasse, você já seria o nono conde de Northumberland há muito tempo. Eu teria morrido se lorde Edward não me tirasse debaixo daquele cavalo. Ferido como eu estava, teria sido pisoteado pela minha própria coligação. Lembro-me o que ele fez: arrastou-me, atravessou-me em seu próprio cavalo e lutou como um leão pela sua vida e pela minha.

Os olhos do duque, marejados como estavam, viram que os olhos de lorde Robert também tinham um brilho

diferente.

– Parece que a história de lorde Edward com os prussianos é antiga – disse o duque. E logo arrematou: – Nosso objetivo agora, assim que chegarmos lá, é nos juntarmos aos soldados da Prússia, pois nosso inimigo, o tal coronel, é da facção rival, a da Áustria. Não foi à toa que clareei a sua mente lembrando-o do que fez Sir Henry Percy no passado e da ação de lorde Edward Percy na Batalha de Waterloo, lorde Robert. Antes e agora, o mesmo Hotspur. Por amor, os Percy Northumberland são capazes de dar a própria vida.

CAPÍTULO XXIX

A Batalha de Barfussgassche

"Dizer a verdade, não ter vergonha de fazer o que é direito; decidir sobre o que você acha que está certo e cumpri-lo."^[72]

Prússia, 28 de março de 1831.

Desde a partida de lorde Edward e do duque, Eliza permanecia em Prudhoe House fazendo companhia para Leonora. Naqueles primeiros meses de gestação, além do sofrimento causado por terríveis enjoos, a duquesa vivia aflita preocupada com a segurança do marido ausente.

Assim, Eliza tinha seu tempo quase todo tomado por um constante descer e subir escadas para pedir que fosse preparado esse ou aquele chá, na esperança de que algum deles aliviasse o mal-estar da duquesa. Consolá-la também fazia parte de sua função e, exceto na hora de dormir, mantinha-se sempre ao lado da amiga. Intimamente, sentia-se tremendamente culpada por tudo aquilo, embora Leonora jamais a acusasse. Toda essa correria, que tanta a fatigava, de certa forma evitava que ela ficasse pensando nos perigos que o conde e o duque estariam correndo em Leipzig. Jamais se perdoaria se

alguma coisa acontecesse a qualquer um dos dois.

Era apenas mais um dia como todos os outros quando Mr. Oldenburg anunciou que o irmão do conde de Northumberland estava esperando por ela na sala amarela.

– Lorde Robert?! – exclamou Eliza, empalidecendo na hora. Colocou de lado o trabalho de costura, um sapatinho que estava tecendo para o futuro duque de Prudhoe, e foi recebê-lo. Seu corpo, entretanto, ignorava a passagem do tempo, até parecendo que carregava sobre as costas todo o peso do mundo. Sentia-se como Atlas.^[73]

Assim que ela entrou na sala, lorde Robert se levantou e foi ao encontro dela com as duas mãos estendidas.

– O que aconteceu com ele? – Eliza perguntou, com seus olhos já cheios de lágrimas.

– Não, miss. Não vim trazer nenhuma notícia de Edward. Desculpe-me! É lógico que a miss pensaria que sou portador de más notícias. Mas ainda nada sabemos sobre ele ou sobre os demais. Entretanto, não deve se preocupar, tanto Edward quanto Prudhoe têm muita experiência com a guerra e espero, sinceramente, que estejam todos bem. A senhorita deve pensar assim também.

– Sim — disse Eliza, mais aliviada. Mas, então, o que...

– Vim porque um lacaios de Alnwick chegou hoje com essa carta para a senhorita. Foi endereçada à *cottage* de John Baker, aos cuidados dele, mas é o seu nome que

consta como destinatária. Acredito que quem a escreveu, seja quem for, não sabe que ele está morto, pois a carta não tem remetente.

Eliza estendeu a mão, entre aliviada e curiosa, e pegou o envelope. Convidou lorde Robert a se sentar, pois ambos ainda estavam de pé. Ao lado dele, olhou e confirmou que não havia nenhum nome e nem endereço do remetente. Mas, ao identificar a letra de Mrs. Mann, não teve dúvida.

– É da antiga ama de minha mãe. Veio da Prússia — ela revelou.

– Ama de sua mãe? Alfabetizada?!

– Sim, minha mãe a ensinou, mas essa é uma longa história.

– Abra logo, então! Podem ser notícias de Edward e dos outros — ele pediu. Agora era lorde Robert quem demonstrava grande apreensão. Eliza abriu o envelope e, percebendo a sua aflição, o convidou a ler junto com ela.

Mosteiro de Barfussgasschen, 01 de março de 1831.

Minha querida Eliza.

Há tempos desejo-lhe escrever para saber se chegou com saúde e em segurança à minha Inglaterra querida, mas com tanta coisa acontecendo por aqui, foi impossível. Dou graças a Deus por você ter conseguido fugir antes, pois o coronel Heinz Dahmann a caçou como caçam raposas na Inglaterra. Minha querida, a Prússia está um caos, a nossa Leipzig como era antes não existe mais, pois os soldados de Heinz a destruíram,

queimaram as casas, e as pessoas tiveram que fugir para a floresta a fim de permanecerem vivas. Nunca se viu tanta gente saindo daqui. Famílias inteiras deixaram tudo para trás e foram embora para outros países em barcos improvisados. Temo que muitos deles morreram pelo caminho. Mas, ou era morrer fugindo ou morrer nas mãos de soldados da Áustria.

Porém, há uma boa notícia em meio a tudo isso, minha Eliza. Você não vai acreditar. Joseph está vivo e, possivelmente, na Inglaterra, pelo menos eu espero que tenha conseguido resistir à viagem, pois estava muito ferido. Foi encontrado por um camponês à beira de um precipício. Devem tê-lo jogado, mas por um milagre, daqueles que só Deus pode explicar, ele ficou preso em uma árvore. Estava ferido à bala, e tinha também ferimentos à faca. Esse bondoso camponês chamou os monges de Barfussgasschen, que o buscaram e cuidaram dele. Mas, como era muito arriscado mantê-lo aqui, o monge Jacob arrumou uma forma de ele fugir para a Inglaterra. Antes, com a ajuda de um amigo de confiança do capitão, e da mesma boa alma que nos ajudou na época em que você era cativa em Dahmann Haus, todo o ouro recebido em herança de seu pai, foi resgatado do esconderijo da casa da família, assim como aquilo de valor que o capitão possuía. De forma que ele levou para a Inglaterra meios de recomeçar a sua vida com dignidade. Essa foi a única boa notícia, minha querida, pois, alguém de dentro de Barfussgasschen, um monge traidor, com certeza em troca de dinheiro, contou para o coronel, não só da ajuda que os monges deram ao irmão dele, mas também a você. Heinz Dahmann, portanto, voltou a sua ira para o mosteiro e para o monge inglês. Eliza, tudo que você viu em Barfussgasschen não existe mais.

O maldito coronel, enviado do demônio, atacou o mosteiro, à noite, com seus soldados, saqueou, matou, e colocou fogo em tudo. Ele estava à procura do monge Jacob, mas este e muitos deles conseguiram fugir e se esconder na floresta. Hoje eu moro numa cabana de caçador abandonada em meio a ela, praticamente uma gruta, pois a cabana foi construída de forma a não ficar visível. Fica escondida atrás de uma enorme pedra, e quem passa pelas trilhas nem imagina que atrás da

sólida rocha há mais alguma coisa. Eu havia, logo depois de sua fuga, quando Leipzig foi queimada, fugido para o mosteiro. Portanto, estou abrigada nesta modesta construção na companhia do monge Jacob e do prior de Barfussgasschen. Por sorte sobrevivi ao ataque de Heinz e dos seus soldados austríacos.

Quando eu falo dos planos de Deus não é à toa. Eu tinha resgatado uma gatinha do incêndio em Leipzig, e a levado comigo para o mosteiro, tinha me afeiçoado muito a ela, afinal, éramos as únicas fêmeas naquele mosteiro. Naquela noite, eu tinha saído à sua procura, pois como todo gato, às vezes desaparecia. Por isso sobrevivi, porque pesada como eu sou, eu não aguentaria correr. De longe ouvi os gritos dos monges e dos soldados, e me escondi. Vi o fogo consumindo tudo. Dias depois encontrei o monge Jacob que estava à minha procura e dos demais que sobreviveram. Foi uma noite de terror, minha filha. Eu nunca tinha visto nada igual. Hoje, mesmo diante de toda dificuldade, os monges estão reconstruindo Barfussgasschen. Segundo o prior, ele não se arrepende de nada, 'pois o que adiantariam os monges se não fosse para fazer o bem', disse-me ele.

De forma, minha querida, que essa velha ama ainda está viva. Não escrevi meu nome no envelope com receio de que fosse interceptado por Heinz Dahmann. Agora mesmo, não sei se vai receber essa carta, mas precisava contar para alguém que eu ainda estou viva. Espero que você também, minha Eliza. Talvez encontre Joseph na Inglaterra. Seria uma coisa muito boa, não acha?

Com amor, Mrs. Mann.

Quando Eliza terminou de ler e suas mãos pousaram em seu colo segurando o papel, lágrimas caíram sobre ele, manchando a tinta. Lorde Robert viu como ela ficara abalada com aquelas revelações, mas não sabia como ajudá-la naquele momento. Igualmente estava emocionado, mas, sobretudo, ficara ainda mais apreensivo por causa do

irmão numa terra sem lei, tomada pela barbárie.

– Não deixe a duquesa saber dessa carta – ele sugeriu. Eliza concordou. Seria demais para Leonora.

ASSIM que a tripulação do navio que lorde Edward havia contratado em Dublin – valentes irlandeses, homens que gostavam de dinheiro e não temiam a morte – chegou ao que era para ser o porto de Lindenauer, ficou perplexa. Leipzig era um lugarejo fantasma. Um dos irlandeses, que conhecera o que um dia fora o vilarejo costeiro, recusava-se a acreditar que tudo estava em cinzas e escombros. Baús e mais baús espalhados, parcialmente abertos, como se tivessem sido deixados para trás e violados, uma infinidade de roupas rasgadas, calçados, móveis... Tudo misturado a lixo, corpos em decomposição, animais que vagavam à procura de seus donos, abutres e um cheiro horrível que impregnava o ar.

Lorde Edward só vira semelhante coisa em Braine-l'Alleud e Lasne, cidades vizinhas a Waterloo, na Bélgica, destruídas pelos combates pesados. Da casa onde um dia vivera a família de Eliza não restara um só tijolo. Era como se ali nunca tivesse existido uma moradia. Era espantoso. O mesmo acontecera com o que um dia fora o casebre de Jessie Baker, a Mrs. Mann. O conde, entretanto, não queria perder tempo naquela cidade

fantasma. Seu objetivo era chegar ao mosteiro de Barfussgasschen o mais rápido possível e encontrar Jacob, o tal monge inglês. Era sua prioridade, pois àquela altura não tinha mais qualquer esperança de encontrar viva a ama da mãe de Eliza.

O pequeno e corajoso exército, armado para guerra, que conhecia todos os riscos envolvidos naquela missão — ele nada escondera, mas prometera aos guerreiros o pagamento em ouro —, seguia o comando do conde sem titubear.

A guerra, como ele logo constatou, também tinha chegado ao mosteiro. Pouca coisa da antiga construção ainda restava de pé. O que se via eram paredes enegrecidas, que tinham sido tomadas pelo fogo. Por um momento ele se perguntou o que podia estar por trás de tamanha profanação. A resposta, porém, veio-lhe à mente tão velozmente quanto uma lança: o coronel Heinz Dahmann e sua vingança. Nessa hora ele jurou para si mesmo que o mataria.

Já iam se retirando do mosteiro quando, repentinamente, ouviram o movimento de alguém fugindo para o que restara de um matagal à frente. O líder dos soldados, que conhecia um dos muitos dialetos falados ali, gritou:

— Viemos em paz. Somos irlandeses que acompanham um conde inglês.

Nenhuma resposta. O irlandês insistiu duas, três

vezes...

Lorde Edward então gritou:

– *Graf englisch. Mönch Jacob.* ^[74]

Ouviram um galho de arbusto se mexer; depois, passos. Um velho monge apareceu, parecia não entender nem o dialeto do irlandês nem a língua inglesa.

– *Mönch Jacob. Mönch englisch* – lorde Edward repetiu.

O monge olhou para ele por um longo momento. Finalmente, parecendo ter visto algo especial no olhar do conde, convidou-o, por gestos, a segui-lo. Os irlandeses fizeram menção de acompanhá-los. Gesticulando muito, o religioso pediu para que permanecessem ali mesmo. Seus gestos também diziam que não seriam bem-vindos no lugar para onde os dois estavam indo.

Lorde Edward perderia a conta de quantas vezes desceram e subiram, por quantos desvios, trilhas e atalhos passaram. Se tivesse que retornar sozinho, era pouco provável que saísse no mesmo local em que haviam entrado. Em silêncio ele acompanhava o monge que, embora velho e com uma face mostrando sinais da idade avançada, com sulcos profundos na testa, ao redor da boca e dos olhos – olhos, aliás, que denotavam bondade e sabedoria –, possuía aquela força poderosa que vem com a resiliência.

Seguindo-o pelo desconhecido rumo, sentia um profundo respeito por aquele homem que, ele não tinha

dúvida, devia ser o prior que escrevera a John Baker e ajudara Eliza a fugir daquela terra devastada. Depois de um longo tempo, logo após mais uma íngreme subida, ele a avistou. Parecia suspensa entre duas pedras, escondida por outra e somente visível para quem conhecesse o caminho: uma antiga cabana de caçador.

A cerca de cem metros, o monge instou-o a parar. Por gestos, pediu que o aguardasse ali e se foi. Ele obedeceu e viu quando o religioso idoso entrou na cabana. Minutos depois, ele reapareceu, tendo os dois ao seu lado: um monge de meia-idade e uma mulher. Lorde Edward estava aflito. A senhora fez um gesto afirmativo para o prior, como se o referendasse; o monge igualmente anuiu com a cabeça, num gesto quase imperceptível. O monge que o levava até lá fez, então, um sinal para que ele se aproximasse. Logo, ao vê-los de perto, o conde não teve dúvidas. Pela semelhança física com o pai, estava diante de Jessie Baker, a Mrs. Mann. E, pelos traços típicos, aquele não poderia ser outro senão Jacob, o monge inglês que procurava.

O HMS BEAGLE, da Marinha Real Britânica, atracou no porto de Lindenauer às quinze horas. Um exército que vestia as cores preta e amarela estava à espera dos ingleses. Dois traços brancos atravessados no peito de

cada um dos soldados, como se fosse um “x”, era o símbolo de um dos exércitos mais poderosos da Europa, cujo treinamento e disciplina, as mais rígidas do mundo, o tornaram imbatível. Dois generais, à frente, vestidos com suas casacas pretas, acenavam para a tribulação inglesa, dando-lhes as boas-vindas. Tais homens também pertenciam à aristocracia e possuíam vastas terras, que detinham hereditariamente. O temido exército prussiano, que comandavam, era formado por empregados obrigados a servi-los militarmente por cerca de oito ou nove meses por ano. Uma verdadeira máquina de guerra.

O duque de Prudhoe foi ao encontro dos generais. Já se conheciam de Waterloo, ocasião em que os exércitos prussiano e britânico lutaram lado a lado. A história do duque que tivera sua vida salva pelo “lorde Hotspur” havia corrido as trincheiras, e isso, somado à chegada desse mesmo exército, foi a sua salvação. Parecia que as coisas estavam se repetindo. Prudhoe tinha essa nítida sensação, e não era um bom pressentimento. Além dessa apreensão, o fato de não ver qualquer embarcação que poderia ser chamada de inglesa, e nem sinal de Edward, ardia em seu peito. *Vim à Prússia para salvar aquele ordinário. Onde estará o cretino?*

A alguns quilômetros de Barfussgasschen outro exército se preparava para atacar. O alvo era novamente o mosteiro beneditino. Avisado por um espião, o coronel das forças da Áustria, Heinz Dahmann, armava outro

cerco para pegar a tripulação liderada por um duque inglês que acabara de chegar a Leipzig. Heinz odiava os ingleses. *Eles terão aquilo que vieram buscar.* O cerco estava pronto, daria aos ingleses a melhor valsa de suas vidas. Eles ‘rodariam’, literalmente, sob o seu comando.

Os dois exércitos chegaram ao mesmo tempo ao mosteiro, vindos de direções diferentes. O barulho do tropel dos cavalos era assustador. Uma nuvem de poeira anunciava que eram centenas deles. Da cabana, no alto da montanha, lorde Edward viu a poeira e reconheceu os gritos de guerra. Seu instinto guerreiro apoderou-se dele e, em poucos minutos, conduzido pelos gritos dos soldados, ele estava nas imediações de Barfussgasschen. Imediatamente reconheceu as cores dos exércitos da Inglaterra e da Prússia.

Os soldados irlandeses, que formavam seu exército, lutavam bravamente contra os austríacos. Alguns minutos depois, o conde já estava no meio da batalha. Lutava como o guerreiro que sempre fora. Não tinha ideia de quantos deixava pelo chão. Isso não importava. O que procurava era o líder dos inimigos. *É ele que eu quero.* Mas não conseguia dar mais do que dois passos, detido por soldados da Áustria que pareciam se multiplicar. Guerreava com ardor, com ódio, com bravura. A certa altura foi cercado por dois deles e logo se desvencilhou, cortando um à espada e matando o outro com o punhal que escondia na bota. Por pouco não o haviam atingido.

Nesse instante, ele identificou perto dali o duque de Prudhoe enfrentando bravamente um homem que demonstrava extrema violência. Intuiu que se tratava do coronel Heinz Dahmann. Pressentiu que o amigo seria morto. Não hesitou um segundo. Saltou sobre corpos no chão, pegou a lança de um soldado caído e arremessou-a com força. Ela voou. Com uma precisão extraordinária, o inimigo tinha sido abatido. Logo ele se juntava a Prudhoe.

Ferido, o duque instintivamente levantou o rosto e viu o amigo.

– Ah, não! De novo não, Hotspur! — balbuciou.

– Cale-se, Prudhoe! O que aconteceu? Onde foi o ferimento?

– Apenas de raspão... Eu ia matá-lo. Tinha que ser você de novo?

– Economize energia, imbecil — bradou lorde Edward.

– Quando vou poder lhe pagar por mais essa?

– Em vez de me agradecer por ter sido salvo fica aí lamentando feito uma marica — respondeu o conde. — Cuide do duque, ele está ferido! — gritou em seguida para um de seus homens. Não tinha tempo para as lamúrias de Prudhoe. Ele estava salvo e ficaria bem.

Aproximou-se do coronel abatido. Tinha a lança cravada no rosto. Lembrou-se do que tinha acontecido a Sir Henry Percy, o ancestral conde Hotspur, quando da rebelião contra o rei Henry IV. Tinha sido derrubado e morto por uma flecha que lhe atingiu a face. Ele acabara

de fazer o mesmo com o poderoso coronel Heinz Dahmann.

— Isso é por Joseph, seu irmão, por Eliza, e por Sir Percy, embora um traste como você nunca tenha ouvido falar dele — vociferou.

O exército austríaco logo estaria totalmente dominado. Juntos, ingleses e prussianos tinham vencido mais uma batalha.

ANTES de retornar à Inglaterra no HMS Beagle, o navio da Marinha Real Britânica — o capitão do navio arrendado em Dublin, com medo, havia zarpado sem eles —, lorde Edward procurou o prior e se ofereceu para custear na reconstrução do Mosteiro de Barfussgasschen. O monge Jacob iria com ele para trazer os fundos necessários à execução de tal projeto.

A decisão encheu o coração do velho monge de alegria. Para o conde, era o mínimo que podia fazer diante de tudo o que o monge fizera por Eliza e pelos outros. Também levava em conta o estado em que o mosteiro tinha ficado depois daquela última e devastadora batalha — uma batalha por sua causa.

Os irlandeses sobreviventes da guerra também optaram pela Inglaterra, pois após receber o ouro prometido pelo conde estariam muito bem de vida. Jessie Baker também

voltaria de vez para a sua terra natal, mais precisamente para a *cottage* do lago Green.

Apesar de tudo acertado, lorde Edward ainda não tinha obtido as respostas que fora procurar. Na ocasião em que sentara frente a frente com Jacob e Mrs. Mann, o monge recusara-se a falar, alegando segredo de confissão, enquanto Jessie Baker ainda relutava quando se ouviram os gritos que marcaram o início daquela histórica luta entre o exército inglês do conde de Northumberland, aliado à Prússia, e o exército austríaco, comandado por Heinz Dahmann — a Batalha de Barfussgasschen, como ficaria conhecida.

O HMS Beagle já estava quase em águas britânicas e ele não obtivera ainda nenhum sucesso junto aos dois. O monge se esquivava dele o tempo todo, escudando-se no seu compromisso religioso. Já Mrs. Mann, a única mulher a bordo, mostrava-se sempre ocupada ajudando o médico da tripulação, como enfermeira, a cuidar dos feridos. Assim, juntamente com Prudhoe, acabaria passando toda a viagem se embebedando com os soldados em comemoração a vitória.

Assim que desembarcaram, o conde levou o monge Jacob e Mrs. Mann para Northumberland House. De lá eles não sairiam antes de contar tudo o que sabiam. Entretanto, no dia de sua chegada, houve um alvoroço entre os criados.

O fato é que horas antes de sua chegada, lorde Robert

tinha sido procurado, na mansão, pelo capitão do navio irlandês contratado para a guerra em Leipzig. O homem viera cobrar pelos serviços prestados, alegando que lorde Edward havia morrido na Prússia. Aturdido com a notícia e desconfiado, ao mesmo tempo, de sua veracidade, pediu dois dias de prazo para o pagamento. Mesmo ordenando discrição, a criadagem logo dava o fato por consumado, já acreditando que tinham um novo conde — o que, aliás, estava deixando lorde Robert crescentemente enfurecido.

Alheio a tudo isso, lorde Edward adentrou a mansão.

– Achou que tinha se livrado do velho conde, Mercer?
– brincou, dirigindo-se ao estupefato mordomo.

– Nem brinque com uma coisa dessas, Sua Senhoria. Estávamos todos em prantos.

Informado dos acontecimentos, o conde interpelou o irmão:

– Robert, não falou nessa asneira de minha morte para ninguém fora daqui, não é?

– Não, Edward. Eu estava tentando assimilar o fato. Na verdade, alguma coisa que aquele irlandês falava não estava coerente...

– O desgraçado do capitão fugiu. Se o HMS Beagle não tivesse atracado no porto, eu e a minha tripulação teríamos que ter voltado a nado. Prudhoe não salvou só a minha vida, mas de toda a minha tripulação, e nem se deu conta disso. Em que hospedaria o capitão disse que estaria?

– Não disse – respondeu lorde Robert. – Na verdade eu perguntei, mas ele não quis dizer, o que aumentou minhas suspeitas. O desgraçado disse que voltaria daqui a dois dias no mesmo horário.

– Duvido muito que ele apareça. A notícia da vitória inglesa sobre o exército da Áustria já se espalhou. Onde está Mr. Kaufmann? Meus marinheiros soldados esperam o pagamento.

NO DIA seguinte, lorde Edward e Prudhoe tinham um compromisso inadiável: agradecer ao rei inglês pela ajuda dada.

Embora contasse os minutos para ver Eliza, não pôde fazê-lo imediatamente. Ademais, pretendia conversar antes com Mrs. Mann. Os incontáveis compromissos, como o pagamento aos irlandeses e o levantamento dos fundos a serem enviados para a reconstrução do mosteiro de Leipzig, tinham-lhe tomado todo o dia e parte da noite.

Ao retornar à mansão, ele só queria tomar um banho e confrontar Mrs. Mann a sós, sem qualquer interrupção. Mas quando, mais tarde, ordenou a Mr. Mercer que a mandasse ir ao escritório, o mordomo informou-o de que ela tinha partido.

O conde não podia acreditar. Bateu com força sobre a mesa fazendo o pobre mordomo saltar para trás. *Sim, o*

imperioso está de volta, pensou Mr. Mercer. Com certo receio, complementou a informação:

– Sua Senhoria, Mrs. Mann lhe deixou esta carta – disse. Vacilante, foi até à mesa e a entregou ao conde.

– Mas o que é isso agora? Mais uma carta! Estou farto de cartas, cartas... E o monge, fugiu também?

– Não, milorde. Ele está aguardando o recebimento dos fundos para voltar à Prússia.

– Sim, se não fosse por isso também teria desaparecido e, certamente, não deixaria nem um bilhete – resmungou Hotspur, abrindo a carta e se sentando.

Mr. Mercer aproveitou e saiu às pressas. Seu senhor estava ficando cada vez mais irascível. Algo tinha que ser feito. Lorde Edward também sabia que alguma coisa precisava ser feita, e ele sabia o que era. Havia meses não tinha estado com nenhuma mulher, pois ele desejava apenas uma, sonhava com ela, a queria tão ardentemente que chegava até doer, precisava estar com ela, dentro dela... Somente assim todo aquele ímpeto cessaria. Se cessasse, o que ele temia que não aconteceria.

Pôs-se, então, a ler a carta de Mrs. Mann:

Inglaterra, 27 de abril de 1831.

Sua Senhoria,

Antes de lhe contar tudo o que sei, peço seu perdão por não ter tido a coragem de fazê-lo pessoalmente. Vou, assim que terminar esta carta, partir para Alnwick. Estou com muitas saudades de meu velho pai depois

de tantos anos...

– Maldição! – gritou o conde, e do *hall* Mr. Mercer ouviu e estremeceu. Havia-se esquecido completamente de contar a Jessie Baker da morte de seu pai. Em parte, porque a mulher fizera de tudo para fugir dele no navio, e depois, em terra, não tivera oportunidade de conversar com ela. Lamentou, nessa hora, a decepção que Mrs. Mann teria ao chegar à *cottage*. Voltou à leitura:

...Fui trabalhar como ama das ladies Douglas quando tinha apenas quatorze anos. Seu pai convenceu o meu que seria muito bom para mim. E, de certa forma foi, pois eu amei muito lady Izabele, a minha senhora. Afeiçoei-me tanto a ela que, quando tudo aconteceu, eu quis acompanhá-la para a Prússia. No início foi muito difícil, pois era tudo diferente do que ela e eu estávamos acostumadas na Inglaterra. Vivíamos na vila costeira, quase uma vila de pescadores, e éramos muito pobres. Em Leipzig eu me tornei como uma pessoa da família, embora eu não gostasse do senhor Leopold e nem ele de mim. Compreensível, pois ele sabia para qual missão eu fora empregada na casa de lorde Hugh Douglas. Mas, minha senhora estava grávida, com muitos enjoos e precisava de mim. Então, ele me suportava ali naquela pequena e humilde casa. Com o passar dos meses minha senhora foi melhorando, a barriga crescendo, e ela, embora sempre muito triste, consolava-se com a criança, fruto de seu amor, que ela trazia no ventre. Entretanto, Leopold tinha ciúmes da criança. Eu via como ele ficava quando presenciava minha senhora acariciando a barriga. Certa noite eles brigaram. Ouvi quando Leopold gritou para ela que o conde, seu pai, nunca a havia amado, que ele apenas a tinha usado, pois também havia dormido com lady Elizabeth, que o conde dormia com as duas ao mesmo tempo. Minha senhora gritava que não, que ele a amava, que somente não tinha se casado com ela porque ela era uma Douglas, porque a família dele o

obrigava a se casar com Margaret Neville, que se ele soubesse que ela estava grávida dele, jamais teria se casado com outra, o que eu também acredito que seja verdade. Contudo, Leopold afirmava que não, e contou muitas mentiras envolvendo o conde e mulheres, de forma que a minha lady ficou transtornada. O que sei, Sua Senhoria, foi que no outro dia a criança parou de se mexer em sua barriga, uma coisa muito estranha, pois ela chutava muito, e as poucas vezes em que eu vi minha senhora sorrindo, depois de toda aquela tragédia, era quando ela estava sentindo a criança viva dentro dela. Por três dias a criança não mexeu, e no quarto dia Izabele teve a criança, com cerca de oito meses, um menino, porém morto. Não vou entrar em detalhes de como a minha senhora ficou, pois foi tudo muito triste. Mas por muito tempo ela rejeitou Leopold, odiava-o, e o acusava de ter sido o responsável pela morte da sua amada e desejada criança. Também nunca mais falou no conde e nem na Inglaterra. Uma noite a ouvi gritando, corri para a porta do quarto, e ouvi que ela chorava alto. Ah, Sua Senhoria! Como me envergonho de ter que lhe contar isso e espero que nunca a minha menina venha a saber. Leopold violentou a sua própria mulher e ela engravidou de Eliza. Minha senhora fez de tudo para que a nova criança morresse dentro de sua barriga, mandava que eu a chutasse, e eu obedecia, perdão, meu senhor, eu era ainda muito jovem. Ela pegava peso, jogou-se da escada, mas nada matava aquela criança. E Eliza nasceu. Depois que a minha senhora viu o rostinho da menina, passou a amá-la, deu a ela o nome de Eliza em homenagem à mãe e à irmã, Elizabeth, e creio que se culpou a vida toda pelo que fez. Portanto, Sua Senhoria, agora conhece toda verdade, embora seja uma verdade triste. Eliza Schumacher é filha de Izabele e Leopold, não do amor, mas da dor. Fará vinte e um anos e, imploro-lhe, jamais revele a ela esses fatos. Ela não merece saber, e Izabele merece descansar em paz.

Mrs. Mann.

EPÍLOGO

"Eu nunca tive qualquer preferência por ela, não mais do que eu tenho pela própria respiração."[\[75\]](#)

Londres, fim de abril de 1831.

Há aqueles momentos em que a vida parece parar à espera que algo aconteça. Uma árvore cuja copa não se move, pois o vento não sopra; um lago estagnado sobre cuja massa inerte os insetos sobrevoam; um livro aberto onde páginas em branco se sucedem infinitamente... Ou, então, uma mente vazia de alegria, que, embora atordoadada, causa suspiros e mais suspiros que se perdem no vazio de um aposento escuro.

Assim sentia-se Eliza em Prudhoe House. Simplesmente esperava. Uma nevasca incomum naquela época do ano, ininterrupta, deixava-a cada vez mais angustiada, aumentando o tormento da espera.

Queria ver Edward. Não entendia o porquê da sua demora, ou pior, pressentia, pois decerto ele descobrira que eram mesmo irmãos. O duque havia chegado, mas nada revelara sobre o assunto, nem para ela nem para Leonora, disso tinha certeza. A duquesa não tinha o hábito de lhe esconder nada. Eram cada vez mais amigas e Eliza não sabia o que faria se não tivesse o apoio dela.

Lady Leanah também a visitava quase todos os dias, e

chegara a pedir para que voltasse para Douglas House. Mas Eliza sempre declinava do convite alegando que Leonora precisava dela, o que a duquesa confirmava. Às vezes, tinha vontade de revelar à prima os assédios de lorde Davy, mas não o fazia para não criar uma inimizade entre irmãos tão unidos.

Nos primeiros dois dias após o retorno a Londres da comitiva do duque de Prudhoe, Eliza tinha esperado ansiosamente por lorde Edward. Desencantada, por fim, entregara-se à indolência do devaneio e ao conforto do sono. Sonhava que o conde chegaria um dia e a levaria com ele para Alnwick Castle.

Desperta, precisava de movimento, realização. Iria procurar o duque para saber notícias de Leipzig. A angústia justificaria tal atrevimento. Em sua mente, lorde Edward tinha morrido e todos ali lhe estavam escondendo o fato. Precisava falar urgentemente com alguém, gritar sua dor... Mas não tinha com quem e para quem gritar sem ser tomada por louca. E, de fato, sentia que estava enlouquecendo a cada dia de tanta angústia.

Mr. Oldenburg abriu a porta e o conde mal o cumprimentou. *Instável esse lorde Edward! Um dia está solícito como uma freira e, no outro, aterrador como um lobo, nunca sabemos o que vamos encontrar pela frente.*

Estava um dia glacial e o mordomo tivera que receber toda aquela friagem da rua o dia todo, pois parecia que Londres inteira resolvera visitar Prudhoe House de uma

só vez. Primeiro haviam chegado as damas da ‘**ton**’, as condessas de Jersey e de Lieven, acompanhadas de Mrs. Eisinger. Mal tinham saído, entraram lady Patchetts e a baronesa sua mãe, com toda a empáfia que lhes era peculiar. Depois, fora lady Leanah, nesse caso para uma visita à prima. Além delas, logo cedo uma comitiva tinha ido à mansão se entrevistar com o duque.

Agora, era o conde de Northumberland que adentrava Prudhoe House, com um mau humor indescritível. O duque prontamente o recebeu à porta.

– Hotspur! Que bom que veio. Eu estava saindo neste momento exatamente para lhe encontrar – disse Prudhoe.

– Encontrar-me para quê?

– Miss Schumacher acha que está morto. Veio falar comigo hoje e implorar pela verdade.

Lorde Edward entrou feito um furacão, com o duque atrás. Assim que ele escancarou a porta do quarto, Eliza teve um sobressalto, levando a mão à boca e arregalando os olhos.

– Oh, meu Deus!!! Você está vivo! — ela disse, quase gritando. Os dois se fitavam paralisados. Logo, ela levantou-se e correu ao seu encontro. Sem pudor algum, levantou os braços, alcançou seu alto pescoço e o abraçou fortemente.

– Você está vivo! Vivo! Vivo! — ela repetiu, com lágrimas nos olhos. Ele também a abraçou e passou a consolá-la com palavras gentis. — Diga-me, diga-me, por

favor! Eu preciso saber a verdade! – pediu ela.

Foram minutos intermináveis. Leonora, sentada a alguns metros deles, suspirou a certa altura. Lorde Edward, então, voltou seu olhar para a duquesa. Ainda segurando a mão de Eliza, foi até ela e a cumprimentou, beijando-lhe a mão. A hesitação que ele demonstrava em responder à pergunta que fizera dava a Eliza a certeza de que, de fato, ele tinha descoberto que eram irmãos de sangue. E isso doía em seu coração.

– Por que não vão para o meu escritório? – aconselhou o duque, dirigindo-se a lorde Edward. Mal acabara de falar, foi interrompido por Mr. Oldenburg, que anunciava a chegada de lorde Davy. O duque ordenou que o inesperado visitante fosse levado para a sala verde, onde o receberia. Ao sair, sua expressão não era nada amistosa. Pela troca de olhares com Leonora, Eliza não teve dúvida de que a amiga já contara ao marido o assédio que ela vinha sofrendo do seu primo, o conde de Douglas.

Lorde Edward pegou Eliza pela mão e a levou para o escritório. Era o mesmo onde os dois tinham estado meses antes, uma ocasião da qual Eliza se recordava muito bem, com um misto de vergonha e saudade.

Assim que entraram, ele trancou a porta e tomou Eliza nos braços. O enorme alívio que ela sentia em vê-lo vivo, a saudade da espera... Aquilo tudo lhe arrebatava o coração de alegria e ela se deixava abraçar e beijar. Ele a beijava com paixão e lhe dizia o quanto a amava e o que

queria fazer com ela, deixando-a escarlate de vergonha.

– Mas, descobriu alguma coisa em Leipzig? Oh, por que demorou tanto a vir me ver? Achei que estivesse morto – ela reclamou. Segurava o rosto dele entre as mãos e o beijava sem parar.

Ele sorria.

– Qual dessas perguntas deseja que eu responda primeiro?

– Todas são tão importantes para mim...

– Saiba que eu queria lhe ver no dia da minha chegada, vindo direto do cais, mas tive inúmeras objeções que não vêm ao caso. E sobre essa dúvida, se somos ou não irmãos... Quero lhe fazer uma pergunta, meu amor.

Ela estremeceu. Ele a havia chamado de ‘meu amor’. Balançou a cabeça afirmativamente, e ele continuou, com suas grandes mãos segurando a cintura dela com força, sua face tão próxima inebriando os sentidos dela com o gosto de seu doce hálito.

– Se essa dúvida nunca fosse esclarecida, você deixaria de se casar comigo, de me amar, de se deixar ser amada por mim a vida toda?

Ela baixou a cabeça, pensou por um instante, e disse:

– Embora eu saiba que estaria pecando, eu me casaria com o senhor mesmo tendo certeza de que é meu meio-irmão.

– Então, não há por que esperarmos mais. Vamos agora mesmo para *Border Peace Park*, pois foi lá que Sir Percy

fez de miss Evans sua mulher e será lá que você será minha. Vamos manter a tradição! Conseguirei uma licença especial e o monge Jacob fará o nosso casamento. Não posso esperar mais, querida. Não suporto não ter você, amor. Isso está me matando e eu estou deixando todos loucos.

– Monge Jacob?! – Eliza perguntou, surpresa. Estava radiante e embora sorrisse, lágrimas molhavam a sua face.

– Venha! Conto para você no caminho. Não vamos esperar mais nem um segundo. Não posso esperar, sonho com você e essa abstinência de fazê-la minha está me deixando louco. Eu preciso de você, Eliza.

– Eu também, Edward. Eu quero você como nunca quis nada em minha vida...

– Então venha, amor! Antes que eu a faça minha aqui – ele disse, puxando-a para junto de si e beijando-a com paixão, tocando seu corpo e gemendo tão alto que ela temeu que todos na casa ouvissem.

– Não! Oh! Preciso arrumar as minhas coisas! – ela ponderou, desvencilhando-se dele um pouco.

– Se disser “Oh” mais uma vez farei amor com você aqui nesta mesa, porque eu não suporto mais conviver com essa vontade, com esse desejo que eu sinto por você, meu amor. Eu te amo, Eliza. Fiquei intrigado desde a primeira vez que a vi atravessando aquela rua em Alnwick como se tivesse saído da Idade Média. Fiquei surpreso com a bela moça que falava com um cão e me

apaixonei pela ardente mulher que se esconde sob essa delicada escultura, por sua força, simplicidade e caráter. Diz que me quer também, meu amor! Diz que me ama, que me deseja tanto como eu a desejo, que me quer dentro de você...

– Oh! – ela exclamou, seguidamente. Grossas lágrimas escorriam por sua face.

– Meu amor, por que está chorando?

– Porque eu não sei se isso é real ou se é apenas invenção da minha mente. Vivi esses dias todos no limiar da realidade e sonhei tantas vezes com isso que tenho medo de ser apenas a minha imaginação me pregando mais uma peça. Oh! Beije-me, meu amor! Preciso sentir você para ter certeza de que não estou sonhando.

NA SALA verde, lorde Davy tremia diante do duque de Prudhoe.

– Pensa que eu não investiguei as suas finanças? Está falido e quer usar a ‘estrangeira’ para lhe roubar a herança. Tudo que lhe resta agora é dela. É a herança de lorde Hugh Douglas. Ela é a neta dele, portanto, sua legítima herdeira.

– Ela abriu mão dessa herança. Ela mesma me disse isso — alegou o conde de Douglas.

– Ela é uma ingênua, uma moça simples e de bom

coração. Não deseja prejudicar lady Leanah, por quem se afeiçoou. Então, só lhe resta uma escolha, senhor conde: se miss Schumacher quiser abrir mão de sua herança o fará em favor da prima, e não de você. Caso contrário, acabará com tudo em pouco tempo, seu perdulário, e venderá a própria irmã por dinheiro. Conheço bem tipos como você.

– Minha irmã jamais fará isso comigo. Não me tomará tudo.

– Não se toma o que não se tem, lorde Davy. Você não tem nada, está arruinado, o que lhe resta é de outra pessoa. Qualquer advogado, por mais fajuto que seja, ganhará essa causa em favor de miss Schumacher, e você ainda sairá desmoralizado perante toda a sociedade inglesa. Se deseja um conselho, aceite as coisas como elas estão! Se, de fato, a herdeira legal quiser abrir mão de sua herança em favor de lady Leanah, resigne-se! Você viverá da caridade da irmã.

Eliza, com a ajuda da ama de Leonora, tinha arrumado às pressas a sua bagagem. Ao deixar a sala onde se encontrava a duquesa, defrontaram-se com o conde de Douglas, que deixava a sala verde tão ou mais verde que o aposento. Lorde Davy empalideceu diante do feliz casal, demonstrando abatimento tão grande que até lorde Edward sentiu pena do primo de Eliza naquela hora.

Assim que o casal, pouco tempo depois, entrou em Northumberland House, uma carta anônima era entregue

ao conde. Ele olhou para o envelope meio constrangido, temendo que alguma coisa lhe roubasse a alegria que estava vivendo. Quando o abriu e puxou o papel, constatou que nele apenas uma palavra estava escrita: ‘Sim’. Sorriu e chamando Mr. Kaufmann a sós, sem que Eliza ouvisse, ordenou que fosse buscar Elizabeth imediatamente.

Cerca de uma hora mais tarde o secretário estava de volta. Lorde Edward recebeu pessoalmente Elizabeth no *hall* e a levou para uma sala onde reunira os demais. A primeira pessoa que a tia de Eliza identificou foi o monge.

– Padre Jacob? O que o senhor faz aqui? – perguntou ela, assustada. Todos olharam para a bela mulher que tinha acabado de chegar. Usava um vestido de meio luto, na cor cinza, modesto, mas de ótimo caimento.

– Tia Elizabeth!!! – gritou Eliza, estupefata. Levantou-se e correu ao encontro da tia, que abriu instintivamente os braços para acolhê-la.

– Lady Douglas! – disse formalmente lorde Edward, mas com um sorriso no rosto. – Seja muito bem-vinda à Northumberland House!

– Um verdadeiro cavalheiro como o pai no passado – respondeu a dama.

– Como meu pai, não, milady. Espero ser um homem bem melhor.

– Certamente – respondeu Elizabeth. Eliza estava segurando a mão da tia e a levou aos lábios. O monge, que

tinha se mantido distante dela desde sua chegada à sala, aproximou-se. Elizabeth fez uma pequena reverência e beijou a mão que o religioso lhe estendia.

– O tempo foi bondoso com a senhora, lady Douglas – disse o monge. E acrescentou: – Bem mais generoso do que foi para sua irmã.

– Sim, padre – respondeu ela. – Temo que Izabele tenha perdido mais do que eu. Embora eu também tenha conhecido o sofrimento, mesmo sem expectadores.

– Pior que sofrer é ter que dissimular alegria perante os outros. Quem nos dera poder padecer sem ter que fingir, como sorrir quando se deseja chorar, falar mansamente quando se deseja gritar, estagnar quando se deseja correr... – salientou o monge.

– E o padre? Como viveu por todos esses anos? – perguntou Elizabeth.

– Tornei-me monge.

Ela sorriu com naturalidade e lorde Edward constatou, mais uma vez, o quanto Eliza se parecia com a tia.

O monge retirou-se da sala para arrumar seus pertences pessoais, intimado que fora pelo conde para acompanhá-lo a Hampshire, onde celebraria seu casamento com Eliza. De lá, Jacob seria levado para Newcastle para visitar parentes, conforme pedira, antes de ser enviado de volta em definitivo para a Prússia.

Assim que ele saiu, Elizabeth revelaria a todos a história de Jacob, o padre auxiliar que um dia tentara

ajudar Izabele levando uma carta que esta escrevera para o conde de Northumberland. Flagrado, o religioso fora expulso da paróquia e ameaçado de morte por lorde Neville, pai da futura condessa, a mãe de lorde Edward, razão pela qual tivera de fugir às pressas da Inglaterra.

Muitas questões ainda estavam sem respostas e o conde queria esclarecê-las o mais cedo possível com Elizabeth.

— Por que aquelas cartas endereçadas a Elizabeth Douglas estavam com John Baker? — ele perguntou-lhe, assim que teve oportunidade.

— As primeiras que Izabele escreveu eu respondi a ela. As últimas, como John não sabia o meu paradeiro, não pôde me entregar. Eu não queria ser encontrada. Depois, porém, eu mudei de ideia e o avisei de meu paradeiro.

— Eu também demorei muito para encontrá-la. Mas a lady está dizendo que respondeu as cartas de Izabele... Estranho! Sua irmã diz nas cartas que recebeu apenas uma carta sua.

Elizabeth olhou para Eliza, baixou a cabeça e ficou em silêncio. Mas, a sobrinha incentivou-a a falar.

— Tia, não pode mais haver segredos nem mentiras entre nós. Por que não respondeu mais às cartas de minha mãe?

Elizabeth hesitou, olhou para lorde Edward, para a sobrinha novamente, voltou a olhar para o nada, e respondeu:

– Leopold, o nosso professor de música, sempre foi apaixonado por Izabele... – ela deu um sorriso saudosos. E continuou: ... Mas, enquanto Izabele cantava feito um pássaro silvestre, e tocava muito bem, eu não. Leopold não gostava de dar aulas para mim e isso gerou ciúmes e inveja da minha parte. Conte para minha mãe que ele estava cortejando Izabele e meu pai o expulsou de casa. Leopold apenas fez o mesmo comigo, expulsou-me da vida que tinha com ‘Bele’. Depois da primeira carta, recebi uma dele me ordenando a nunca mais escrever para ela, pois ele não queria que uma ‘mulher da vida’ tivesse contato com sua família. Disse que dependia das famílias ricas de lá para viver, e que, se alguém descobrisse que sua esposa tinha uma irmã cortesã, morreriam de fome. Queimei a carta e nunca mais me comuniquei com Izabele.

Uma lágrima rolou pela face de Eliza. A tia viu e abanou a mão, a indicar que tudo aquilo era passado. Tratou de mudar de assunto, disse que gostaria de voltar à Escócia e ver o que restava da casa de seus pais.

– Eu adoraria conhecer o lugar onde minha mãe nasceu! – exclamou Eliza, olhando para Edward.

– Acho muito justo. Mas só depois que estivermos casados.

POUCAS horas depois, Kaufmann chegava com a

licença especial para o casamento. Sem demora, lorde Edward, Eliza e o monge partiram imediatamente para Hampshire. Lorde Robert foi a cavalo acompanhando a carruagem, ora atrás, ora na frente, ora ao lado, sempre fazendo piadas sobre o casamento do irmão “Hotspur”.

O conde tinha pressa, e o casamento se daria naquela mesma noite em *Border Peace Park*, numa cerimônia simples, apenas com a presença de poucos criados. Seria na pequena capela construída por Sir Percy no local que um dia fora uma gruta.

Eliza apresentava-se radiante. Usava o primeiro vestido que lorde Edward escolhera para ela no ateliê de Mrs. Sanderson, e seus olhos expressavam essa felicidade. O conde, quando a viu, mal acreditou, pois tinha pensado exatamente em pedir que ela o vestisse para o casamento. Tinha em mente dar sequência a algo interrompido, meses antes, no escritório de Prudhoe, uma cena que nunca lhe saía da cabeça e com a qual sonhava noites a fio: ela sentada sobre a mesa, com seus seios expostos, as pernas abertas esperando por ele. Jamais esquecera aquele dia e ansiava retomar de onde tinha parado.

Vestido de preto, provavelmente a mesma indumentária que havia usado na festa de Prudhoe, ele sorria o tempo todo para Eliza. Seus olhos transmitiam alegria e o desejo latente, como se estivesse pensando no que estava por vir. A cerimônia foi rápida. Lorde Robert voltaria para

Londres naquela mesma noite com o monge, por ordem de Edward. Ele não queria ninguém por perto em sua noite de núpcias.

Assim que a carruagem com lorde Robert e o monge dobrou a curva, e sua imagem desapareceu na total escuridão da noite, o conde deu folga a todos os criados, ordenando que só retornassem a *Border Peace Park* na manhã seguinte.

Totalmente a sós, ele pegou Eliza pela mão e a levou diretamente para o escritório. Ao contrário da maioria das noivas em sua noite de núpcias, ela não demonstrava nervosismo. Pelo contrário. Havia aguardado e sonhado com aquele momento por muito tempo e o que mais ansiava era se tornar logo a mulher daquele homem.

– Meu amor, está feliz? – o conde perguntou, carinhosamente. Uma pergunta absolutamente desnecessária. Bastava olhar para ela para ver a alegria estampada nos flamejantes olhos azuis que o fitavam apaixonadamente.

– A mais feliz das mulheres desta terra, meu amor – respondeu ela, ficando nas pontas dos pés para beijá-lo. Segurou o rosto do marido com as duas mãos e, ousadamente, beijou-o. Passou sua língua sobre os lábios dele e aquele gesto o incendiou. Rouco de desejo ele disse:

– Eliza, minha querida esposa, eu sei que as noites de núpcias costumam acontecer em confortáveis camas, mas,

como já deve saber, os Percy Northumberland são pouco tradicionais. Jamais me esqueci de onde paramos no escritório de Prudhoe e o meu desejo mais latente é terminar aquilo que lá começamos. Se a minha adorável condessa estiver de acordo, proponho encenarmos o mesmo espetáculo, mas dessa vez com um final feliz.

Não havia necessidade de mais palavras. Eliza respondeu prontamente com mais um longo e envolvente beijo, correspondido com ardor. Como fizera tempos antes, ele tomou-a pela cintura com as duas mãos e a puxou para si com determinação. Beijou-a com a loucura da paixão havia tanto reprimida. O beijo de feroz passou a suave e inebriante. Sua língua contornava sua boca, descia ao pescoço, reiniciava em cada canto de seus lábios, sempre dizendo em seus ouvidos que queria entrar nela, que precisava estar dentro dela, que morreria se não entrasse... Sua intenção, ele declarava, era fazer dela a sua mulher, a sua amante, a mais amada das mulheres. Dizia-lhe, ainda, o que pretendia fazer com ela, como ele a amaria, o que havia sonhado durante todas aquelas noites insones, de como ele a tomaria para ele... Cada sussurro era acompanhado de carícias cada vez mais íntimas.

Eliza já não se continha mais, pois as palavras murmuradas em seus ouvidos, com uma voz vibrante e cheia de desejo, já a haviam deixado preparada para a entrega total. Sem se separar dela, ele a encostou à grande

mesa de madeira que tomava toda a extensão de uma parede e começou a percorrer seu corpo com suas mãos. Sua boca desceu para os ombros nus e os beijou, sugou e lambeu. Voltou à boca e repetia em seu ouvido o quanto ela era deliciosa, o quanto ele a desejava, que a havia desejado desde a primeira vez que a vira e que, com os passar dos dias, passara a desejar cada vez mais ardentemente... E que seu andar não lhe saía de sua cabeça. Ao dizer isso, levou as mãos à protuberância arredondada de Eliza, trazendo-a para mais junto de seu corpo. Seu vestido, cuja barra se prendera à bota dele, foi puxado para baixo e seus seios fartos ficaram à mostra, desafiando-o a tomá-los. Os olhos dele se estreitaram de desejo quando os viu. Tomou-os na palma de sua mão. Gemiam juntos.

– Eu a quero tanto. Preciso ter você – ele murmurou em seu ouvido.

Ela arfava. Com a respiração entrecortada colava-se mais a ele querendo acabar com aquela ânsia que sentia e sabia que, somente ele, seria capaz de satisfazer. Edward desceu a boca e tomou-lhe os seios. Sua língua ousada e experiente fazia círculos ao redor dos mamilos, e ela quase chorava de prazer. Ele a ergueu e a sentou sobre a mesa. Em instantes, estava entre suas pernas. Como na vez anterior, o vestido era um emaranhado de tecido entre os dois. Ele soltou-lhe os cabelos e deixou que pendessem sobre os ombros nus chegando até os seios. Tocou-os,

beijou-os, voltou ao seu ouvido e disse que ela era linda, que era dele, e o que faria com o que lhe pertencia. Detalhou seus próximos atos. Por fim, enfiou a mão entre suas coxas e alcançou sua umidade. Gemendo, só uma expressão saía de seus lábios: “Minha Eliza”, repetia sem parar.

Ela não suportava mais a dor que corroía suas entranhas. E, simultaneamente, também gemia clamando por ele.

– Edward, Edward, Edward... Eu não aguento mais esperar...

– Eu também, meu amor, mas é necessário. Eliza, eu a farei minha... Toda minha...

Eliza sentiu a intensidade do desejo dele à porta de seu sexo e o queria desesperadamente. A ‘acusação’ de que ela era uma devassa veio-lhe à mente, mas ela logo a afastou. Igualmente, ignorava de vez a ‘acusação’ de que estava se deitando com seu irmão.

Edward abriu-lhe mais pernas e se abaixou. Ela não conseguia acreditar que ele estava fazendo aquilo. Como um bezerro que segura nas tetas da mãe, ele a mamou, e ela gritou de prazer, estremecendo a cada investida dele. Nunca imaginara sentir algo como aquilo. Ele pegou-lhe a mão e a levou até o seu membro inchado para que ela o sentisse, enquanto a olhava com os olhos ardentes do desejo.

– Implore por ele agora, meu amor! Implore que eu a

possua! Eu preciso que você me peça dentro de você, pois meu desejo é tanto que temo feri-la.

– Oh, Edward! Eu lhe imploro que me tome. Eu lhe imploro que termine o que começou, pois eu preciso, eu preciso...

– Do que você precisa, meu amor? Diz-me. Pode doer um pouco na primeira vez – ele retrucou. Sua voz de Hotspur estava rouca, era quase um sussurro. Enquanto isso, continuava a tocá-la, seus dedos entrando e saindo de dentro dela. Eliza gemia, desesperada por mais.

– Oh! Não faça isso comigo! Não brinque com minha inocência. Você sabe o que deve fazer para matar essa loucura que eu sinto – ela choramingou, pegando-lhe o membro e levando-o até onde seu corpo, em brasa, ansiava ser preenchido.

Ele gemeu e perguntou:

– Diga-me, Eliza, diga-me, meu amor! Como você quer que eu a tome, devagar, colocando um pouquinho de cada vez ou...

– Oh! Pelo amor de Deus, meu amor. Possua-me com toda a força de seu ser e me preencha de uma só vez. Eu lhe imploro por tudo!

Edward, então, penetrou Eliza com uma só estocada. O que se ouviu foi um gemido de prazer misturado a um grito de dor. Ele parou dentro dela, abraçando-a, esperando que ela se recobrasse... Depois passou a mover-se devagar, entrando e saindo. Logo a dor inicial era sobrepujada pela

sensação de um prazer que ela nunca conhecera. E que a fazia pedir, gemendo, para que ele não parasse nunca.

— Nunca não é possível, meu amor. Mas farei o possível para que se satisfaça — ele disse, buscando sua boca.

E assim fez. Movendo-se ora devagar e ora rapidamente, Edward levava Eliza à loucura. Ela gritava tão alto que ele deu graças a Deus por ter dado folga aos servos. De repente, ela agarrou-se a ele e, implorando-lhe freneticamente para não parar, pôs-se a gritar o nome do seu homem. Estremecia, comprimindo o membro dele com força, até que se derreteu num gozo poderoso, aquela sensação indescritível que desconhecia, mas pela qual tanto ansiava havia tempo. No limite de suas forças, ele então a estocou uma só vez mais profundamente... e transbordou. Abraçado a ela, levou-a para o sofá, deitou-a cuidadosamente e se deitou ao seu lado. Ela era dele. Ele era dela. O corpo e a alma saciados davam a cada um a mais absoluta certeza: apenas a morte os poderia separar.

UM MÊS depois, de volta a Northumberland House, Eliza passou uma tarde inteira em conversa reservada com Elizabeth.

O conde não conseguia esconder sua curiosidade. *O que essas duas, que mal se conheciam, têm tanto para*

conversar? A resposta ele teria na noite daquele mesmo dia.

Já em seus aposentos, depois da ceia em família, ele ouviu quando ela repentinamente abriu a porta do quarto contíguo ao seu e apareceu à luz tênue do candeeiro. Vestia uma camisola de um tecido tão transparente que poderia se pensar que estivesse nua. Eliza caminhou em sua direção com seus olhos pregados nos dele. Era como se quisesse hipnotizá-lo... A visão daquele corpo envolto numa 'névoa', movendo-se daquele jeito que era só dela, aquele andar que ele tanto amava, o levava à loucura.

Eliza estava bem diferente naquela noite. Demonstrava total segurança, sabia o que queria e como queria. Ela subiu na alta cama de dossel onde ele estava recostado sem deixar de fitá-lo um instante sequer. Com os olhos ainda presos aos dele, começou a abrir vagarosamente a calça que ele vestia. Carinhosamente, pegou-lhe o membro e o trouxe para fora. Edward estava atônito. Não podia acreditar que a sua doce e tímida esposa estava fazendo aquilo. Mas ela, ainda olhando-o fixamente, com as duas mãos segurou-lhe o falo, tão túrgido que por um instante temeu quebrá-lo, abaixou-se e o abocanhou lentamente.

Edward gemia. Era muito mais do que ele esperava daquele casamento. Aquela mulher, uma dama acima de qualquer suspeita, transmutara-se entre quatro paredes e estava levando-o à loucura. E Eliza, como ele tantas vezes

havia feito nela, o mamou, tragou, lambeu... Quanto mais ele gemia, dando sinais de que ela estava no caminho certo, mais o absorvia dentro de sua boca. Quando o marido fez menção de deitá-la e possuí-la, Eliza não permitiu. Incrédulo, ele entendeu que ela queria, sim, que ele fizesse aquilo que suspeitara. E então, quando percebeu que ele não conseguia se controlar mais, ela o manteve com determinação dentro de sua boca. E o deixou vir com todo o seu furor.

Homem experiente, que vivera e dormira com centenas de mulheres de todos os tipos, lorde Edward nunca tinha tido uma satisfação como aquela. Quedou-se visivelmente comovido. Concluía, então, que apenas um amor muito grande permitiria tal coisa a uma mulher.

– Meu amor, onde aprendeu a fazer isso? – ele perguntou, abraçando-a carinhosamente. Já sabia a resposta, mas queria ouvir da boca de sua esposa.

Eliza sorriu, um riso delicioso, e respondeu:

– Minha tia me ensinou algumas formas para que o meu homem nunca deseje buscar em outras mulheres o que quer. E ela me disse que todos querem isso, mesmo que não admitam para suas mulheres. Ela me ensinou isso e muito mais...

– Vai me mostrar agora? O que mais ela lhe ensinou, meu amor? – ele disse, rindo. Eliza, pelo visto, estava levando todo aquele ensinamento muito a sério.

– Vou lhe mostrar, mas uma de cada vez, todas as

noites.

A partir dessa dia, enquanto a ceia ainda transcorria, lorde Edward, ansioso, arrastava Eliza para o quarto no afã de descobrir qual novo truque ela tinha aprendido. Se estivessem em algum baile ou jantar, ele sempre queria sair cedo, louco para voltar para casa.

Prudhoe já estava ficando intrigado com a falta de interesse social do amigo. Mas Edward não lhe dava explicação nenhuma. Eliza, cada vez mais desinibida, sempre tinha uma nova arte ensinada por sua tia cortesã para surpreendê-lo na cama. Era uma lua de mel que não parecia ter fim.

ELIZA engravidaria cerca de um ano e meio depois do casamento. O conde, extremamente feliz, decidiu voltar com ela para Alnwick, de modo a lhe garantir uma gravidez mais tranquila, longe do tumulto de Londres.

Certo dia, quando ela estava no sétimo mês, lorde Edward deu por sua falta. Procurou por todos os aposentos em Alnwick Castle sem sucesso. Quando já estava ficando preocupado, Mr. Mercer sugeriu que ele fosse à antiga cabana de John Baker. Havia muito ela voltara a ficar vazia, pois Mrs. Mann, assim que tomara conhecimento da morte do pai, decidira ir morar com uma família amiga em Tynemouth.

Ele montou em seu cavalo e, em minutos, estava em frente à *cottage* do lago *Green*. Deu a volta e entrou pela porta da cozinha, pois sabia que ela sempre ficava aberta. Ouviu um choro. Correu e se deparou com Eliza, sentada na escada, com a cabeça encostada nos joelhos.

– Minha querida! Está sentindo alguma dor? Por que está aqui sozinha? – ele perguntou, muito aflito. Abaixou-se na frente dela e a tomou nos braços. Ela tremia e ele, cada vez mais preocupado, levantou o rosto da esposa e o viu banhado em lágrimas: – Meu amor, não me mate de angústia. O que está havendo?

– Estou apavorada pelo medo de morrer e lhe deixar, meu amor – ela respondeu.

– Morrer?! Mas por que isso agora, meu amor? Você está saudável, a gravidez está indo muito bem, não corre nenhum risco, o médico mesmo falou.

– Oh, Edward! Você parece que se esqueceu!

– Esqueci-me do quê, meu amor? Não compreendo.

Mas, em segundos, o conde compreendeu tudo. Ele nunca contara à esposa a verdade que descobrira. Em meio à alegria do casamento, achou que não faria diferença a questão dos laços sanguíneos, conforme ela própria lhe dissera. E ademais, não seria conveniente, ele imaginara, contar-lhe a história que lhe fora revelada por Mrs. Mann. Depois, naquela sucessão de dias apaixonantes que viviam, acabara não dando mais importância à questão, chegando mesmo a se esquecer

disso. Como fora parvo, ele reconhecia agora. Era óbvio que fazia toda diferença. Eliza estava apavorada, pois em sua cabeça ela morreria ao dar a luz ao primeiro filho deles.

– Oh, meu amor! Eu lhe escondi algo muito importante. Perdoa-me, por favor!

– Escondeu? O quê?

– Você não imagina?

– Oh, meu amor! Não me diga que descobriu toda a verdade em Leipzig e nunca me falou. Por quê?

– Porque eu sou um idiota, meu amor. Na minha cabeça, de fato, não fazia nenhuma diferença se fôssemos ou não irmãos.

– Então, então...

– Não somos irmãos, meu amor. Descobri há muito tempo. Na verdade, nunca falamos sobre aquela viagem. Eu quis lhe proteger e vivíamos tão felizes que eu não queria trazer nenhuma dor a você.

– Dor? Não imaginou que eu ficaria feliz em saber a verdade?

– Sim e não. Meu amor, a forma como eu descobri a verdade não foi muito, como posso dizer... muito digna.

– Ameaçou alguém para que lhe contasse? É isso. Tenho certeza disso. Ameaçou o monge Jacob?

Edward, que havia ameaçado quebrar o pescoço do pobre monge, embora ciente de que não obteria nenhum resultado se o fizesse, pois ele jamais diria uma só

palavra do que ouvira de Izabele em confissão, achou menos doloroso para Eliza deixar que ela tirasse aquela conclusão. De modo algum esperava ter de contar a ela, algum dia, sobre a carta reveladora de Mrs. Mann. Manteve-se em silêncio, deixando que a esposa processasse os fatos.

– Não sei por que ainda me surpreendo com isso, Edward. É a sua cara, meu amor! Aposto que ameaçou cortar o pescoço dele – ela disse. O conde soltou uma sonora gargalhada. Em parte, aquilo era verdade.

– Sim, meu amor. Mais ou menos isso. Mas o que importa é que não somos irmãos. O seu pai foi Leopold. Mas, por favor, meu amor, eu preciso do seu perdão. Não posso viver sem ele – Edward implorou. Beijando-a, colocou-a em seu colo para lhe assegurar mais conforto.

– Sim, posso perdoá-lo com uma condição.

– Lá vem você com as suas condições! – ele brincou.

– Eu também lhe escondi algo – disse ela. O corpo dele ficou rígido.

– Então me conte! Não quero que haja mais nenhum segredo entre nós. Já houve segredo demais nessa família.

– É sobre a família Dahmann – respondeu ela.

– Ainda teme a família Dahmann? – ele perguntou.

Ela pensou por alguns instantes, pois não esperava que ele lhe fizesse aquela pergunta, e confessou:

– Às vezes, ainda tenho pesadelos com Heinz. Ele aparece aqui para me buscar.

- Minha querida, só se você tiver medo de fantasma.
- Fantasma?! Não compreendo.
- Heinz Dahmann está morto.
- Morto?! Mas, como? Quando?

Não foi necessário que ele respondesse. Eliza viu a resposta nos olhos dele.

– Oh! Ninguém me contou nada daquela viagem! Então, então... Ele está morto?

– Sim, querida. Heinz Dahmann nunca mais lhe fará mal algum. Mas, você disse que me escondeu algo. O que foi?

– É sobre Joseph Dahmann.

– O que tem Joseph Dahmann?

– Ele está vivo.

– Como sabe disso, meu amor?

– Quando você estava em Leipzig eu recebi uma carta de Mrs. Mann. Ela me contou, entre tantas coisas ruins que aconteceram por lá, essa boa notícia, e disse que ele tinha vindo para a Inglaterra. E, você não vai acreditar, Jacob, o monge inglês, foi quem o ajudou a fugir. Um camponês parece que o encontrou ferido à bala e à faca. Os monges cuidaram dele, fizeram o básico, e arrumaram uma forma de ele vir para cá. Ele deve ter feito a sua vida aqui na Inglaterra. Se tivesse nascido aqui seria um lorde, pois era de uma família nobre da Prússia.

– Lorde D--- — disse Edward, balançando a cabeça. Ele estava surpreso. — Sim, faz todo sentido. Queimado

de sol, pois provavelmente havia viajado dias através do mar, com um ferimento à bala e outro à faca.

– Quem é lorde D---, meu amor?

– Vamos para casa, querida! Tenho uma longa história para lhe contar.

Há segredos nunca revelados; há emoções cuja alegria é irrefutável. Há vidas que, se separadas, são desafortunadas; se, por ironia, se juntam, são benditas, florescem como jacintos na primavera.

FIM!

LEIA TAMBÉM

A Ama Inglesa

O segundo livro da série O Quarteto do Norte

Desde pequena, a menina Leonora se perguntava por que sua mãe sabia ler e escrever em dois idiomas e o pai sequer sabia ler em um deles. Instruída pela mãe francesa, a filha de um simples cuidador de cavalos muito cedo se vê sozinha no mundo, à mercê de uma tia autoritária e de um padrasto violador. Um encontro na infância provoca uma reviravolta em sua vida e ela vai trabalhar como ama da duquesa viúva de Pudhoe, uma dama autoritária, mas que a respeitava. Entretanto, quando lady Muriel Browne chega de Londres para passar uma temporada em *Pudhoe Castle*, no Norte da Inglaterra, tudo à sua volta muda. Leonora começa a ser destratada pela duquesa e até pelos outros servos, até então seu amigos.

Numa noite gelada em Newcastle, sem ter para onde ir, ela acaba se abrigoando no celeiro, aconchegada à vaca da duquesa, para não morrer de frio. Ali ela é acordada brutalmente pelo capataz da propriedade e amparada por aquele cuja imagem permeara seus pensamentos durante cinco longos anos, o poderoso duque de Pudhoe, conhecido em toda a Europa por *Lorde Perverso*. Mas Leonora não o via assim. Pelo contrário. Achava-o caridoso. Afinal, se não fosse por ele, certamente não

teria sobrevivido àquela noite.

Leia o primeiro capítulo

Prólogo

Newcastle, Inglaterra, 1828.

Leonora não sabia dizer o que era pior: ter um padrasto desprezível que a queria violentar ou uma ‘mãe’ fraca que fingia não ver o que estava acontecendo. Desde que fugira de casa havia três dias, ela tentava, sem sucesso, perdoar a tia, sua mãe de criação, mas não conseguia. *Onde já se viu ficar do lado do homem que tentou violentar a própria filha?*

Deitada sobre o feno de uma fazenda, numa noite fria, ela tentava esquecer aqueles últimos dias. Ou seriam aqueles últimos 10 anos? Desde que o pai morrera, a vida não tinha sido nada gentil com ela. Com pouco mais de 18 anos, tinha acabado, literalmente, na sarjeta, dormindo nos lugares mais inusitados, como aquela noite na companhia de uma vaca. Sorte dela que não era um animal qualquer, mas a vaca que a duquesa de Prudhoe tinha ganhado do marquês de Valnoré e a quem ela dava mais valor do que à própria criadagem. Caso contrário, iria congelar, pois o frio que fazia era demais até para os padrões de Newcastle.

Pensando no que fazer quando o dia clareasse, encostada à vaca que emitia um calor reconfortante, Leonora não percebera que voltara a cochilar. Acordou com vozes e com alguma coisa gelada cutucando suas ancas. Olhou assustada e deu de cara com dois pares de botas, um do capataz de *Prudhoe Castle* e o outro do dono dos olhos mais desconcertantes em que ela já tinha posto os seus jovens olhos.

— Mais que desgraça é essa? Uma mulher dormindo com a vaca da duquesa! O que faz aqui? Ah, é você, sua bruxa? Levanta já daí! — gritou o capataz com as faces tão vermelhas quanto o pudim que a mãe verdadeira, quando viva, fazia de framboesa. Ouvindo a forte admoestação que o cavalheiro fazia — Leonora percebeu que se tratava de um —, pelo tratamento dado a ela pelo empregado, ela levantou-se, recolheu sua trouxa e saiu tão depressa quanto seus membros rígidos de frio permitiam, sem emitir sequer um pedido de desculpas. Não ousou olhar para o cavalheiro, embora achasse que já o tivesse visto e, talvez, exatamente por essa razão.

Além do frio intenso, também chovia, como ela constatou chocada. Assustada, envergonhada como nunca estivera antes, e desconcertada por ter sido pega dormindo na propriedade alheia e, ainda por cima, com uma vaca, ela fingiu não ouvir quando o cavalheiro a chamou. Continuou andando — quase correndo — em direção ao portão, o mesmo que ela havia pulado na noite

anterior para se abrigar no celeiro.

— Faça alguma coisa, Jordan. A moça vai morrer congelada — bradou o cavalheiro para o capataz. — Moça, moça! Raios! Olha o que você fez com essa sua grosseria, Jordan! Onde já se viu tratar uma moça com esses modos! Volte aqui, miss! Você vai ficar doente.

Leonora havia feito a curva em direção à saída da propriedade. Não sabia para onde iria, mas preferia morrer a abrir mão do resquício de dignidade que possuía. *Onde já se viu ser acordada com chutes!* Ele que vivesse o resto de seus dias com a culpa de sua morte na consciência, ela morreria de qualquer forma mesmo, pois, como sobreviveria àquele maldito inverno? Sem abrigo certamente congelaria.

— Raios! Maldição! Não me faça ir aí te buscar — gritou-lhe o cavalheiro. Ela o ouviu quando jogava sua trouxa sobre a porteira e subia para pulá-la. Mas quando a pessoa nasce com falta de sorte, e aquele era o seu caso, nada dava certo. Nessa hora, ela escorregou e caiu do outro lado exatamente numa poça de lama. *Lá se foi meu resquício de dignidade.*

Quando ela apoiou um braço para se levantar, na tentativa de sair daquela posição humilhante, percebeu que não conseguia agarrar sua trouxa. Concluiu, na hora, que algo de muito grave tinha acontecido na queda: caíra exatamente sobre o ombro direito, deslocando-o de lugar.

A dor era aflitiva e, numa segunda tentativa, embora

tivesse conseguido ficar de pé, ela não conseguiu pegar seus pertences. Não que fosse uma trouxa grande, pois ela só tinha dois vestidos, mas seu ombro estava, de fato, fora do lugar. Deixou a trouxa de lado e deu alguns passos trôpegos, resignada a cair novamente e a morrer a qualquer momento de hipotermia, pois já não sentia suas extremidades. Aliás, sentia apenas uma dor que entorpecia sua mente. Caiu. Ele chegou ao seu lado. Ela não escutou o tropel das patas do seu cavalo, mas sentiu quando ele a tomou nos braços. Estava todo molhado, mas seu corpo era forte e quente.

— Diabo de mulher! Quer se matar e me levar junto?
— disse ele enquanto gritava ordens para o capataz.

— Corra na frente e abra o raio da porta, faça alguma coisa, homem! Mande esquentar água, chame a governanta, peça algo quente para ela beber.

Minutos depois, Leonora, acomodada num quarto quente, cuja lareira crepitava, viu-se ficando nua e sendo enrolada em alguma coisa bem quente. Seus dentes batiam tanto que ela não conseguia balbuciar nenhum protesto, tampouco algum agradecimento. Uma banheira fumegante era preparada por duas criadas que ela conhecia. Algo era levado aos seus lábios, e uma voz de homem ordenava que ela tomasse aquilo, quente e doce. Só muito depois ela se daria conta de que fora ele quem a despira, quem a alimentara, quem a colocara numa banheira quente... E que estivera totalmente nua na frente daquele cavalheiro — o

homem mais formidável que já tinha conhecido.

Ele não sorria, contudo. Pelo contrário, parecia estar com muita raiva. Olhava para ela, mas não com os olhos malévolos do seu padrasto. Ele a fitava, mas Leonora não sabia explicar o que via naqueles olhos.

Quando ela já estava deitada, seca, limpa, aconchegada em meio a muitas mantas macias e quentes, uma criada chegou e deu-lhe algo para beber. Ele pegou a xícara e levou-lhe aos lábios. Só então Leonora se apercebeu de que ele também devia estar com muito frio, pois toda a roupa dele estava molhada e cheia de uma lama negra.

— Cuide dela! Vou mandar chamar um médico — ele ordenou à governanta.

— Sua Graça! Tire essa roupa molhada, senão ficará doente.

Leonora sabia que se tratava realmente da governanta, pois também a conhecia muito bem.

Instantaneamente, tudo ficou muito claro em sua mente: o cavalheiro que a socorrera era, em pessoa, o poderoso duque de Prudhoe — o *lorde Perverso*.

Ela o conhecera havia muitos e muitos anos, um tempo longo que o fizera mudar a ponto de ela não mais o reconhecer. Nem ele a ela. Na memória, Leonora sempre guardara sua imagem antiga. Durante todo aquele período sem o rever, soubera de sua fama. O duque havia abandonado uma dama no altar, ou quase, recusando-se a desposá-la conforme casamento arranjado pelo pai, e

fugira para o continente. Ganhara, assim, a alcunha de ‘perverso’, pelo duplo crime: desobedecer ao pai e humilhar a filha de um conde diante da sociedade.

Mas Leonora não o via como perverso. Pelo contrário, tinha acabado de demonstrar-lhe ser um homem caridoso, salvando-a da morte naquela gélida noite de outono.

CONHEÇA AS SINOPSES DOS DEMAIS LIVROS DA SÉRIE

Um Cocheiro em Paris

O terceiro livro da série O Quarteto do Norte

Quando o duque de Belvoir teve que sair às pressas da casa de Juliette Drouet, a amante de Victor Hugo, para não ser pego em flagrante pelo próprio escritor, sua única alternativa foi dirigir a própria carruagem pelas vielas de Paris. O que ele não esperava, contudo, era que tivesse que socorrer uma dama que acabara de chegar à cidade. A carruagem do *Hôtel de Ville*, que fora buscá-la no porto, havia quebrado um eixo e ele passava no exato momento do acidente. Não teve alternativa senão esconder a sua identidade, pois a jovem estava acompanhada justamente da ordinária baronesa viúva de Patchetts, uma antiga vizinha do duque seu pai, no Norte da Inglaterra. Tudo o que ele — o *duque inglês bastardo* — não podia, naquele momento, era ser reconhecido. Assim, apresentou-se

como o cocheiro do conde Filippo Raspail e prestou socorro às damas.

Fruto da relação de um poderoso duque inglês, que não tivera filhos no casamento, com uma cortesã francesa, Belvoir — assumido pelo pai — vivia uma vida desregrada em Paris. Embora na juventude tivesse tido certa proteção moral por parte dos amigos, o duque de Prudhoe e o conde de Northumberland, sofrera muita rejeição da aristocracia britânica, sendo chamado de ‘lorde bastardo’. Por isso, tinha convicção absoluta de que nunca se casaria com a filha de nenhum deles. **Belvoir** só não contava que Harriet Neville, a lady que socorrera, se apaixonaria de verdade por ele, mesmo achando que fosse um humilde cocheiro.

Frenteira da Paz

O quarto livro da série O Quarteto do Norte

Lady Leanah sempre fora a boa moça. Fazia tudo o que se esperava de uma dama. Manteve-se pura à espera de seu príncipe, o cavaleiro que ela sempre amara, lorde Robert Percy, o irmão mais novo do conde de Northumberland, Edward Percy. Quando, finalmente, já com 23 anos, está prestes a realizar o seu sonho e casar-se por amor, Robert se casa às pressas com sua antiga prometida, Charlotte Mortimer, uma prima por parte de mãe, e a abandona. Decidida a se vingar, lady Leanah se

aproxima de Elizabeth Douglas, uma cortesã regenerada, e implora para que a ensine a deixar todos os homens aos seus pés.

Quando o bom moço lorde Robert Percy, finalmente, recebera a aprovação do conde seu irmão, Edward Percy, para se casar com a linda lady Leanah, a irmã do conde de Douglas, da ancestral família inimiga dos Percy Northumberland, ele cai numa armadilha preparada por lorde Mortimer e tem, por honra, que se casar com sua prima Charlotte. Entretanto, jurou jamais tocar um só dedo nela. Afinal, como dissera o tio, ele já não a tinha deflorado? Cansado de ser o bom homem, o lorde se torna um dos maiores pervertidos da Europa e, para sair de Londres, a exemplo de seu pai, ele parte para a Índia. Quando na guerra de Folly de Auckland, ao lado de lorde Palmerston, ele entra em combate, a única pessoa que não esperava encontrar naquele lugar e, ainda por cima num bordel, era Leanah. O que, por Deus, ela estaria fazendo ali?!

Obrigada a se casar com o primo lorde Robert Percy, Charlotte Mortimer foge logo após o casamento. Seu próprio pai, por causa de dinheiro, conspirara para que aquela união acontecesse. Embarcada num navio com destino à América do Sul, com um nome falso, ela sofre um naufrágio fraudulento e é resgatada por um desconhecido. Sem se recordar quem é, apaixona-se pelo capitão do navio, um homem enigmático, com aparência

celta, que a toma como mulher.

Um histórico romance sobre a vida das cortesãs inglesas e o império britânico e seus laços pelo mundo.

ENCONTRE A AUTORA

Chirlei Wandekoken é jornalista, coordena a área editorial da Pedrazul Editora, a qual foi idealizadora juntamente com seus sócios. É apaixonada pelos livros desde criança e, atualmente, a sua preferência literária, além dos clássicos ingleses, são os romances contemporâneos de época e os históricos. Além de *A Estrangeira*, o primeiro livro da série independente *O Quarteto do Norte*, é dela também os demais livros da série: *A Ama Inglesa*, *Um Cocheiro em Paris* e *Fronteira da Paz*. A autora possui mais dois romances publicados, ambos contemporâneos, cujos enredos se passam no Brasil: *Por Trás da Escuridão* e *O Vento de Piedade*.

Facebook: Chirlei Wandekoken

e-mail: chirleischumacher@gmail.com



[1] ELIOT, George, *Middlemarch*.

[2] Grossas colunas de fumaça das chaminés das casas aquecidas a carvão misturavam-se à neblina, formando uma grande nuvem preta que encobria toda a cidade.

[3] Raça de cavalo de corrida extinta, conhecida por sua resistência, cujo cruzamento originou o puro-sangue inglês.

[4] ELIOT, George, *Daniel Deronda*.

[5] Prússia, ou da Confederação Germânica (atual Alemanha).

[6] HARDY, Thomas, Tess dos d'Urbervilles. Cap. 24.

[7] ELIOT, George, *The Mill on The Floss*.

[8] John Wycliffe foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI.

[9] RADCLIFFE, Ann, *Os Mistérios de Udolpho*.

[10] O antigo Reino da Prússia é hoje parte da Alemanha e Polônia.

[11] Chefe de um grupo ou o superior de uma ordem religiosa, geralmente designada "Priorado".

[12] Após a unificação alemã em 1871, o país adotou o Marco como moeda. Antes disso havia no país várias moedas como o Thater, o Kreuzer e o Florim. Estas continuaram a circular até introdução do euro entre 1999 e 2002.

- [13] O "Einkommende Zeitungen" foi publicado pela primeira vez em 1650.
- [14] ELIOT, George *The Mill On The Floss*, adaptado.
- [15] DICKENS, Charles, *Grandes Esperanças*.
- [16] Sapato em alemão. Em Pomerano se pronuncia Chao.
- [17] ELIOT, George, *The Mill On The Floss*.
- [18] MACEDO, Joaquim MANUEL, *A Moreninha*.
- [19] HARDY, Thomas, Tess dos d'Urbervilles.
- [20] HARDY, Thomas, Tess dos d'Urbervilles.
- [21] HARDY, Thomas, Tess dos d'Urbervilles, adaptado.
- [22] ALMEIDA, Júlia Lopes, *A Intrusa*.
- [23] TELLES, Lygia Fagundes, *O Menino*.
- [24] Johann Georg Leopold Mozart (1719 – 1787). Compositor, alemão-austriaco, professor de música e violinista.
- [25] ELIOT, George, *The Mill On The Floss*.
- [26] HARDY, Thomas, *Far from the Madding Crowd*.
- [27] LISPECTOR, Clarice.
- [28] Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela. (Efésios 5:25).
- [29] Romanos 7:19.
- [30] Provérbios 22:6.
- [31] ELIOT, George. *O Arrependimento de Janet*, adaptado.

[32] Armadura medieval para as pernas, geralmente feita em anéis de metal pequenos ligados entre si em um padrão para formar uma malha. Podiam estender-se até o joelho ou cobrir toda a perna.

[33] Um tipo de bandeira ou estandarte da Idade Média. A flâmula continha os lemas e os dispositivos ornamentais de um cavaleiro e ficava presa à sua lança.

[34] DICKENS, Charles, Grandes Esperanças.

[35] Trecho adaptado de: “As asas do tempo têm forte envergadura; não cansam de voar, mas levam às vezes consigo penas que se não mudam, embora fiquem disfarçadas entre outras que vão nascendo...”, ALMEIDA, Júlia Lopes.

[36] Tradicionalmente, as refeições na Inglaterra de 1800 eram denominadas de desjejum (entre 7h e 9h), jantar (refeição principal, entre 12h e 13h30) e chá (qualquer hora entre 17h30 e 18h30). A refeição que no Brasil chamamos de jantar era a última do dia, uma espécie de ceia. Era servida cedo. As famílias mais pobres comiam quando ainda havia luz do dia, e dormiam não muito após o anoitecer. Apenas aquelas capazes de custear velas podiam dar-se ao luxo de fazer essa última refeição mais tarde.

[37] Autora.

[38] “Amnom, filho de Davi, apaixonou-se por Tamar; ela era muito bonita e era irmã de Absalão, outro filho de Davi. Amnom ficou angustiado a ponto de adoecer por causa de sua meia-irmã, pois ela era virgem, e parecia-lhe impossível aproximar-se dela”. História completa em: Bíblia. 2 Samuel 13.

[39] “Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos”, declara o Senhor. (Isaías 55:8).

[40] BRONTË, Emily, O Morro dos Ventos Uivantes.

[41] ‘As Mil e Uma Noites’, ou Noites Árabes, forma como eram conhecidas as histórias e os contos populares durante a Era de Ouro Islâmica.

[42] Guerra dos Dois Irmãos (Guerra Civil Inca) foi travada entre dois irmãos, Huáscar e Atahualpa para a sucessão ao trono Inca (1524-1526).

[43] ELIOT, George, *Daniel Deronda*.

[44] WILDE, Oscar, adaptado.

[45] ALMEIDA, Julia Lopes, adaptado.

[46] ELIOT, George, *Adam Bede*.

[47] ELIOT, George, *Middlemarch*.

[48] A Batalha de Waterloo foi travada no dia 18 de junho, de 1815, na atual Bélgica, então parte do Reino Unido e dos Países Baixos, entre o exército francês, sob o comando de Napoleão Bonaparte, que foi derrotado pelos exércitos anglo-aliados, sob o comando do duque de Wellington, da Inglaterra.

[49] Tradicional viagem masculina que teve início no século dezesseis na Europa e servia como rito de passagem educacional. Jovens nobres e aristocratas faziam a viagem após Oxford através da França, da Itália, e de outros países em busca de arte de cultura e das raízes da civilização ocidental com fundos quase ilimitados. A *Grand Tour* podia durar meses ou anos. Aperfeiçoavam seus dotes linguísticos e se misturavam à nobreza e à aristocracia de outros países.

[50] ALMEIDA, Júlia Lopes, adaptado.

[51] Bairro onde continham vários bordéis. Subúrbio de Londres.

[52] “Não são assim os ímpios, mas são como a moinha que o vento espalha”. Salmos 1:4. “[...] Levadas de um lado para o outro como palha ao vento”. Jó 21:18.

[53] De acordo com Katie Hickman, um estudo feito na Inglaterra no século XIX, estipulou que 80 mil mulheres eram prostitutas. Entretanto, esse estudo, pela cultura da época, envolveu também as mulheres que tinham seus casos

fora do casamento, aquelas que tinham relações com homens por prazer, que tiveram filhos ilegítimos, as solteiras que tinham seu parceiro sem ser casadas, portanto, esse número, visto pela sociedade contemporânea, não é real. Estipula-se que $\frac{1}{4}$ dele seja verdadeiro.

[54] Alusão a um mito (356 a 260 a.c), segundo o qual Dâmocles pede para trocar de lugar com Dionísio por um dia, para que ele também pudesse sentir o gosto de toda sua sorte. Representa a insegurança daqueles com grande poder (devido à possibilidade deste poder lhes ser tomado de repente) ou, mais genericamente, qualquer sentimento de danação iminente.

[55] ELIOT, George, *Middlemarch*.

[56] AUSTEN, Jane, *Emma*.

[57] O Almack era um tradicional clube de Londres (1765 a 1871), que admitia cavalheiros e damas. No seu auge, era governado por um comitê de damas influentes e exclusivas da alta sociedade de Londres, chamado *de 'a tonelada'*, ou simplesmente, *'ton'*, como eram conhecidas as senhoras mandatárias. Havia seis ou sete delas. Essas 'justas árbitras' escolheram uma única noite por semana para o clube funcionar durante a 'temporada londrina', a quarta-feira, permitindo que apenas as pessoas que elas aprovavam pudessem comprar o ingresso, chamado de "vale", intransferível, que custava dez guinéus. Ter ou não tal *voucher* tornou-se símbolo de *status*. Não ser autorizado a comprá-lo significava simplesmente que o pretendente *havia sido julgado e se achado em falta*, um desastre social para aqueles que se preocupavam com sua posição social.

[58] BRONTË, Charlotte, *Jane Eyre*.

[59] Data estabelecida na Inglaterra para abertura da época de caça, ocasião em que os ricos da nobreza e da aristocracia voltavam para suas mansões de campo, uma espécie de outra temporada social fora de Londres.

[60] Pele de carneiro ou de vitelo, mais lisa e fina que o pergaminho comum, reservada aos manuscritos a partir do século XIII. Na Inglaterra, o papel só começou a ser produzido em 1460, na cidade de Steuenage, e quase um século depois (1558), em Dartford.

[61] ALMEIDA, Júlia Lopes, adaptado.

[62] DICKENS, Charles, *Grandes Esperanças*.

[63] Jogo de cartas.

[64] Sobre a cortesã londrina, Warren, que havia se tornado prostituta aos 12 anos, levada por seu próprio pai cego, e entregue a um cafetão.

[65] Famosa cafetã de Londres, acusada de enganar e desviar meninas para a prostituição, apedrejada até a morte em 1731.

[66] Charlotte Hayes foi uma linda cortesã e depois dona de um bordel londrino conhecido como “convento” que mantinha uma carruagem e criados de libré para suas damas da noite, as quais eram ensinadas a se portar como educadas damas. Sally Salisbury foi a mais famosa cortesã londrina do seu tempo. Nascida na pobreza, em Shrewsbury, 1692, ela se mudou para os bordéis de Covent Garden e logo teve uma série de protetores ricos e poderosos. Famosa por sua beleza, vivacidade e sagacidade, levou uma vida ardente, mas teve um fim trágico. Seus clientes incluíam pares como lorde Bolingbroke, duque de Richmond e até mesmo o futuro rei George II. Ela engravidou, abortou, após se afundou no alcoolismo e nas drogas. Por fim, esfaqueou um amante ciumento e morreu na prisão de Newgate, em 1724, com pouco mais de 30 anos, com toda a probabilidade de uma doença venérea.

[67] DUMAS, Alexandre, *O Conde de Monte Cristo*.

[68] A autora se referiu à passagem em Gênesis 19,30-38, na qual Ló, embriagado com vinho pelas filhas, mantivera relações sexuais com elas.

[69] PESSOA, Fernando, editado.

[70] BRONTË, Charlotte, *Shirley*.

[71] William IV.

[72] ELIOT, George, *Daniel Deronda*.

[73] Titã da mitologia grega, condenado por Zeus a sustentar o peso dos céus nos ombros para sempre.

[74] Livre tradução do alemão: conde inglês. Monge Jacob.

[75] ELIOT, George, *Middlemarch*.